



**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO - *CAMPUS* MATA NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**ELIANE MARIA PIMENTEL LIMA LIRA**

**CICLO DE ENSINO E APRENDIZAGEM BASEADO NO GÊNERO  
CONTO: UM ESTUDO DAS CIRCUNSTÂNCIAS SOB A PERSPECTIVA  
DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL**

NAZARE DA MATA – PE

2016



**ELIANE MARIA PIMENTEL LIMA LIRA**

**CICLO DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
BASEADO NO GÊNERO CONTO:  
UM ESTUDO DAS CIRCUNSTÂNCIAS SOB A PERSPECTIVA  
DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco, na área de concentração Teorias da Linguagem e Ensino, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: **Professora Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa**

**NAZARÉ DA MATA – PE  
NOVEMBRO/2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Campus Mata Norte CMN/UPE

Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa

L768c

Lira, Eliane Maria Pimentel Lima.

Ciclo de ensino e aprendizagem baseado no gênero conto: um estudo das circunstâncias sob a perspectiva da linguística sistêmico funcional / Eliane Maria Pimentel Lima Lira. – Nazaré da Mata: o autor, 2016.

176p. ; Il.

Orientador: Dr<sup>a</sup> Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco. Campus Mata Norte. Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, 2016.

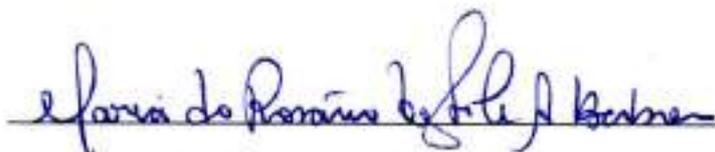
1. Ciclo de Ensino e Aprendizagem. 2. Gênero-Conto.  
3. Circunstância. 4. Transitividade. I. Título. II.  
Barbosa, Maria do Rosário da Silva  
Albuquerque.(orient.).

CDD 23<sup>th</sup> ed. – 418  
Rosa Cristina - CRB4/1841

**ELIANE MARIA PIMENTEL LIMA LIRA.**

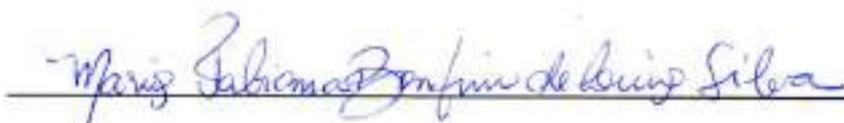
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Mata Norte, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, em 21/11/2016.

**DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Maria do Rosária da Silva Albuquerque Barbosa

Orientadora – UPE



Prof. Dra. Maria Fabiana Bonfim de Lima Silva

Examinadora Externa – UFPB



Prof. Dra. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho

Examinadora Interna – UPE

Nazaré da Mata – PE

2016

## DEDICATÓRIA

Ao Deus Todo-Poderoso. A Ele seja toda glória!

À minha mãe, Maria Olímpia (*in memoriam*) pelo exemplo de amor, fé e determinação.

Ao meu pai, José Mariano, exemplo de resiliência! Por nos fazer acreditar nos estudos!

Ao meu marido, Márcio Agostinho, companheiro de tantas lutas, por toda colaboração.

Aos meus filhos: Márcio Vinícius, Andreza Olímpia e Manoel José! Pelo amor, ajuda e apoio sem medida durante esse curso!

Aos meus irmãos e irmãs: Edjane Pimentel, Maria do Carmo Pimentel, Edmilson Pimentel, José Mariano Pimentel e João Pimentel (*in memoriam*) pelo exemplo de luta diária.

À professora Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa (UPE) pela sabedoria, paciência, confiança e orientação desta pesquisa.

À professora Dra. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho (UPE) pelo incentivo constante e sugestões na banca examinadora para o fortalecimento deste trabalho.

À professora Dra. Maria Fabiana Bonfim de Lima Silva (UFPB) pelas observações realizadas na banca examinadora deste estudo.

Aos professores: Débora Maciel, Rossana Henz, Josivaldo Custódio, Alexandre Furtado, Cristina Botelho, Maria do Rosário Albuquerque, Cleber Ataíde, Valéria Gomes, Mirtes Lira, Lúcia Firmo, Luiz Alberto Rodrigues, pelo esforço e dedicação com os quais conduziram as disciplinas deste curso.

A 1ª turma do curso Mestrado Profissional em Letras da UPE - *campus* Mata Norte.

Aos profissionais da escola José de Lima Júnior pelo fazer diário para enfrentar os desafios.

Aos estudantes do 9º ano D da Escola José de Lima Júnior.

A todos aqueles que contribuíram para que eu pudesse concluir este curso.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela graça de nos permitir realizar esta pesquisa.

À minha família pelo apoio sem medida e incentivo.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa, pela sabedoria e por me nortear dentro da LSF “sem desprezar o texto literário”! Muito obrigada!

À Professora Cristina Botelho pela dedicação nos fazendo acreditar que vale a pena continuar!

Às gestoras da Escola José de Lima Júnior: Maria do Socorro Luiz dos Santos e Maria de Fátima da Silva pelo apoio e por acreditar no meu trabalho! Obrigada!

À professora Juliana Cristina e a toda equipe da Escola José de Lima Júnior: coordenação, secretário, professores, técnicas e funcionários em geral, só tenho a agradecer pelo apoio.

Aos estudantes do 9º ano D e seus responsáveis pela confiança nesta pesquisa!

A Viviane Silva por vivenciar cada momento desse Mestrado comigo! Muito obrigada!

A Marinalva Souza pelas experiências compartilhadas! Aprendemos juntas!

A Minéias Alves pelo exemplo de força e determinação! Obrigada!

A Manuela Travassos, exemplo, para mim, de dedicação e esforço! Obrigada!

A Patrícia Tavares, nossa representante, muito obrigada!

A Aldenice de Souza pela experiência e entusiasmo que nos contagiava! Obrigada!

A Adriana Barbosa, Antônio Lisboa, Cristino Monteiro, Fraulein Dias, Gisleyne Portela, Izabel Cristina, Maria José, Moacir Silva! Aprendemos juntos e juntas! Muito obrigada!

A Maria Aparecida Ferreira da Silva pela preocupação para eu não desistir, obrigada!

Às bibliotecárias da UPE Mata Norte! Muito obrigada!

A Breno de Vasconcelos e Verônica Maria pelo esforço para sempre nos atender, obrigada!

A banca examinadora, pelos novos direcionamentos apresentados no Exame de Qualificação.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado de Pernambuco que contribuíram para a realização deste sonho.

À CAPES, pela implantação do programa e concessão da bolsa, e a UPE pelo apoio acadêmico.

A todos que contribuíram diretamente e indiretamente para eu concluir este curso.

Ainda que eu fale as línguas dos homens  
e dos anjos, se não tiver amor, serei como  
o sino que ressoa ou como o prato que retine.  
Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba  
todos os mistérios e todo o conhecimento,  
e tenha uma fé capaz de mover montanhas,  
mas não tiver amor, nada serei.

(1 Coríntios 13:1,2)

## RESUMO

Esta pesquisa insere-se no CELLUPE - Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (CNPq/UPE), faz parte das pesquisas desenvolvidas no Projeto Principal Língua em uso em Diferentes Contextos escolares – LINUS (SISPG/UPE), situa-se na linha de pesquisa “Teorias de Linguagem e Ensino” do PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras da UPE - Universidade de Pernambuco - *Campus* Mata Norte, cuja área de concentração é “Linguagens e Letramentos”. Seu objetivo é analisar a leitura do conto literário e sua relação com a produção textual escrita desse gênero por estudantes do 9º ano (nono) do Ensino Fundamental no intuito de verificar, à luz da transitividade, concebida pela Linguística Sistêmico Funcional, como se dão as escolhas linguísticas circunstanciais representadas pelos advérbios e locuções adverbiais de tempo e lugar na construção do significado. Fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional e do sistema de transitividade em: Halliday e Matthiessen (2014) e Eggins (1994) e nos estudos desenvolvidos por Cunha e Souza (2011) e Fuzer e Cabral (2014). Embasa-se ainda na sistematização do ensino do gênero a partir da perspectiva da escola de Sydney recorrendo-se a Rothery (1994) e Rose e Martin (2012). Em se tratando da estrutura da narrativa e especificamente do conto enquanto produção literária embasa-se em: Labov (1972), Labov e Waletzky (1997), Martin e Rose (2008), Moisés (2012), Candido (2011) e Cosson (2012). Também nos pautamos pelas orientações contidas nos PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa (1998), nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio do Estado de Pernambuco (2012), e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2016). Trata-se de um trabalho interventivo de caráter qualitativo e quantitativo. Seu *corpus* é formado por cinquenta e três textos: um conto “A moça tecelã” (COLASANTI, 2006, p. 9 - 14) e cinquenta e dois textos produzidos na escola por estudantes do 9º (nono) ano de uma escola pública da região da Mata Norte de Pernambuco e coletadas durante atividades do Ciclo de ensino e aprendizagem desenvolvido na escola. Seis desses foram analisados detalhadamente: o conto “A moça tecelã”, duas produções iniciais e duas produções finais que mais dialogaram com a personagem do texto estudado além de uma produção conjunta. Os resultados mostram que o ensino da gramática, da leitura e da escrita na escola por meio de um Ciclo de Ensino e aprendizagem de base sistêmico-funcional, envolvendo a leitura do gênero literário conto, do contexto e o uso de escolhas linguístico-semânticas, promove um aprendizado significativo da Língua Portuguesa. Os elementos léxico-gramaticais de tempo e lugar ocorrem imbricados ao contexto em que o texto é produzido, ampliando a construção de sentido. Esta pesquisa traz contribuição para a Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa e à formação do leitor crítico na Educação Básica.

**Palavras-Chave:** Ciclo de Ensino e Aprendizagem. Gênero Conto. Circunstância. Transitividade.

## ABSTRACT

This research is part of the CELLUPE - Center for Linguistic and Literary Studies of UPE (CNPq / UPE), forms part of the research developed in the Main Project Language in Use in Different School Contexts - LINUS (SISPG / UPE), is located in the line for "Theory of Language and Teaching" by PROFLETRAS - Professional Master's Program in Letters from UPE - University of Pernambuco - Campus Mata Norte, whose area of concentration is "Language and Literacy". Its objective is to analyze the reading of the literary tale and its relation with the written textual production of this genre by students of the ninth grade of Elementary School in order to verify, in the light of the transitivity, conceived by Functional Systemic Linguistics, as the Circumstantial linguistic choices represented by adverbs and adverbial locutions of time and place in the construction of meaning. It is based on the theoretical assumptions of Systemic-Functional Linguistics and the system of transitivity in Halliday and Matthiessen (2014) and Eggins (1994) and in the studies developed by Cunha e Souza (2011) and Fuzer e Cabral (2014). It is still based on the systematization of gender teaching from the perspective of the Sydney School turning to Rothery (1994) and Rose and Martin (2012). In the case of the structure of the narrative and specifically the story as a literary production, it is based on Labov (1972), Labov and Waletzky (1997), Martin and Rose (2008), Moisés (2012), Candido (2011) and Cosson (2012). We are also guided by the guidelines contained in the National Curriculum Parameters of Portuguese Language (1998), in the Portuguese Language Curriculum Parameters for Elementary and Middle School in the State of Pernambuco (2012), and in the National Curricular Common Base - BNCC (BRAZIL, 2016). This is a qualitative and quantitative intervention. Its corpus consists of fifty-three texts: a short story "A moça tecelã" (COLASANTI, 2006, pp. 9-14) and fifty-two texts produced in the school by students of the 9th (ninth) year of a public school in the Mata region North of Pernambuco and collected during activities of the cycle of teaching and learning developed in the school. Six of these were analyzed in detail: the short story "A moça tecelã", two initial productions and two final productions that more dialogue with the character of the text studied besides a joint production. The results show that the teaching of grammar, reading and writing in school through a systemic-functional Cycle of Teaching and Learning, involving the reading of the literary genre, context and the use of linguistic-semantic choices, promotes meaningful learning of the Portuguese language. The lexical-grammatical elements of time and place occur imbricated to the context in which the text is produced, amplifying the construction of meaning. This research contributes to the Linguistics Applied to the Teaching of the Portuguese Language and to the formation of the critical reader in Basic Education.

Key words: Teaching and Learning Cycle. Tale Genre. Circumstance. Transitivity

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Tipos de processos nas orações.....	22
Figura 02: Tipos de participantes na oração.....	23
Figura 03: CARNELÓS, Cristina. Estudo feito para o conto “A Moça Tecelã”. 2009. Aquarela e colagem de fios de lã.....	50

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na PI 17.....	64
Gráfico 2 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PI 17....	64
Gráfico 3 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na PI 17..	65
Gráfico 4 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas no conto "A moça tecelã".....	77
Gráfico 5 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas do conto "A moça tecelã".....	78
Gráfico 6 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas do conto "A moça tecelã".....	78
Gráfico 7- Circunstâncias de tempo e lugar presentes nas orações analisadas na PI 25.....	93
Gráfico 8 – Processos x circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na PI25...	94
Gráfico 9 – Processos x circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PI 25....	94
Gráfico 10 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na construção conjunta .....	101
Gráfico 11 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na construção conjunta .....	101
Gráfico 12 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na construção conjunta .....	102
Gráfico 13 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na PF 26.....	107
Gráfico 14 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na PF....	26
.....	108
Gráfico 15 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PF 26.....	108
Gráfico 16 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na PF 17.....	113

Gráfico 17 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na PF 17.....	114
Gráfico 18 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PF 17 .....	114

## LISTA DE QUADROS

Quadro.01: Componentes da oração .....	21
Quadro 02: Tipos de circunstâncias .....	24
Quadro 03: Tipos de circunstância .....	28
Quadro 04: O que dizem os gramáticos sobre o advérbio? .....	32
Quadro 05: Proposta de ciclo de ensino para o 9º (nono) ano centrado na leitura, escrita e uso das circunstâncias de tempo e lugar .....	49
Quadro 06: Produções de texto realizadas pelos estudantes no CEA .....	51
Quadro 07: Situação dos participantes da pesquisa .....	51
Quadro 08: Distribuição das atividades da Negociação do Campo .....	55
Quadro 09: Campo das produções iniciais .....	59
Quadro 10: Gênero “observação” escrito pelo aprendiz PI08 .....	60
Quadro 11: Gênero “conto” produzido pelo aprendiz PI17 .....	62
Quadro.12: Circunstâncias x processos presentes no conto pelo aprendiz PI19 .....	63
Quadro.13: Gênero narrativa produzida pelo aprendiz PI16 .....	66
Quadro.14: Conto - “A moça tecelã”: distribuição da organização em estágios .....	68
Quadro.15: Circunstâncias x processos presentes no estágio da orientação .....	73
Quadro.16: Circunstâncias x processos presentes no estágio da complicação .....	74
Quadro 17: Circunstâncias x processos presentes no estágio da avaliação.....	75
Quadro 18: Circunstâncias x processos presentes no estágio da resolução.....	76
Quadro.19: Circunstâncias x processos presentes no estágio da coda .....	76
Quadro.20: Desconstrução - Instruções da 2ª etapa .....	79
Quadro.21: Exploração do texto .....	79
Quadro 22: Atividade Lacunada – Localização das circunstâncias de tempo e lugar .....	83

Quadro.23: Gênero conto produzido pelo aprendiz PI 25 .....	90
Quadro.24: Circunstâncias x processos presentes na PI 25.....	92
Quadro 25: Crônica – A bola .....	95
Quadro.26: Construção conjunta – Instrução da 3ª etapa .....	97
Quadro.27: Construção conjunta do Conto “O saqueador de sonhos” .....	99
Quadro.28: Circunstâncias x processos presentes na construção conjunta .....	100
Quadro 29: Construção independente- Instruções presentes na 4ª etapa .....	104
Quadro 30: Campo das produções finais .....	104
Quadro.31: - Gênero conto produzido pelo aprendiz PF 26 .....	105
Quadro.32: Circunstâncias x processos presentes na PF 26.....	106
Quadro.33: Gênero conto produzido pelo aprendiz PF17.....	110
Quadro.34: Circunstâncias x processos presentes na PF 17.....	112

#### LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CELLUPE - Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de Pernambuco

UPE - Universidade de Pernambuco

LINUS - Língua em uso em Diferentes Contextos escolares

PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras

PCN's - Parâmetros Curriculares nacionais

LSF - Linguística Sistêmico Funcional

GRE - Gerência Regional de Ensino

NGB - Nomenclatura Gramatical Brasileira

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EJA - Educação de Jovens e Adultos

CEA - Ciclo de Ensino e Aprendizagem

FENIT - Feira Nacional da Indústria Têxtil

PI - Produção inicial

PF - Produção final

Ex. - Exemplo

## SUMÁRIO

1 Introdução .....	13
2 Teorias de Linguagem e Ensino: fundamentos e conceitos .....	18
2.1 Abordagem sobre a Linguística Sistêmico-Funcional .....	18
2.1.1 O sistema de transitividade .....	20
2.1.2 As metafunções da linguagem .....	25
2.1.3 Circunstâncias como componente experiencial.....	27
2.2 Abordagem da gramática normativa: transitividade .....	29
2.2.1 Os advérbios de tempo e lugar .....	30
2.3 Ciclo de ensino-aprendizagem.....	33
2.4 Gêneros textuais .....	36
2.4.1 O conto literário.....	39
2.5 Leitura como processo para formação de leitores críticos .....	41
2.6 Produção escrita do conto na escola .....	44
3 Metodologia.....	47
3.1 Caracterização da pesquisa.....	47
3.2 Universo da pesquisa .....	48
3.3 Proposta didática.....	49
3.3.1 Ciclo de Ensino e aprendizagem (CEA) .....	49
3.3.2 Conto “A Moça Tecelã” em discussão no CEA .....	49
3.4 Escolha do <i>corpus</i> e participantes da pesquisa .....	50
4 Análise e discussão dos resultados .....	52
4.1 Ciclo de ensino e aprendizagem (CEA) centrado no gênero conto.....	52
4.1.1 Negociação do Campo.....	54
4.1.2 Desconstrução.....	68
4.1.2.1 Contexto de cultura e situação: conto “A moça tecelã” .....	70
4.1.2.2 Escolhas linguísticas de tempo e lugar no conto “A moça tecelã” .....	72
4.1.2.3 Vivenciando os contextos de cultura e de situação com os aprendizes .....	79
4.1.3 Construção conjunta .....	97
4.1.4 Construção independente .....	103
5. Considerações Finais.....	115
REFERÊNCIAS .....	118
ANEXOS.....	123

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se no CELLUPE - Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (CNPq/UPE), faz parte das pesquisas desenvolvidas no Projeto Principal Língua em uso em Diferentes Contextos escolares – LINUS (SISPG/UPE), situa-se na linha de pesquisa “Teorias de Linguagem e Ensino” do PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras da UPE - Universidade de Pernambuco - *Campus* Mata Norte, cuja área de concentração é “Linguagens e Letramentos”.

A linguagem tem despertado ao longo dos anos cada vez mais interesse por parte dos pesquisadores que enxergam nessa capacidade humana um campo fértil para a investigação de um processo indispensável à nossa sobrevivência em comunidade. Mas, o que significa linguagem? Por que estudá-la é tão importante para a história do próprio homem?

Os PCN’s (1997, p. 23 - 24), por exemplo, afirmam que: “A linguagem é um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história”. E acrescenta que “ O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social [...]” (BRASIL, 1997, p. 23).

A partir dessa ótica, o ensino da Língua Portuguesa, através do qual “o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha e constrói visões de mundo, produz conhecimentos (BRASIL, 1997, p. 23) não pode, em nenhum eixo, centrar-se na transmissão de conteúdo, nem se efetivar sem contextualização. Nesse processo de ensino, a partir das práticas sociais de linguagem, os textos apresentam-se como essenciais para o estudo da língua uma vez que são considerados como: “Produtos autênticos da interação social e multidimensional” (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 25 - 26), “evento sociocomunicativo” (KOCH e ELIAS, 2015, p. 13), “um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio histórico” (MARCUSCHI, 2008, p.72), “unidade semântica” (KLEIMAN, 2000 p. 45)

O pensamento exposto nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio do Estado de Pernambuco (2012, p.14) considerando o aspecto social e interacional da linguagem, “toma o texto como objeto central de ensino e privilegia práticas de uso da linguagem na escola”. Notamos, no entanto, que essas práticas necessitam estar inseridas em contextos de uso, principalmente, o estudo da gramática, uma vez que

Travaglia (2004, p. 45) afirma que “a gramática de uma língua é o conjunto de condições linguísticas para a significação” e acrescenta “tudo o que é gramatical é textual e, vice-versa, que tudo o que é textual é gramatical”.

Nesse contexto, o uso de elementos léxico-gramaticais, especificamente, as circunstâncias de tempo e lugar chama atenção e conduz as indagações: De que forma os advérbios e as locuções adverbiais contribuem para leitura - processo de interpretação e compreensão - e a escrita de textos? E, será que a leitura do texto literário na escola ainda serve apenas de pretexto para análise linguística descontextualizada?

Dessa forma, pesquisadores como Cunha e Souza (2011, p. 76 - 77) salientam que as circunstâncias “são realizadas gramaticalmente por advérbios ou sintagmas adverbiais” e Fuzer e Cabral (2014, p. 53) acrescentam que “adicionam significados à oração pela descrição do contexto em que o processo se realiza”. E, nas palavras de Perini (2005, p. 338), “os “advérbios” do português estão muito pouco estudados em seu conjunto; temos apenas estudos parciais. ”. Logo, percebemos neste assunto um campo vasto para pesquisa linguística e pensamos que o uso das escolhas linguísticas circunstanciais na construção de nossos textos representados pelos advérbios e locuções adverbiais não ocorre ao acaso e, concorrem semanticamente com a construção do significado experiencial em nossos discursos e no entendimento das informações de um conto.

Logo, esta pesquisa “Ciclo de ensino e aprendizagem baseado no gênero conto: um estudo das circunstâncias sob a perspectiva da Linguística Sistêmico Funcional” surge da necessidade de se colaborar com a leitura e produção de textos na escola, possibilitando uma observação crítica do texto escrito e um entendimento das escolhas dos elementos linguísticos, especialmente, os circunstanciais, necessários à construção do sentido para o entendimento do conto e, conseqüentemente, para formação do leitor crítico.

Assim, para nortear a construção desse trabalho, estabelecemos como objetivo geral analisar a relação da leitura de conto com a produção de narrativas na escola por alunos do 9º (nono) ano do ensino fundamental, no intuito de verificar como se dá o uso de escolhas linguístico-circunstanciais de tempo e de lugar e sua ligação com a construção do significado experiencial responsáveis pela construção de sentido e, dessa forma, compreender as seguintes questões de investigação: (1) Em que medida a leitura e a produção de conto em sala de aula possibilita o desenvolvimento da competência linguística dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental? (2) E de que forma as escolhas linguísticas circunstanciais de

tempo e lugar utilizadas em contos escritos pelos alunos do 9º ano tem favorecido a construção do significado? Assim, justificamos a escolha pela Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF), uma vez que “a grande preocupação da LSF é compreender e descrever a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras gerais” (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 24).

Dessa forma, desenvolvemos um trabalho a partir de uma análise dos elementos circunstanciais embasada no sistema da transitividade, categoria da Linguística sistêmico-funcional. Sobre este campo, Cunha e Souza (2011, p. 68) lembram que “o sistema de transitividade permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada” a partir dos seguintes componentes: processos, participantes e circunstâncias que serão especificados no capítulo I dessa dissertação.

A LSF entende os textos realizados dentro de contextos: o contexto de cultura e o contexto de situação. Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 29) “O contexto de cultura (macrocontexto), é mais estável”, e, “relaciona-se, assim, ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 28) e o contexto de situação que se liga às metafunções presentes no uso da linguagem.

Neste trabalho, estudamos, mais especificamente, “a metafunção ideacional” – que de acordo com Bawarshi e Reiff (2013, p. 48) “se refere à representação linguística da ação” em diferentes gêneros. Logo, quando falamos e produzimos nossos textos realizamos escolhas léxico-gramaticais que concorrerão para a construção do que pretendemos expressar. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 33), “nesse sistema, a oração é vista como representação”. Logo, as escolhas com as quais realizamos as nossas representações são significativas para a construção de sentido do texto.

Como proposta didática, seguimos os princípios de um Ciclo de Ensino e Aprendizagem de base Sistêmico-Funcional embasado em Rothery (1994), Rose e Martin (2012) fundamentada na perspectiva da “Escola de Sidney”, centrado na leitura do gênero textual conto e na produção de texto na escola, levando em consideração o contexto e o uso das circunstâncias a partir da leitura do conto “A moça tecelã” da autora Marina Colasanti, além de narrativas produzidas em sala pelos estudantes, já que a interação entre o leitor e o texto é responsável pela consciência reflexiva em relação à língua em uso na modalidade escrita e contribuir para ampliar a compreensão em relação a escolha de elementos

linguísticos circunstanciais representativos da experiência na construção de sentido nos textos escritos.

A utilização do conto se dá devido à possibilidade de se construir conhecimentos a partir da leitura de um gênero literário que convida o leitor à reflexão sobre a organização da linguagem nos textos escritos, neste caso “construções literárias”, entendidas como “uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética” (BRASIL, 1998, p. 26 - 27). Além disso, “Martin (1992) salienta que um gênero é composto de estágios, os quais podem ser definidos como elementos componenciais responsáveis pelo desenvolvimento e pela realização de uma interação” (VIAN JR; LIMA – LOPES, 2005, p. 39). Logo, o desenvolvimento deste trabalho é fundamental uma vez que apresenta um estudo da língua em uso, lançando mão do conto a fim de, também, dar continuidade à formação literária iniciada em níveis anteriores (BNCC, 2016, p. 96).

Quanto à escolha de “A moça tecelã” da autora Marina Colasanti deve-se ao fato de ser um texto que veio atender às expectativas de diálogo da turma, pois consegue esteticamente possibilitar, através da ficção, uma interação no tempo e no espaço e comunicar-se com o leitor através de experiências culturais, sociais e afetivas. Intencionamos utilizar o conto “A moça tecelã” produzido pela escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti e realizamos uma leitura contextualizada envolvendo as escolhas léxico-gramaticais permitidas pela linguagem, focando na metafunção ideacional, que segundo, Cunha e Souza (2011, p. 67) refere-se a “experiências do mundo real, inclusive do interior de nossa consciência”.

Especificamente, objetivamos aplicar numa turma do nono ano do ensino fundamental um ciclo de ensino e aprendizagem constituído de quatro etapas: negociação do campo, desconstrução, construção conjunta e construção independente embasado no gênero textual conto; analisar contos sob os contextos de cultura e de situação na perspectiva da Linguística Sistêmico Funcional; identificar e descrever os elementos circunstanciais de tempo e de lugar no conto literário e em contos escritos pelos estudantes na escola; relacionar o uso dos elementos circunstanciais com o uso dos processos e da organização do gênero conto.

Utilizamos, assim, nessa pesquisa, uma abordagem qualitativa, quantitativa e interpretativista de base sistêmico-funcional diante da necessidade de se buscar uma resposta de forma mais coerente para o problema desta pesquisa, uma vez que serão tomados para identificação e quantificação as ocorrências dos elementos linguísticos-discursivos da

metafunção ideacional, mais especificamente da categoria da transitividade, no caso em análise, as circunstâncias.

A proposta didática adotada, neste estudo, é um Ciclo de ensino-aprendizagem experienciado numa escola da rede pública estadual pertencente à GRE - Gerência Regional - Mata Norte, em uma turma do turno vespertino, tendo sido a atividade estendida para todo o quantitativo de estudantes matriculados na época 39 (trinta e nove) alunos matriculados sendo, 18 (dezoito) estudantes do sexo masculino e 21 (vinte e uma) estudantes do sexo feminino, inseridos na faixa etária entre 13 a 17 anos.

Dessa forma, para uma maior compreensão deste trabalho, o mesmo encontra-se dividido em cinco capítulos a iniciar pela introdução, primeiro capítulo, onde se apresenta o que será pesquisado, em qual linha essa pesquisa se insere, quais os objetivos e a metodologia escolhida.

No segundo capítulo, Teorias de Linguagem e Ensino: fundamentos e conceitos, realizaremos uma abordagem sobre a LSF, o sistema de transitividade e a metafunção ideacional, prosseguimos apresentando as circunstâncias como recursos experienciais, a transitividade na gramática normativa e os advérbios de tempo e lugar, abordamos também sobre o ciclo de aprendizagem, os gêneros textuais, o conto literário, leitura e produção de texto escrito. O suporte teórico necessário para esta investigação será fundamentado nos estudos de: Halliday e Matthiessen (2014), Eggins (1994), Neves (2011), Cunha e Souza (2011), Fuzer e Cabral (2014), Bakhtin (2011), Marcuschi (2008) Rothery (1994) Rose e Martin (2012), Solé (1998), Koch e Elias (2015) Labov (1972), Labov e Waletzky (1997), Martin e Rose (2008), Moisés (2012), Candido (2011) entre outros. Aliamos este trabalho às orientações contidas em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a BNCC (2016) em estudo.

No terceiro capítulo, aprofundamos a metodologia, caracterizamos a pesquisa, abordamos o universo da mesma e a proposta didática elaborada, a escolha do *corpus* e participantes da pesquisa. No quarto capítulo, análise e discussão dos dados e dos resultados, abordamos sobre o Ciclo de ensino e aprendizagem (CEA) centrado no gênero conto, as etapas que o envolve: negociação do campo, desconstrução, construção conjunta e construção independente e analisamos textos sob os contextos de cultura e de situação, por último, no capítulo cinco apresentamos as considerações finais.

## **2 TEORIAS DE LINGUAGEM E ENSINO: FUNDAMENTOS E CONCEITOS**

Nesse capítulo, apresentamos conhecimentos norteados pelos estudos de Halliday e Matthiessen (2014), sobre a Linguística Sistêmico Funcional (LSF), teoria que embasa esse trabalho e estuda a língua em produtos entendidos como textos. Abordamos também sobre o sistema de transitividade, categoria da LSF que nos permite identificar as ações e atividades presentes em nossos discursos através da análise dos papéis exercidos pelos: processos, participantes e circunstâncias, além da metafunção ideacional, função presente no uso da língua que se relaciona às escolhas dos elementos léxico-gramaticais.

Procedemos também a um estudo sobre os elementos circunstanciais de tempo e lugar a fim de se compreender um pouco mais sobre esses recursos para a construção do sentido na oração que constrói o conto sob a ótica de Eggins (1994), Neves (2011), Labov (1972), Labov e Waletzky (1997), refletimos sobre a transitividade embasado em Bechara (2009) e Cunha e Souza (2011) e sobre o ciclo de ensino e aprendizagem em Rothery (1994) Rose e Martin (2012).

Encerramos o capítulo com uma abordagem que envolve a leitura e produção do gênero textual conto sob os estudos de Bakhtin (2011), Marcuschi (2008) Solé (1998), Koch e Elias (2015) Martin e Rose (2008), Moisés (2012), Candido (2011). Aliamos a esse trabalho, as orientações contidas em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a BNCC (2016) em estudo sobre o Ensino de Língua Portuguesa.

### **2.1 Abordagem sobre a Linguística Sistêmico-Funcional**

Na perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem “é a instanciação de um potencial amplo de significados, que pode, simultaneamente, construir experiências e estabelecer relações sociais<sup>1</sup>” (WEBSTER, 2009, p. 5). Passaremos agora a discutir o que representa essa perspectiva.

---

<sup>1</sup> Language is the instantiation of an indefinitely large meaning potential through acts of meaning which simultaneously construe experience and enact social relationships. ” (WEBSTER, 2009, p. 5).

A Linguística Sistêmico-Funcional segundo Fuzer e Cabral (2014) teve seu marco inicial no início do século XX com os estudos do antropólogo Bronislaw Malinowsky [1884-1932], seguido das pesquisas do linguista Jonh Rupert Firth [1890-1960].

Mais de cinquenta anos depois, por volta de 1960, um linguista britânico, Michael A. K. Halliday [1925], alavancou as pesquisas nesse campo contribuindo com o esforço necessário que daria a essa teoria o impulso de que necessitava para tornar-se essencial no estudo da linguagem ao longo desses anos, partindo da ideia da língua em uso que possibilita, na construção do texto, escolhas para a produção de significados.

É chamada de sistêmica e funcional porque entende as escolhas as quais utilizamos para a comunicação em relação à produção de significados e para atender as nossas necessidades em contextos reais de uso. De acordo com Fuzer (2014, p. 22) “A linguagem como sistema se materializa em textos” e segundo Butt *et al.* (2000, p. 3 *apud* CUNHA e SOUZA 2011, p. 25) “um texto ocorre em dois contextos, um dentro do outro: o contexto de cultura e o contexto de situação”.

Esses dois contextos, imprescindíveis para a compreensão textual, terminam por serem instrumentos influenciadores de nossas escolhas linguísticas. Quando dizemos algo a alguém essa realização encontra-se inserida em um determinado momento, em um determinado ambiente, ao mesmo tempo, dependendo do que está sendo comunicado os elementos léxico-gramaticais sofrem variação de acordo com o contexto da situação que segundo estudos de Halliday e Matthiessen (2014) abrange: campo, relações e modo

O campo está ligado à atividade da ação linguística. As relações ligam-se aos participantes na situação. O modo aponta para como essa situação é apresentada ao interlocutor/leitor. Esses três modelos conceituais ligam-se às metafunções, funções presentes em qualquer uso da linguagem, literária ou não-literária, pois expressam significados desejados pelos falantes/escritor. Essas metafunções segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 361) são: metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual<sup>2</sup>”.

Sobre este assunto, Barbosa (2009, p. 41, grifo do autor) afirma que:

Considerando os fatores de relações, de campo e de modo, é importante esclarecer que, por essas variáveis, percebemos o texto como um processo de escolhas semânticas predizíveis, que determinam padrões léxico-gramaticais sistemáticos característicos em determinados textos ou discursos. Assim, o campo associa-se aos significados e realiza-se através de padrões de transitividade da gramática; as

---

<sup>2</sup> The three functional components of meaning, ideational, interpersonal and textual. (Halliday e Matthiessen 2014, p. 361)

*relações* se associam ao significado interpessoal e realizam-se por padrões de modo e de modalidade e o modo associa-se aos significados textuais e realiza-se através do tema.

Por exemplo, no caso do gênero textual conto temos um produto de interação de natureza literária ficcional, narrativa, verossimilhante. O campo trabalhado, por exemplo, possibilitará ao locutor, a partir de suas experiências, realizar escolhas de palavras em sentido figurado, selecionar processos, participantes e circunstâncias de modo a criar um texto ficcional onde os elementos selecionados estão imbricados com toda a oração na busca da construção do sentido.

As relações ligam-se aos participantes na situação. Logo essas situações determinarão o grau de envolvimento a partir dessas construções. Se mais afetiva ou mais formal, mais técnica, entre outras.

O modo aponta para como essa situação é apresentada ao interlocutor/leitor. No caso do conto ele será apresentado através de um texto narrativo, também podemos realizar com o uso das mídias, do texto escrito nos livros didáticos, entre outros recursos.

### **2.1.1 O sistema de transitividade**

A linguagem é considerada, de acordo com Halliday (2014, p. 33) como um sistema semiótico que se insere dentro de um ambiente de significados. Assim, todo texto é produto de um contexto de cultura e de um contexto de situação.

Quando interagimos através da linguagem na modalidade falada ou escrita estamos diante de experiências das quais necessitamos para efetivar a nossa comunicação com o outro e essas experiências podem estar relacionadas ao mundo material, exterior no qual agimos diariamente ou ao mundo interior de nossa consciência.

De acordo com Herbele (1999, p. 100) “a categoria lexicogramatical relacionada à metafunção ideacional, reflete o significado experiencial, especificando os processos na linguagem e as estruturas pelas quais eles são expressos<sup>3</sup>”

---

<sup>3</sup> [...] the lexicogramatical category of meaning within the ideational metafunction , expresses the reflective, experiential aspects of meaning, specifying the processes in the language and the structures by wich they are expressed. (Herbele (1999, p. 100)

Essas representações se dão através dos papéis assumidos pelos componentes que constroem as orações conforme se vê no quadro abaixo:

**Quadro 01: Componentes da oração**

Componentes	Definição	Categoria gramatical típica	Exemplo
Processo	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos verbais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
Participantes	São as entidades envolvidas - pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados -, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
Circunstância	Indica, opcionalmente, o modo o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.

Fonte: Adaptação (FUZER e CABRAL, 2014, p. 41)

Tal sistema de transitividade se dá por meio de orações, as quais são formadas por um participante, uma circunstância e um processo. O participante é o grupo nominal, é quem recebe ou dá ensejo à experiência. O processo é o grupo verbal da oração. Esse grupo é formado pelos verbos e locuções verbais e constituem a experiência do sistema. A circunstância dá características ao processo, indicando o lugar, o tempo, o modo, o ângulo, a companhia, a ausência, a negação, a dúvida, a certeza, entre outros da experiência do participante.

Sob a ótica da transitividade representamos nossas experiências utilizando-se das orações mediante seis tipos de processos que concorrem para a construção de nossos enunciados acrescentando significados, de acordo com a situação envolvida, uma vez que, um mesmo processo pode apresentar significação diferente dependendo da situação que está sendo representado.

Esses processos são divididos em principais: processos materiais, mentais e relacionais e secundários: processos comportamentais, verbais e existenciais aqui identificados de acordo com a classificação visualizada em Fuzer e Cabral (2014, p. 43) da seguinte forma:

- a) “a representação da experiência externa (ações e eventos) é realizada por *processos materiais*, como fazer, construir, acontecer;”

- b) “a representação da experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito) é realizada por *processos mentais*, como lembrar, pensar, imaginar, gostar, querer;”
- c) “a representação das relações (identificação e caracterização) é realizada por *processos relacionais*, como ser, estar, parecer, ter;”
- d) “a representação de comportamentos (manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano) é realizada por processos *comportamentais*, situados entre os materiais e os mentais, como dormir, bocejar, tossir, dançar;”
- e) “a representação de dizeres (atividade linguística dos participantes) é realizada por *processos verbais*, situados na fronteira entre os mentais e os relacionais, como dizer, responder, afirmar;”
- f) “a representação da existência de um participante (o “estar no mundo”) é realizada por *processos existenciais*, situados entre os relacionais e os materiais, como existir, haver”.

A figura abaixo apresenta de forma sintetizada esses processos verbais mencionados a partir do sistema da transitividade:

**Figura 01: Tipos de processos nas orações**



(Extraído de FUZER e CABRAL, 2014, p. 42).

A transitividade é um sistema que considera a oração como um todo, por exemplo, para definir o significado de um processo considera-se também o participante e

opcionalmente as circunstâncias na formação de uma figura que envolve no mínimo o processo e o participante.

É importante percebermos que o componente experiencial da oração denominado participante é identificado de formas diferentes dependendo do tipo de processo a que esteja relacionado. Sobre essas denominações admitidas por esse componente, podemos visualizá-las na figura a seguir.

**Figura 02: Tipos de participantes na oração**



(Extraído de FUZER e CABRAL, 2014, p. 45).

Outro componente experiencial importante na construção da oração, de acordo com o sistema da transitividade é a circunstância. Ferreira (2001, p. 165) define essa palavra da seguinte forma: Circunstância *sf.* 1. Situação, estado ou condição de coisa (s) ou pessoa (s) em dado momento. 2. Particularidade que acompanha um fato, uma situação. 3. Caso, condição.

Sobre esse componente em relação à transitividade podemos afirmar que diferentemente do processo, que em contextos diferentes pode apresentar significados diferentes, e dos participantes que mudam de denominação dependendo do processo a que se relaciona; esse componente experiencial é significativo para a compreensão total da oração dentro do sistema da transitividade e estabelece circunstâncias conforme se visualiza no quadro a seguir:

**Quadro 02: Tipos de circunstâncias**

<b>Circunstâncias</b>		<b>Exemplos</b>
1. Extensão	Distância (A que distância?)	Caminhar (por) 2 km Parar a cada cem metros Andar léguas
	Duração (Há quanto tempo?)	Ficar (por) duas horas. Sentar a cada dez minutos Parar um longo tempo.
	Frequência (Quantas vezes?)	Bater três vezes. Explicar várias vezes.
2. Localização	Lugar (Onde?)	Estudar na biblioteca. Chegar perto.
	Tempo (Quando?)	Sair ao meio dia. Chegar logo.
3. Modo	Meio (Como? Com o quê?)	Cortar com uma faca. Amarrar com arame.
	Qualidade (Como?)	Chegar calmamente/ em completo silêncio. Ser rapidamente/ em velocidade.
	Comparação (Como é? Com que parece?)	Jogar como Pelé. Fazer diferentemente dos outros.
	Grau (Quanto?)	Amar profundamente. Estudar pouco.
4. Causa	Razão (Por quê?)	Chorar por causa do namorado. Ser punido por violação de regras.
	Finalidade (Para quê)	Lutar por liberdade. Trabalhar na expectativa de promoção.
	Benefício / representação (Por quem?)	Falar por você. Jogar contra a seleção.
5. Contingência	Condição (Por quê)	Acionar o alarme em caso de incêndio. Falar em condição de anonimato.
	Falta/ omissão	Na falta dos pais chamar os tios. Sem recursos não se faz a obra.
	Concessão	Correr apesar do cansaço. Calar-se a despeito das ofensas.
6. Acompanhamento	Companhia (Com quem? Com o quê)	Viajar com a mãe. Festejar junto dos amigos.
	Adição (Quem mais? O que mais?)	Cris partiu e Sara também. Além das roupas, levar os livros.
7. Papel	Estilo (Ser como o quê?)	Vir como amigo. Falar como presidente da companhia.
	Produto (O quê/ em quê?)	Voltar como um indigente. Cortar o papel em tiras.
8. Assunto	(Sobre o quê?)	Falar sobre Paris. Escrever a respeito dos indígenas.
9. Ângulo	Fonte	De acordo com o presidente, o país melhorou Para Halliday, a linguagem é multifuncional
	Ponto de vista	É culpado aos olhos da mídia. Na opinião do editor, o texto está bom.

Fonte: (FUZER e CABRAL, 2014, p. 53-54)

### 2.1.1 As metafunções da linguagem

Os textos representam dentro das situações com as quais interagimos diariamente recursos usados pelos usuários de uma língua a fim de possibilitar a construção de sentido de forma escrita ou oral entre esses participantes. Halliday e Mathiessen (2014, p. 3, tradução nossa), abordando sobre esses “produtos da interação” afirmam que são “qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem<sup>4</sup>”. E acrescentam “Podemos caracterizar texto como linguagem funcionando em contexto<sup>5</sup>” (HALLIDAY E MATHIESSEN, 2014, p. 3).

De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 26), “o texto está sempre inserido, portanto, em dois contextos: de situação e de cultura”. O contexto de situação refere-se ao “ambiente imediato no qual ele está de fato funcionando” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 27). Ou seja, a interpretação que os leitores podem fazer do texto associa-se com uma realidade relacionada a quem está participando da situação discursiva.

Já o contexto de cultura é mais abrangente, “refere-se não só a práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também a práticas institucionalizadas em grupos sociais, como a escola, a família, a igreja, a justiça, etc” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 28). Ou seja, o contexto de cultura abrange toda a realidade, não só a imediata, dos leitores, mas também a que os cerceia e afeta o texto que está sendo produzido.

Dada a estas características “as categorias gerais de contexto são conhecidas há muito tempo e elas têm sido exploradas sob os títulos de campo, relações e modo<sup>6</sup>” (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014, p. 33).

Podemos afirmar sobre essas variáveis que campo é “o que está acontecendo na situação”, as relações são “quem participa da situação e o modo é “qual o papel que está sendo desempenhado pela linguagem e outros sistemas semióticos na situação<sup>7</sup>”.

---

<sup>4</sup> The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the Language. ( Halliday e Mathiessen ,2014, p. 3,)

<sup>5</sup> we can characterize text as language functioning in context. (Halliday e Mathiessen, 2014, p. 3)

<sup>6</sup>[...] the general categories of context have been known for a long time[...]and they have been explored under the headings of field, tenor and mode. (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014, p. 33).

(HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014, p. 33). Essas três variáveis relacionam-se às funções que a linguagem desempenha chamadas por Halliday e Mathiessen (2014, p.31) de “metafunções”. E assim explicadas:

A metafunção ideacional, também chamada de metafunção experiencial, “se refere à representação linguística da ação” (BAWARSHI e REIFF 2013, p. 48). Logo, quando falamos e produzimos nossos textos realizamos escolhas léxico-gramaticais que concorrerão para a construção do que pretendemos expressar. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 33) “Nesse sistema, a oração é vista como representação”. Essa metafunção distingue-se em “função experiencial e função lógica<sup>8</sup>” de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 30). “A metafunção ideacional representa ou constrói os significados de nossa experiência do mundo exterior por meio do sistema de transitividade”. (SOUZA, 2006, p. 39)

Essas escolhas levarão em consideração as nossas experiências enquanto sujeitos que interagem socialmente e são estudadas pela categoria da transitividade conforme podemos comprovar nos trechos do conto “A moça tecelã” de Marina Colasanti abaixo:

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte (COLASANTI, 2006, p. 10).

A autora usa elementos léxico-gramaticais para criar uma imagem da personagem feminina. O perfil da mulher que está sendo apresentado fora construído a partir do uso de verbos nos tempos pretérito imperfeito vistos pela transitividade como processos: comportamental (Acordava, sentava-se), mental (ouvisse) e material (chegando, começar, passando, desenhava).

Emprega também, na situação inicial, circunstâncias como: no escuro, atrás das beiradas da noite, logo, entre os dedos e lá fora, para a construção da apresentação da personagem que vêm contribuir para a formação do significado da mensagem localizando no espaço não só essa personagem, mas também, elementos envolvidos na descrição desse estágio. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 33) “Nesse sistema, a oração é vista como representação”.

---

<sup>7</sup> field – what’s going on in the situation, tenor – who is taking part in the situation, mode – what role is being played by language and other semiotic systems in the situation. (HALLIDAY e MATHIESSEN, 2014, p. 33).

<sup>8</sup>We call it the ideational metafunction, and distinguish it into two components, the experiential and the logical.( Halliday e Matthiessen, 2014, p. 30)

A metafunção interpessoal, de acordo com Bawarshi e Reiff (2013, p. 48) “descreve as interações entre os participantes”. Logo, essa relação pode ser percebida através do evento comunicativo produzido. Vejamos:

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer. (COLASANTI, 2006, p. 12)

Percebemos através da representação linguística nesse trecho o significado de ordem a partir das escolhas linguísticas: disse e exigiu. A relação entre os participantes nessa oração é percebida a partir da relação de poder representado pela figura do marido e de subordinação representada pela mulher. De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 33) “Na perspectiva da metafunção interpessoal, o sistema a ser examinado é o MODO [...] Nesse sistema, a oração é vista como *troca* de informações ou bens e serviços”.

A metafunção textual - De acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 34) nessa perspectiva “a oração é vista como mensagem e consiste de um Tema acompanhado de um Rema”. Relaciona-se à organização do texto e envolve os elementos de textualização que concorrerão para a formação da mensagem. Exemplo: “Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado” (COLASANTI, 2006, p. 12).

Percebemos nesta mensagem a presença de elementos de coesão que contribuem para a formação do significado de forma mais organizada dentro do texto. “Ela” e “pela primeira” concorrem para a construção do significado desse texto.

### **2.1.3 Circunstâncias como componente experiencial**

“A função experiencial diz respeito ao modo como a experiência de “realidade” (material e simbólica) das pessoas é construída em seus discursos, com base nas escolhas que realizam em nível gramatical, ou seja, no nível da transitividade”. (FUZER, 2009, p. 6-7)

É a partir dessa ótica que a Linguística Sistêmica Funcional entende a oração. Em se tratando das circunstâncias, elas também são escolhas realizadas pelos falantes, escritores. São componentes da oração que concorrem acrescentando significação à mesma. Nesse sentido são escolhas imbricadas ao contexto de produção do texto articuladas com o todo e não com partes da oração.

Eggin (1994) propõe, por exemplo, a classificação desses componentes circunstanciais e apresenta significação e exemplos conforme visualizamos no quadro abaixo:

**Quadro 03: Tipos de circunstância**

TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA	SIGNIFICAÇÃO	EXEMPLOS
DE EXTENSÃO Espacial Temporal	Constroem desdobramentos do processo em espaço (a distância no espaço no qual o processo ocorre) e tempo (a duração no tempo durante a realização do processo)	Nadou 4 quilômetros.  Caminhou por sete horas.
DE CAUSA	Constrói a razão pela qual o processo se atualiza	Não fui ao trabalho por causa da chuva.
DE LOCALIZAÇÃO Tempo Lugar	Constroem a localização espacial e temporal na qual o processo se realiza	Pedro acordou às sete horas.  Mauro caminha na praia.
DE ASSUNTO	Relaciona-se aos processos verbais e é um equivalente circunstancial da verbiagem	Discutiam sobre política.
DE MODO	Constrói a maneira pela qual o processo é atualizado	Almoçamos tranquilamente.
DE PAPEL	Constrói a significação de ser ou tornar-se circunstancialmente	Vim aqui como amigo.
DE ACOMPANHAMENTO	É uma forma de juntar participantes do processo e representa os significados de adição, expresso pelas preposições “com” ou “e”, ou de subtração expresso pela preposição “sem”	Amélia foi ao cinema com o namorado.  João saiu sem o filho.

Fonte: (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 77)

Halliday (2014, p. 222) apresenta que os elementos centrais e periféricos na estrutura experimental da cláusula são representados por três grupos: a) verbal formado pelos processos b) grupo nominal formado pelos participantes e c) grupo adverbial ou frases preposicionais formadas pelas circunstâncias. Neves (2011, p. 234) abordando sobre os advérbios, que representam as circunstâncias, afirma que: “De um ponto de vista sintático, ou relacional, o advérbio é uma palavra periférica, isto é, ele funciona como um satélite de um núcleo”.

Logo, sobre os elementos circunstanciais podemos afirmar que: incluem-se no grupo adverbial, podem ser representados por uma palavra ou um conjunto delas, ocorrem livremente em todos os tipos de processos e são importantes para a construção da representação de nossas experiências nos textos.

## 2.2 Abordagem da Gramática Normativa: transitividade

Quando pensamos em transitividade nos vem logo à cabeça o que durante anos aprendemos nas aulas de língua Portuguesa em sala. Relembramos em relação à predicação verbal, ou seja, no tocante a verbos transitivos, verbos intransitivos, transitivos diretos e transitivos indiretos.

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (doravante “NGB”) os verbos podem formar o predicado das orações de formas diferentes. Ora, exigem um complemento com preposição, o qual denominamos de verbo transitivo indireto, por exemplo, “creio em Deus”. Ora pedem um complemento sem o auxílio da preposição, sendo classificado como verbo transitivo direto, a saber, “comprei um lindo calçado”, ora não pedem nenhum complemento, completando-se a si mesmos, exemplo, “o sol já raiou”, ora exigem dois complementos, o qual chamamos de verbo transitivo direto e indireto, no caso, “ofereceu uma flor à amiga”.

No tocante à transitividade sabemos que a gramática normativa estabelece que ele ocorre com verbos transitivos diretos e indiretos, partindo da premissa de que verbos transitivos precisam de um complemento. Entretanto, sabemos que mesmo um verbo transitivo pode exercer a função de verbo intransitivo dependendo da construção da frase. Ou um verbo transitivo direto ser preposicionado, o que normalmente acontece com verbos transitivos indiretos.

O que nos leva a concluir que mesmo na gramática normativa, existem exemplos que tornam clara a necessidade de observarmos o contexto de uso desses verbos. Bechara (2009, pag. 415) traz um exemplo, quando indica que “Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico”.

Quando falamos em transitividade, no entanto, de acordo com a linguística sistêmico-funcional, não estamos nos referindo à predicação verbal e aos seus complementos se objetos diretos ou indiretos, mas a uma categoria dentro de uma teoria que analisa a oração considerando a relação existente entre as partes que a estruturam.

É importante cada escolha realizada pelo sujeito para a construção do discurso, uma vez que essas escolhas não são pré-determinadas, programadas ou fixas, pois, dependem de todo o contexto no qual esse indivíduo está inserido, de suas experiências e da situação vivenciada. O que chamamos de acordo com a linguística sistêmico-funcional de contexto cultural e de situação. Temos de acordo com Cunha e Souza que:

O termo transitividade, do latim, *transitivus* (que vai além, que se transmite), refere-se, no âmbito dos estudos gramaticais, ao grau de completude sintático-semântica de itens lexicais empregados na codificação linguística de eventos, de acordo com diversas possibilidades de transferência de uma atividade de um agente para um paciente. Trata-se de um fenômeno gramatical complexo que envolve diferentes aspectos morfosintáticos e semânticos-pragmáticos e suas inter-relações. (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 9)

Enquanto falantes fazemos uso de uma linguagem que envolve vários fatores: social, etário, cultural, entre outros. A fala de um garoto de uma comunidade afastada do centro urbano certamente apresentará particularidades em relação ao da cidade. Um discurso realizado em uma formatura de universitários certamente não será o mesmo realizado por um político em véspera de eleição

Logo percebemos que a gramática não pode existir dissociada dessas situações, uma vez que, ela deve existir para analisar a língua em uso e não casos isolados e partes dissociadas de uma oração como se elas não se relacionassem umas com as outras, pois de acordo com a LSF a oração é formada por significados e esses significados são formados por palavras.

Essas palavras, também, não são escolhidas apenas para preencher uma lacuna de um verbo que pede um complemento, mas como uma escolha adequada para uma situação de construção de sentido com o contexto que está sendo dito.

### **2.2.1 Os advérbios de tempo e lugar**

A “ NGB” insere as circunstâncias na classe gramatical denominada “advérbio” que é classificado sintaticamente pela gramática tradicional como termo acessório da oração uma vez que não faz parte dos termos considerados essenciais à construção da oração como o sujeito e o predicado.

O que nos interessa aqui, no entanto, é refletirmos em relação às circunstâncias que são identificadas pela gramática normativa como termos acessórios. O que significa acessório? Qual a intenção com a qual empregamos esse nome no cotidiano?

Podemos relegar esses termos a um plano secundário sem prejuízo ao sentido da oração? Será que os elementos circunstanciais contribuem para tornar a produção de texto de nossos estudantes mais coerente? É possível realizar um levantamento a partir dos textos de estudantes do 9º ano do ensino Fundamental a fim de observarmos em quais tipos de orações

esses elementos circunstanciais mais ocorrem, tomando por base a LSF mais precisamente a categoria da transitividade? O que os estudiosos dizem sobre o assunto?

Segundo o minidicionário da Língua Portuguesa da autora Ruth Rocha e Hindenburg da Silva Pires (2005, p. 20) “Acessório: adj e sm. Que, ou que complementa; secundário”.

De acordo com o dicionário Miniaurélio Século XXI, temos:

Adj. 1. V. secundário (1). [Antôn. Essencial. ] sm. 2. Aquilo que é acessório: acessórios do vestuário. 3. Autom. Peça desnecessária ao funcionamento do veículo, mas que, ger., é útil para a segurança e conforto dos passageiros. 4. Gram. Termo que se junta a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o sentido. [C.f. acessório]. (FERREIRA, 2001, p. 14)

Um falante do português brasileiro que tenha tido a oportunidade de estudar sobre os termos que, de acordo com a gramática normativa da Língua Portuguesa concorrem para elaborar uma oração, de uma forma geral, compreende esse recurso gramatical como indicador de circunstância, representado, morfológicamente, quando do estudo das classes gramaticais, pelo advérbio ou sintaticamente quando da função desse elemento na oração como adjunto adverbial.

Mas isso representa muito pouco em relação a uma classe de palavra da qual muito se tem a pesquisar. E, estudar os elementos circunstanciais associados ao texto é importante uma vez que como já falamos anteriormente o texto é um produto de contextos de cultura e de situação e na LSF devemos estudar a língua nas situações de uso. Logo, devemos pensar no elemento circunstancial como um recurso de construção de sentido dentro do texto.

Outro ponto crucial no estudo da língua, conforme Travaglia (2004, p. 43) é o que se fez durante anos, não se buscando um elo entre o que se apresentava nas disciplinas ligadas ao estudo da língua. O ensino da Gramática ocorria de forma restrita, excluída das práticas sociais.

Logo, falando dos elementos circunstanciais não podemos dissociar esses elementos do contexto de uso e da situação uma vez que como afirma Travaglia (2004, p. 45) “...tudo que é gramatical é textual e vice-versa”. Hoje percebemos que não podemos estudar os recursos linguísticos dissociados da produção e compreensão textual.

Ampliando essa noção passaremos a analisar o que outros autores dizem do assunto. Perini (2005, p. 340 - 342) por exemplo, apresenta que o estudo dos advérbios é

uma das áreas de estudo de nossa gramática que carecem de pesquisas, uma vez que “as diferenças sintáticas são muito profundas” dificultando a aceitação da classificação tradicional e, dessa forma o referido autor sugere embora duvidando o seguinte: “a definição de “advérbio”, se possível (o que duvido) deverá ser formulada em termos de “funções”.

Apresentaremos, portanto, um quadro com alguns conceitos sobre essa classe gramatical apresentados por cinco gramáticos a fim de melhor visualizarmos sobre o que a literatura das gramáticas tradicionais aponta sobre o assunto.

**Quadro 4: O que dizem os gramáticos sobre o advérbio?<sup>9</sup>**

BECHARA (2009, p. 287)	“Advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. “O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira”.
CEGALLA (2008, p. 259)	“Advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”. “Na oração o advérbio exerce a função sintática de adjunto adverbial”. “A maioria dos advérbios modifica o verbo, ao qual acrescentam uma circunstância. Só os de intensidade é que podem também modificar adjetivo e advérbios”.
ABAURRE e PONTARA (2010, p. 332)	“Advérbios são palavras invariáveis que se associam aos verbos, indicando as circunstâncias da ação verbal”. “Em casos especiais, associam-se aos adjetivos, especificando as qualidades por eles expressas, e a outros advérbios, intensificando o seu sentido”.
SARMENTO (2005, p. 278-279)	“Advérbio é a palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma frase inteira, expressando a circunstância da ação verbal”. “Em alguns casos, a circunstância em que o fato ocorre é expressa por duas ou mais palavras, que equivalem a um advérbio. A esse conjunto de palavras dá-se o nome de locução adverbial”.
PASQUALE e INFANTE (2008, p. 266)	“Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias e que esse processo se desenvolve”.

Percebemos a partir da observação do quadro alguns pontos em comum nos conceitos apresentados. Por exemplo, a palavra circunstância está presente na definição apresentada pelos cinco gramáticos. A ideia de modificar o processo verbal também aparece na maioria dos casos.

<sup>9</sup> Elaborado pela autora, com base em BECHARA, 2009; CEGALLA, 2008; ABAURRE E PONTARA, 2010; SARMENTO, 2005; PASQUALE E INFANTE; 2008).

Travaglia (2004) aponta vários questionamentos a partir dos conceitos empregados para essa classe. Por exemplo, a expressão “modificar” empregada na definição do advérbio por muitos gramáticos, segundo este pesquisador, não atende ao que de fato ocorre em nossas construções faladas e escritas. “A definição do advérbio como a classe de palavra que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio, não abrange o total comportamento sintático de modificador ou determinante das palavras que geralmente são incluídas nessa classe” (TRAVAGLIA, 2004, p.124).

Outro ponto crucial apontado pelo autor é em relação à função sintática de adjunto adverbial admitida como sendo a que o advérbio exerce. Percebe-se que em determinados eventos a classificação sintática vai além do adjunto adverbial, admitindo por vezes outras funções.

A própria definição de invariável não fica bem resolvida quando em determinadas situações de uso em nossa fala flexionamos a palavra para melhor expressarmos o que pensamos. Há autores também que afirmam que esse elemento possui liberdade de posição dentro da oração. Fato que em outras pesquisas realizadas questiona-se essa afirmação. E ainda: advérbios de tempo são palavras cuja classificação é dada assim porque a circunstância expressa por ele é temporal e os advérbios de lugar a circunstância expressa por ele é de lugar.

Podemos realizar para eles respectivamente as perguntas: Quando? e Onde? Segundo Neves, (2011, p. 256) “Lugar e tempo são categorias **dêiticas**, isto é, categorias que fazem orientação por referência ao falante e ao **aqui-agora**, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”.

Ao assistirmos um vaso de flores precipitando-se de uma janela em direção ao chão, veremos a janela, o vaso, a trajetória, o chão e todo o entorno antes de termos consciência do tempo transcorrido na ação. O tempo (invisível) é preenchido pelo espaço (visível) e por tudo aquilo que nele estiver presente. Em uma narrativa, tempo e espaço são mutuamente permeáveis e indissociáveis. (PINNA, 2006, p. 152)

### 2.3 Ciclo de ensino-aprendizagem

De acordo com Rocha e da Silva Pires (2005, p. 166) podemos conceituar ciclo, entre outras definições, como “ *sm 1* Série de fenômenos que se produzem numa ordem determinada”. Nesta pesquisa, a palavra ciclo relaciona-se ao contexto linguístico e educacional referindo-se a Ciclo de ensino-aprendizagem<sup>10</sup> (ROTHERY, 1994), ou seja, uma

---

<sup>10</sup> The Sydney School Teaching Learning Cycle (Rothery, 1994)

proposta de ensino de língua iniciada na década de 80 em escolas primárias da Austrália por pesquisadores como Jim Martin, Joan Rothery, entre outros com o objetivo de combater o insucesso escolar de educandos desfavorecidos daquele país. Esse insucesso foi verificado entre os estudantes através de: resultados insatisfatórios alcançados em leitura e escrita, percentual baixo de alunos que ingressavam no nível secundário e um número ainda mais reduzido de ingressos quando se tratava do nível superior.

O projeto desenvolvido na escola de Sydney valoriza o ensino explícito dos gêneros, introduzidos no currículo escolar, que segundo Bunzen (2004, p. 6) “deverão ser instrumentos de mudança social e de empoderamento”, com vistas a sistematizar o trabalho de leitura e escrita com esses textos a fim de alcançar resultados eficazes através de uma pedagogia preocupada com o ensino da língua em uso, Rose e Martin (2012) ratificam esse pensamento quando apontam que a sistematização dos trabalhos sobre os textos é crucial para se alcançar êxito no processo da escrita.

Este projeto surtiu efeito em relação ao trabalho com a língua visando ampliar o nível de letramento não só dos estudantes que se inseriam em contextos sociais desfavorecidos, mas também dos que se encontravam em contextos de favorecimento da aprendizagem naquele país. Assim, de acordo com Mendes (2014, p. 34) por volta dos anos 90 essa proposta já fazia parte do programa das escolas australianas oficiais do primeiro ciclo e havia se espalhado por diversos países da Europa, América, África, Ásia, China entre outros dando início ao que Rose e Martin (2012, p.2) chamam de Pedagogia de Gênero<sup>11</sup>. Mendes (2014, p. 34) discorrendo sobre o assunto, apresenta as fases pelas quais esse projeto passou: (1) Writing Project (1980 - 1985), Language and Social Power (1985 -1990), (2) write it Right (1990 -1995), (3) Reading to Learn (primeira década do século XXI).

De acordo com Rose e Martin (2012, p. 29) o Writing Project teve como foco a educação infantil e a escola primária e a realização de uma classificação das produções textuais desses estudantes visando conhecer quais textos eram mais trabalhados pelos professores e produzidos pelos estudantes. O trabalho nessa fase desenvolveu-se da seguinte forma:

Partindo da experiência do ensino dos gêneros literários, colocaram as crianças a trabalhar com todos os gêneros de textos do currículo. Em primeira análise, observaram que o gênero mais usado era a narrativa. Era necessário, pois, conhecer os gêneros de textos que os alunos liam (sobretudo) e escreviam nesse ciclo de ensino, integrá-los no currículo e ensiná-los de modo que a aprendizagem fosse eficaz. (Mendes, 2014, p. 36)

---

<sup>11</sup> Genre-based pedagogy ou simplesmente genre pedagogy (MARTIN E ROSE, 2012).

O Language and Social Power desenvolvido entre 1985 a 1990 foi um projeto cujo objetivo era elevar o nível de letramento dos escolares em situação desfavorecida para aprendizagem. Nesse contexto inseriam-se, entre outros, imigrantes e aborígenes que não se comunicavam usando o idioma oficial da Austrália, o inglês.

Na década de 90 desenvolveu-se o Write it Right. Segundo Mendes (2014, p. 36) “este projeto descreveu os gêneros que os alunos do secundário têm de ler e escrever.” De acordo com Rose e Martin (2012, p. 84) essa pesquisa foi ampliada naquele contexto para setores como Ciência, informação e administração e exigia dos estudantes um papel participativo na aprendizagem e do professor, a orientação adequada nesse processo.

O Reading to Learn constitui a terceira fase da pedagogia de gênero desenvolvida na primeira década do século XXI. Volta-se para uma aprendizagem associada ao ensino da leitura e da escrita na escola do ensino básico e secundário. Essa pedagogia apresenta alguns princípios básicos listados em Rose e Martin (2012, p.146) como: decodificação, identificação, inferência e interpretação e interação. É composto por 3 níveis (level 1, 2 e 3) e nove conjuntos de estratégias: Nível 1 - preparando para a leitura, construção conjunta e construção individual, nível 2- Leitura detalhada, reescrita conjunta, reescrita individual. Nível 3 - elaboração de frases, ortografia e escrita de frases.

Neste trabalho de pesquisa utilizamos como suporte teórico o Language and Social Power desenvolvido na década de 1980. Sobre esse modelo afirmamos que o mesmo se desenvolve a partir de estágios. Segundo Bunzen (2004, p. 6) esses estágios “devem ser adequados à realidade de cada sala de aula” e podem ser descritos de acordo com o que se afirma em Rose e Martin (2012, p. 65) como Negociação do Campo, Desconstrução, Construção conjunta e Construção Independente.

A primeira corresponde a primeira fase nesse ciclo. Neste tópico possibilitaremos ao estudante o ensino da língua a partir do conhecimento do tópico especificado para estudo. É momento para se conhecer de que campo se trata o texto, que parte poderá ser explorada, que experiências ou atividades o campo sugere. O levantamento dos conhecimentos prévios é uma atividade importante neste item. E a segunda corresponde a segunda fase da proposta do ciclo. É neste momento que o estudante aprenderá sobre o funcionamento dos estágios do gênero a partir dos contextos de cultura e de situação permitidos pelo produto da interação em estudo. Este é um momento significativo para a aprendizagem uma vez que se construirá o conhecimento através da metalinguagem visando compreender o propósito social do gênero,

quem o usa e por quê, qual o registro utilizado, as relações estabelecidas entre os participantes e o modo da linguagem usada e quais relações se estabelecem entre o leitor e o escritor.

A Construção conjunta corresponde a terceira fase da proposta. Mais uma vez o papel do professor é crucial no desenvolvimento dessa etapa uma vez que trata de uma fase onde a interação entre professor (a) e estudante (s) é essencial no planejamento juntamente com a turma para a construção de um texto de forma conjunta. Vale salientar que esse texto a ser construído deve corresponder ao mesmo gênero do que fora estudado. E, por fim, a Construção independente que corresponde a quarta fase da proposta. É o momento da produção de texto individual por parte do estudante de um gênero já esboçado anteriormente, embora também seja permitido a consulta, nessa etapa, aos pares e ao professor (a). Insere-se nessa etapa a revisão do texto e editoração dos textos produzidos.

## 2.4 Gêneros textuais

É, na perspectiva de se refletir sobre a língua em seus eventos comunicativos, ora como falantes, ora como leitores, ora como produtores de textos escritos, que se compreende a inserção dos gêneros textuais em sala de aula a fim de possibilitar aos estudantes ampliar a compreensão dessa comunicação da qual fazemos uso. Pois, segundo Marcuschi (2010, p. 37) os gêneros “não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas”.

Eles nos chegam de diversas formas: através de poemas, crônicas, notícias, e-mails, bilhetes, reportagens, diálogos, charges, entre outros, e, cada uma dessas escolhas, representada pelos textos verbais e não verbais envolvem uma carga de significação muito grande. Sobre o assunto Bakhtin (2011, p. 261) nos afirma que:

O emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional.

Sabemos que essas estruturas existem por necessidade dos indivíduos e de acordo com Marcuschi (2008, p. 147) eles surgiram há muitos anos, podemos falar desde a idade

média, embora nessa época o conceito de gênero estivesse ligado ao “literário”. Hoje esse conceito se expandiu e o nome se liga às atividades do discurso tanto oral quanto escrita.

Interagindo em uma comunidade cada dia mais dinâmica o homem necessita refinar a comunicação com o outro no sentido de organizar seus discursos. Nesse contexto é compreensível que eles possam ser agrupados em modalidades. Logo temos que:

Os agrupamentos de gêneros se dão pelas cinco modalidades retóricas que correspondem aos tipos textuais. O conto no caso encontra-se no domínio social de comunicação como cultura literária ficcional, a capacidade de linguagem dominante é a mimeses da ação através da criação de intriga – narrar (MARCUSCHI, 2008, p. 219).

Alguns gêneros permanecem sendo utilizados através dos séculos, por exemplo o poema e o conto, outros entram em desuso, citamos o telegrama e a carta pessoal, novos são criados, a exemplo do e-mail e posts em redes sociais.

Segundo Barbosa (2009, p. 57) “ Os gêneros constituem, hoje, um mecanismo para entendimento significativo sobre como funcionam os textos em função da sociedade em que circula. ” Atualmente existem várias abordagens teóricas acerca do estudo dos gêneros. Entre elas destacam-se:

A Escola de Sydney, na perspectiva da LSF, apresentando como proposta de ensino uma metodologia baseada na pedagogia dos gêneros aplicável através do ciclo de ensino aprendizagem com vistas ao desenvolvimento do letramento dos estudantes.

A Escola de Genebra numa perspectiva Interacionista Sócio-discursiva é caracterizada pela metodologia da sequência didática influenciada pelos estudos de Bakhtin e desenvolvida por estudiosos da Universidade de Genebra. De acordo com Silva (2015, p. 43) destacam-se na abordagem do ensino de gêneros desta escola pesquisadores como: Jean-Paul Bronckart, Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly. Estes estudiosos também se voltam para a teoria vigotskyana sobre o desenvolvimento da linguagem.

A Escola Norte-Americana “é mais voltada para a questão social, destacando as relações de poder e o papel dos gêneros na sociedade. ” (BARBOSA, 2009, p. 58). Sobre essa Escola, Silva (2015, p. 46) acrescenta que “os pesquisadores dessa corrente não defendem uma didatização explícita de gênero. Para eles, faz-se necessário uma pedagogia etnográfica, que proponha aos estudantes estarem envolvidos com os gêneros em seus contextos de uso. ”

Entendemos que a leitura de gêneros precisa ser mediada pelo professor a fim de os estudantes possam dialogar com o texto, gerando um sentido para essa ação na medida em que ela se torna atual e necessária àquele momento. Sobre esse processo Solé (1998, p. 90) nos apresenta o seguinte pensamento:

Como podemos fazer diferentes coisas com a leitura, é necessário articular diferentes situações- oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada - e encontrar os textos mais adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento. A única condição é conseguir que a atividade de leitura seja significativa para as crianças, corresponda a uma finalidade que elas possam compreender e compartilhar.

Dessa forma, compreendemos a ação da leitura do gênero como uma etapa importante a ser trabalhada em sala de aula para a construção da identidade linguística do estudante a partir desse cabedal de conhecimentos os quais os gêneros textuais apresentam ao leitor.

Esses conhecimentos precisam ser explorados ao longo do ensino fundamental para o fortalecimento da reflexão sobre a língua, de como ela é usada pelos escritores, como podem ser contextualizados em relação à nossa realidade facilitando, dessa forma, a apropriação da língua em uso através dos gêneros que através das leituras passarão a dialogar com os estudantes.

Koch (2015, p. 37) afirma que:

O escritor recorre a conhecimentos armazenados na memória relacionados à língua, ao saber enciclopédico, a práticas interacionais. Esses conhecimentos, resultado de inúmeras atividades em que nos envolvemos ao longo de nossa vida, deixam entrever a intrínseca relação entre linguagem/mundo/práticas sociais.

Bronckart (2001 *apud* MARCUSCHI 2008, p. 221) lembra que “os textos são um objeto legítimo de estudo e que a análise de seus níveis de organização permite trabalhar a maioria dos problemas relativos à língua em todos os seus aspectos”.

Neste caso, é possível que a leitura de gêneros textuais de forma contextualizada, significativa, a análise de recursos linguísticos e estratégias utilizadas pelos escritores nesses textos e que passam a dialogar com os conhecimentos dos estudantes possam favorecê-lo no fortalecimento da escrita no ensino fundamental.

### 2.4.1 O conto literário

O ato de contar histórias faz parte de nosso cotidiano. Compreendemos que esse fato não é recente e muito antes de nossa geração fazê-lo, outras já realizavam essa ação. Gotlib (1990, p. 6) afirma que: “Para alguns, os contos egípcios – Os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4 000 anos antes de Cristo”.

Mesmo cientes de que no ato de contar histórias está imbricada a imaginação, a ficção compreendemos que em tempos muito remotos, mesmo não precisando ao certo quando, homens e mulheres por necessidade de comunicar ao outro de forma real ou não as ações por eles vivenciadas deram início a essa atividade. Sabemos que mesmo antes de termos esse gênero como literatura escrita o mesmo já havia em forma de oralidade sendo passado de geração a geração.

De acordo com Moisés (2012) narrativas bíblicas tanto do antigo quanto do novo testamento também são consideradas contos, porém do oriente surgiram a.C. exemplares típicos de conto. Segundo Gotlib (1990, p. 6) “Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam”.

Sabemos que esse gênero é cultivado em países do Oriente, da Europa, da América e da África há séculos, porém, o seu esplendor, como produto literário acontece a partir do século XIX porque “O conto só adotou verdadeiramente o sentido de forma literária determinada no momento em que os irmãos Grimm deram a uma coletânea de narrativas o título de *Kinder-und Hausmarchen* [Contos para Crianças e famílias]. (JOLLES 1930, p.181)

Esse gênero literário apresenta uma estrutura composta por personagens, tempo, espaço, conflito, clímax e desfecho. Apresenta foco narrativo, trama e uma linguagem marcada pelo diálogo seja ele direto, indireto, indireto livre ou monólogo. “Os diálogos entre personagens funcionam apenas como atualizadores, porém, por vezes, podem funcionar como provocadores de aumento ou quebra de tensão dramática ” (BOTELHO, 1999, p. 111).

Ao abordar sobre esse gênero textual que apresenta dramaticidade, Botelho (1999, p. 111) afirma que “esta é provocada pela tensão interna” e, ainda sobre as características desse gênero que se liga ao ato de contar, que se faz presente na formação das pessoas, que continua sendo produzido por vários contistas e que se aprimora com o contexto a referida autora acrescenta que este gênero “apresenta solidez, unicidade, peculiaridade e um número reduzido de personagens, além de ser denso e breve (BOTELHO, 1999, p. 111).

De acordo com Jolles (1930, p. 204) “O conto se encontra em oposição ao acontecimento real que habitualmente se observa no universo, seu universo próprio está separado da realidade de modo muito mais radical que em qualquer outra forma”. Se temos uma narrativa real não será um conto, mas um relato da realidade. Assim a imaginação vem conferir a esse gênero um caráter de verossimilhança.

Afirmamos que ele é essencial no processo de escolarização. Temos no Brasil há séculos vários contistas que souberam muito bem estruturar o conto trazendo para suas linhas a beleza da invenção, afinal segundo Gotlib (1990, p.76) sobre esse ato afirma que “E o homem contará sempre, por ser o conto a forma natural normal e insubstituível de contar”.

O contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado, seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente, seja para cima ou para baixo do espaço literário. E isto que assim expresso parece uma metáfora, exprime, contudo, o essencial do método (CORTÁZAR, 2011, p. 152)

Segundo Moisés (2012, p. 276) “o núcleo do conto é representado por uma situação dramaticamente carregada: tudo o mais à volta funciona como satélite, elemento de contraste, sem força dramática. Por outras palavras o conto se organiza como uma célula, com o núcleo e o tecido ao redor: o núcleo possui densidade dramática, enquanto a massa circundante existe em função dele, para que sua energia se expanda e sua tarefa se cumpra”. “O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação” (MOISÉS, 2012, p. 268).

De acordo com Porto (2015, p. 112) sobre este assunto temos que:

Ao postularem uma teoria do conto que une perspectiva criativa e teórica, tanto Poe (1976) quanto Cortázar (1974) deixam implícita a premissa de que o conto é resultado de um trabalho consciente do autor e alertam que este deve se cercar de recursos narrativos capazes de lhe garantir o efeito desejado na obra.

Cortázar (2011) compara o conto, enquanto criação literária, a uma fotografia onde tanto o fotógrafo quanto o contista mesmo dispondo de tempo e espaço limitados, devem possibilitar ao leitor a “abertura” para a projeção da “inteligência e da sensibilidade” (Cortázar, 2011, p.152).

Dessa forma, “O tempo e o espaço do conto têm que estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa “abertura” a que me referia antes” (CORTÁZAR, 2011, p. 152). Explicamos, assim, de acordo com os estudiosos

indicados nesta pesquisa o porquê do conto representar essa leitura breve, dramática, capaz de ampliar a capacidade linguística dos estudantes a partir da interação com esse gênero.

## **2.5 Leitura como processo para formação de leitores críticos**

Ler é uma atividade que se tornou, ao longo dos séculos, principalmente com o desenvolvimento das cidades e dos novos ofícios exigidos nessa realidade urbana, essencial para o ser humano enquanto ser social inserido em uma comunidade que se utiliza da escrita para as suas atividades cotidianas.

Se nos dirigimos a um supermercado necessitamos da leitura, se vamos a uma farmácia ela se faz necessária, ao banco nem temos dúvidas em relação à necessidade de se saber ler, indo à igreja a leitura está presente, para manusear um computador, para utilizar o celular, para obter uma carteira de motorista, para elevar o grau de estudo, enfim ela se tornou necessária e presente em praticamente todas as atividades do cotidiano.

Realizamos leituras em todos os momentos. Leitura de imagens, de gestos, de placas, de olhares. A leitura faz parte de nosso cotidiano. Quando olhamos para uma pessoa, coisa ou lugar realizamos leituras e fazemos isso desde muito cedo.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994, p. 5).

E para que tal fato aconteça mobilizamos uma série de conhecimentos adquiridos no meio sociocultural com o qual convivemos desde o momento em que nascemos. Logo, percebemos que quando falamos em leitura, de uma forma geral, nos referimos a uma atividade realizada constantemente pelo homem. Como afirma Paulo Freire, (2011, p. 19-20) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”.

No entanto, observarmos que quando nos referimos à leitura de textos são necessários não só esses conhecimentos de mundo os quais adquirimos ao longo de nossa existência, mas também outros conhecimentos inerentes ao ato de ler. Kleiman (2000, p. 13) afirma que “É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o

conhecimento linguístico, o textual o conhecimento de mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto”. Esses conhecimentos serão aqui explicados:

Conhecimentos linguísticos que abrangem características ligadas à fala, repertório e características dessa fala (padrão, não padrão, regional, gírias, neologismos) adquiridos a partir da interação com a família, comunidade, escola, igreja e através de todos os recursos disponíveis no meio sociocultural.

Conhecimentos textuais que envolvem, por exemplo, àqueles ligados às diferentes estruturas dos textos. Como a comunicação é estabelecida de diferentes modos, também os textos possuem diferentes formas de serem estruturados. Ora nos deparamos com tipologias descritivas, ora com narrativas, ora com textos argumentativos e outras vezes com textos não-verbais. Cada um desses tipos possui suas marcas, características que os distinguem e ao mesmo tempo os confirmam.

Conhecimento de mundo este envolve todos os conhecimentos necessários à compreensão de um texto àqueles apreendidos na vida social, não só na escola, mas também fora dela. Toda essa variedade de informação que adquirimos no cotidiano que termina por se transformar em experiências serão ativadas na hora da leitura contribuindo como conhecimento de mundo, concorrendo para a compreensão do texto.

Sobre o tema, Foucambert (1994) afirma que uma pedagogia voltada para o desenvolvimento da leitura necessita proporcionar à criança condições para aprender a ler baseando-se na relação entre o poder que elas descubrem ter sobre si e sobre o mundo. Assim, afirma que:

Para aprender a ler, enfim, é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem de-quer se trate dos textos da escola, do ambiente, da imprensa, dos documentários, das obras de ficção. (FOUCAMBERT, 1994, p. 31)

A leitura de textos escritos, entretanto, na maioria das vezes, fica associada à ideia de escolarização ligada à escola. No meio em que estamos inseridos enquanto profissionais não é comum os estudantes dirigirem-se a uma biblioteca a fim de, espontaneamente, locarem um livro ou comprar algum para realizar leituras, presentear alguém a não ser que sejam obrigados a fazê-lo.

Muitos são os fatores que concorrem para essa situação os quais vão da falta de hábito, desinteresse e mesmo o despreparo das bibliotecas em relação ao material necessário

para atrair esse leitor. Essa realidade vem fortalecer o fato da leitura atrelada à escola e a uma noção de obrigatoriedade, quando isso não deveria ocorrer.

Diante desse quadro cabe a nós professores pensarmos atividades de leitura no espaço da sala de aula que venham despertar esse leitor para a quantidade de conhecimentos que se encontram inseridos nos textos significativos à construção do indivíduo enquanto sujeito social, uma vez que de acordo com (FOUCAMBERT, 1994, p. 106) “Não há qualquer acontecimento que possa ser compreendido isoladamente da realidade social, considerada em sua extensão e duração”.

Cabe à escola ampliar as habilidades leitoras dos educandos através da mediação do professor a partir de atividades com o texto, considerando a variedade de conhecimentos nele presentes a fim de provocar no estudante/leitor o desenvolvimento de habilidades capazes de ampliar a compreensão para além do que se visualiza no escrito. De acordo com Solé (1998, p. 32)

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

Precisamos pensar a leitura como uma atividade de construção de significados, como diálogo com o outro, como visões de mundo que se entrelaçam e não como decodificação de letras escritas que formam palavras e frases, mas como um todo onde cada escolha se justifica coerentemente e não se deu ao acaso podendo concorrer para a ampliação do conhecimento humano.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994, p. 4).

Dessa forma a leitura na escola deve corresponder a uma atividade de ampliação de saberes, de diálogo consigo e com o outro, de reconhecimentos de experiências e de compartilhamento a fim de possibilitar aos estudantes o desenvolvimento de sua capacidade leitora.

## 2.6 Produção escrita do conto na escola

Por que a tarefa de produzir textos escritos em sala de aula é muitas vezes deixada para segundo plano? Se fôssemos perguntar a diferentes pessoas acerca de um conceito sobre a escrita teríamos inúmeras definições dependendo de quem estivesse sendo interrogado e da ideia formada sobre o assunto.

Pensamos se o ponto de vista de um aluno em relação a esse tema coincide com o pensamento de um professor também sobre o mesmo assunto. Entendemos, nesse caso, que as definições seriam variadas e iriam do conjunto de símbolos para a representação de nosso pensamento até um conjunto de palavras que forma textos com os quais registramos nossa comunicação no cotidiano.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 26) temos que:

A escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictóricas e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideograma (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala.

Atualmente, dada às características do momento sociocultural em que estamos inseridos, a dinamicidade com que as pessoas agem efetivando as ações a fim de facilitar-lhes o viver, e a necessidade do homem de registrar às suas construções perpetuando-as para as novas gerações com diversas intenções a escrita avançou ocupando espaço e tornou-se fundamental nesse contexto e em todos os campos: comercial, educacional, da saúde, social, literário.

Enfim, contratos, registros, bulas, artigos, notícias, dissertações, projetos, atestados, currículos, cartas, mensagem da internet, entre outros, manifestam-se através do texto na modalidade escrita. Na verdade, se formos elencar aqui teríamos uma enorme quantidade de exemplos dos quais a escrita se faz necessário para garantir, perpetuar, assegurar, expor, informar, entreter, entre outras funções. Além do fato de que alguns gêneros literários como o poema, o conto e o romance têm um caráter de gratuidade visto que comunicam sem função pragmática.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 24) “A escrita é um fato histórico e deve ser tratado como tal e não como um bem natural”. E acrescenta: “É forçoso admitir que a escrita hoje tem um papel muito diferente do que aquele que ela tinha em outros tempos e culturas” (MARCUSCHI, 2008, p. 24).

Dessa forma, interrogamos em relação a como a escola vem trabalhando a escrita em sala de aula. Sabemos que esse processo ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelos professores. Se hoje a escrita possui essa função diferente de outros momentos qual seria então o nosso papel enquanto mediadores em relação à produção de textos escritos em sala de aula no ensino fundamental?

De antemão, é interessante entendermos a produção textual como sendo um produto onde se reflete aspectos do meio social e cultural. Nesse sentido Beaugrand (1997:10 *apud* MARCUSCHI, 2008 p. 80) afirma que “É essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”.

De acordo com Koch e Elias (2015, p. 32-36) a escrita pode apresentar-se com três focos diferentes: na língua, no escritor e na interação conforme os seguintes pontos de vista: quando a escrita se centra na língua o importante é o código, não cabendo ao leitor interpretações além do que está posto no papel, registrado como algo acabado. Quando o foco da escrita se centra no escritor o texto apresenta-se como um espaço de transmissão de conhecimento do escritor sobre o leitor que não é considerado, a língua, neste caso, é usada para expressar o pensamento de um para o outro; e quando o foco da escrita se centra na interação, a língua é usada de forma dialógica, num diálogo contínuo entre escritor e leitor.

Ambos são importantes nesse processo. Não há um produtor e um receptor, mas participantes que dialogam entre si a partir do texto escrito que não fora realizado sem antes pensar no leitor e em todo o contexto que envolve essa produção que não se encerra nela, mas que continua com a leitura do leitor. Logo:

Entendemos, pois, a escrita como atividade de produção textual (TORRANCE e GALBRAITH, 1999) que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos e na sua forma de organização, mas requer no interior do evento comunicativo, a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos do escritor, o que inclui também o que esse pressupõe ser do conhecimento do leitor ou do que é compartilhado por ambos (KOCH e ELIAS, 2015, p. 35).

Sabemos da importância da produção de texto em sala de aula a fim de desenvolver no estudante habilidades que venham fortalecer a sua capacidade comunicativa

enquanto sujeitos sociais de forma crítica, autônoma e humana. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's para o ensino fundamental:

Pensar em atividades para ensinar a escrever é, inicialmente identificar os múltiplos aspectos envolvidos na produção de textos, para propor atividades sequenciadas, que reduzam parte da complexidade da tarefa no que se refere tanto ao processo de redação quanto ao de refacção (BRASIL, 1998, P. 76).

Notamos, portanto, que os estudantes, por exemplo, na produção de seus textos, necessitam proceder a algumas estratégias como a seleção de palavras a fim de expressar o que pretendem da forma mais clara possível, pensar como essas palavras são agrupadas, de que forma elas são pronunciadas, dependendo do contexto, qual a grafia adequada, como são utilizadas, qual o sentido que expressam em situações distintas, a estrutura a ser seguida, a quem se dirige o texto produzido.

Quando pensamos sobre o gênero textual em sala de aula percebemos que, na maioria das vezes, nossos estudantes necessitam fortalecer essa prática pois apresentam confusão em reconhecer características deste ou daquele gênero. Concluimos, portanto, que o trabalho com o gênero é essencial para ampliar o desenvolvimento da compreensão do uso de nossa língua por parte dos estudantes. O conto, por exemplo é essencial para o estudante pensar no texto de forma literária, narrativa, ficcional.

Percebemos de imediato que produzir textos escritos não é uma atividade mecânica da qual “fórmulas prontas” venham resolver, mas um diálogo que se estabelece entre pessoas que se utilizam de suas vivências e as organizam através da utilização da linguagem em um determinado contexto. É uma atividade que vai além da transmissão de informações ou codificar ideias. Envolve o conhecimento da língua, as experiências do interlocutor e o significado das escolhas realizadas para formar o texto.

O conto insere-se nesse contexto de produções que circulam socialmente, das quais os estudantes fazem uso durante a vivência do currículo na escola. Logo ampliar a leitura desse gênero através de uma metodologia que desenvolva de forma clara com os educandos a compreensão dos estágios que envolve essa produção, dos recursos léxico-gramaticais que se imbricam na construção desse texto, dos assuntos que se relacionam com o campo do texto lido, do envolvimento conjunto nas descobertas dessa leitura e dessa escrita fortalece o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na escola.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, discutimos os procedimentos metodológicos norteadores desta pesquisa que surgiram a partir do reconhecimento da necessidade de se estudar o uso de elementos léxico-gramaticais, particularmente das circunstâncias associada à leitura e produção do conto na escola. Esclarecemos, neste capítulo, a caracterização da pesquisa, o universo dela e o modo como os dados serão coletados e organizados para a análise, além de apresentar uma proposta didática interventiva, seguindo os princípios do Ciclo de Ensino-Aprendizagem proposto por Martin e Rose (2008) e Martin e Rose (2012).

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa de base sistêmico-funcional. Considerada pesquisa científica pode ser definida como “um conjunto de ações propostas para encontrar a solução para um problema que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos”. (SOUZA, 2013, p. 7). Dessa forma, entendemos que um “trabalho científico que assume a forma dissertativa”, exerce objetivo para demonstrar, mediante argumentos uma tese, que é uma solução proposta para um problema, relativo a determinado tema (SEVERINO, 2000, p. 183).

Tal classificação se divide entre “quantitativa” e “qualitativa”, seguindo a concepção Creswell (2007, p. 35):

Uma técnica quantitativa é aquela em que o investigador usa primariamente alegações pós-positivistas para desenvolvimento de conhecimento (ou seja, raciocínio de causa e efeito, redução de variáveis específicas e hipóteses e questões, uso de mensuração e observação e teste de teorias), emprega estratégias de investigação (como experimentos, levantamentos e coleta de dados, instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos). Por outro lado, uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados.

Embora tenha se defendido durante muito tempo a superioridade da pesquisa quantitativa sobre a qualitativa, atualmente a pesquisa científica não se encontra mais polarizada entre essas duas vertentes. Os últimos estudos abordam uma associação entre ambas as metodologias. Flick (2009, p. 43) afirma:

Um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior ou em definir a outra como sendo a verdadeira abordagem da pesquisa

Barton e Lazarsfeld (1955 *apud* FLICK, 2009. p. 43) “sugerem a utilização da pesquisa qualitativa no desenvolvimento de hipóteses que serão posteriormente testadas por meio das abordagens quantitativas”.

Logo, esse presente trabalho utiliza-se de uma metodologia qualitativa porque identificará, descreverá e contrastará os elementos circunstanciais presentes no corpus analisado a partir da identificação dos diferentes tipos de orações percebidas nas produções narrativas dos textos analisados. É, também, quantitativa uma vez que realizaremos um levantamento em termos de quantidade dos elementos circunstanciais utilizados e identificados nos textos produzidos e dos tipos de orações nos quais estão inseridos.

Tendo como base teórica a LSF, com esse estudo pretendemos, pois, analisar o valor que essas circunstâncias desempenham no sistema de transitividade concebido por essa teoria. Logo, este trabalho trará contribuição para a Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e a formação do leitor crítico.

### **3.2 Universo da pesquisa**

A pesquisa desenvolveu-se numa escola da rede pública da cidade de Carpina em uma turma do turno vespertino, com um quantitativo de 39 (trinta e nove) participantes, sendo, 18 (dezoito) estudantes do sexo masculino e 21 (vinte e uma) estudantes do sexo feminino, inseridos na faixa etária entre 13 a 17 anos. É uma escola predominantemente urbana, situando-se com localização central no município. A mesma atende a estudantes de todos os bairros da cidade, inclusive dos municípios circunvizinhos.

Funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite com três modalidades de ensino: fundamental, médio e EJA - Educação de Jovens e adultos. Conforme o Projeto Político Pedagógico os atuais resultados das avaliações externas apontam para melhores desempenhos e uma crescente perspectiva de melhoria na qualidade do ensino.

### 3.3 Proposta didática

#### 3.3.1 O ciclo de ensino e aprendizagem (CEA)

Apresentamos a seguir a proposta didática referida acima e desenvolvida, em vinte (20) aulas de cinquenta (50) minutos, totalizando vinte (20) horas/aula com a turma do nono ano (9º ano) para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes:

#### **Quadro 05: proposta de ciclo de ensino para o 9º (nono) ano centrado na leitura, escrita e uso das circunstâncias de tempo e lugar**

<b>Etapas</b>	<b>Ciclo de Ensino e aprendizagem</b>	<b>Especificidade</b>	<b>Atividades (Instruções)</b>
Etapa 01	Negociação do Campo  (5 aulas)	Apresentação da instrução da atividade Levantamento dos conhecimentos prévios Exploração do campo (assunto) do conto em estudo: autonomia da mulher a partir do trabalho com o tear Leitura do conto “A moça tecelã”. Produção inicial de conto em sala de aula pelos estudantes.	Debate Visualização de vídeo Leitura Produção de texto inicial
Etapa 02	Desconstrução  (8 aulas)	Caracterização do contexto cultura e de situação Caracterização e identificação da estrutura do gênero Caracterização e identificação das escolhas léxico-gramaticais que representam as circunstâncias Diálogo com outro gênero narrativo: crônica.	Leitura compartilhada “A moça tecelã” Visualização de vídeo Atividade lacunada sobre as circunstâncias Leitura dos textos “Ler melhor viagem” e “A bola”
Etapa 03	Construção conjunta  (4 aulas)	Resgate de conhecimentos sobre o texto estudado Planejamento da atividade coletiva Produção coletiva de um conto	Produzir um conto escrito conjuntamente.
Etapa 04	Construção independente  (3 aulas)	Produção individual de um conto Avaliação crítica Revisão do conto Produção de uma coletânea com os contos produzidos na escola pelos estudantes para o acervo da biblioteca.	Produzir um conto individualmente com uma temática livre, Em duplas reler o conto produzido e revisá-lo apropriando-o às características do gênero. Produzir uma coletânea com os contos escritos na escola para fazer parte do acervo da biblioteca.

#### 3.3.2 O texto literário em discussão no CEA: “A moça tecelã”

O conto “A moça tecelã” (COLASANTI, 2006) é o texto que iniciará a leitura no CEA, foi convidado para leitura na escola devido sua temática e para atender a necessidade de diálogo desejada pela turma em estudo, sobre a mulher na sociedade. O mesmo também dialoga com outros contos de conhecimento dos estudantes de épocas e lugares diferentes, por exemplo: “O mito de Penélope”, narrativa da mitologia grega, onde a personagem principal

utiliza-se da arte de fiar como uma estratégia para ganhar tempo e livrar-se de pretendentes indesejados e “A filha do moleiro”, conhecido por Rumpelstichen, de autoria dos irmãos Grimm (contistas alemães reconhecidos mundialmente pela qualidade das narrativas produzidas).

O conto apresenta uma situação que se relaciona com o real: o drama de uma mulher que, embora trabalhando e sendo feliz, sente-se impulsionada pela cultura do casamento e espera dele um conto de fadas, embora só se depare com o desrespeito e a grosseria e destaca a imagem de uma personagem feminina que age racionalmente dentro de uma situação adversa tecendo sua própria felicidade enquanto pessoa crítica sobre a sua própria vida e autônoma de suas próprias vontades, como especificam a figura e o quadro abaixo:

<b>Figura 3: CARNELÓS, Cristina. Estudo feito para o conto “A Moça Tecelã”. 2009. Aquarela e colagem de fios de lã.</b>	<b>Representação da protagonista em: “A moça tecelã”</b>
	Críticidade
	Objetividade
	Afetividade
	Proatividade
	Autossuficiência
	Humanidade
	Liberdade
<b>Fonte da imagem:</b> < <a href="http://cristinacarnelos.blogspot.com.br/2009/09/estudo-feito-para-o-conto-moca-tecela.html">http://cristinacarnelos.blogspot.com.br/2009/09/estudo-feito-para-o-conto-moca-tecela.html</a> >	Fonte: Autoria própria

Dentre tantos, “A moça tecelã”, apresentou-se ideal para o estudo nessa pesquisa uma vez que traz de forma criativa uma narrativa atual, necessária para o desenvolvimento da leitura crítica pelos estudantes, com um encaminhamento voltado à autonomia do indivíduo.

### 3.4 Escolha do *corpus* e participantes da pesquisa

Durante o Ciclo de Ensino e Aprendizagem realizado em sala de aula, foram produzidos cinquenta e um textos, conforme o quadro que segue.

**Quadro 06: Produções de texto realizadas pelos estudantes no CEA**

Produções de texto realizadas pelos estudantes	
Produções Iniciais	25
Produções Finais	26
Total de Produções Iniciais e Finais	51
Produções iniciais e finais analisadas	04
Produção conjunta analisada	01

Para realização de uma análise mais detalhada dos textos, dividimos o *corpus* desta pesquisa em três partes: (01) um conto literário “A moça Tecelã” da autora Marina Colasanti (2006, p. 9 -14); (02) quatro produções textuais do gênero conto selecionados, que mais dialogam com a personagem do texto “A moça tecelã” estudado, entre um total de 25 (vinte e cinco) produções iniciais e 26 (vinte e seis) produções finais produzidas por alunos do 9º (nono) ano do ensino fundamental no decorrer da realização de uma proposta didática – CEA , realizada durante os meses de maio e junho de 2016; e parte 03 – um texto coletivo produzido em sala conjuntamente antes da produção independentes dos estudantes. Nem todas as produções independentes puderam ser analisadas visto a não-disponibilidade de alguns alunos a participar das atividades e da pesquisa.

No quadro abaixo apresentamos uma descrição da organização da parte 02 citada acima referente às produções textuais escritas realizadas em sala de aulas pelos estudantes.

**Quadro 07: Situação dos participantes da pesquisa**

Situação dos participantes na pesquisa		
-	Quantidade	Textos dos alunos
Estudantes que realizaram apenas a produção inicial	01	01
Estudantes que realizaram apenas a produção final	02	02
Estudantes que participaram da produção inicial e final	24	48
Estudantes que não entregaram a produção escrita	05	00
Estudantes que se recusaram a ter o texto analisado na pesquisa	07	00
Total de estudantes	39	51

A seleção para escolha dos quatro textos que serão analisados detalhadamente dar-se-á da seguinte forma: inicialmente serão excluídos os textos cujos participantes não realizaram as duas produções (PI e PF) ou se recusaram a ter o texto usado para a pesquisa. Em seguida será feito uma leitura das produções que participaram da Produção Inicial e Produção Final (doravante PI e PF, respectivamente). Todas as análises dos textos que formam o *corpus* serão analisadas durante a descrição do CEA.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS E DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados de um Ciclo de Ensino e Aprendizagem, (doravante CEA), proposto a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Município de Carpina - PE com foco na leitura e na produção escrita de conto e sua relação com o uso de elementos circunstanciais da oração, distribuídos em duas partes:

- i. descrição das atividades realizadas durante as etapas do Ciclo de ensino-aprendizagem centrado na leitura – gênero da família estória – e na produção de conto;
- ii. análise do contos “A moça tecelã” (COLASANTI, 2006, p. 9 - 14) e as produções (iniciais e finais) e a produção conjunta produzidas durante o Ciclo de ensino-aprendizagem sob o enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional, especificamente o Sistema de Transitividade (destacando os elementos circunstancias de tempo e lugar).

### 4.1 Ciclo de ensino e aprendizagem (CEA) centrado no gênero conto

Neste estudo, apresentamos um Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA) vivenciado em sala de aula com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, baseado na perspectiva da “Escola de Sydney<sup>12</sup>” (ROTHERY, 1994; MARTIN E ROSE, 2008; ROSE e MARTIN, 2012), destacando a leitura e a produção escrita de contos e sua relação com o uso de elementos circunstancias de tempo e lugar.

Conforme os estudiosos australianos, um Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA) corresponde a uma prática realizável na escola básica no sentido de auxiliar os trabalhos de leitura e de escrita dos estudantes, uma vez que essas atividades têm se revelado desafiante para os professores, exigindo estratégias por parte dos mesmos e apropriação do conhecimento por parte dos educandos a fim de efetivá-las com sucesso, como afirma Muniz da Silva (2015, p. 35)

Um critério para utilizar, em sala de aula, o ciclo de aprendizagem baseado em gêneros é a escolha de textos-modelo que os estudantes precisam aprender. Após a

---

<sup>12</sup> O programa da escola de Sydney, cujo nome foi cunhado pela primeira vez em 1994 para se referir aos trabalhos desenvolvidos no Departamento de Linguística da Universidade de Sydney, visava possibilitar aos estudantes o sucesso na escrita através dos gêneros que faziam parte do currículo escolar por meio de um ensino de língua perpassado pela produção de texto como processo social apresentado em Rose e Martin (2012, p. 1) como “staged goal-oriented social process”.

seleção dos textos, o/a professor/a prepara as atividades de leitura, escrita e análise linguística, descrevendo e analisando os gêneros curriculares, a fim de que os estudantes desenvolvam habilidades para leitura e produção de textos. [...] O conhecimento dos gêneros e sua relação com as práticas sociais é que possibilita desenvolver a percepção sobre como os gêneros se relacionam, como se assemelham e como se diferenciam.

Segundo Rothery (1996 *apud* RIVERA, 2014, p. 19) “ o conceito de ciclo implica que os estágios são flexíveis e recorrentes, permitindo instrução para iniciar em qualquer estágio ou retornar aos anteriores dependendo da familiaridade e domínio dos estudantes com o gênero<sup>13</sup>”.

Dessa forma, as ações descritas e discutidas a seguir referem-se às atividades sistematizadas e experienciadas no Ciclo de Ensino e Aprendizagem, o qual envolve a leitura e a escrita de conto e sua relação com o uso de elementos circunstanciais em narrativas.

A escolha de elementos circunstanciais liga-se ao fato desse gênero conter unidade de ação que é a “sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam” (MOISÉS, 2012, p. 268) e, referindo-se essa unidade Moisés (2012, p. 268), afirma que “a ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente”. Dessa forma, os elementos circunstanciais de tempo e de espaço estão ligados à unidade de ação externa deste gênero ficcional.

Muniz da Silva (2015, p. 27- 30) realizando um estudo sobre gêneros como processo social, apresenta a narrativa como um gênero com etapas definidas, incluída na família das histórias, comum em todas as culturas, com vistas a solucionar uma complicação no sentido de engajar e entreter leitores a partir do uso da linguagem.

Logo, entendemos o conto enquanto narrativa unívoca (MOISÉS, 2012, p. 268), “gênero literário e expressão literária” (CORTÁZAR, 2011, p.150), “invenção” (GOTLIB, 1990, p.12 - 13) e “relato de um só incidente” (BOTELHO, 1999, p. 111) como mais uma possibilidade de se estudar a língua em uso na sala de aula ampliando a capacidade comunicativa dos educandos inserida na proposta do ciclo de ensino e aprendizagem, visualizando os elementos circunstanciais de tempo e lugar a partir da “noção de gêneros

---

<sup>13</sup> The cycle concept implies that these stages are flexible and recursive, allowing instruction to start at any stage or to return to previous ones depending on students’ familiarity with and mastery of the genre (Rothery, 1996 *apud* RIVERA, 2014, p. 19).

adotada pela Escola de Sydney – definido como processo social orientado para um propósito e estruturado em etapas” (MUNIZ DA SILVA, 2015, p. 26).

Nessa perspectiva o (CEA) descrito e analisado aqui foi desenvolvido em sala de aula durante 20 (vinte) aulas de 50 minutos cada e segue quatro momentos: (i) negociação do campo; (ii) desconstrução, (iii) construção conjunta e (iv) construção independente.

#### 4.1.1 Negociação do campo

Abordando sobre o estágio *Negotiating field*, ou seja, negociação do campo, que se insere no projeto *Language and Social Power*, Rose e Martin (2012, p. 65) afirmam que “essa foi uma etapa adicionada para enfatizar a importância do compartilhamento de experiências sobre o assunto no ensino de gênero<sup>14</sup>”.

Esse fato nos chama atenção porque nessa etapa, o professor possibilitará aos estudantes, antes da desconstrução do texto, uma preparação para o trabalho de leitura e da escrita embasado no gênero conto. Segundo Rose e Martin (2012, p. 65), nessa etapa, precisamos identificar “o campo, a parte que será explorada, o que os estudantes já conhecem sobre o assunto, as experiências<sup>15</sup>”. Todas as atividades selecionadas farão parte da exploração desse campo, sua organização e registro. Dessa forma, para os autores, o trabalho com o campo permitirá ao professor associar os assuntos trabalhados ao currículo escolar, através de atividades organizadas, como por exemplo, “debates, construção de textos específicos”.

Em consonância com o currículo escolar para o ensino fundamental do Estado de Pernambuco, esta etapa teve início neste trabalho de pesquisa no mês de maio de 2016 e foi integralmente vivenciada com os estudantes de forma oral e escrita em cinco aulas de cinquenta (50) minutos, totalizando 5 horas/aula, através do resgate de conhecimentos prévios a respeito de temáticas presentes no campo do texto a ser lido posteriormente pelos educandos, permitido pelo debate, exposição de opiniões, visualização de vídeos e leituras, conforme descrito no quadro que segue:

---

<sup>14</sup> [...] in addition a fourth stage, *Negotiating Field*, has been added, to emphasise the importance of shared experience of the subject matter when teaching genre. (Rose e Martin, 2012, p. 65)

<sup>15</sup> [...] what the field is, what part of it we will exploring, what the students already now about it, what experiences, activities will be part of the exploration. (Rose e Martin, 2012, p. 65)

**QUADRO 08: Distribuição das atividades da Negociação do Campo**

<b>Negociação do Campo – 1ª ETAPA (CEA)</b>		
<b>Instrução</b>	<b>DEBATE</b>	<b>AULAS</b>
<b>Inst (01)</b>	Há diferenças entre as expectativas de uma mulher de hoje e de outras décadas? Por quê? Quais expectativas as mulheres demonstram atualmente? Vocês recordam de algum conto tradicional que a personagem seja mulher? Qual? Como elas são apresentadas?	<b>01</b>
<b>Inst (02)</b>	Tear e tecer são nomes comuns ao nosso cotidiano? O que significam esses nomes? Para que serve um tear? Por quem esses objetos eram mais utilizados?	<b>01</b>
<b>VISUALIZAÇÃO DE VÍDEOS</b>		
<b>Inst (03)</b>	Visualização de dois vídeos abordando sobre o tear <sup>16</sup> .	<b>01</b>
<b>LEITURA EM CASA</b>		
<b>Inst (04)</b>	Leitura em casa do conto “A moça tecelã”	-
<b>PRODUÇÃO ESCRITA INICIAL</b>		
<b>Inst (05)</b>	Considerando o debate, a visualização dos vídeos e a leitura do conto “a moça tecelã”, produza por escrito e individualmente um conto (o assunto fica a critério do aluno):	<b>02</b>

Como mostra o Quadro 08, iniciamos a primeira aula com a instrução 01, a partir de indagações, possibilitando um debate – gênero oral indicado no currículo do ensino fundamental para este ano, para discutir sobre o assunto/temática do conto que será lido pelos estudantes do 9º ano posteriormente. Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (2014, p. 33) relaciona o campo “ao que está acontecendo na situação: (i) a natureza da atividade social e semiótica; e (ii) o domínio da experiência que a atividade está relacionada (o assunto ou tópico)<sup>17</sup>”.

Na ocasião, (ainda na instrução 01), os estudantes de uma forma geral admitiram, através de suas experiências na comunidade, nos registros verbais e não verbais, identificar diferenças entre as expectativas das mulheres em épocas diferentes, atribuindo essas diferenças ao fato da mulher hoje em dia ter mais direitos.

Quanto às expectativas demonstradas pelas mulheres atualmente, apresentaram algumas respostas como as elencadas abaixo:

Ex (01) “Arrumar um namorado” (aprendiz 27)

Ex (02) “Trabalhar fora” (aprendiz 15)

Ex (03) “Estudar” (aprendiz 30)

Ex (04) “Não depender do marido” (aprendiz 32)

Ex (05) “Ser feliz” (aprendiz 05)

<sup>16</sup> Vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=x3tArw0lbrU> (vídeo 01) e <https://www.youtube.com/watch?v=fe9426RmTwM> (vídeo 02)

<sup>17</sup> what’s going on in the situation: (i) the nature of the social and semiotic activity; and (ii) the domain of experience this activity relates to (the ‘subject matter’ or ‘topic’)

Ex (06) “Comprar suas próprias coisas” (aprendiz 06)

Ex (07) “Ser independente” (aprendiz 09)

Ex (08) “Ter poder” (aprendiz 37)

Ex (09) “Assumir cargo político” (aprendiz 32)

Em síntese, grande parte dos estudantes afirma que, atualmente, a preocupação da mulher é ser independente através de seu trabalho e não através do casamento. Na oportunidade refletimos sobre o fato de que em outros momentos a mulher não tinha o direito de opinar nas decisões que diziam respeito a elas mesmas, não podiam votar, e eram preparadas para o casamento, procriação, e à vida doméstica. Confirmado por Sandrini (2014, p. 3) quando afirma que essa secular história de subordinação ligada às mulheres associasse a diferenciação dos papéis sociais construídos ao longo dos anos”.

Ainda na instrução 01, quando perguntamos: Vocês recordam de algum conto tradicional que a personagem seja mulher? Qual? Como elas são apresentadas? Os aprendizes afirmaram que sim e que a mulher está sempre presente nas histórias que leem, nos filmes, entre outros. Chamamos a atenção para os contos tradicionais, mais conhecidos. Nesse momento, citaram a história de Cinderela, Branca de neve, Rapunzel e A Bela e a Fera. Pois como esclarece Cosson (2012, p. 54) “ O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”.

O objetivo aqui era possibilitar uma aproximação dessas imagens presentes nos contos tradicionais comum ao conhecimento da turma através desse resgate estabelecendo uma ponte a fim de facilitar a percepção da apresentação da personagem feminina no texto base a ser lido posteriormente.

Alguns estudantes expuseram também que as mulheres nesses contos se apresentam muito bonitas e, geralmente, há a presença de um príncipe que vem para “salvá-las” de alguma situação, casam-se e são felizes para sempre.

Na aula seguinte, continuamos a atividade de aplicação do ciclo com a instrução 2. Na ocasião, questionamos o significado a partir da escrita no quadro dos nomes tear e tecer. No momento, os estudantes afirmaram que não eram palavras usadas no cotidiano. Houve risos porque associaram tear a teia de aranha.

Após esse momento inicial de tentativas através das associações da palavra com outras com as quais se relacionam como tecido, tecelã e tecelagem, usamos, também, um dicionário para apoiar a discussão. E um dos estudantes leu em voz alta para a turma que “tear” e “tecer” segundo Ferreira (2001 p. 701 - 702) significam:

*s.m.* Aparelho de tecer, urdir. E tecer de acordo com Ferreira *v.t.d.* 1- Entrelaçar regularmente os fios de. 2- Fazer (teia ou tecido) com fios. 3- Engendrar, armar. 4. Compor, entrelaçando. 5 - *Fig.* compor (obra que exige trabalho e cuidado). *Int.* 6. Exercer o ofício de tecelã. P. 7. Enredar-se.

Aproveitamos a oportunidade para explicar que o tear se tratava de um objeto, um aparelho muito utilizado pelas mulheres durante os séculos XVIII e XIX em nosso país para tecer a fim de se produzir o tecido para confecção de roupas, redes, tapetes, entre outros. Nesse contexto, Lima (2010, p.1) explica que “o envolvimento das mulheres com a produção têxtil é algo que remonta as civilizações milenares”. E realizando um estudo sobre esse campo de pesquisa, Lima (2010, p. 2) observou que tanto no Brasil quanto em outros países a função de tecer também era reservada às mulheres conforme se percebe no trecho abaixo:

No Brasil e, mais especificamente, em Minas Gerais isso não foi tão diferente. Durante o final do século XVIII e boa parte do século XIX, muitas mulheres brancas, negras, livres, escravas, ricas e pobres se encarregaram de fiar e tecer para vestir a si mesmas, a sua família e boa parte da população provincial, numa dinâmica e importante produção têxtil artesanal caseira, contribuindo, não só para manutenção e sustento da casa, mas, também, para produzir a riqueza da Província.

Logo após essa atividade, visualizamos dois vídeos disponíveis nos links citados no Quadro 01 acima, instrução 03 a fim de possibilitar uma maior compreensão sobre assuntos que se relacionam com o campo do texto “A moça tecelã” e, dessa forma, preparar os estudantes para a leitura propriamente dita desse conto, pois segundo (Martin, 1999, p.129) o trabalho com o campo permitirá “dar suporte às tentativas de leitura e escrita dos estudantes<sup>18</sup>” a fim de ampliar neste caso, o letramento literário “ fundamental no processo educativo” (COSSON, 2012, p. 30).

O primeiro vídeo, filmado na FENIT – 2006 (Feira Nacional da Indústria Têxtil – 2006), e produzido pela Pulsare Filmes intitulado “Tecelagem primitiva”, Zélia Scholz, artesã na área da tecelagem, explica uma breve história do tear primitivo que segundo ela, antecedeu a revolução industrial. O vídeo ainda conta com cenas da linha sendo tecida em um tear. Na sequência mostra o resultado do trabalho de tecelagem com tecidos já trabalhados e prontos para uso. Scholz também demonstra como é produzida a linha, material necessário ao trabalho com o tear.

O outro vídeo é um quadro do programa “Vida Melhor”, televisionado pelo canal REDEVIDA. No programa, Márcia Ester, artesã, demonstra como produzir, atualmente, um tapete com um tear, o qual ela chama de “tear de pente liso”. No processo, ela mostra como

---

<sup>18</sup> A commonly held understanding of the topic allows you to support your student’s attempts to write and read. (Martin, 1999, p.129)

usar o equipamento e como fazer a trama até que esteja pronto o tapete. Na sequência, a artesã mostra o tapete pronto e divulga seu trabalho como tecelã e mostra que também podem ser confeccionadas roupas com o tecido feito no tear.

Após a atividade dois estudantes expuseram que já tinham ouvido o nome tear e tecer, embora não soubessem o que significavam. Essas afirmações demonstram a importância do momento de preparação para a leitura, citado anteriormente, de forma a embasar os educandos a respeito do campo relacionado às leituras realizadas em sala para que compreendam o texto com mais propriedade.

Nessa mesma aula, entregamos aos estudantes o conto “A moça tecelã” a fim de que realizassem em casa uma leitura prévia anterior à etapa seguinte onde o texto será desconstruído possibilitando de acordo com o que afirma Solé (1998, p. 114) uma maior interação dentro desse processo que se iniciou na instrução 01.

Nas aulas que se sucederam pedimos aos estudantes que realizassem a produção de um conto a partir do debate realizado em sala, das experiências adquiridas naqueles momentos, dos vídeos assistidos e da leitura do texto base. Deixamos os mesmos livres para produzir o texto a partir da temática que mais lhes interessassem.

Escolhemos o conto uma vez que para esse ano de ensino o currículo do ensino fundamental sugere o trabalho com esse gênero literário durante as quatro unidades didáticas.

As produções iniciais foram analisadas se correspondiam ao gênero solicitado e para se chegar a essa conclusão, usamos a estrutura de Labov, linguista americano, (1972, p. 362-363), que apresenta uma sintaxe da narrativa e como a mesma se estrutura em seis estágios: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda, Moisés (2012) sobre o conto como uma narrativa unívoca, gênero ficcional, Martin e Rose (2008) sobre os gêneros narrativos da família estória e Hansen (2006, p. 71, grifo do autor) quando afirma sobre verossimilhança que:

De todo modo, é útil lembrar: *a verossimilhança é uma relação de semelhança entre discursos*. Ou seja: a verossimilhança decorre da relação do texto de ficção não com a realidade empírica da sociedade do autor, mas da sua relação com outros discursos da sua cultura, que funcionam como explicações ou causas da história narrada, tornando-a adequada àquilo que se considera natural, habitual e normal que aconteça na realidade e como realidade.

Realizando um levantamento dos vinte e cinco textos iniciais identificamos os seguintes campos escolhidos pelos estudantes para produção dos mesmos.

**Quadro 09: Campo das produções iniciais<sup>19</sup>**

CONTEXTO DE SITUAÇÃO					
	TÍTULO	CAMPO	RELAÇÃO	MODO	
				TEXTO	GÊNERO
PI01	Uma grande Amiga	Amizade	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI02	O moço da esquina	Medo de estranhos	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI03	O Espírito que abitava Na floresta	Perpetuação à proteção da floresta	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI04	A Menina e Seus Lindos olhos azuis	Casamento	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI05	O tapete	Compra de objeto	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI06	Em Busca da felicidade	Ascensão social	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI07	O pequeno Sapo	Aceitação	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI08	A moça tecelã	“A moça tecelã”	Narrador/leitor	Narrativo	Observação
PI09	O índio júnior	Ataque a uma tribo indígena	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI10	A caça Inesquecível	Caça	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI11	o menino perdido	A busca por maçãs	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI12	A empregada e Sua Rainha	Abuso de poder	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI13	A MOÇA LINDA RAPAÇ SUJO	Paixão	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI14	A menina e a sua amiga fada	Morte dos pais	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI15	A menina que realiso seus sonho	O desejo de ter uma família	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI16	“ Eu e Ele”	Namoro	Narrador/leitor	Narrativo	Narrativa
PI17	Os resultados de um feitiço	Brincadeira de mau gosto	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI18	A grande Viagem	Fuga da realidade	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI19	Quem são eles Halyber?	Desobediência	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI20	A dificuldade de morar na fazenda	Êxodo rural	Narrador/leitor	Narrativo	Relato
PI21	O pequeno Jogador	Futebol	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI22	O amor e a fada	Festa	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI23	O Arraial do Fundamental	Evento na escola	Narrador/leitor	Narrativo	Relato
PI24	JOÃO E SUA PRIMEIRA GALINHA	Ascensão Social	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PI25	Ler – melhor viagem	Leitura	Contista/leitor	Narrativo	Conto

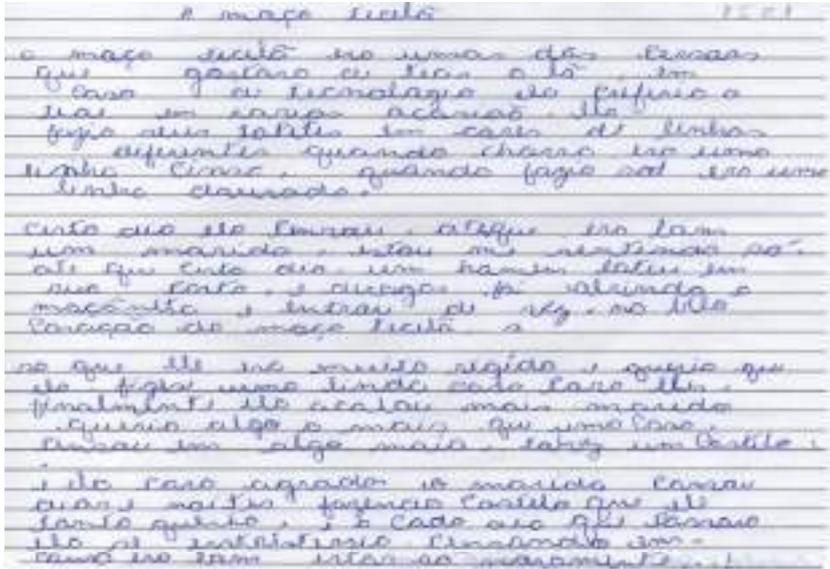
Destacamos neste momento os seguintes gêneros produzidos: observação, conto e narrativa conforme explicados aqui e exemplificado nos quadros que seguem:

<sup>19</sup> Mantivemos nesta dissertação os registros dos estudantes conforme foram escritos por eles.

Muniz da Silva (2015, p. 30) abordando sobre os gêneros da família das estórias conceitua que: “As observações são estórias que envolvem a descrição de um evento significativo, seguida por um comentário pessoal que aprecia algum aspecto, valorizando-o positiva ou negativamente”.

Martin e Rose (2008, p. 65) explicando sobre a “observação (observations-commenting on events) apresenta esse gênero, na família das estórias (family of story genres)” e afirmam que neste caso, em vez de se produzir uma sequência de ações o narrador privilegia eventos não dinâmicos retratados de forma parada sobre os quais incidem os comentários conforme se observa na produção escolar abaixo:

**Quadro 10: Gênero “observação” escrito pelo aprendiz PI08**

Título	A MOÇA TECELÃ
PI08	 <p>A moça tecelã era umas das Pessoas que gostava de tecer a lã, em casa de tecnologia ela preferia o teae em varias ocasião. ela fazia seus tapetes em cores de linhas diferentes quando chovia era uma linha cinsa, quando fazia sol era uma linha dourada.</p> <p>Certo dia ela pensou, ateque era bom um marido, estou me sentindo só. ate que certo dia, um homem bateu em sua porta, e devagar foi abrindo a maçaneta e entrou de vez no coração da moça tecelã...</p> <p>so que ele era muito rígido e queria que ele fizesse uma linda casa para eles, finalmente ela acabou mais marido queria algo a mais que uma casa. Pensou em algo maio, talvez um castelo e ela para agradar o marido passou dias e noites fazendo castelo que ele tanto queira, e a cada dia que passava ela se entristessia pensando em como era bom estas só novamente...!</p>
Estágios da Narrativa	
<b>Orientação</b>	a moça tecelã era umas das Pessoas que gostava de tecer a lã, em casa de tecnologia ela preferia o teae em varias ocasião. ela fazia seus tapetes em cores de linhas diferentes quando chovia era uma linha cinsa, quando fazia sol era uma linha dourada.
<b>Evento</b>	Certo dia ela pensou, ateque era bom um marido, estou me sentindo só. ate que certo dia, um homem bateu em sua porta, e devagar foi abrindo a maçaneta e entrou de vez no coração da moça tecelã...
<b>Comentário</b>	so que ele era muito rígido e queria que ele fizesse uma linda casa para eles, finalmente ela acabou mais marido queria algo a mais que uma casa. Pensou em algo maio, talvez um castelo e ela para agradar o marido passou dias e noites fazendo castelo que ele tanto queira, e a cada dia que passava ela se entristessia pensando em como era bom estas só novamente...!

Verificamos através da organização do texto no quadro 10 que a produção realizada apresenta um comentário construído a partir das experiências vivenciadas pelos personagens do conto lido anteriormente “A moça tecelã”.

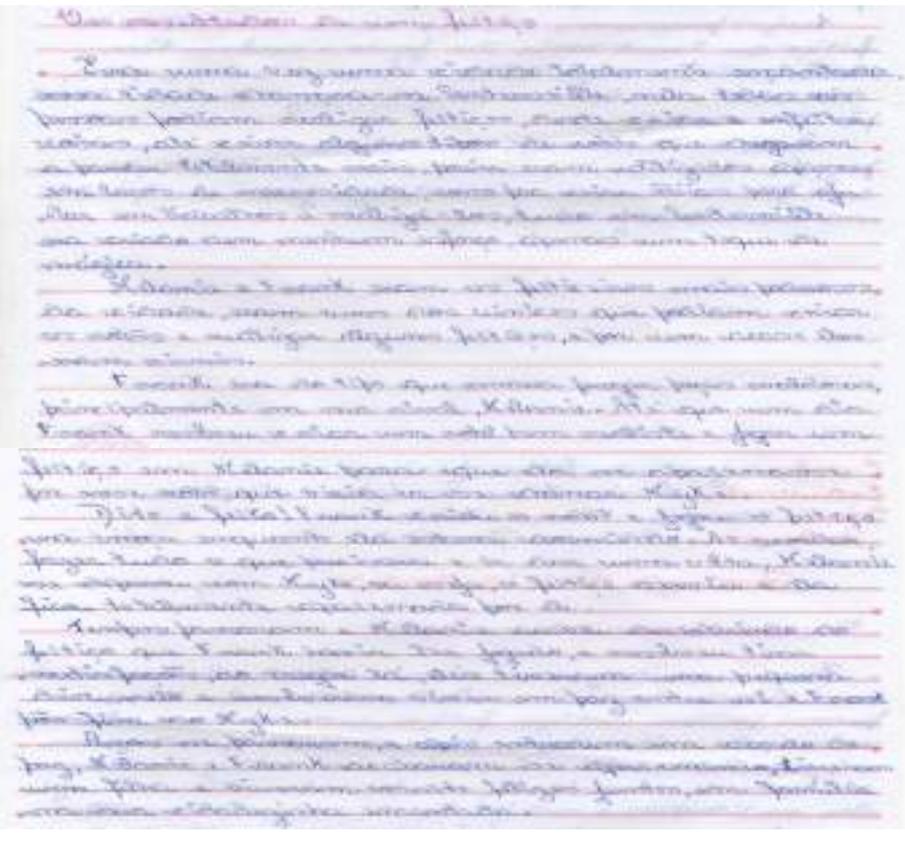
Identificamos neste caso um gênero diferente daquele solicitado na instrução 05 da negociação do campo, entendido de acordo com Martin e Rose (2008) como “observação” caracterizada pelos estágios: orientação, evento e comentário, diferentes daqueles que caracterizam o conto que envolve como já falamos em outros momentos nesta pesquisa, a invenção de uma estória com personagens, espaço, tempo, ações, ponto de vista do narrador, um conflito a ser solucionado no desfecho, entre outras.

Observamos que, na orientação, o educando apresenta o comportamento da personagem principal enfatizando escolhas e preferências da mesma, o que ela fazia e como fazia e no estágio do evento o estudante descreve acontecimentos significativos experienciados pelas personagens do conto lido anteriormente, finalizando com os comentários avaliativos do comportamento do marido da moça tecelã como “rígido” e em relação a moça tecelã como uma pessoa que queria “agradar” o marido embora entristecendo a si mesma.

Essa produção textual revela a realidade de muitos aprendizes que precisam apropriar-se das características do gênero e como organizar essa produção para alcançar a construção de um conto. Ratificamos neste caso a necessidade de uma prática escolar de ensino da língua associada à leitura e à produção do texto numa concepção da pedagogia de gêneros.

Segundo Moisés (2012, p. 276) O conto é comparado a uma célula, dessa forma possui um núcleo e um material que o envolve. Em ambas as partes concorrem componentes como: personagens, ação, espaço e tempo. No entanto, é apenas no núcleo onde o conflito, por meio da ação dramática, acontece. Botelho (2011, p.111) nota que “ no conto literário a ação já se inicia próxima ao clímax e conseqüentemente também próxima do desfecho, o que contribui para a maior tensão dramática desse gênero. ”E “narrar é um exercício criador que pressupõe a ideia de ponto de vista” (MOISÉS, 2012, p. 292) e ainda, abordando sobre esse tópico, Moisés (2012, p. 499) explica que, diferente do romance, onde percebemos diferentes pontos de vista em uma mesma obra, no conto o foco narrativo prevalece invariável a fim de possibilitar o andamento da ação dramática conforme verificaremos no conto a seguir produzido por um aprendiz do ensino fundamental.

Quadro 11: Gênero “conto” produzido pelo aprendiz PI17

Título	OS RESULTADOS DE UM FEITIÇO
PI17	
Estágios da Narrativa	
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Era uma vez uma cidade totalmente encantada, essa cidade chamava-se Centerville, nela todas as pessoas podiam realizar feitiços, desde criar e enfeitar coisas, até criar alguns tipos de robôs que chegavam a parecer totalmente reais, porém eram utilizados apenas em casos de necessidade, como pra criar idéias para ajudar em trabalhos e valorizá-los, tudo em Centerville era criado sem nenhum esforço, apenas um toque de mágica. Melanie e Frank eram os feiticeiros mais poderosos da cidade, eram uns únicos que podiam criar os robôs e realizar alguns feitiços, e por um acaso eles eram rivais. Frank era do tipo que amava pregar peças maldosas, principalmente na sua rival, Melanie.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Até que um dia Frank resolveu criar um robô bem realista e jogar um feitiço em Melanie para que ele se apaixonasse por esse robô, que viria a se chamar Myke. Dito e feito! Frank criou o robô e jogou o feitiço na moça enquanto ela estava dormindo. Ao acordar, fazer tudo o que precisava e ir dar uma volta, Melanie se deparou com Myke, ou seja, o feitiço serviu e ela ficou totalmente apaixonada por ele.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Tempos passaram e Melanie acabou descobrindo o feitiço que Frank havia lhe jogado, e resolveu tirar satisfações,</p>
<b>Resolução</b>	<p>ao chegar lá, eles tiveram uma pequena discussão e resolveram viver em paz entre si e Frank pôs fim ao Myke. Anos se passaram, e após entrarem em acordo de paz, Melanie e Frank acabaram se apaixonando, tiveram uma filha e viveram muito felizes juntos, em família na sua cidadezinha encantada.</p>
<b>Coda</b>	

Neste texto inserido no quadro 11, o aprendiz inventou uma estória de amor que, marcada pela presença de um robô, Mike, retoma os contos de fadas onde no final, depois de resolvido o conflito as personagens principais representadas pelos feiticeiros rivais – Melanie e Frank terminam se casando, tendo uma filha e sendo felizes para sempre.

A narrativa utiliza-se de elementos como: magia e feitiços, tem como cenário uma cidade imaginária, Centerville, considerada pelo narrador como encantada, desenvolve-se sem um tempo cronologicamente determinado, sob o ponto de vista de um narrador onisciente que sabe dos pensamentos das personagens conforme se percebe nestes trechos: “[...] um dia Frank resolveu criar um robô [...] e jogar um feitiço em Melanie para que ele se apaixonasse por esse robô, que viria a se chamar Myke”; “[...] e ela ficou totalmente apaixonada por ele”.

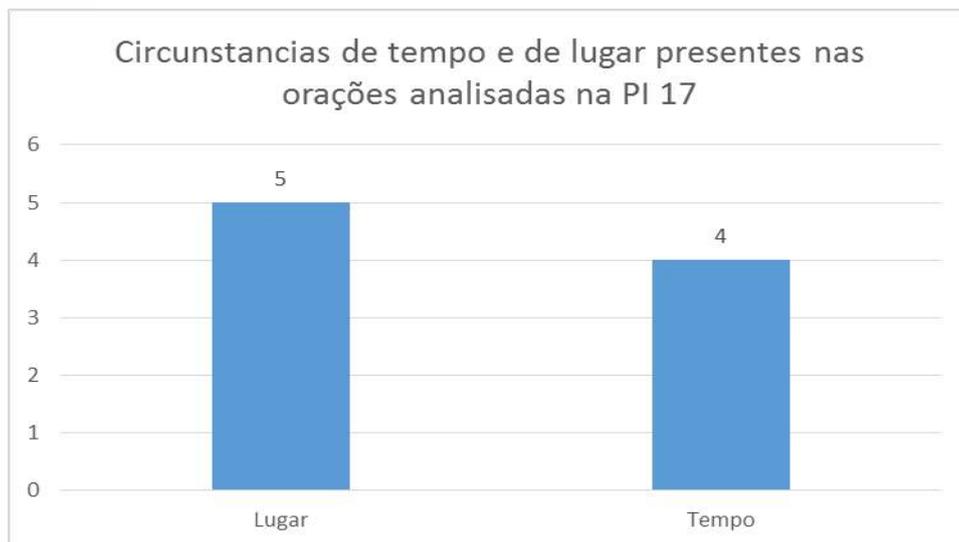
Nesta situação, o narrador revela-se conhecedor do íntimo das personagens uma vez que sabe o que se passou nas ideias delas e o que lhes acontecerá no futuro (resolveu criar um robô [...] que viria a se chamar Myke), além de saber seus sentimentos (ficou totalmente apaixonada). Analisando os elementos léxico gramaticais de tempo e lugar nesta produção percebemos a presença de circunstâncias de lugar e tempo relacionadas aos processos conforme se observa no quadro abaixo:

**Quadro 12: Circunstâncias x processos presentes no conto pelo aprendiz PI17**

Circunstâncias presentes na PI17	M A T E R I A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L	R E L A C I O N A L	V E R B A L	E X I S T E N C I A L	T E M P O	L U G A R
Era uma vez uma cidade...						X	X	
[...]nela todas as pessoas podiam realizar feitiços [...]	X							X
[...]tudo em Centerville era criado sem [...]	X							X
[...]eram os feiticeiros mais poderosos da cidade[...]				X				X
Até que um dia Frank resolveu criar um[...]			X				X	
[...]e jogou o feitiço na moça[...]	X							X
Anos se passaram[...]	X						X	
[...]e após entrarem em acordo de paz[...]	X						X	
[...]viveram ...na sua cidadezinha encantada[...]		X						X

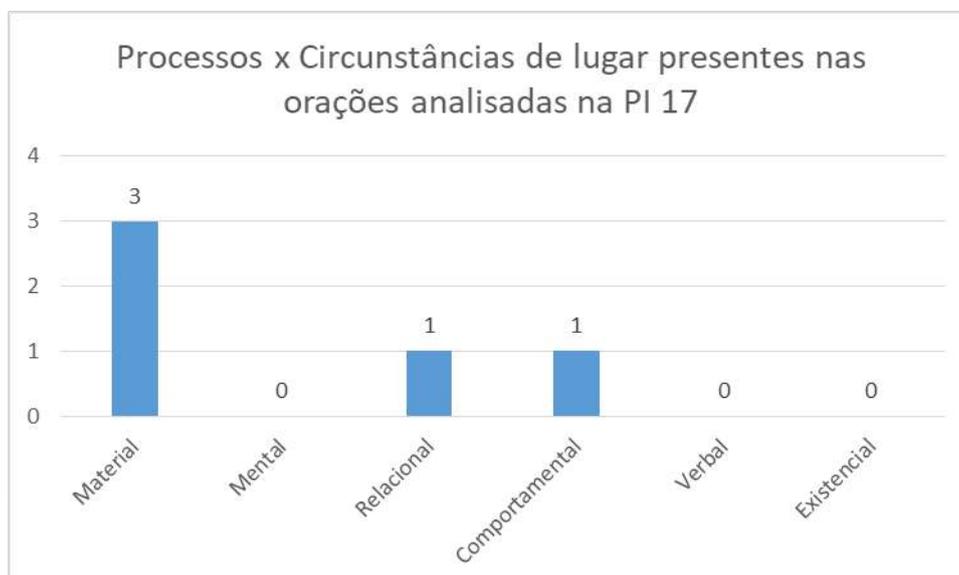
Tomando por base o sistema de transitividade, identificamos, nestas orações, presentes na PI 17 produzida na escola pelo estudante a escolha das circunstâncias de lugar com cinco (05) ocorrências, sendo três (03) ligadas ao processo material, uma (01) ocorrência ligada ao processo relacional e uma (01) ao processo comportamental. Em relação às circunstâncias temporais houve quatro (04) ocorrências sendo duas (02) delas ligadas ao processo material, uma (01) ao processo mental e uma (01) ao processo existencial.

Gráfico 1 - Circunstancias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na PI 17



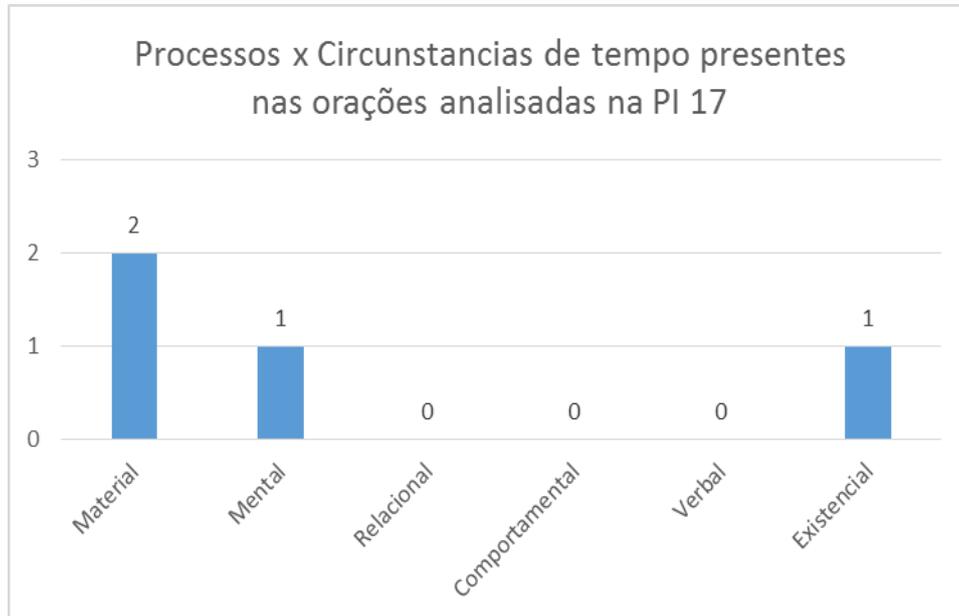
Podemos notar no gráfico 1 que há uma realização de elementos tanto espaciais quanto temporais para efetivar a construção do sentido do conto produzido na escola pelo aprendiz.

Gráfico 2 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PI 17



Em relação às informações do gráfico 2 verificamos a escolha de elementos circunstanciais de lugar relacionados aos processos material, relacional e comportamental.

Gráfico 3 - Processos x Circunstancias de tempo presentes nas orações analisadas na PI 17



Para indicar a circunstância de tempo o aprendiz na produção inicial 17 relaciona esses elementos aos processos: material, mental e existencial.

Em relação à ideia de lugar os advérbios e locuções adverbiais usados representam: localização do espaço da narrativa, localização das personagens no espaço, localização de ação das personagens no espaço. Quanto às indicações de tempo temos referência a tempo indefinido, limite de tempo, sucessão do tempo da narrativa. Assim verificamos que o estudante nessa produção inicial conseguiu atender à solicitação pedida na instrução 05 da negociação do campo quando produziu um texto que se caracteriza como sendo um conto. Percebemos pela produção do aprendiz uma ideia de conto voltada para os contos de fada considerados tradicionais o que revela a necessidade da escola em apresentar nesse contexto outras variedades alargando os conhecimentos dos aprendizes em relação as produções que se tem atualmente desse gênero.

A estrutura da narrativa é definida por Labov (1972, p. 363) em seis estágios: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. Martin e Rose (2008, p. 50) afirmam que apenas a complicação e a resolução são estágios obrigatórios, ao passo que os outros são opcionais. Tal estrutura, assim como as características do gênero, estão presentes no texto a seguir produzido pelo aprendiz na PI 16.

**Quadro 13: Gênero narrativa produzida pelo aprendiz PI 16**

Título	“EU E ELE”
<p>PI16</p>	
Estágios da Narrativa	
<p><b>Orientação</b></p>	<p>Em certo dia exatamente no dia 22 de julho de 2015 um menino Lindo, Elegante, Charmoso de um metro, e noventa de 16 anos, Envio uma solicitação no facebook de uma menina Linda, Chata, Ignorante kk... de 14 anos ele a acho uma menina muito Linda e interessante, dai ela foi ver as fotos dele e o acho muito Lindo e aceito a solicitação dele e na mesma hora que ela aceito a solicitação dele, ele foi lá e falou com ela foi o início de uma grande amizade. A partir desse dia 22 de julho começou uma grande amizade, ai ele falava todo dia, toda hora, ai uma certa hora eu disse a ele de 3 dias depois iria completa ano ele ficou querendo fazer uma surpresa pra ela, e foi nessa hora que ele teve a ideia de fazer um vedio com as fotos dela, ai chego o esperado dia 27 (o dia que ela completaria 14 anos) í, ele fez o vedio e postou na linha do tempo dela( no facebook) e assim foi. Ai a partir desse dia a amizade deles foi ficando mais forte eramos tão amigos que o povo diziam que formaria um casal muito lindo...</p>
<p><b>Complicação</b></p>	<p>Foi ai que ele começou a gosta dela só que ela não percebia, pra ela ele era um Irmão que ela nunca teve, ai com o passar do tempo ele gostando muito dela resolveu pedir pra fica com ela mais ai ela não aceito pois teve medo da amizade deles acabar e não aceito.</p>
<p><b>Avaliação</b></p>	<p>mais como ele gostava muito dela ele teve medo de perde a amizade dela e resolveu deixa pra lá..</p>
<p><b>Resolução</b></p>	<p>mais ela passou 5 meses ten tando conquista ela e um certo dia exatamente dia 30 de novembro ele resolveu abri seu coração pra ela e pedio pra namora com ela e ela aceito</p>
<p><b>Coda</b></p>	<p>e eles estão juntos até hoje e muito Felizes e pretendem se casar!!</p>

Na fase da orientação, percebemos que o narrador tem a preocupação de afirmar que a estória se inicia em uma data específica valorizando a questão temporal, ação essa que é reforçada em vários pontos do texto (3 dias depois, dia 27, 30 de novembro) a fim de dar veracidade ao que acontece.

Descreve, também, as personagens e as ações que iniciam as atividades da estória. O narrador é onisciente no primeiro estágio, sabendo tanto do que fazem ambas as personagens ao mesmo tempo, quanto de suas opiniões acerca das impressões de um sobre o outro.

Ainda nesse estágio há uma continuação da descrição das ações das personagens. O ponto de vista em duas vezes varia: Na maior parte do texto o narrador é onisciente, passando em outros momentos para narrador protagonista nos exemplos: “Uma certa hora eu disse a ele” e “Éramos tão amigos”. Embora predomine o foco de um narrador onisciente, a produção indica fragilidade por parte do aprendiz em relação à produção de um conto.

Na etapa da complicação apresenta-se o conflito: o menino passa a gostar dela, enquanto que a menina o vê como irmão. Na avaliação percebemos a suspensão da complicação, visto o medo do menino em perder a amizade da menina, o garoto resolve “deixar para lá”. Cinco meses depois após a insistência do rapaz, ela aceita o pedido de namoro, resolvendo-se a complicação. Instala-se, por fim, a coda, trazendo a narrativa para o presente (estão juntos até hoje e muito felizes e pretendem se casar!!).

Os passos acima demonstram a necessidade de um estudo de leitura e de escrita de gêneros de textos na escola a partir de uma metodologia sistematizada como a do CEA com vistas a possibilitar aos estudantes uma orientação mais aprofundada acerca do gênero conto.

Percebemos que, embora já tivessem lido contos em outros momentos de sua trajetória escolar e, certamente respondido a questões acerca desses textos, a forma como essas atividades têm sido estudadas apresentam-se como insuficientes para que os aprendizes tenham êxito no processo da escrita do conto que se configura como uma narrativa (LABOV, 1972), unívoca e verossimilhante segundo Moisés (2012).

Assim que encerramos a etapa da negociação do campo demos início ao processo da desconstrução visando dar continuidade às atividades iniciadas anteriormente, enfatizando os contextos de cultura e de situação do conto “A moça tecelã”, de uma produção textual realizada em sala de aula, e da aproximação com outro texto de gênero diferente do estudado em sala a fim de fortalecer o processo de aprendizagem do texto por parte dos estudantes.

### 4.1.2 Desconstrução

A Desconstrução representa uma etapa comum em três dos quatro projetos da pedagogia baseada em gêneros. Esse estágio aparece em *Language and Social Power* (1985 - 1990), (2) *Write it Right* (1990 -1995) e (3) *Reading to Learn* (primeira década do século XXI).

É mais um momento importante no trabalho com o gênero. Dessa forma, os contextos de cultura e de situação dessas construções precisam ser explorados, uma vez que, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 3), o texto corresponde a um processo que se utiliza da linguagem como recurso para construção de significados dentro de um contexto. E ainda, “reflete influências do contexto em que é produzido, na medida em que as variáveis do contexto de situação atuam sobre a sua configuração linguística.” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 27)

De acordo com Rose e Martin (2012, p. 65) a desconstrução abrange uma exploração do propósito do gênero, quem o usa e por que (contexto de cultura). Assim como uma análise do registro através das variáveis de campo, relação e modo.

Exploramos também nesse momento as funções dos estágios de outros gêneros, quais são os recursos de linguagem usados para fazer significado naquele contexto, como podemos saber sobre o que o texto aborda e qual a relação estabelecida entre os interlocutores.

Dessa forma, apresentamos o texto “A moça tecelã” seguido de um estudo sobre o contexto de cultura imbricado nele e sobre o contexto de situação sob as variáveis: campo, relação e modo referentes à exploração do mesmo:

#### **Quadro 14: Conto - “A moça tecelã”<sup>20</sup>: distribuição da organização em estágios**

#### **A MOÇA TECELÃ**

ORIENTAÇÃO
<p>Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.</p> <p>Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.</p> <p>Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.</p> <p>Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.</p>

<sup>20</sup> COLASANTI (2006, p. 9 - 14)

<p>Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.</p> <p>Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lâ cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.</p> <p>Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.</p>
<b>COMPLICAÇÃO</b>
<p>Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.</p> <p>Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lâs e as cores que lhe dariam companhia. E aos pouco seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.</p> <p>Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.</p> <p>Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.</p> <p>E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.</p> <p>— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lâs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.</p> <p>Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.</p> <p>— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — Perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata. Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.</p> <p>Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.</p> <p>— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!</p> <p>Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.</p>
<b>AVALIAÇÃO</b>
<p>E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.</p>
<b>RESOLUÇÃO</b>
<p>Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.</p> <p>Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.</p> <p>A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.</p>
<b>CODA</b>
<p>Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.</p>

O conto “A moça tecelã” de Marina Colasanti, importante escritora da literatura brasileira, que se destaca por escrever contos, poemas, crônicas entre outros para o público infantil, juvenil e adulto no quadro 14 acima estabelece um diálogo com o interlocutor a partir da história de uma moça que possuía um tear e com ele conseguia tecer tudo o que necessitava para a sua vida. O mesmo encontra-se na publicação *Doze reis e a moça no labirinto do vento* de (1978) que reúne treze contos da autora.

Poderíamos acrescentar que, a partir do enredo, este texto literário permite ao leitor ampliar o conhecimento de si e de seu contexto, a partir das vivências de personagens

que, mesmo não sendo reais, enfrentam desafios cotidianos, sofrimentos conhecidos e buscam sentimentos universais.

A literatura possui esse poder de ampliar a capacidade de comunicação humana consigo mesmo e com o outro através de experiências partilhadas utilizando-se da ficção. Pois, segundo Candido (2011, p. 188):

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Dessa forma, a interação com o conto “A moça tecelã” permite ao estudante o direito ao saber através da cultura escrita, no caso literária, que prima pela estética, e que no caso específico deste conto, envolve a imaginação, a criatividade, a intertextualidade, as experiências humanas que certamente, influenciarão na formação do indivíduo enquanto pessoa humana.

De acordo com os estudos de Labov sobre a estrutura da narrativa (1972) e Martin e Rose (2008) sobre gêneros textuais trabalhados na escola, uma narrativa pode ser dividida em estágios, assim identificamos nesse conto os seguintes estágios: orientação, complicação, avaliação, resolução e coda conforme verificaremos.

#### **4.1.2.1 Contexto de cultura e de situação: “A moça tecelã”**

Ao longo do texto encontramos marcas que revelam a época em que ocorre a história narrada que, embora tenha sido escrito no século XX, passa-se no século XVIII conforme afirma Sandrini (2014, p. 8):

Marina Colasanti realiza uma associação entre o trabalho especificamente feminino e a produção de riqueza no país. Riqueza esta disseminada no contexto social brasileiro do final do século XVIII, devido à florescência das atividades têxteis artesanais, onde o privado estava tornando-se político e, principalmente, econômico

Outra evidência é o uso cotidiano do tear manual pela personagem, uma vez que, de acordo com as ações realizadas constantemente por ela no texto, está o fato de alimentar o equipamento com novelos de linhas para formar o desenho do tapete.

Novais (2000, p. 08) afirma que “já em 1779, o relatório com que o marquês de Lavradio passou o vice-reinado ao sucessor apontava a existência de fábricas e teares em Minas”. Teares estes que eram, em nosso entender, manuais pois a comercialização de um sistema automatizado se deu no início do século XIX, na Europa, com a invenção do francês Joseph Marie Jacquard.

Nessa época o trabalho feminino não era valorizado na sociedade brasileira, no geral, as mulheres ficavam restritas ao espaço do lar, tornando-se esposas para gerar filhos e criá-los ou se trabalhassem fora enfrentava uma privação em seu direito de receber e ser reconhecida como trabalhadora que produz e gera capital equivalente ao homem.

No caso do conto em estudo percebemos marcas desse contexto a partir dos elementos exigidos à protagonista pelo companheiro tais como: cavalos, estrebarias, poços, criados, cofres com moedas, palácio sob uma relação homem-mulher de total subordinação da parte feminina de tal forma que não havia um diálogo, respeito à convivência enquanto casal e ao trabalho da esposa, mas ordens, comandos a serem executados por ela sem questionamentos, com total eficiência e rapidez.

No conto, a mulher era vista pelo marido como uma “máquina” para produzir, a todo instante, bens materiais representativos do capital. O que se opunha ao desejo inicial da personagem quando pensou em ter um marido e conseqüentemente aumentar ainda mais a sua felicidade com a construção de uma família com filhos, desejo. No caso, frustrado visto que o companheiro não compartilhava desse sonho, visava apenas o acúmulo de bens produzidos a partir da força de trabalho da mulher.

“A moça tecelã” de Colasanti (2006, p. 9-14) possibilita ao leitor através da interação estabelecida com o campo nele apresentado e do diálogo permitido com outros contos, através da leitura de suas entrelinhas, várias interpretações, que caminham pelo papel da mulher na sociedade, relacionamento conjugal, autonomia do sexo feminino pelo trabalho, mudanças na perspectiva femininas no contexto histórico percebidas através do conto, entre outros.

A protagonista do conto possui o poder de transformar tudo que ela tece em realidade e tem a imagem do matrimônio como principal componente da fórmula para alcançar a felicidade, logo, ela tece um marido, exatamente, como ela acha que ele deve: “rosto barbado, corpo aprumado” a fim de distanciar a solidão de sua vida.

Porém, o marido com sua personalidade autoritária, não tecida por ela, vale salientar, não corresponde às expectativas da moça uma vez que ele vê nesse relacionamento uma forma de atender todas as suas vontades materiais.

Diante de um contexto diferente do qual a “princesa” sonhava, a já então mulher, sente-se entristecida o que provoca nela a vontade de mudar seu próprio destino, uma vez que, o “príncipe” com o qual pensou em viver um “conto de fadas” não correspondia ao “foram felizes para sempre”. Dessa forma, como ela possui o direito de escolha, a jovem reflete sobre si mesma e vai em busca da “felicidade” a partir de suas próprias ações, o que demonstra que ela se via em um relacionamento com autonomia, criticidade e o anseio de independência.

A relação entre a moça tecelã e seu marido demonstrada no conto “A Moça Tecelã” retrata a realidade do século XVIII onde a mulher essencial para a constituição familiar e social tinha o seu direito como cidadã restrito, não sendo permitido participar das decisões, nem sobre elas mesmas.

Com o tempo esse grupo vai assumindo uma nova postura no contexto social e econômico, mesmo assim o direito à voz ainda continuava sendo negado. No conto, essa relação fica clara quando a protagonista assume sozinha todas as atividades impostas pelo companheiro sem nada questionar. Porém, o que lhe maltrata termina sendo, na verdade, também, o que vai lhe impulsionar, a partir da reflexão para a busca de si mesma enquanto capaz de construir sua própria história.

Tudo isso contado através de um texto literário, com narrador observador, predominando um tempo cronológico, que nos permite através dos estágios dessa narrativa interagirmos com personagens e seus conflitos em um contexto de outra época, mas com uma temática atualíssima.

#### **4.1.2.2 Escolhas linguísticas de tempo e lugar no conto “A moça tecelã”**

Analisando o texto literário “A moça tecelã”, notamos que no estágio da interação chamado orientação, Colasanti (2006, p. 9-14) apresenta o cotidiano da protagonista a partir da indicação da localização temporal e espacial, de informações sobre a atividade desenvolvida pela moça e de seu comportamento, conforme veremos a seguir.

Quadro 15- Circunstâncias x processos presentes no estágio da orientação

Circunstâncias x processos presentes no estágio da orientação	Processos						Circunstâncias	
	MATERIAL	COMPORTAMENTAL	MENTAL	RELACIONAL	VERBAL	EXISTENCIAL	TEMPO	LUGAR
Acordava <b>ainda no escuro</b>		X					X	
[...]o sol <b>chegando atrás das beiradas da noite.</b>	X							X
E logo <b>sentava-se...</b>	X						X	
[...]sentava-se <b>ao tear.</b>	X							X
[...]ela ia a <b>passando entre os fios</b> estendidos	X							X
[...] <b>lá fora</b> a claridade da manhã <i>desenhava o</i> horizonte.	X							X
<b>Depois</b> lãs mais vivas [...] <i>iam tecendo</i>	X						X	
[...]quentes lãs iam <b>tecendo hora a hora</b>	X						X	
[...]em longo tapete que <b>nunca acabava.</b>	X						X	
[...]e <b>no jardim</b> <i>pendiam</i> as pétalas	X							X
[...]A moça <b>colocava na lançadeira</b> grossos fios cinzentos	X							X
<b>Em breve,</b> <i>escolhia</i> um fio de prata	X						X	
[...]na <b>penumbra</b> <i>trazida</i> pelas nuvens	X							X
[...]em pontos longos <b>rebordava sobre o tecido</b>	X							X
[...] chuva vinha <b>cumprimentá-la à janela.</b>	X							X
Mas se <b>durante muitos dias</b> o vento e o frio <i>brigavam</i> com as folhas	X						X	
[...] <i>jogando a</i> lançadeira <b>de um lado para o outro.</b>	X							X
[...] <i>batendo</i> os grandes pentes do tear <b>para frente e para trás</b>	X							X
<b>Na hora da fome</b> <i>tecia</i> um lindo peixe.	X						X	
E eis que o peixe <b>estava na mesa.</b>				X				X
E à <b>noite,</b> <i>dormia</i> tranquila.		X					X	
[...]depois de <b>lançar</b> seu fio de escuridão	X						X	
<b>TOTAL</b>	TEMPO = 10					LUGAR = 12		

Após a análise da orientação tomando por base o sistema de transitividade identificamos que: nesse estágio predominou as circunstâncias de lugar com (12) ocorrências, sendo (11) ligadas ao processo material e uma (01) ocorrência espacial ligada ao processo relacional. Seguem-se as circunstâncias temporais (10) sendo (08) delas ligadas ao processo material, (02) ao processo comportamental. Comprovamos que das 22 (vinte e duas) circunstâncias de tempo e lugar identificadas na orientação, 19 (dezenove) delas ligam-se ao processo do fazer, acontecer.

Em relação à ideia de lugar os advérbios e locuções adverbiais usados representam: localização de personagem assim como de elementos do cenário, direção de movimento. Quanto às de tempo temos significação de sequência, tempo decorrido, momento do dia, indicação de hora, ação esperada.

**Quadro 16- Circunstâncias x processos presentes no estágio da complicação**

Circunstâncias x processos presentes no estágio da complicação	M A T E R I A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L	R E L A C I O N A L	V E R B A L	E X I S T E N C I A L	T E M P O	L U G A R
[...] e <b>pela primeira vez</b> <i>pensou</i> em como seria bom ter um marido ao lado.			X				X	
Com capricho de quem tenta uma coisa <b>nunca conhecida</b>			X				X	
[...]Começou a <b>entremear no tapete</b> as lãs e as cores que lhe dariam companhia	X							X
E <b>aos poucos</b> seu desejo <i>foi aparecendo</i>	X						X	
[...] <b>entremear</b> o último fio <b>da ponta dos sapatos</b>	X							X
moço <b>meteu</b> a mão <b>na maçaneta</b>	X							X
E foi <b>entrando em sua vida</b> .	X							X
[...] <b>deitada no ombro dele</b> .		X						X
E feliz foi, <b>durante algum tempo</b> .				X			X	
[...] <b>logo</b> os <i>esqueceu</i> .			X				X	
[...] <b>agora</b> que <i>eram</i> dois.				X			X	
[...] <b>já</b> não lhe <i>pareceu</i> suficiente.				X			X	
[...] <b>imediatamente</b> <i>ordenou</i> .					X		X	
<b>Dias e dias</b> <i>trabalhou</i> .	X						X	
[...] <b>semanas e meses</b> <i>trabalhou</i> .	X						X	
A neve <b>caía lá fora</b>	X							X
E <b>antes</b> de <i>trancar</i> a porta à chave, advertiu	X						X	
<b>TOTAL</b>							TEMPO = 11	LUGAR = 06

Após a análise da complicação tomando por base o sistema de transitividade identificamos que: nesse estágio predominou as circunstâncias de tempo com (11) ocorrências, sendo (04) ligadas ao processo material, três (03) ligadas ao processo mental, 03 (três) ligadas ao processo relacional e uma (01) ocorrência ligada ao processo verbal. Seguem-se as circunstâncias de lugar (06): sendo cinco (05) delas ligadas ao processo material e uma (01) ligada ao processo comportamental. Comprovamos que das 17 (dezessete) circunstâncias de tempo e lugar identificadas na complicação, nove (09) delas

ligam-se ao processo material do fazer, acontecer. Quanto ao significado experiencial dessas circunstâncias nesse estágio da narrativa, notamos em relação a tempo: inediticidade, negação, gradação, percurso de tempo, momento, ações ininterruptas, anterioridade.

Em relação às circunstâncias de lugar temos o uso dos recursos gramaticais representando: localização de ação da personagem em relação a outra personagem, de ação da personagem em relação a elementos do cenário e localização de elementos do cenário.

**Quadro 17- Circunstâncias x processos presentes no estágio da avaliação**

Circunstâncias x processos presentes no estágio da avaliação	MATERIAL	COMPORTAMENTAL	MENTAL	RELACIONAL	VERBAL	EXISTENCIAL	TEMPO	LUGAR
E <b>pela primeira</b> vez <i>pensou</i>			X				X	
[...]como <i>seria</i> bom estar sozinha <b>de novo</b> .				X			X	
<b>TOTAL</b>							TEMPO = 2	

Observando o estágio – avaliação - do conto em estudo – identificamos a presença de dois elementos circunstanciais de tempo relacionados aos processos mental (01) e relacional (01). No primeiro caso temos uma circunstância temporal com um sentido de inediticidade em relação à reflexão a partir da situação adversa vivenciada pela personagem, localiza no tempo a ação cognitiva.

No segundo caso “de novo” aponta um sentido de repetição, retoma o sentimento já conhecido, a solidão sentida antes de tecer o marido. Neste caso, os recursos gramaticais foram escolhidos para representar volta à condição inicial só que desta vez valorada de forma positiva.

**Quadro 18- Circunstâncias x processos presentes no estágio da resolução**

Circunstâncias x processos presentes no estágio da resolução	MATERIAL	COMPORTAMENTAL	MENTAL	RELACIONAL	VERBAL	EXISTENCIAL	TEMPO	LUGAR
[...]sentou-se <b>ao</b> tear.	X							X
<b>Desta vez</b> não <i>precisou</i> escolher linha nenhuma.	X						X	
[...]e <i>jogando</i> -a <b>veloz de um lado para o outro</b>	X							X
<b>Depois</b> <i>desteceu</i> os criados e o palácio	X						X	
E <b>novamente</b> se <i>viu</i> na sua casa pequena.			X				X	
[...] se <i>viu</i> <b>na sua casa pequena</b>			X					X
[...]e <i>sorriu</i> <b>para o jardim</b>		X						X
[...]e <i>sorriu</i> <b>além da janela</b>		X						X
[...]acordou, e, espantado, <i>olhou em volta</i>			X					X
Ela <b>já</b> <i>desfazia</i> o desenho escuro dos sapatos...	X						X	
TOTAL	TEMPO = 04				LUGAR = 06			

Constatamos no estágio da resolução em “A moça tecelã” a presença de (04) quatro ocorrências de circunstâncias temporais sendo (03) três ligadas ao processo material e 01 (uma) ligada ao processo mental. Quanto à indicação de lugar percebemos (06) seis ocorrências: duas (02) ligadas ao processo material, duas (02) ligadas ao processo mental e duas (02) ligadas ao processo comportamental, marcadas por advérbios e locuções adverbiais.

Em relação às escolhas circunstanciais de tempo temos a indicação de: repetição de ação, ação em sequência e anterioridade; e em relação às escolhas circunstanciais de lugar temos as seguintes significações: localização da personagem a partir do fazer, direção de movimento, localização de experiência cognitiva, e da experiência perceptiva.

**Quadro 19 - Circunstâncias x processos presentes no estágio da coda**

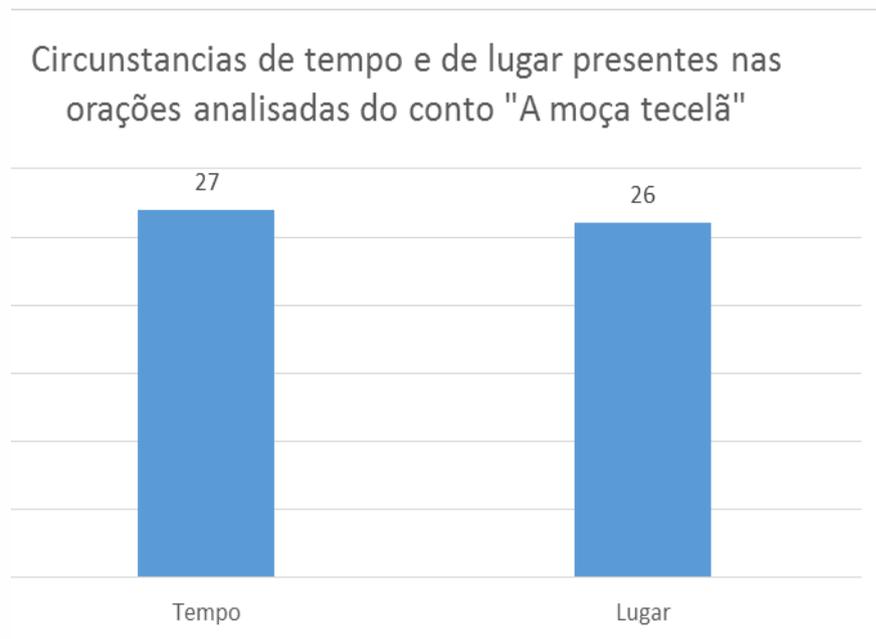
Circunstâncias x processos presentes no estágio da coda	MATERIAL	COMPORTAMENTAL	MENTAL	RELACIONAL	VERBAL	EXISTENCIAL	TEMPO	LUGAR
E foi <i>passando</i> -a devagar <b>entre os fios</b> .	X							X
[...]que a manhã <i>repetiu</i> <b>na linha do horizonte</b> .	X							X
TOTAL	LUGAR = 02							

No estágio da “coda” no conto analisado notamos a presença de duas circunstâncias de lugar ligadas ao processo material, neste caso para representar a localização espacial por onde passa o objeto de trabalho da personagem (linha) e para indicar o lugar onde se dá a repetição do fazer da moça “na linha do horizonte”.

Esse fato comprova a ideia de que esses recursos são necessários para a construção do significado experiencial no conto uma vez que concorrem para localizar não só a personagem no tempo e no espaço, mas também as ações por ela realizada.

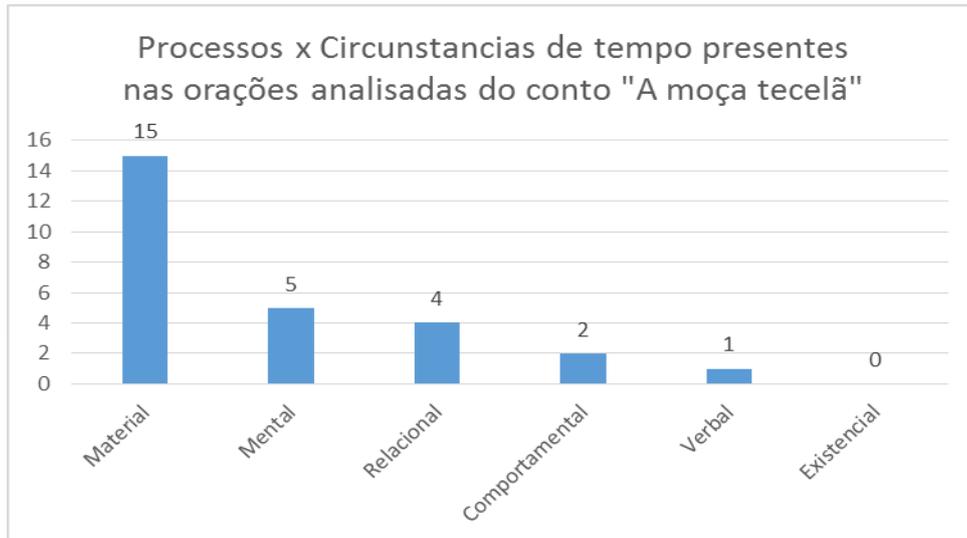
A seguir, podemos verificar no gráfico abaixo a frequência com que os elementos léxico-gramaticais de tempo e lugar ocorrem nas orações analisadas do conto “A moça tecelã”.

Gráfico 4 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas no conto "A moça tecelã"



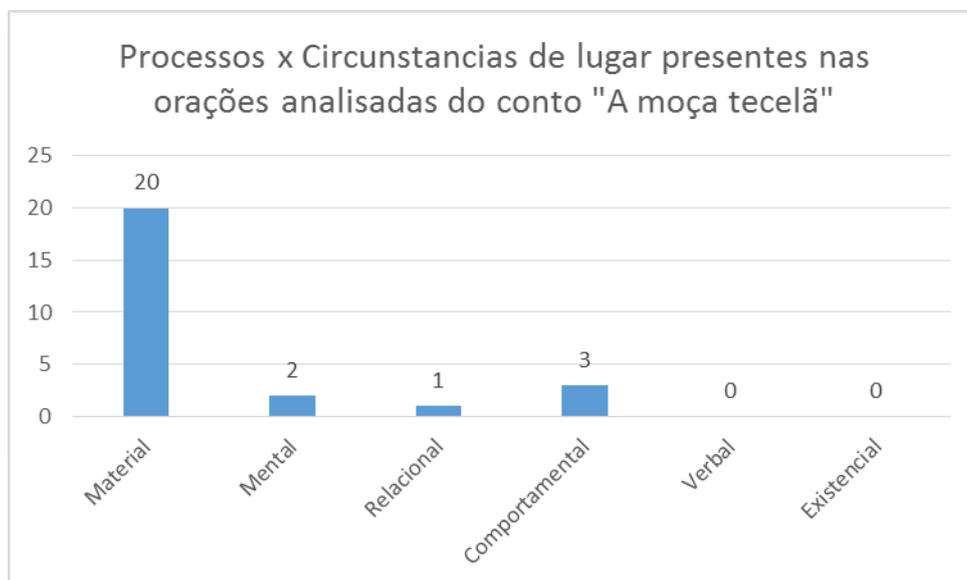
Percebemos que os elementos circunstanciais de tempo e de lugar ocorrem no conto em estudo em quantidades praticamente equivalentes, o que nos leva a concluir que os recursos linguísticos temporais e espaciais concorrem ao mesmo tempo para a construção do sentido nesse conto, escrito por Marina Colasanti.

Gráfico 5 – Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas do conto "A moça tecelã"



Podemos notar no gráfico 5 uma predominância dos processos materiais relacionados às circunstâncias de tempo ante aos outros, com uma frequência de 15 (quinze) ocorrências, o que ultrapassa a soma dos processos mental, relacional, comportamental, verbal e existencial (doze ocorrências).

Gráfico 6 - Processos x Circunstancias de lugar presentes nas orações analisadas do conto "A moça tecelã"



No gráfico 6, existe novamente a predominância dos processos materiais, ocorrendo vinte (20) vezes quando relacionados às circunstâncias de lugar, contra apenas seis

ocorrências de todos os outros processos. Percebemos, também, que as circunstâncias de tempo e lugar, nesse estudo, relacionam-se a processos do fazer, acontecer, a ações transformativas coerente com o papel da personagem nesse conto. Elas, nesse caso, ligam-se ao processo que, segundo Fuzer e Cabral (2014), representam as nossas experiências externas. Esses elementos indicam além de elementos do cenário e apresentam significações variadas dentro de um contexto de cultura e situação.

#### 4.1.2.3 Vivenciando os contextos de cultura e de situação com os aprendizes

Esta etapa foi integralmente vivenciada com os estudantes de forma oral e escrita em 08 (oito) aulas de cinquenta minutos, através de leituras, visualização de vídeos e atividades orais e escrita conforme descrito no quadro 20 abaixo:

**Quadro 20- Desconstrução - Instruções da 2ª etapa**

<b>Desconstrução – 2ª ETAPA (CEA)</b>		
	<b>LEITURA COMPARTILHADA - “A MOÇA TECELÃ”</b>	<b>AULAS</b>
<b>Instrução 01</b>	Contexto de cultura Contexto de situação – campo	<b>02</b>
	<b>ATIVIDADE LACUNADA SOBRE AS CIRCUNSTANCIAS</b>	
<b>Instrução 02</b>	Atividade oral e escrita sobre o uso das circunstâncias no texto lido	<b>02</b>
	<b>VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO</b>	
<b>Instrução 03</b>	Contexto de situação - relação e modo no conto “A moça tecelã”	<b>02</b>
	<b>LEITURA</b>	
<b>Instrução 04</b>	“Ler Melhor viagem” e “A bola”	<b>02</b>

Na ocasião distribuimos para cada educando a atividade apresentada no quadro 21 abaixo a fim de facilitar a exploração do texto nessa etapa de desconstrução do texto.

**Quadro 21- Exploração do texto**

<b>Título- A moça tecelã      Autora- Marina Colasanti</b>	
<b>Contexto de situação</b>	
<b>Campo</b>	O que é dito? Marcas culturais presentes no texto que evidenciam o assunto Característica das personagens; Exemplos de elementos linguísticos que colaboram para a construção do sentido do texto
<b>Relação</b>	Quem escreve o texto? Para quem? Participantes do texto Marcas sociais desses participantes; O que esperam os participantes?
<b>Modo</b>	Como o texto está organizado? Estágios Tipo de linguagem utilizada Marcas dessa linguagem Intertextualidades Marcas da linguagem com a qual os personagens se relacionavam Suporte do texto

Iniciamos a segunda etapa da aplicação do ciclo de aprendizagem através da seguinte pergunta: Qual seria o objetivo do conto? A fim de refletir sobre o gênero textual conto estudado enquanto “Prática comunicativa” (MARCUSCHI, 2010) e “processo social orientado para um propósito e estruturado em etapas” (MUNIZ DA SILVA, 2015).

Na ocasião os aprendizes afirmaram que o objetivo de um conto seria:

EX (10) É para narrar uma estórias para as pessoas. (Aprendiz 02)

EX (11) o objetivo desse gênero é divertir. (Aprendiz 04)

EX (12) É para contar a história da moça para sabermos que ela passou (Aprendiz 10)

Perguntamos se o conto também teria o objetivo do entretenimento. Responderam: - sim! No momento, reafirmamos que um conto é um gênero textual muito lido na escola, uma estória onde o narrador escolhendo um ponto de vista narra uma estória que não precisa ser real, mas verossimilhante, manter uma relação com a realidade, pois ninguém vai provar se de fato as ações narradas aconteceram uma vez que se trata de uma narrativa ficcional!

Dando sequência às atividades da instrução 01 da desconstrução do texto com os aprendizes dialogamos em relação à cultura que identifica as pessoas, marca uma época, um grupo, entre outros a fim de trabalharmos os contextos de cultura e de situação no texto em estudo.

Em seguida perguntamos se era possível perceber essas marcas culturais no texto lido através da linguagem. Imediatamente disseram que sim, pois a estória se passava em um contexto de campo, rural. Perguntamos, por quê? O aprendiz respondeu: - Por conta das palavras “palácio” e “cavalos”. Outros estudantes citaram “estrebrias” e “poços”.

Perguntamos se no texto percebíamos marcas dos costumes da época. Responderam que sim, pelo trabalho da mulher no tear e pelo uso do chapéu emplumado pelo homem. Ainda nesse contexto acrescentamos sobre às expectativas da mulher afirmando que o casamento era prioridade para ser feliz. Disseram que ainda hoje as mulheres querem ter o seu namorado.

E quanto ao comportamento masculino revelado nas falas autoritárias? Responderam que muitos homens ainda pensam que podem mandar nas mulheres e que a mulher de hoje trabalha fora e é mais autônoma. Perguntamos: - E quanto ao objeto com o

qual trabalha? Disseram que estávamos em outra época e que esses instrumentos de trabalho da época estavam mais avançados. Acrescentamos a questão das fábricas atualmente que são mais desenvolvidas e em maior número.

Dessa forma, o contexto cultural do texto foi trabalhado com os estudantes e os mesmos puderam identificar que ele está presente dentro do texto podendo ser identificado a partir das escolhas linguísticas da autora presentes nas falas das personagens que perpassam pelo contexto de cultura.

Na continuação, refletindo acerca do título da história (A moça tecelã) um aprendiz apresentou insegurança em pronunciar a palavra tecelã uma vez que decodificava aquele elemento, mas não relacionava ao texto alegando que nunca ouvira falar desse nome o que Cosson (2012, p. 64) chama de “dificuldades ligadas à decifração”. Nesse momento, ativamos os conhecimentos prévios do educando a fim de descobrirmos o significado a partir da estrutura do vocábulo e dos saberes que já tínhamos construído anteriormente. Percebemos que o aprendiz passou a utilizar em sua fala aquela palavra pois havia compreendido o significado dela no título.

Continuando na atividade de leitura compartilhada, indicada em Solé (1998, p. 119) como atividades “que se destinem a comparar e a relacionar o conhecimento prévio à informação abordada pelo texto”, um aprendiz afirmou que não deveria ser aquele título, e sim (a senhora tecelã). Quando indagado do porquê daquela sugestão o mesmo afirmou que pelas atividades desenvolvidas e pelos anseios que demonstrava a protagonista do conto parecia mais a uma senhora e não uma moça, e acrescentou que “uma moça” deveria estar pensando mais em se divertir, aproveitar a vida. O que fora apoiado por outros estudantes.

Naquele momento de leitura, retomamos conhecimentos sobre as experiências das mulheres que viveram em outras épocas onde as expectativas giravam em torno do casamento diferente das jovens que atualmente dispõem de outras oportunidades.

Em relação ao campo, ou seja, do que se trata o texto os aprendizes foram unânimes em afirmar que se tratava da estória de uma moça que tecia e tecendo tinha tudo o que necessitava até que se sentiu sozinha e teceu um marido para ficar mais feliz, embora tivesse se decepcionado. Questionamos se ela fora feliz nesse relacionamento e se o texto trazia essa palavra “separação”. Prontamente responderam que não, mas que falava isso de

outra forma. Os estudantes estavam realizando a compreensão da linguagem metafórica do texto.

Ressaltamos que com a afirmação “Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer” a narradora apresenta que a moça se sentia realizada com a atividade que desenvolvia com o tear. Na sequência outros aprendizes também ressaltaram suas impressões acerca do campo da leitura expondo que:

Ex (13) “É como se a moça desenhasse a própria história no tapete” (aprendiz 13)

Ex (14) “É como se o tapete fosse mágico” (aprendiz 15)

Ex (15) “Ela não queria fazer outra coisa, só tecer. ” (aprendiz 17)

Ex (16) “ É a história de uma moça que tecia e tecendo tinha tudo o que queria até se sentir sozinha” (aprendiz 19)

Ex (17) “ A moça pensou em ter um marido porque se sentiu sozinha” (aprendiz 22) (...risos...)

Ex (18) “ Ela teceu um marido para ser mais feliz e se separou. ” (aprendiz 15)

Dessa forma, realizamos a etapa de leitura compartilhada onde pudemos retomar a leitura realizada anteriormente pelo estudante através da compreensão, de impressões, e da própria leitura de trechos em voz alta realizada ora pela professora, ora pelos discentes. Pela recepção, a atividade de leitura foi muito prazerosa e houve uma sensibilização por parte dos educandos em relação à situação da moça tecelã. Iniciamos nossa atividade da instrução 02 da segunda etapa do ciclo abordando sobre a importância das expressões de lugar e de tempo no conto pois, de acordo com Pinna (2006, p 152). Esses dois elementos essenciais à narrativa associam-se dificultando uma separação uma vez que os eventos se dão no espaço, elemento visível, lugar onde se passa a ação, envolvidos e transformados na camada temporal, elemento invisível.

Explicamos que segundo Moisés (2012, p. 271), em relação a espaço, afirma que: “verificamos que o lugar onde as personagens circulam, é sempre de âmbito restrito”. E tempo seria o curto período onde se desenrolam os acontecimentos narrados. Seguindo esses princípios, perguntamos: - Durante a leitura de contos vocês percebem essa presença de elementos indicando ideia de tempo e lugar? Os aprendizes responderam que sim e ampliaram afirmando que geralmente as expressões temporais são: Era uma vez, naquela tarde, em um belo dia, certa vez, certo dia. Continuamos: e em relação ao espaço? Relembaram a questão dos palácios, floresta, numa casa, num baile, numa festa. Explicamos que muitos contos

realmente trazem essas expressões, mas que durante o texto outros elementos são necessários para a construção dessa produção.

Enfatizamos durante a reflexão que o espaço em um conto pode se dar em uma rua, em um cemitério, em uma sala de aula, em um banheiro, em uma casa, em um palácio, não caracterizando espaço melhor ou pior, mas lugares apresentados pelo narrador onde as ações das personagens no conto se desenvolvem associada a uma sequência temporal a fim de construir o sentido no texto.

Após essa reflexão, na aula seguinte, entregamos aos aprendizes uma atividade lacunada apresentada no quadro 22 abaixo referente ao texto em estudo, com o objetivo de permitir uma maior apropriação do uso das circunstâncias de lugar e tempo pelos estudantes. Essa atividade lacunada baseia-se na “técnica do *cloze*” (Taylor, 1953), que segundo Leffa (1996, p. 70) foi uma técnica criada por um jornalista norte-americano como um instrumento de ensino de leitura, com o objetivo de, na época, medir a “inteligibilidade” do texto. Na segunda metade do século XX, percebeu-se que essa técnica era capaz de medir também “a competência linguística geral do indivíduo” (LEFFA, 1996, p. 70).

Atualmente, essa técnica representa um recurso didático relevante para o desenvolvimento da leitura de estudantes em sala de aula e muitos pesquisadores têm se utilizado deste recurso, mas afastado da característica original de lacunamento rígido<sup>21</sup>. Nesta etapa do ciclo, utilizamos também essa atividade (Quadro 22) a fim de que os educandos selecionassem circunstâncias de lugar e de tempo responsáveis pelas experiências do narrador/escritor, localizando-as no tempo e no espaço:

**Quadro 22: Atividade Lacunada – Localização das circunstâncias de tempo e lugar**

A moça tecelã	
Acordava _____, como se ouvisse o sol chegando _____.	E _____ sentava-se _____.
Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando _____ estendidos, enquanto _____ a claridade da manhã desenhava o horizonte.	
_____ lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo _____, em longo tapete que _____ acabava.	
Se era forte demais o sol, e _____ pendiam as pétalas, a moça colocava _____ grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. _____, _____ trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava _____.	
Leve, a chuva vinha cumprimentá-la _____.	
Mas se _____ o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.	
Assim, jogando a lançadeira _____ e batendo os grandes pentes do tear para _____, a moça passava os seus dias.	
Nada lhe faltava. _____ tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava _____, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E	

<sup>21</sup> Segundo Leffa (1996, p. 70) há dois tipos de lacunamentos: o rígido onde se apaga rigorosamente a quinta palavra do texto independente de sua função ou importância e o lacunamento racional, escolhendo, por exemplo, entre a quinta e a nona palavra após cada coluna.

\_\_\_\_\_ de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e \_\_\_\_\_ pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa \_\_\_\_\_ conhecida, começou a entremear \_\_\_\_\_ as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E \_\_\_\_\_ seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio \_\_\_\_\_, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão \_\_\_\_\_, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando \_\_\_\_\_.

Aquela noite, deitada \_\_\_\_\_, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade. E feliz foi, \_\_\_\_\_.

Mas se o homem tinha pensado em filhos, \_\_\_\_\_ os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, \_\_\_\_\_ que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, \_\_\_\_\_ não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta \_\_\_\_\_ ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

\_\_\_\_\_ trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía \_\_\_\_\_, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E \_\_\_\_\_ pensou em como seria bom estar sozinha \_\_\_\_\_.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_ não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz \_\_\_\_\_, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. \_\_\_\_\_ desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E \_\_\_\_\_ se viu \_\_\_\_\_ e sorriu para o jardim \_\_\_\_\_.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou \_\_\_\_\_. Não teve tempo de se levantar. Ela \_\_\_\_\_ desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe \_\_\_\_\_, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

\_\_\_\_\_, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar \_\_\_\_\_, delicado traço de luz, que a manhã repetiu \_\_\_\_\_.

Terminada atividade, respondida oralmente pelos estudantes, notamos que os mesmos utilizaram circunstâncias de tempo de lugar modificando a construção do significado (de sentido) do texto inicial (lido em sala de aula) como mostra o exemplo abaixo:

Ex (19) Acordava **às sete horas**, como se ouvisse o sol chegando **de manhã**. E logo sentava-se **ao sofá**. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando nos **tecidos estendidos**, enquanto **logo cedo** a claridade da manhã desenhava o horizonte. (Aprendiz 19)

Em seguida, sugerimos aos aprendizes que verificassem o trecho inicial do conto em estudo a fim de comprovassem o uso das circunstâncias de lugar e de tempo:

Acordava **ainda no escuro**, como se ouvisse o sol chegando **atrás das beiradas da noite**. E logo sentava-se **ao tear**. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando **entre os fios estendidos**, enquanto **lá fora** a claridade da manhã desenhava o horizonte. **Depois** lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo **hora a hora, em longo tapete** que **nunca** acabava. (COLASANTI, 2006, p. 10, grifo nosso)

Na sequência, fizemos uma indagação: “Neste trecho, existem palavras usadas pelo narrador para indicar ideia de lugar?” De imediato, os aprendizes responderam: - Sim! E um estudante reforçou:

EX (20) “Desenhava o horizonte” (Aprendiz – 38)

Quando questionado, o aprendiz reforçou a ideia de que “o horizonte” foi usado para indicar essa ideia de lugar o que fora apoiado por outros colegas de sala. Dessa forma, solicitamos que relessem o trecho, pensassem e respondessem a seguinte pergunta selecionando uma resposta: - Qual é a função de “o horizonte” naquele texto?

Perguntamos: Indicação de lugar ou indicação do que era desenhado? Imediatamente o aprendiz reformulou o pensamento e indicou outro exemplo mais apropriado para a situação. Constatamos que ainda existiam dúvidas em relação à própria identificação da circunstância dentro do texto. Por isso continuamos nessa atividade por mais algum tempo a fim de esclarecer melhor o assunto. Após essa ação, questionamos: - Essas palavras identificadas por vocês neste trecho podem ser substituídas por outras? Um aprendiz prontamente respondeu: - Sim! Outros também responderam afirmativamente.

Avançamos questionando: - Por quais palavras vocês substituiriam? Como ficaria? Apresentaram exemplos, deram sugestões. Assim questionamos novamente: e, se essas mudanças exemplificadas aqui por vocês fossem usadas para substituir às do texto? Mudaria o sentido do que a narradora estava dizendo? Começamos a provocar no sentido de que eles reconhecessem que a escolha de nossas palavras que se imbricam ao todo e não com partes do que está sendo dito.

Recuaram um pouco e concluíram que, de fato se mudamos uma palavra escolhida para aquele sentido estamos mudando não só ela, mas o texto. Sugerimos então que focassem na oração que traz o advérbio “nunca”, pensassem o trecho sem ele e descrevessem oralmente o resultado. (Risos...) pois perceberam que retirá-lo significava mudança de sentido de tudo o que estava sendo afirmado ali. Enfim tentamos refletir sobre o que representa uma circunstância de lugar e tempo no contexto, como essas palavras podem ser marcadas, no caso por locuções ou por advérbios, a função dessas no texto para a construção do sentido. A interação dos estudantes com a atividade foi visível.

Na ocasião, pedimos que se reunissem em duplas e escolhessem um trecho da atividade lacunada, a fim de verificar as escolhas de tempo e lugar realizadas pela narradora

para a construção daquele texto e a possibilidade de mudança sem alteração de sentido do mesmo por eles e, assim, a partir da mediação utilizamos mais uma aula verificando o uso de expressões de tempo e lugar, aprofundando o conhecimento sobre esse assunto marcadas pelas circunstâncias no conto em estudo.

Após essa atividade, pudemos concluir que os elementos léxicos gramaticais de tempo e lugar são chamados de circunstâncias e “adicionam significados à oração” (FUZER E CABRAL, 2014, p. 53), além disso, os que foram visualizados nesse texto são representados através de “advérbios simples e advérbios perifrásticos, ou locuções adverbiais” (NEVES, 2011, p. 231), aparecem relacionadas aos processos materiais, comportamentais, mentais, relacionais, existenciais e verbais, ou seja “ocorrem livremente em todos os tipos de processos<sup>22</sup>” (Halliday e Mathiessen, 2014, p. 310) e estão presentes em todos os estágios dessa narrativa.

Em relação ao texto em estudo concluímos que essas escolhas lexicais estão imbricadas: ao contexto de cultura e ao contexto de situação e possibilitam ao leitor uma maior compreensão deste conto literário. conforme podemos visualizar em: (i) atrás das beiradas da noite e no escuro que no caso são escolhidas porque servem para construir a orientação da estória através de uma linguagem literária, (ii) ao contexto de uma época como: ao tear, na lançadeira, de um lado para o outro e para frente e para trás referentes ao tear, (iii) à significação, essencial à sucessão de eventos do texto em relação à sequência temporal e espacial : depois, novamente, imediatamente, à noite, no tapete, (iv) à significação de localização de atividades: na maçaneta, em sua vida, entre outros, lá fora, em seu ombro (v) à inediticidade e à recorrência da atividade: pela primeira vez, de novo, entre outros.

Na aula seguinte, iniciamos a Instrução 2 com a visualização de um vídeo com uso da *Data Show* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y39sNr3o6P8>, a fim de fortalecermos a leitura anterior através da visualização de uma animação. Esse vídeo trata-se de uma técnica cinematográfica de animação chamada de *Stop motion*, muito usada com recursos de uma máquina fotográfica ou de um computador e aprimorada no século XX. Neste caso, esse vídeo que se utiliza da massa de modelar reproduz através de seus quadros a narrativa “A moça tecelã” produzido por Júlia R. Cunha e César A. Butzke com narração de Kátia Moller. Publicado em 29 de jan. de 2014, esse Stop Motion baseado no conto de Marina Colasanti é utilizado em aulas e oficinas.

---

<sup>22</sup> [...] typically, they occur freely in all types of process. (Halliday e Mathiessen, 2014, p. 310)

Em seguida, questionamos: quando escrevemos, escrevemos para alguém? Os estudantes responderam que sim. Alguns lembraram que escrevia para a professora. Prosseguindo questionamos: - Todo texto é direcionado a um interlocutor? Refletimos sobre o fato de que no caso os interlocutores naquele momento éramos nós (professores e alunos). E que quando a autora escreveu o conto lido pensou em um público leitor da sociedade que dialogaria com aquele texto.

Trabalhando com os aprendizes o conto “A moça tecelã” dentro do contexto de situação, fizemos referência à autora afirmando que se trata de uma importante escritora da literatura brasileira e que se destaca por escrever contos, poemas, crônicas entre outros para o público infantil, juvenil e adulto. Seu livro de contos "Uma ideia toda azul" recebeu o prêmio *O Melhor para o Jovem*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e que o conto lido se encontra na publicação *Doze reis e a moça no labirinto do vento* de (1978) que reúne treze contos da autora.

Em seguida perguntamos: Quem escreve esse texto? E em que pessoa? Um aprendiz respondeu que era o narrador. Em outras aulas já havíamos abordado sobre essa questão de narrador em primeira e terceira pessoa. Na ocasião aproveitamos a oportunidade e estudamos sobre o tipo de narrador apresentado pelo conto lido, no caso observador apresentando um trecho do texto: “Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado” (COLASANTI, 2006, p. 12).

Sobre os papéis da sociedade, durante a discussão, os alunos notaram dois personagens: o homem (marido autoritário e explorador da mão de obra feminina) e a moça tecelã (mulher sonhadora e materna). Em seguida, questionamos como eles perceberam essa relação. Afirmaram que “o marido era uma pessoa muito autoritária que só queria saber de bens e, por conta disso, a relação entre eles era de autoridade”. Comprovamos esse comportamento do marido através de verbos no imperativo com partes do texto: “E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos! ” E que a personagem feminina era uma pessoa boa, que queria ser feliz e agradecer o marido que só pensava em bens e não se importava com a esposa.

Iniciamos um estudo a partir da organização do texto em estágios e o que esses estágios apresentam para o leitor. Pensamos também como o texto narrativo se organiza. No caso nos voltamos para o texto em estudo. Produzimos conhecimentos sobre a estrutura da narrativa através de pistas do texto em estudo a fim de que os estudantes identificassem onde

se encontravam os estágios da narrativa embasados em Labov (1972) e marcassem esses estágios em seus textos:

a) A orientação: Explicamos que se relaciona à apresentação das atividades desenvolvidas pela moça tecelã, identificação do espaço e do tempo e da situação da personagem (ns).

Neste caso identificamos em conjunto os seguintes exemplos: (Atividades): Acordava-se no escuro, sentava-se ao tear, colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo, rebordava sobre o tecido, tecer era tudo o que fazia. Identificação do espaço: Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela, o peixe estava na mesa. Identificação do tempo; acordava ainda no escuro, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte, depois lã mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, se durante muitos dias, na hora da fome, e à noite depois de. Situação da personagem: nada lhe faltava, dormia tranquila.

b) A complicação – Explicamos que se trata do corpo principal da narrativa, compreende uma série de eventos que são definidos como uma complicação ou uma ação complicadora (Labov and Waletzky, 1997, p. 32). E identificamos no texto: “Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado[...]

c) A avaliação - a avaliação é onde o narrador irá indicar o porquê de ele estar contando a história, “avaliando os eventos anteriores como a complicação e os posteriores, esperando que os eventos seguintes sejam a resolução.”<sup>23</sup> (MARTIN E ROSE, 2008, p. 68). No conto, o estágio avaliativo identificado é presente no seguinte trecho “ E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo”.

d) A resolução que corresponde ao desfecho da estória, resolução da complicação que segundo Martin e Rose (2008, p. 67). Ocorre quando o evento complicador se encerra pela ação do (s) personagem (ns) da estória. “Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma.

---

<sup>23</sup> [...] evaluating the preceding events as a Complication, and forward, expecting the following events to be a Resolution. (MARTIN E ROSE, 2008, p. 68).

Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens [...]”

e) A coda. Segundo Labov e Waletzky, (1997, p. 35). É um recurso utilizado pelo narrador a fim trazer a narrativa para o presente. “Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando devagar...”

Em seguida identificamos através da leitura e de perguntas os componentes do conto, como: personagens, espaço, tempo, conflito. Os estudantes, na ocasião, citaram outros exemplos de contos onde o conflito é resolvido por um elemento mágico. Neste caso, questionamos se na narrativa em estudo a protagonista teve essa ajuda externa ou se ela mesma buscou resolver o conflito em que se encontrava.

Logo após, os alunos refletiram e responderam que “a moça” resolveu a complicação em que se encontrava. Aproveitamos o momento para abordar um pouco sobre a questão do conto tradicional onde há a presença de uma ajuda externa e desse conto contemporâneo onde a mulher não espera o príncipe para salvá-la do perigo, mas deseja ter um marido, ter filhos, ser mais feliz, é crítica em relação ao seu relacionamento e reage diante das circunstâncias.

Utilizamos o primeiro parágrafo para o estudo da linguagem literária do texto:

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. (COLASANTI, 2006, p. 10)

Perguntamos: - É possível dizer esse trecho de uma outra forma? Como?

Responderam que sim. E que podíamos substituir a expressão “ainda no escuro” por uma hora exata de relógio. “Acordava às seis horas da manhã”. Continuamos perguntando se o sentido, a beleza do texto continuava a mesma com essa nova forma de dizer. Foram unânimes em responder que modificava a forma e que não combinava com o todo do texto e como estava ficava mais bonito.

Na ocasião puderam aproximar a linguagem subjetiva e objetiva. Refletimos sobre construções subjetivas presentes no texto como: beiradas da noite, destecer o marido, luz clara para começa o dia, ouvir o sol, acordar no escuro, chuva cumprimentar, vento e frio brigavam, chamar o sol, poder do tear. Em seguida, um dos aprendizes citou: - O meu dia, por exemplo, começa com a cor amarela. Perguntamos: - Por que? O aprendiz falou: - Por conta do alimento a base de milho que minha mãe põe na mesa ao amanhecer! (Risos...)

Seguindo a atividade perguntamos se o texto lido se relacionava com outros contos tradicionais que eles já leram, ou seja, se eles percebiam marcas de outros textos (intertextualidade) no conto “A moça tecelã”. Lembraram da história de Rapunzel onde a princesa fica em uma torre e de Aladim que tem um tapete mágico.

Iniciamos a instrução 04 objetivando analisar com os estudantes uma produção inicial de um aprendiz a fim de ampliar a aprendizagem do gênero por parte dos estudantes. A produção abaixo (PI25) foi selecionada tendo em vista que o aprendiz permitiu que o texto poderia ser usado em sala para estudo com a turma. Houve insegurança por parte de alguns em expor a produção, porém explicamos que nosso objetivo era fortalecer a aprendizagem sobre o estudo do gênero conto a partir do texto escrito por eles conforme verificaremos na produção abaixo:

**Quadro 23- Gênero conto produzido pelo aprendiz PI25**

Título	“Ler melhor viagem”
PI25	 <p>The image shows a handwritten text in Portuguese, which is a story. The title is "Ler melhor viagem". The text is written in cursive and is somewhat blurry. It appears to be a student's production of a story. The text starts with "Era uma vez uma garota chamada Marília, ela era extrovertida e popular onde vivia. Mas tinha certa dificuldade com as matérias da escola, tinha notas baixas e não gostava de ler." This matches the text in the 'Orientação' row of the table below.</p>
	<b>Estágios da Narrativa</b>
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma garota chamada Marília, ela era extrovertida e popular onde vivia. Mas tinha certa dificuldade com as matérias da escola, tinha notas baixas e não gostava de ler.

<b>Complicação</b>	<p>Certo dia, na escola quando estava durante uma aula, seu professor pediu que ela lesse um livro e que após lê-lo relatasse a história e o que entendeu da mesma oralmente para a turma.</p> <p>Como valia nota, decidiu fazê-lo. Pegou seu livro em casa mas não leu nem 1 parágrafo direito e já via aquilo como uma chatice. Chegou a ler uma página e já estava fechando os olhos.</p> <p>Suas pálpebras já iam fechar-se, quando de repente notou que através de sua janela um horizonte que logo tornou-se escuro e estrelado como a noite, por todos os lados que via ou ia . Chamou pelos seus familiares, porém ninguém respondeu; percebeu que estava sozinha,</p>
<b>Avaliação</b>	<p>para ela aquilo tudo era surreal. Do nada seu coração pesou e começou a chorar, o desespero havia tomado conta.</p> <p>Logo sentiu um tremor que abalou fortemente sua casa mais de uma vez. Desesperou-se mais ainda, por estar sozinha; não sabia o que fazer. Até que em meio aquela confusão veio uma lembrança em sua mente.</p> <p>“Nos piores momentos de nossas vidas, quando tudo parecer confuso, vazio e inesperado, possamos ler um livro, pois o mesmo pode ser um bom amigo nesses momento” – palavras de seu professor.</p> <p>Então ela lembrou que havia na verdade um grande vazio em sua vida, mas não sabia como preenchê-lo. De imediato correu para o livro que mal lera quando outro tremor ocorreu.</p>
<b>Resolução</b>	<p>Só que aquele abalara seriamente a estrutura de sua casa. Com medo agarrou o seu livro. Acordou assustada e chorando muito. Percebeu que havia sido um sonho. Pôs-se a ler o livro.</p> <p>Quando acabou se sentiu mais preenchida e de certa forma feliz. Apresentou para classe e ganhou nota máxima.</p> <p>Aprendeu que o livro pode ser uma viagem tão incrível e surreal quanto o seu sonho e que podemos sempre levar um bom e sábio aprendizado com o mesmo.</p>

Dando continuidade, distribuimos o texto que fora anteriormente digitado com toda a turma e o colocamos no *data show* a fim de visualizarmos melhor durante o estudo. Realizamos uma leitura silenciosa e passamos para a análise de forma oral com a exposição das opiniões dos estudantes a partir de perguntas que provocavam as respostas a partir do objetivo pretendido. Os estudantes faziam anotações no caderno quando necessário.

Dessa forma, conjuntamente, identificamos o contexto de cultura do texto que se trata de uma situação atual onde a personagem feminina estuda, ligado à leitura de livros e ao aprendizado na escola. Focalizamos que através da prática adotada pelo professor que é dada a oportunidade à personagem Marília de construir os conhecimentos como protagonista em sala uma vez que precisará apresentar para os colegas de sala o que lera em casa.

Quanto ao contexto de situação notamos que se tratava da estória de uma jovem chamada Marília que não gostava de ler e tirava notas baixas na escola. O que também coincidia com a orientação da narrativa. A complicação se instala, quando, frente a situação de desinteresse da personagem o professor pede o relato de uma estória lida em casa pela personagem para a turma. Diante da falta de vontade a personagem adormece e tem um sonho

surreal, inesperado que transforma o sentimento negativo que nutria pela leitura em vontade de ler (Avaliação). Motivada após esse sonho, realiza a tarefa e tira nota máxima (resolução).

Chegamos, também, à conclusão que o enredo se organizava com a presença de dois participantes que se relacionavam normalmente dentro de seus papéis sociais: Marília e o professor. A narrativa é organizada em estágios. Com uma linguagem clara. Faz uso de construções subjetivas. É um texto ficcional, conto, que apresenta um narrador observador, em um tempo cronológico sem a presença do diálogo direto. Inicia com era uma vez, marca dos contos de tradição oral.

A personagem feminina lembra-nos a do conto “A moça tecelã” quando se viu sozinha e agindo resolve o conflito que se instalou. Percebemos que o texto do aprendiz sofreu influência do conto “A moça tecelã”, em relação à escolha de elementos linguísticos e experiências vividas pelas personagens, conforme se verifica nos exemplos: horizonte, a solidão, o sofrimento e a libertação. Realizamos a identificação das escolhas linguísticas de tempo e lugar usadas no texto como: certo dia, na escola, durante uma aula, de repente, através da janela, logo, após, mais uma vez, em meio àquela confusão, nos piores momentos, de imediato e verificamos que elas são necessárias para construir o sentido do que pretendemos naquela situação de forma mais eficiente.

Conforme verificamos na análise apresentada no quadro abaixo (quadro 24) o texto “Ler melhor viagem” apresenta as seguintes circunstâncias associadas aos processos:

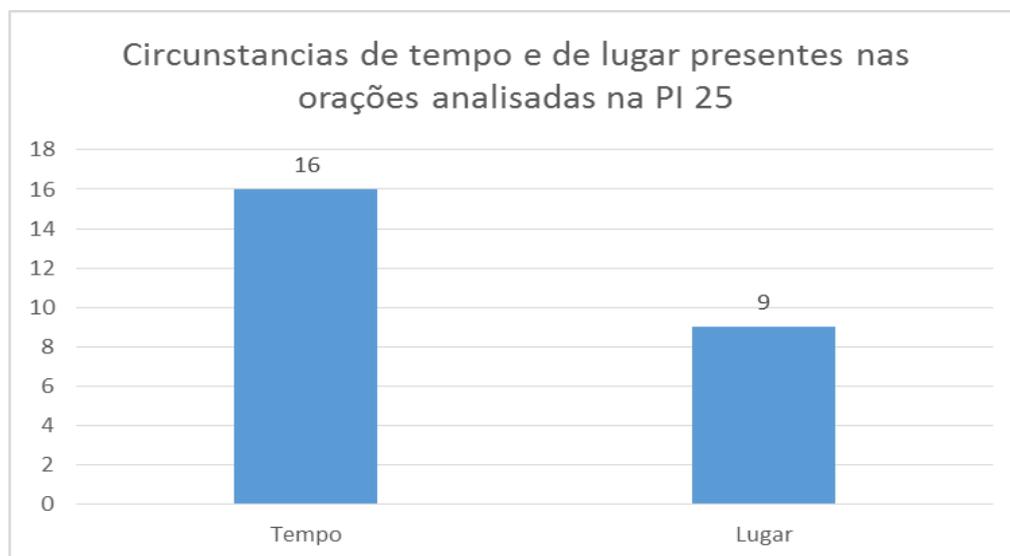
**Quadro 24 - Circunstâncias x processos presentes na PI 25**

Circunstâncias presentes na PI25	M A T E R I A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L	R E L A C I O N A L	V E R B A L	E X I S T E N C I B A L	T E M P O	L U G A R
Era uma vez uma garota ...						X	X	
[...]extrovertida e popular onde vivia[...]		X						X
Certo dia, [...] seu professor pediu...					X		X	
[...] na escola[...] seu professor pediu[...]					X			X
[...] estava durante uma aula [...]						X	X	
[...]e que após lê-lo [...]	X						X	
Pegou seu livro em casa...	X							X

[...] e já via aquilo como uma chatice [...]			X				X	
[...] e já estava fechando os olhos [...]		X					X	
Suas pálpebras já iam fechar-se...		X					X	
[...]notou que através de sua janela[...]			X					X
[...]que logo tornou-se escuro[...]						X	X	
[...]tornou-se escuro... por todos os lados...						X		X
Logo sentiu um tremor...			X				X	
Abalou... mais de uma vez.	X						X	
Até que ... veio uma lembrança...			X				X	
[...]em meio aquela confusão veio uma lembrança[...]			X					X
[...] veio uma lembrança em sua mente [...]			X					X
Nos piores momentos de nossas vidas... possamos ler um livro...	X						X	
[...] pois o mesmo pode ser um bom amigo nesses momento [...]				X			X	
[...] havia na verdade um grande vazio em sua vida [...]						X		X
De imediato correu...		X					X	
[...] correu para o livro [...]		X						X
[...] o livro que mal lera[...]	X						X	
[...] e que podemos sempre levar um bom e [...]	X						X	
TOTAL	6	5	6	1	2	5	16	9

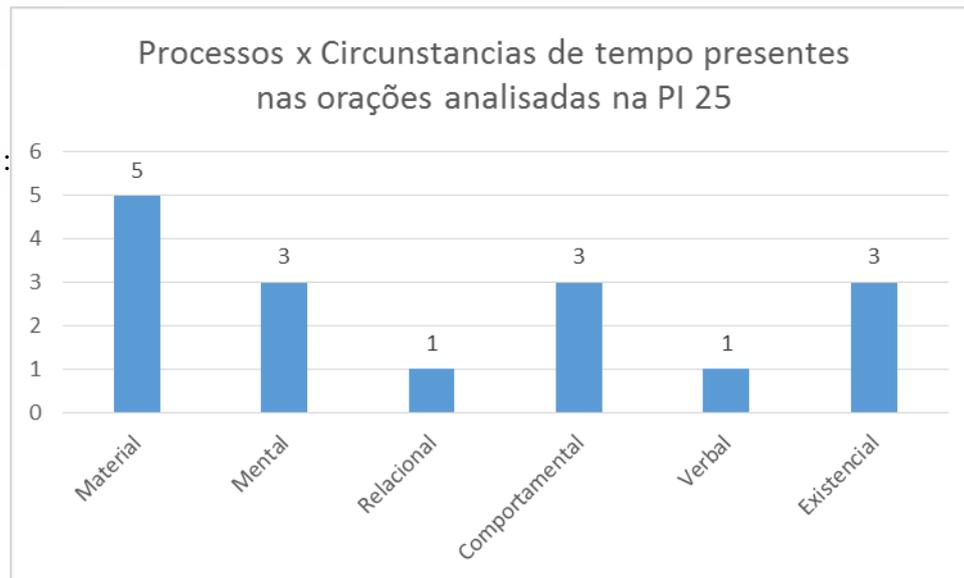
O gráfico abaixo representa o uso dos recursos de tempo e lugar presentes na PI 25 realizada na escola, assim, verificamos uma incidência de advérbios simples e perifrásticos indicadores de tempo superior aos de lugar nessa narrativa relacionados aos seis processos, embora os processos materiais se destaquem quando se refere a tempo.

Gráfico 7- Circunstâncias de tempo e lugar presentes nas orações analisadas na PI 25



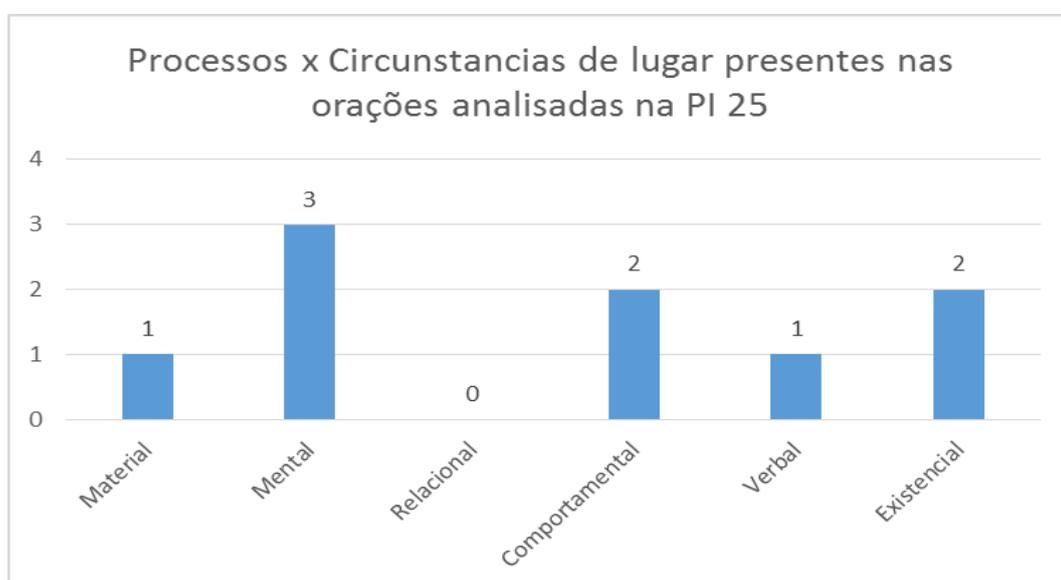
Em relação às circunstâncias temporais houve (16) ocorrências sendo (5) relacionada ao processo material, (3) comportamental, (3) mental, (3) existencial, 1 verbal, 1 relacional conforme verificamos no gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Processos x circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na PI25



Tomando por base o sistema de transitividade identificamos nestas orações presentes na PI25 produzida na escola a escolha das circunstâncias de lugar com (9) ocorrências, sendo (1) ligadas ao processo material, (2) ocorrências ligada ao processo comportamental, (3) ligadas ao processo mental, e (2) ligadas ao processo existencial e (1) ligada ao processo verbal.

Gráfico 9 – Processos x circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PI 25



A consciência reflexiva por parte dos estudantes desses elementos linguísticos de tempo e espaço na construção do conto literário é fundamental para ampliar a compreensão do

uso da língua de forma mais adequada na produção textual escrita. Neste caso, esses elementos são empregados dentro do texto analisado e relacionados aos processos indicando:

Tempo indeterminado (uma vez-era), (certo dia-pedi). Localização espacial e temporal das atividades dos participantes na estória. Espaço (onde-vivia), (na escola-pedi), (durante-estava), (após-lê-lo), (em casa-pegou), (já-via), (já-fechando), (já-fechar), (através de sua janela-notou), (logo-sentiu), (mais de uma vez-abalou), (até que-veio), (em meio àquela confusão-veio), (nos piores momento momentos- ler), (nesses momentos-pode ser), (em sua vida-havia), (de mediato-correu), (mal-lera), (sempre-levar). Localização temporal de mudança de estado de participante - (logo-tornou-se) e direção - (para o livro-correu).

A desconstrução representou uma etapa de construção de conhecimentos muito dinâmica uma vez que os aprendizes sentiram um texto produzido por eles tendo voz. Na sequência de atividades da instrução 04 chegou o momento de aproximarmos o gênero estudado com outro escolhido para estudo que neste caso coincidiu com a crônica, também sugerida no currículo do ensino fundamental para este ano.

#### **Quadro 25- Crônica – A bola**

<b>Crônica - A BOLA</b>	
<b>Autor - Luís Fernando Veríssimo</b>	
<p>O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola. O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “ legal! “. Ou os que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.</p> <p>- Como é que liga?- Perguntou.</p> <p>- Como, como é que liga? Não se liga.</p> <p>O garoto procurou dentro do papel de embrulho.</p> <p>- Não tem nenhuma instrução?</p> <p>O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos decididamente outros.</p> <p>- Não precisa manual de instrução.</p> <p>- O que é que ela faz?</p> <p>- Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.</p> <p>- O que?</p> <p>- Controla, chuta...</p> <p>- Ah, então é uma bola?</p> <p>- Claro que é uma bola.</p> <p>- Uma bola, bola. Uma bola mesmo.</p> <p>- Você pensou que fosse o quê?</p> <p>- Nada, não.</p> <p>O garotinho agradeceu, disse “ Legal! “, de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado MONSTER BALL, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentava</p>	

se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova ensaiou algumas embaixadinhas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- Filho, olha.

O garoto disse “ legal “, mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recuperar mentalmente o cheiro do couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Nesse dia, levamos para a turma a impressão do texto “A bola” do autor Luís Fernando Veríssimo com o objetivo de reforçar o uso da linguagem literária, da imaginação e do conflito. A escolha por “A bola” se deu pelo fato de representar um texto com uma temática contemporânea, de fácil compreensão, com a presença de diálogos, gírias, conflito de gerações, dito de forma engraçada. Logo relacionou-se muito bem àquele momento de atividade do ciclo. Pedimos aos estudantes que realizassem uma atividade de leitura silenciosa e se posicionassem em relação ao que mais chamou sua atenção naquele gênero em estudo.

Falaram que o texto da bola era mais fácil de ser lido. Perguntamos, por quê? - Por que é mais “manero”. Ou seja, não tem esses “arrudei” todo. E mais direto. Confirmaram alguns dos aprendizes. Ou seja, estávamos diante de um posicionamento em relação ao uso da linguagem pois consideraram aquela crônica mais objetiva, dentro do campo da realidade, do concreto e o conto ligado à imaginação, que para alguns traz uma certa insegurança, desequilibra, requer interpretação, e a compreensão de metáforas e de uma linguagem figurada.

Aproveitamos a oportunidade e debatemos sobre as diferenças percebidas entre as produções lidas do conto e da crônica em termos de elementos narrativos. Os aprendizes observaram que as personagens do conto se envolvem em um conflito que precisa ser solucionado, enquanto que no texto “A bola” não houve essa necessidade. - É um texto mais reflexivo, fala sobre o uso da tecnologia, diferente do conto, concluíram os aprendizes.

Dessa forma, finalizamos a etapa da desconstrução do gênero com os estudantes que já se sentiam motivados a realizar a construção conjunta do texto reforçando o que se entende por conto e crônica.

### 4.1.3 Construção Conjunta

A construção conjunta corresponde à etapa onde os estudantes, utilizando-se dos saberes construídos até então, permitidos pelas atividades desenvolvidas no ciclo de ensino e aprendizagem, construirão juntamente com o professor como mediador e com os outros componentes da sala, um texto do mesmo gênero estudado nas etapas anteriores.

Segundo Rose e Martin (2012, p. 65) esse estágio precisa ter uma preparação anterior à efetivação do mesmo de forma a embasar o estudante na construção do assunto a ser trabalhado através de estratégias como entrevistas, filmagens, visualização de vídeos, leituras, anotações, enfim essas atividades são flexíveis e serão pensadas para as turmas dentro da realidade de cada uma delas. Essa etapa foi vivenciada com a turma em 04 aulas de 50 minutos cada com as atividades que envolveram o planejamento e a produção escrita do texto.

#### Quadro 26- Construção conjunta – Instrução da 3ª etapa

<b>Construção Conjunta – 3ª ETAPA (CEA)</b>		
	<b>PRODUÇÃO CONJUNTA</b>	<b>AULAS</b>
<b>Instrução 01</b>	Produzir um conto escrito conjuntamente	04

Na aplicação desse ciclo, pensamos na produção de um conto e desenvolvemos as atividades para a efetivação do mesmo da seguinte forma: De início sugerimos aos estudantes que, pensassem nos debates e estudos realizados até aquele momento e falassem sobre assuntos envolvidos com o campo da estória lida a fim de que pudessemos desenvolver a nova estória. Alguns estudantes indicaram a questão da violência, outros sobre sonhos, desejo de realizar alguma coisa, da própria mulher e até sobre a virgindade.

Foi definido em conjunto que o campo do texto que produziríamos seria “sonhos” o que se deu a partir da reflexão sobre o texto que havíamos lido. Na ocasião o título da estória também terminou sendo definido pela turma: “O saqueador de sonhos”.

Dessa forma demos início ao planejamento de como seria esse texto. A quem seria dirigido, que linguagem seria utilizada nesse conto. Pensamos se iríamos contar na primeira ou terceira pessoa e voltamos a refletir alguns detalhes por exemplo: A personagem será jovem, homem maduro, mulher, criança. O que ele saqueava? Ele teria relação com o conto “A moça tecelã”? E as circunstâncias de tempo e lugar, como seriam empregadas? Onde vivia a personagem (ns)? Quando se daria a estória? E o conflito? Enfim, enfatizamos que

precisaríamos pensar também nos parágrafos, na escrita das palavras e na própria pontuação a fim de que especificássemos e pudéssemos pensar em conjunto o texto.

Depois de decidirmos todas essas dúvidas anteriores à escrita do texto, revisamos os estágios<sup>24</sup> da narrativa indicados em Labov (1972) a partir de uma orientação apresentada sobre essas etapas lembrando que se tratava de um texto ficcional.

Nas aulas seguintes demos início à produção orientada sendo registrada no quadro e pelos estudantes em seus cadernos. Diante do tempo decidimos que precisávamos conciliar as vozes a fim de que todos tivessem a oportunidade de expor suas ideias. Imediatamente perceberam que fala e escrita são coisas diferentes, porque assim que surgiam as ideias para arrumá-las no texto isso demandava tempo. A participação foi excelente. Geralmente tínhamos em torno de três opções para as ideias e a turma procedia de forma amadurecida para a escolha, mostrando que para eles a verdadeira joia se construía no quadro, e naquele momento ninguém estava magoado por sua ideia ter sido substituída pelo do outro colega, ou, na maioria das vezes, ampliada e dita de outra forma. E assim realizamos a orientação e os estudantes mostraram-se envolvidos.

Demorávamos até decidir sobre o uso de uma palavra ou arrumar a ideia de forma a combinar com o que estava sendo dito. Exemplo – isolava ou trancava, dias e noites ou meses e anos, tornara-se ou transformava-se. Decidir o sonho do amigo ao bater à porta do saqueador foi um desafio, pois sugeriram ganhar na loteria, ganhar herança, casar, namorar, enfim ficou decidido: viajar para o exterior. Decidir pela resposta do saqueador não foi fácil, pois alguns queriam narrar colocando o saqueador apoiando o amigo para depois desapoiá-lo.

Como o saqueador havia deixado o jovem foi outra tarefa difícil. Até que um dos aprendizes falou: - Desiludido! E todos aceitaram. Chegaram a pedir: “Decida, professora!” Tiveram a preocupação em render o personagem ao bem. Ou seja, essa luta do bem contra o mal, vencendo o amor continua bem presente em seus discursos. Uma vez que questionei qual o encaminhamento que daríamos à resolução. E, diante da resposta, imediatamente pensaram no pedido de desculpas por parte da personagem e a correção do que havia feito.

Ao final do texto, que a classe inteira aplaudiu, foi um momento de conquista para todos. Pedi que um dos aprendizes lessem em voz alta a fim de escutarmos como ficara a

---

<sup>24</sup> Resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda.

produção. Escutaram atentamente, e, ao término, aplaudiram novamente o texto abaixo, inventado por eles que tomava voz na sala naquele momento.

**Quadro 27- construção conjunta do Conto “O saqueador de sonhos”**

Produção Coletiva	
Estágios	O Saqueador de Sonhos
Resumo	—
Orientação	Do quarto onde se isolava não ouvia a chegada do dia, não sentia a brisa da manhã, nem, ao menos via as pessoas em movimento. E assim, aquele homem, por dias e noites, tornava-se uma pessoa sem sonhos.
Complicação	Certo dia, um amigo, bate em sua porta cheio de esperanças, pois estava prestes a realizar uma viagem para o país que tanto sonhou. — Acho melhor você não ir! — Disse — Pressinto que algo de ruim pode lhe acontecer! Naquele mesmo instante, o amigo sentiu-se entristecido e sem muita demora foi embora daquela casa.
Avaliação	O saqueador havia, como de costume, deixado o jovem confuso e desiludido.
Resolução	Ao anoitecer, repentinamente, sentiu-se culpado. Correu até o amigo e incentivou-lhe a viajar. Lá fora, a partir daquele dia a vida passou-lhe a sorrir novamente.

Na aula seguinte a produção foi reapresentada para os estudantes a fim de realizarmos uma leitura observando como estava em termos de organização do texto, estrutura do gênero, emprego da linguagem literária, uso dos elementos indicadores de tempo e espaço, escrita das palavras, pontuação, entre outros aspectos que se relacionam à produção textual.

Pedimos aos estudantes que se agrupassem em trios a fim de que pudessem realizar essa atividade de leitura e sugerissem algumas modificações necessárias. Percebemos que o texto produzido corresponde a um conto. Há a presença do traço literário: desafio superado pela turma pois trouxeram o elemento modificador da personagem/situação, representado por ela mesma e seu sentimento de culpa. Além disso, sabemos que a vida não sorri, o dia não faz barulho ao chegar, etc. Esses traços contribuíram para fortalecer as características do gênero conto.

Quem nunca passou pela experiência de ter alimentado um sonho possível de ser realizado, e, de repente, na ansiedade conta à pessoa que você mais imagina que vai lhe apoiar, que vai lhe proferir palavras de incentivo, e repentinamente experiencia um sentimento de frustração, possibilitado pelo interlocutor (a) que se esperava dele (a) uma atitude no sentido de “estou com você”, “não desanime”, mas o que se sente é “não vai dar certo”, “não conte comigo”, entre outros.

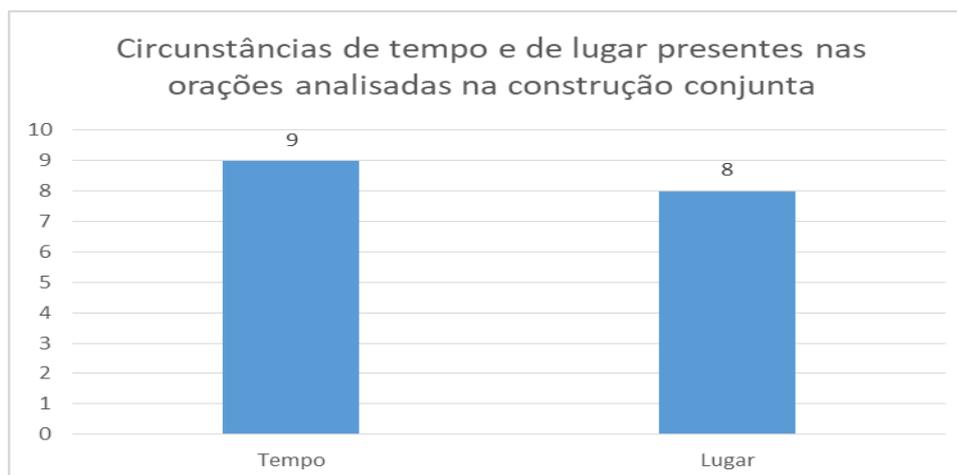
Nesse ponto, o conto produzido dialoga com “A moça tecelã”, pois ela tinha o sonho de ser feliz através daquele relacionamento que ela mesma buscou e de aumentar essa felicidade com a chegada dos filhos que ela tanto sonhava e que não fora correspondido tendo sido “saqueado” pelo marido, que no caso, nem voltou atrás conforme se percebe em “O saqueador de sonhos”. Na continuação, realizando um estudo dos elementos léxico gramaticais da produção conjunta encontramos nesse texto os seguintes advérbios e locuções adverbiais ligadas aos processos conforme se vê no quadro 28 abaixo:

**Quadro 28 – Circunstâncias x processos presentes na construção conjunta**

Circunstâncias x processos presentes em: “O saqueador de sonhos”	M A T E R I A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L	R E L A C I O N A L	V E R B A L	E X I S T E N C I A L	T E M P O	L U G A R
Do quarto onde se isolava	X							X
(Do quarto) não ouvia a chegada do dia			X					X
(Do quarto) não sentia a brisa da manhã			X					X
(Do quarto) nem, ao menos via as pessoas em movimento.			X					X
por dias e noites, tornava-se uma pessoa sem sonhos				X			X	
Certo dia, um amigo, bate em sua porta cheio de esperanças	X						X	
estava prestes a realizar uma viagem para o país que tanto sonhou	X							X
[...]um amigo, bate em sua porta cheio de esperanças	X							X
Naquele mesmo instante, o amigo sentiu-se entristecido			X				X	
[...] foi embora daquela casa.	X							X
Ao anoitecer [...] sentiu-se culpado.			X				X	
repentinamente, sentiu-se culpado.			X				X	
[repentinamente ]Correu até o amigo		X					X	
[ repentinamente ] incentivou-lhe a viajar.			X				X	
Lá fora, [...] a vida passou-lhe a sorrir	X							X
a partir daquele dia a vida passou-lhe a sorrir	X						X	
a vida passou-lhe a sorrir novamente.	X						X	

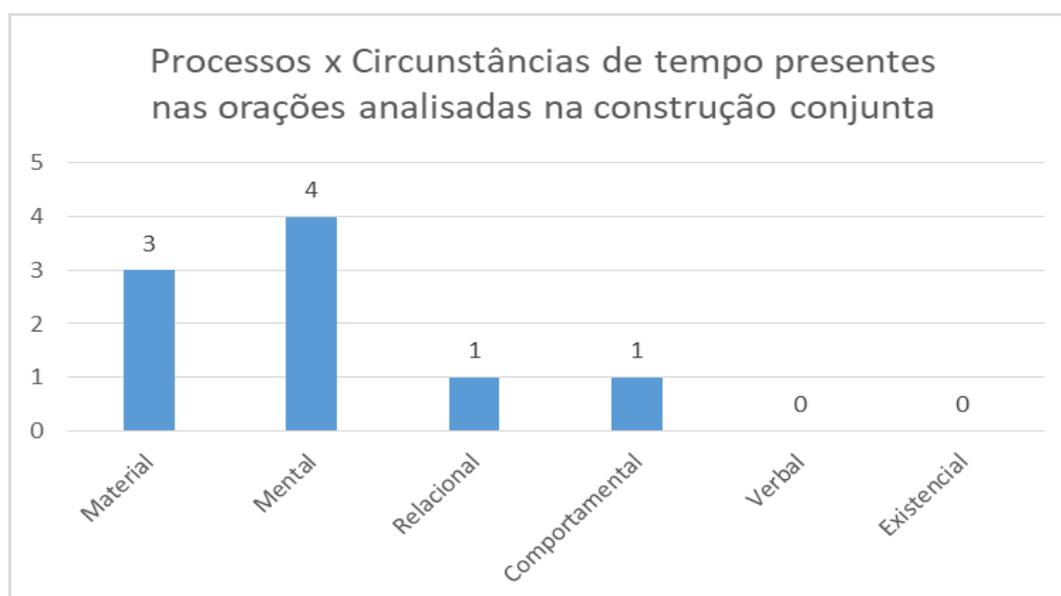
Tomando por base o sistema de transitividade identificamos nestas orações da produção conjunta produzida na escola pelo estudante a escolha das circunstâncias de tempo e lugar com respectivamente (09) nove e (08) oito ocorrências conforme verificamos no gráfico que seguem:

Gráfico 10 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na construção conjunta



Percebemos, a partir da análise dos elementos léxico gramaticais sob a ótica da transitividade, a presença no texto produto da construção conjunta, realizado em sala de aula, em sua maioria de locuções adverbiais sobre os advérbios demonstrando que os usuários da língua, naquele momento, construíram o sentido do texto que produziam a partir desse grupo chamado de advérbios perifrásticos (NEVES, 2011). E esses elementos aparecem ligados aos processos conforme vemos no gráfico 11:

Gráfico 11 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na construção conjunta



Em relação às circunstâncias temporais as ocorrências se deram da seguinte forma: (03) três delas ligadas ao processo material, (04) quatro ao processo mental, uma (01) ao processo comportamental e 01 (uma) ao processo mental. Nesse caso, por exemplo, a expressão espacial “para o país que tanto sonhou” ligada ao processo “realizar” indica a

direção que a viagem tomaria, processa no texto para o leitor a ideia de lugar que o personagem gostaria de conhecer, um país estrangeiro.

Por outro lado, as expressões indicadoras de tempo identificadas em “ Por dias e noites” “certo dia”, “naquele mesmo instante”, “ao anoitecer”, “repentinamente”, “a partir daquele dia” e “novamente” ligadas aos processos:

a) relacional, enfatizam a recorrência do fato da personagem tornar-se essa pessoa sem sonhos, ela não era assim, mas por dias e noites, tornara-se assim.

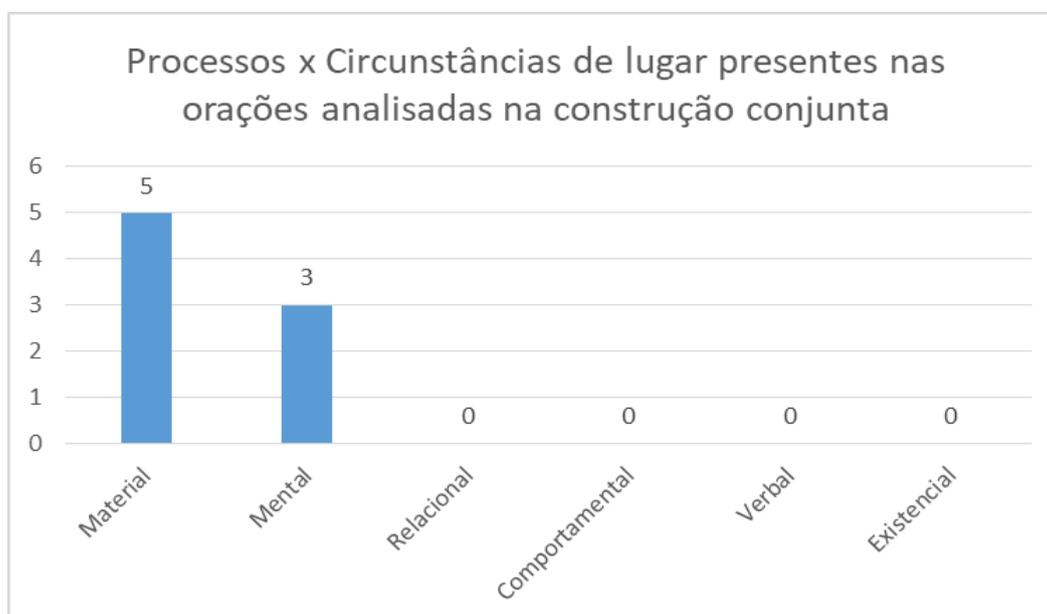
b) material, bater na porta aponta que a ação ocorre, mas não há uma necessidade de se especificar o quando se deu essa ação, no caso a escolha é representada pelo advérbio perifrástico: “certo dia”, e “novamente” ligado ao processo passar sugere ao leitor o regresso, ou seja, o personagem voltara a ser o que era antes.

c) mental, sentir, relacionada à expressão “naquele mesmo instante” reforça a rapidez com que a personagem reagiu ao que ouviu do amigo, ao contrário do que acontece com o amigo que lhe desiludiu que só vem sentir o que causou ao outro “ao anoitecer”. Embora ao se perceber e compreender o que havia provocado, “repentinamente”, passe a incentivar o amigo.

d) comportamental – correr ligada também ao advérbio “repentinamente” indica a pressa como o personagem, que não tem nome, age, a fim de não impedir a viagem do amigo.

O gráfico abaixo representa a quantidade de processos que se relacionam às circunstâncias de lugar na construção do sentido do texto produzido conjuntamente na escola.

Gráfico 12 - Processos x Circunstancias de lugar presentes nas orações analisadas na construção conjunta



Tempo e lugar concorrem ao mesmo tempo dentro dessa realização textual. As expressões indicadoras de localização ligadas na maior parte ao processo material, com cinco ocorrências, seguidas do processo mental com três ocorrências, servem para indicar onde se inicia a observação do narrador (do quarto) e por onde ele vai conduzindo o leitor através da ação das personagens, conforme se observa nesses três trechos: [...] um amigo, bate em sua porta cheio de esperanças. ”, “foi embora daquela casa. ”, “Lá fora, [...] a vida passou-lhe a sorrir” (CONSTRUÇÃO CONJUNTA)

Essas expressões também concorrem, ao mesmo tempo, para ampliar dentro da narrativa de forma gradativa a visão do espaço de onde se começa a narrar: quarto, porta, casa, até chegar a “lá fora”.

Concluimos, portanto que as expressões circunstanciais de lugar e tempo não são escolhidas pelos usuários de nossa língua de forma impensada ou para complementar uma lacuna em uma frase, mas essas expressões estão imbricadas ao texto e ao contexto em que esse texto é produzido. Não se justificando um estudo das mesmas de forma classificatória pela escola sem realizar com os estudantes uma reflexão sobre a funcionalidade das mesmas nos contextos de produção do texto.

#### **4.1.4 Construção Independente**

A construção independente corresponde a última etapa desse ciclo de aprendizagem e nele de acordo com Rose e Martin (2012, p. 65) também como na etapa anterior deve haver uma fase de preparação para se construir um texto do mesmo gênero estudado.

Nessa etapa, os estudantes poderão realizar consultas ao (s) professor (es) e colega (s) sobre a escrita de seu texto, uma vez que se pretende desenvolver habilidades de produção de texto escrito e a interação, com tiradas de dúvidas, escuta pelo outro, reescrita e sugestões contribuem para fortalecer esse processo. Depois de prontos os textos poderão ser utilizados para ampliação de conhecimentos a partir do debate sobre o assunto dos mesmos, das escolhas léxico gramaticais, da linguagem utilizada, pontos de vista defendidos, entre outros.

Nesse momento, foi vivenciada pela turma através da produção escrita do gênero conto de forma individual pelos estudantes e de atividades como: uso do dicionário, consulta ao colega em duplas e à professora, leituras de outros textos livremente de forma a reescrever o texto final.

**Quadro 29- Construção independente- Instruções presentes na 4ª etapa**

CONSTRUÇÃO INDEPENDENTE – 4ª ETAPA (CEA)		
PRODUÇÃO INDEPENDENTE		AULAS
Instrução 01	Planejar e produzir um conto escrito (individualmente)	03
Instrução 02	Produção de uma coletânea de contos (para o acervo da biblioteca da escola)	-

Finalizada a etapa da construção conjunta, preparamos os estudantes para a produção independente aplicando a quarta etapa desse ciclo. Nesse contexto, foram realizadas 26 produções finais que foram analisadas conforme o quadro abaixo das quais duas delas foram utilizadas para análise nessa dissertação pelos motivos explicados posteriormente.

**Quadro 30 – Campo das produções finais**

CONTEXTO DE SITUAÇÃO					
	TÍTULO	CAMPO	RELAÇÃO	MODO	
				TEXTO	GÊNERO
PF01	A Menina que sonhava em ser uma modelo	Sonho da menina	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF02	o menino ninja	Combate ao bullying	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF03	A menina que não queria nada com a vida	Vontade de ficar na festa	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF04	O Segredo de João	A descoberta de um segredo	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF05	O ESPIRITO QUE ABITAVA NA FLORESTA!	Perpetuação à proteção da floresta	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF06	O carro dos Sonhos	A desejo de ter um carro	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF07	O pequeno sonhador	Corrida de fórmula 1	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF08	Em Busca da felicidade	Ida para a cidade	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF09	O menino que catava latas	Ascensão Social	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF10	O bobo da Corte	Ascensão Social	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF11	(O menino da orelha grande)- não tem título	Bullying	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF12	O menino perdido	Busca pelo alimento	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF13	O Amor não Cumrespondido	Amor	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF14	A menina rica que se apaixona por um garoto pobre	Namoro	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF15	micaely, sua Amiga	Passeio na fazenda	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF16	A menina que escondeu a doença do seu namorado .	Menina doente	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF17	Desenhando destinos	Superação de problemas	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF18	O MENINO E O COMPUTADOR ASSOMBRADO	Problema no computador	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF19	“A menina que queria	Realização de um	Contista/leitor	Narrativo	Conto

	ser bailarina”	sonho			
PF20	Cat-man	Ação de um herói	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF21	O fantasma do Mirabilândia	Assombração no parque	Contista/narrador	Narrativo	Relato
PF22	O sonho do jogador	Trabalho em equipe	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF23	O amor e a fada	Festa	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF24	Um casal apaixonado	Amor	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF25	O menino da lâmpada	Magia	Contista/leitor	Narrativo	Conto
PF26	Pérolas de um colar	Mudança de vida	Contista/leitor	Narrativo	Conto

Dentre os textos finais nos utilizamos das seguintes produções: PF17 e PF26 a fim de realizarmos um estudo sobre a relação da leitura de contos embasado em um ciclo de ensino aprendizagem da escola de Sydney na Austrália com a produção de narrativas desse mesmo gênero relacionado aos elementos léxicos - gramaticais indicadores de ideia de lugar e tempo nos mesmos conforme percebemos nos textos dos aprendizes apresentados e analisados abaixo. A escolha dessas produções justifica-se por representar contos que dialogam mais com a personagem do texto estudado em sala “A moça tecelã”, como mostra esta PF 26:

### Quadro 31 - Gênero conto produzido pelo aprendiz PF26

PF26 Título	PÉROLAS DE UM COLAR
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>É como mais um de seus repetitivos e intermináveis dias, Ane acordava novamente. A luz da manhã entrava em seu pequeno, porém, aconchegante quarto para avizer-lhe o novo dia que chegara. Pequena, de longos cabelos negros e belos olhos azuis, trabalhava em uma casa com porte de balancete desde que se entendera por gente. Não sabia ler, ao passo que também não sabia escrever, tinha sua essência, mas nunca foi realmente amada, e almejava tal coisa.</p> <p>– Ora! Onde pôs meu scarpam Ane?! E lá ia a moça procurar algos que estava bem abaixo de seu nariz; era assim todos os dias.</p> <p>Certa vez, como de costume, foi fazer compras para seus patrões, no supermercado. Viu uma senhora já muito velha e cansada carregando suas compras, que eram bem pesadas, e resolveu ajuda-la. Então, aquela senhora, como agradecimento deu um colar com três pérolas à Ane</p>
<b>Complicação</b>	<p>Ao terminar de mais um dia, já tarde da noite, desabou em sua cama e respirou profundamente. Olhou para um livro em sua estante e falou:</p> <p>– Como eu queria saber ler...</p> <p>Olhou-se no espelho, notou que uma das pérolas de seu colar havia sumido. Sentiu uma súbita vontade de pegar o livro e apavorou-se ao entender cada palavra.</p> <p>Então, desejou ser rica e dona de tudo aquilo, fazendo assim, seus patrões sumiram; assim como muitos dos que conhecia, inclusive a filha mais velha de seus patrões, que se chamava Candy.</p> <p>No início sentia-se realizada e feliz; mas com o passar do tempo percebeu que estava sozinha, que o pouco de amor que tinha havia sumido</p>
<b>Avaliação</b>	Ficou muito angustiada. Sentia falta de sua antiga vida
<b>Resolução</b>	<p>Viu o colar que, agora, estava em sua gaveta. Podia desejar o que quisesse: Depois de muito refletir, desejou ter aquela vida de volta.</p> <p>Ao acordar, olhou em sua volta e vira seu quarto de antes iluminado à luz do dia. Estava feliz. Era feliz e grata.</p>
<b>Coda</b>	Um dia encontraria o amor; apesar de tê-lo dentro de si.

“Pérolas de um colar” corresponde a um conto narrado na terceira pessoa. Trata da estória de uma moça que trabalhava em uma casa com porte de palacete desde que se

conhecera por gente. Não sabia ler nem se sentia amada pelas pessoas. Até que um dia ela ganha um colar com três pérolas de uma senhora em um supermercado em troca de gratidão e descobre que esse objeto era mágico e tinha poderes de transformar a vida dela.

Fazendo uso dos poderes mágicos das pérolas aprende a ler, torna-se rica e as pessoas com as quais ela convivia diariamente deixam de existir em sua vida. Com o passar do tempo a mesma sente-se sozinha e angustiada pois pensara que a nova situação compensaria a ausência do amor. Resta-lhe apenas uma única pérola. Poderia desejar o que quisesse. Optou por voltar a sua vida de antes. Com a certeza de que o amor existia dentro de si mesma e um dia encontraria uma pessoa que correspondesse a esse amor de verdade.

O sentido do texto é construído, entre outros recursos, a partir das escolhas circunstanciais de tempo e lugar selecionadas pela autora. A incidência desses elementos pode ser comprovada conforme verificamos no quadro 32 abaixo que representa a relação entre o uso das circunstâncias presentes na PF26 e a incidência de processos utilizados pelo aprendiz na produção do texto.

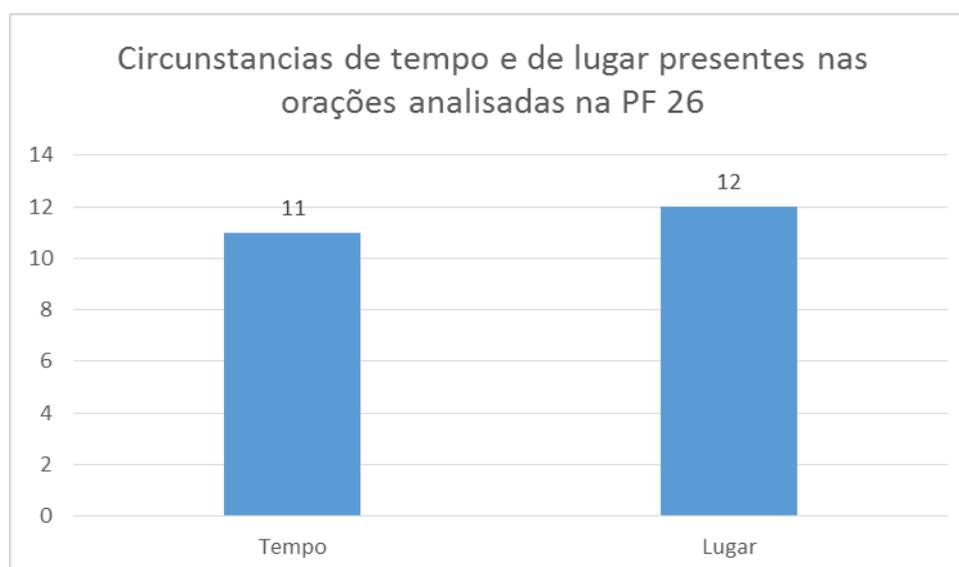
**Quadro 32 – Circunstâncias x processos presentes na PF 26**

Circunstâncias presentes na PF26 Pérolas de um colar	M A T E R I A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L	R E L A C I O N A L	V E R B A L	E X I S T E N C I A L	T E M P O	L U G A R
Ane acordava novamente.		X					X	
A luz da manhã entrava em seu pequeno [...] quarto...	X							X
[...] trabalhava em uma casa...	X							X
[...] desde que se entendera por gente.			X				X	
[...] nunca foi realmente amada,...				X			X	
Onde pôs meu scarpam Ane?!	X							X
E lá ia a moça procurar algos...	X							X
[...] estava bem abaixo de seu nariz;						X		X
[...] era assim todos os dias.				X			X	
Certa vez, como de costume, foi fazer compras...	X						X	
[...] foi fazer compras [...] no supermercado.	X							X
[...] já tarde da noite, desabou...	X						X	
[...] desabou em sua cama...	X							X
Olhou para um livro ...		X						X
Olhou-se no espelho,...		X						X
No início sentia-se realizada e feliz...			X				X	

[...] com o passar do tempo percebeu que estava sozinha...			X				X	
[...]o colar que, agora estava[...]						X	X	
[...] estava em sua gaveta.						X		X
Depois de muito refletir,...			X				X	
olhou em sua volta[...]		X						X
Um dia encontraria o amor...	X						X	
[...] apesar de tê-lo dentro de si.				X				X

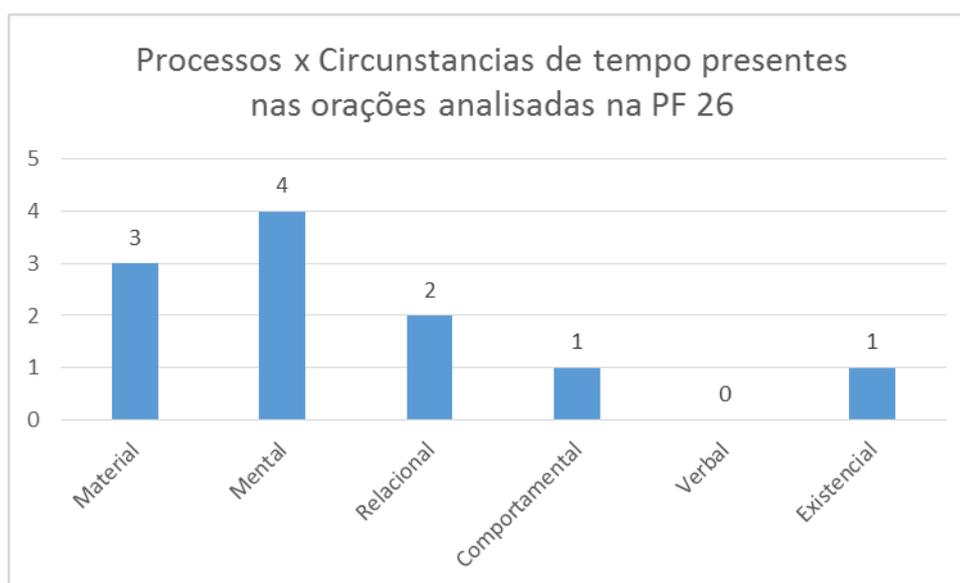
De acordo com o quadro 32 percebemos que houve uma incidência de processos material, mental, comportamental, relacional e existenciais relacionados a circunstâncias de tempo e lugar. Poderemos verificar a frequência com que esses recursos ocorrem com as informações visualizadas nos gráficos abaixo:

Gráfico 13 - Circunstancias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na PF 26



De acordo com o gráfico 13, ocorreu praticamente uma equivalência entre as escolhas dos elementos circunstanciais de tempo e de lugar realizadas pelo aprendiz na construção do texto. E em relação a esses recursos utilizados associados aos processos temos no gráfico 14 a seguinte representação:

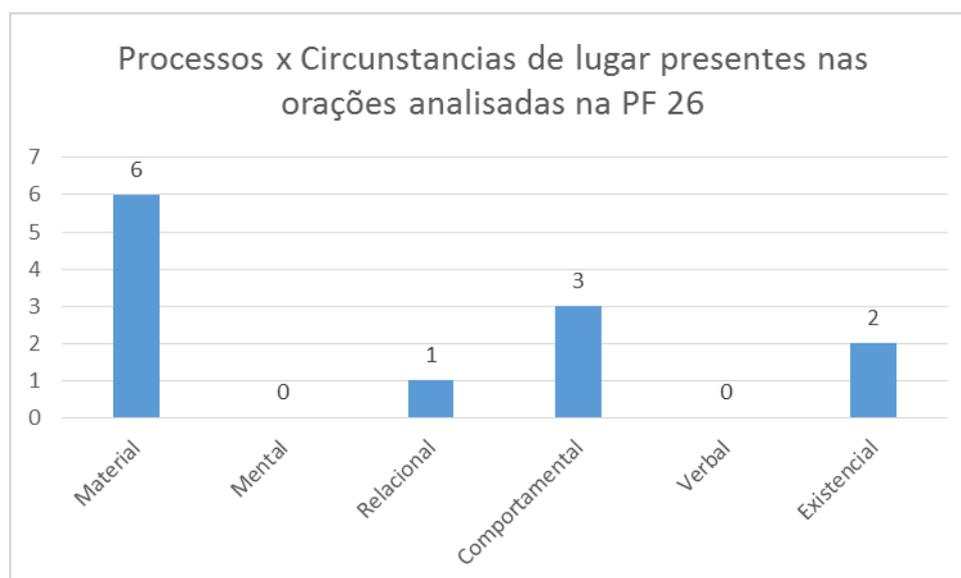
Gráfico 14 - Processos x Circunstancias de tempo presentes nas orações analisadas na PF 26



Pelo gráfico 14 verificamos que as circunstâncias de tempo usadas pelo aprendiz na elaboração da PF 26 ligam-se a maioria dos processos, ocorrendo com mais frequência com o processo mental e material.

O gráfico 15 apresentado abaixo refere-se à relação do uso das circunstâncias de lugar associadas aos processos e, dessa forma, comprovamos que:

Gráfico 15 - Processos x Circunstancias de lugar presentes nas orações analisadas na PF 26



Ocorreu uma prevalência quanto à recorrência do processo material relacionado às circunstâncias de lugar, seguido do processo comportamental face aos outros tipos de processos. E, observando a relação entre os textos “Pérolas de um colar” e “A moça tecelã” percebemos que se relacionam por apresentar a presença de objetos mágicos: pérolas e tear os quais conferem poderes às personagens, embora o poder das pérolas fosse mais limitado, só permitisse três desejos ao passo que o do tear era ilimitado.

As personagens, mulheres, nos dois contos aproximam-se pelo fato de que tinham o poder de escolha permitido pelos objetos e distanciam-se no momento em que “A moça tecelã” deseja a felicidade através do casamento e dos filhos, enquanto que Ane em “Pérolas de um colar” deseja o poder através da riqueza e do conhecimento. Ambas são histórias de renúncia onde a moça tecelã abdica de toda riqueza que construíra e até do suposto amor que havia encontrado para voltar a ser feliz novamente consigo mesma, por outro lado Ane em “pérolas de um colar” renuncia toda a riqueza e o poder que conseguira através do colar pela vida de outrora, pois presume-se que esta lhe trazia mais amor e felicidade.

Em relação ao tempo, essas histórias se dão em épocas diferentes, uma no século XVIII e a outra se passa no presente com marcas de atualidade como; supermercado e desejo de leitura pela mulher, poder através do conhecimento. O conflito se assemelha pois, ambas, se sentem sozinhas.

Percebemos, a partir da análise dos elementos Léxico gramaticais sob a ótica da transitividade, a presença no texto “Pérolas de um colar”, produto da construção independente, realizado em sala de aula, de circunstâncias indicadoras de lugar e tempo em sua maioria marcadas por advérbios e locuções adverbiais de tempo sobre os advérbios e locuções adverbiais de lugar. As circunstâncias de lugar relacionam-se aos processos apresentados abaixo, que segundo Fuzer e Cabral (2014) referem-se às seguintes representações:

a) representação da experiência externa (ações e eventos) nos seguintes casos: em seu pequeno quarto (entrava), em uma casa (trabalhava), onde (pôs), no supermercado (foi fazer) e em sua cama (desabou) indicando: localização. Lá (ia) – O advérbio lá reforça o processo material ia e ao mesmo tempo não deixa claro para o leitor a localização para onde se dirigia a personagem.

b) representação das relações nos seguintes casos: dentro de si (ter) relacionado a um sentimento possuído pela personagem, onde o amor encontrava-se (no caso dentro da própria Ane).

c) representação de comportamentos (manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano) nos seguintes casos: para um livro (olhou), no espelho (olhou), em sua volta (olhou) indicando direção para onde incide a ação de olhar, localização onde incide a ação de olhar.

d) a representação da existência de um participante nos seguintes casos: embaixo do nariz (estava), em sua gaveta (estava) indicando a existência do “scarpam” e “do colar” citados no texto.

Em relação às circunstâncias marcadas pelos advérbios e locuções adverbiais de tempo verificamos que essas ocorrem ligadas aos processos:

a) material – em: Certa vez (foi fazer), já tarde da noite (desabou), um dia (encontraria) indicando quando se realiza atividade do fazer da personagem.

b) mental – Desde que (entendera), no início (sentia), com o passar do tempo (percebeu), depois (refletir) indicando quando se processa as atividades realizadas pela personagem.

c) relacional – nunca (foi) indica de forma absoluta a negativa sobre o fato de Ane ter sido amada, todos os dias (era) enfatiza a rotina vivida pela personagem.

d) novamente (acordava) – referindo-se à repetição da atividade realizada pela personagem. e) existencial – agora (estava) reforça a circunstância temporal, naquele momento o objeto se encontrava na gaveta.

### Quadro 33 – Gênero conto produzido pelo aprendiz PF17

PF17Título	DESENHANDO DESTINOS
Resumo	
Orientação	Patrícia era uma jovem garota que sóbria diariamente com seus pais, eles brigavam sempre e com isso os dias da garota se tornavam escuros, frios e sem vida. Além disso, os únicos amigos que ela tinha, haviam ficado em outra cidade, sendo assim, ela encontrava seu refúgio nos desenhos. Acordava ainda cedo, sentindo a calma da manhã invadindo seu quarto, se organizava e ia para a escola, onde para ela era uma tortura pois não conhecia ninguém e se sentia estranha e solitária.
Complicação	Numa bela tarde, Patrícia chegou em casa já não aguentando mais a vida que levava e ficou imaginando que todo poderia acabar se ela morresse. E assim se perdeu em seus pensamentos. Quando se deu conta, já estava desenhando todo aquele mau pensamento. Ficou olhando para o papel e de repente, em poucos instantes, a menina estava vivendo aquele péssimo e monstruoso destino em que se imaginara.
Avaliação	Desejou voltar a sua vida de antes, mas não sabia o que fazer. Ela estava presenciando uma assustadora briga de seus pais e estava prestes a acabar com sua própria vida quando se lembrou do caderno em que desenhara aquele destino.
Resolução	E, assim, dentro daquela briga, em um instante, estava desenhando um destino mágico e encantador para si mesma, onde ela era feliz com sua família e amigos. E desenhava, de uma forma surpreendente. E lá estava ela novamente, acordando bem cedo, sentindo os raios frágeis do sol da manhã passando por sua janela e se depositando em sua pele.
Coda	A menina continuou desenhando destinos em seu caderno, mas dessa vez, todo era mais bonito.

“Desenhando destinos” corresponde a um conto produzido em sala na etapa da construção independente por um dos aprendizes. A narrativa que se passa na própria casa da protagonista, conta em terceira pessoa, com um tempo cronológico, a estória de uma jovem garota solitária, Patrícia, que sofria diariamente com as brigas dos pais e não tendo amigos refugiava-se nos desenhos. Até que um dia, presenciando a mais uma dessas brigas, a protagonista resolve tirar a própria vida, criando a ação dramática do conto que se resolve pela própria moça, quando a mesma tem a ideia de mudar o curso desse desejo a partir de um elemento mágico, o caderno e os desenhos que nele registrava.

Através desses desenhos a menina supera os problemas trazidos pelas desavenças familiares e se enxerga como uma pessoa autônoma que tem condições de modificar o seu próprio destino. E assim sua vida e seus desejos tomam novos caminhos, onde a morte cede lugar à vida e tudo se torna mais bonito.

Todo esse enredo é apresentado ao leitor com o uso de uma linguagem subjetiva como podemos perceber nestes exemplos: A escola era uma tortura, encontrava refúgio nos desenhos, calmaria da manhã invadindo o quarto, monstruoso destino, desenhando destino, que inclusive intitula o texto.

É um texto que dialoga com o campo do texto “A moça tecelã”, autonomia da mulher, poder de decisão sobre suas escolhas, uma vez que assim como no primeiro texto a moça tecelã não aceita o seu destino de submissão e sofrimento, Patrícia também não aceita o destino de sofrimento e morte em que está inserida e resolve mudar isso usando os desenhos como âncora.

Percebemos, a partir da análise dos elementos léxico-gramaticais sob a ótica da transitividade, a presença no texto “Desenhando destinos”, de elementos circunstanciais indicadores de tempo e lugar representados por advérbios simples e advérbios perifrásticos, ou locuções adverbiais (Neves, 2011) conforme verificamos no quadro 34.

**Quadro 34 - Circunstâncias x processos presentes na PF 17**

Circunstâncias presentes na PF17 Desenhando destinos	M A T E R I A L	C O M P O R T A M E N T A L	M E N T A L	R E L A C I O N A L	V E R B A L	E X I S T E N C I A L	T E M P O	L U G A R
que sóbria diariamente com seus pais			X				X	
[...] eles brigavam sempre [...]	X						X	
[...]haviam ficado em outra cidade [...]				X				X
[...] encontrava seu refúgio nos desenhos.	X							X
Acordava ainda cedo, ...		X					X	
[...] ia para a escola [...]	X							X
[...] onde para ela era uma tortura [...]				X				X
Numa bela tarde, Patrícia chegou...	X						X	
Patrícia chegou em casa...	X							X
[...]já não aguentando mais...			X				X	
E assim se perdeu em seus pensamentos.			X					X
já estava desenhando	X						X	
Ficou olhando para o papel ...		X						X
Ficou olhando [...] e de repente...		X					X	
[...] em poucos instantes, a menina estava vivendo [...]		X					X	
E, assim, dentro daquela briga, [...] estava desenhando...	X							X
[...] em um instante, estava desenhando [...]	X						X	
[...] onde ela era feliz com sua família [...]				X				X
E lá estava ela...						X		X
[...] estava ela novamente [...]						X	X	
[...] acordando bem cedo [...]		X					X	
[...] os raios frágeis do sol da manhã passando por sua janela [...]	X							X
[...] e se depositando em sua pele.	X							X
[...] desenhando destinos em seu caderno [...]	X							X
[...] dessa vez, todo era mais bonito.				X			X	

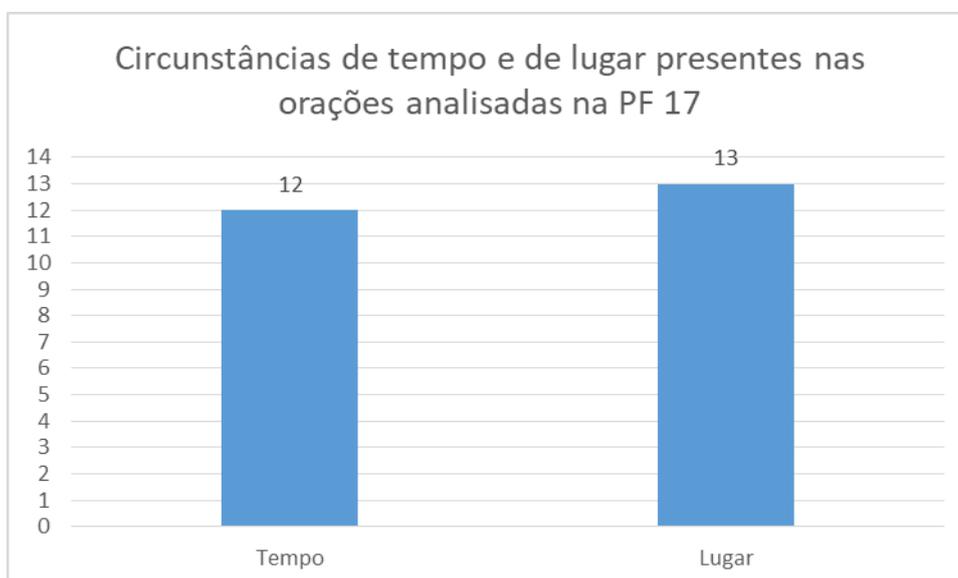
As circunstâncias de lugar apresentada no exemplo acima (quadro 34) relacionam-se aos processos apresentados abaixo e referem-se às seguintes representações: Material - representação da experiência externa (ações e eventos) nos seguintes casos: Nos desenhos (encontrava), para a escola (ia), em casa (chegou), dentro daquela briga (desenhando), por sua janela (passando), em sua pele (depositando), em seu caderno (desenhando); Comportamental - representação de comportamentos (manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano) nos seguintes casos: para o papel (olhando). Esse elemento está relacionado à direção da ação comportamental do participante; Relacional – representação de seres no mundo em termos de características e identidade. Nos

seguintes casos: em outra cidade (ficado), onde (era), onde (era). Esses elementos estão relacionados à localização dos participantes no espaço (em outra cidade); Mental – Representação da experiência do mundo de nossa consciência. No seguinte exemplo: em seus pensamentos (perdeu). Localiza a ação da consciência “perder-se” no espaço; e Existencial – Representação do que existe ou acontece. No seguinte caso: lá (estava). Esse elemento está relacionado à localização da protagonista no espaço.

Já as circunstâncias de tempo relacionam-se aos processos apresentados abaixo da seguinte forma: material – sempre (brigavam), numa bela tarde (chegou), já (desenhando), em um instante (desenhando) indicando a incidência com que as brigas ocorriam, a localização temporal da ação dos participantes da estória; comportamental – cedo (acordava), em poucos instantes (vivendo), cedo (acordando) indicando a localização no tempo de ações experienciadas pelos participantes; mental – diariamente (sofria), já (aguentando). As expressões selecionadas pela autora para ser usada nesses trechos reforçam a ideia de sofrimento da protagonista; relacional – dessa vez (era) a expressão dessa vez usada no texto além de marcar temporalmente estabelece uma relação entre a situação vivida inicialmente pela personagem com a do desfecho da estória.; existencial – novamente (estava) a circunstância empregada no texto denota um retorno à situação inicial vivida pela protagonista.

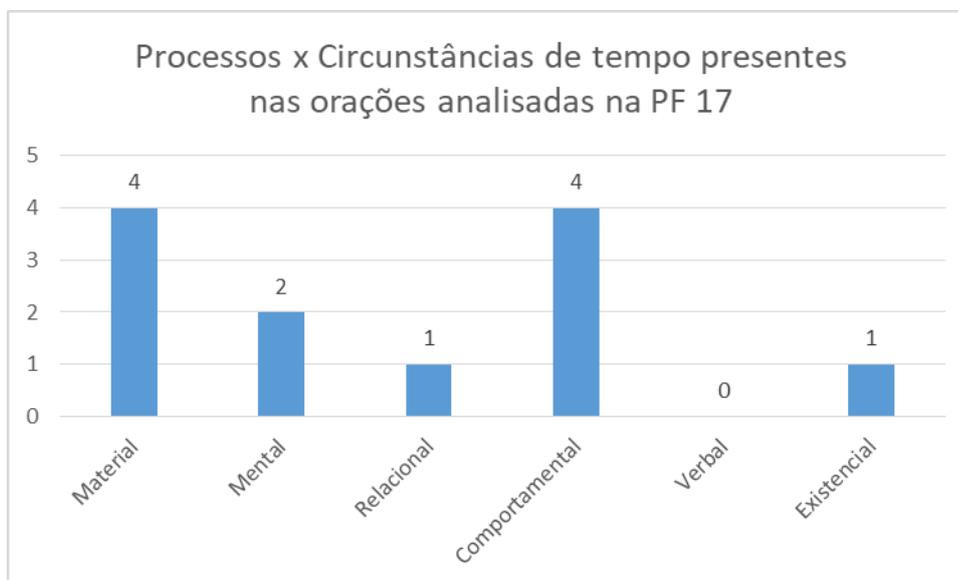
Podemos observar a quantidade com que estes elementos (processos e circunstâncias) aparecem de acordo com os gráficos abaixo:

Gráfico 16 - Circunstâncias de tempo e de lugar presentes nas orações analisadas na PF 17



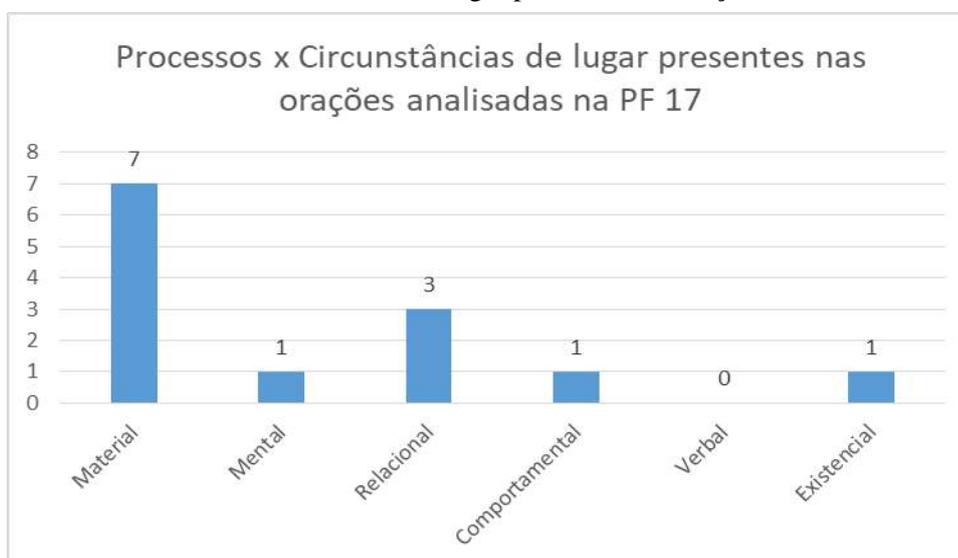
O gráfico 16 mostra que na produção final 17 realizada na escola, o educando fez uso de escolhas circunstanciais locativas frente às temporais a fim de construir com mais propriedade o sentido do texto. Já em relação ao gráfico 17 apresentado a seguir temos que:

Gráfico 17 - Processos x Circunstâncias de tempo presentes nas orações analisadas na PF 17



Pela representação verificamos a ocorrência das circunstâncias temporais, ligadas mais ao processo material e comportamental.

Gráfico 18 - Processos x Circunstâncias de lugar presentes nas orações analisadas na PF 17



No gráfico 18, visualizamos que as circunstâncias de lugar usadas para construção do texto ligaram-se mais ao processo material, cuja quantidade é maior que a soma de todos os outros processos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a relação da leitura do texto literário conto com a produção de narrativas desse mesmo gênero na escola por estudantes da educação fundamental 9º (nono) experienciado em um Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA), compreendemos que a escola necessita, cada vez mais favorecer uma aprendizagem significativa envolvendo a leitura do texto literário possibilitando relacionar o aprender da língua por meio de múltiplos caminhos didáticos que permitam aos estudantes usar diversos meios e modos de expressão e uso da língua. Reconhecemos, sobretudo, que o domínio da linguagem é atingido quando há acesso à informação e ao diálogo com outros textos na escola.

Com este estudo, notamos que é possível ampliar a competência linguística dos aprendizes do 9º ano através da vivência de atividades reflexivas e contextualizadas baseadas na leitura e na produção escrita do gênero textual conto. Percebemos também que o uso de escolhas linguístico-circunstanciais de tempo e de lugar e sua ligação com a construção do significado experiencial responsáveis pela construção de sentido é um forte aliado para a construção do significado em um texto narrativo.

Entendemos com o CEA – Ciclo de Ensino e Aprendizagem – que há uma necessidade da exploração do contexto, pois é necessário aprender a interagir com o ambiente a fim de aprender a linguagem, observando práticas sociais e compreendendo o papel da linguagem nas práticas de produção do conhecimento. Logo, a exploração do conto “A moça Tecelã” trouxe à tona a relação entre texto e contexto, explicitando como a linguagem constrói adequadamente o contexto, ao analisar sistemas e conjuntos de gêneros.

Reconhecemos que a produção, revisão e edição de textos envolve o escrever, o revisar e o editar o próprio texto e os dos outros, mas os recursos linguísticos - no caso, os elementos circunstanciais - são usados para engajamento e participação em práticas sociais e discursivas.

Dessa forma, constatamos, durante o processo, que a aplicação de um ciclo é uma metodologia eficiente no estudo da língua portuguesa, uma vez que foi capaz de associar as práticas de ensino e aprendizagem à leitura, à escrita e à gramática (estudo das circunstâncias) sob contextos de uso e veio fortalecer o estudo com o gênero literário conto com o foco na leitura social do texto literário. Verificamos, a partir dos textos analisados, que o conto corresponde a uma narrativa ficcional, desenvolve-se a partir da presença de alguns componentes já conhecidos como: personagens, espaço, tempo, entre outros e possui uma unidade dramática, um só conflito, mas traz uma temática social.

Analisado sob as variáveis do contexto de cultura e de situação, que envolvem uma visualização mais ampla do texto escrito, uma vez que ele é lido sob as variáveis do campo, procura-se compreender o assunto, as relações que se relaciona a como o texto dialoga com os participantes sociais representados na estória e o modo que se relaciona à organização da produção em estudo, em consonância com o que propõe o currículo do Estado de Pernambuco para esse ano, de uma forma diferenciada das práticas equivocadas que envolvem o trabalho com esse tipo de texto conforme os PCN's (1998, p. 27).

Durante anos, o ensino da gramática dissociou-se das práticas sociais, distanciando o ensino aprendizagem no espaço escolar do uso da língua dentro de contextos de interação. Nessa perspectiva, Barbosa (2009, p. 25) abordando sobre a linguagem na perspectiva da Linguística Sistêmico-funcional salienta que “a organização e o desenvolvimento da experiência do homem prendem-se à linguagem, oral e escrita, e ao contexto. Dessa forma, a língua é descrita muito mais como um recurso para significação do que como um sistema de regras”.

Assim, este estudo revelou que o uso das circunstâncias de lugar e tempo associado à leitura, à compreensão e à produção textual é fundamental à construção do sentido. Desse modo, os sintagmas adverbiais passam a ter papel que vai além de simplesmente conferir esta ou aquela circunstância ao verbo (HALLIDAY, 1994). Logo, essas circunstâncias de localização temporal e espacial ocorrem com frequência no *corpus*, representando o conhecimento de mundo do narrador-aprendiz articulado com o contexto. Travaglia (2004, p. 45) nessa perspectiva, lembra que “tudo o que é gramatical é textual e vice-versa”.

Dessa forma, compreendemos que os elementos indicadores de tempo e espaço escolhidos por Colasanti (2006, p. 9-14) para a construção do sentido do conto “A moça tecelã” e pelos estudantes do 9º (nono) ano nas produções textuais realizadas na escola por eles, funcionam na ampliação da construção de sentido e da organização textual dos contos. Pudemos entender, também, que os elementos léxico-gramaticais não são escolhidos aleatoriamente para satisfazer alguma necessidade do texto, mas ocorrem imbricados ao contexto em que o texto é produzido relacionando-se ao uso dos processos (material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial), como evidenciam as análises desses recursos no corpo da dissertação e explicados pelo sistema da transitividade (os componentes da oração).

Entendemos que o Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA) é uma metodologia eficaz para o trabalho no contexto escolar em qualquer nível de ensino. Um dos pontos que poderia ser ampliado a fim de fortalecer os saberes dos estudantes seria o desenvolvimento de um trabalho de forma interdisciplinar dentro do currículo escolar, no sentido de expandir o debate proporcionado pela leitura social do conto para outras pesquisas colaborando para uma cultura do ensino através de ciclos de ensino e aprendizagem no cotidiano, uma vez que essa prática possibilita o estudo dos conteúdos curriculares de forma sistematizada e flexível.

Sugerimos a participação da Universidade enquanto espaço de construção de conhecimentos nesse processo de socialização deste tipo de metodologia, adotada inicialmente na Austrália e que, devido ao sucesso alcançado principalmente na educação primária, pode se expandir até a Universidade e à Educação Básica no Estado de Pernambuco. Logo, a implantação de um estudo desse ciclo nas aulas de Estágios Supervisionado poderá possibilitar aos graduandos a aproximação com essa metodologia de ensino e aprendizagem e fortalecerá a formação desse profissional, pois tanto a escola quanto a Universidade avançariam com essa prática.

Esperamos com esta pesquisa ter contribuído para o desenvolvimento de uma prática de ensino e aprendizagem de forma contextualizada associando à leitura, à escrita e ao estudo da gramática a partir de um gênero textual que faz uso da linguagem literária interagindo com o leitor de forma concisa, destacando a ação e o conflito, o conto (MOISÉS, 2013, p. 90).

Compreendemos que o estudo da língua que se dá através dos usos da linguagem é inesgotável, assim, acreditamos com esta pesquisa, ter trilhado caminhos que possam nortear uma melhoria da prática do ensino da língua através de contextos de uso no cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, Marcela. **Gramática - texto: análise e construção de sentido**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBOSA, M. do R. da S. **Conte uma história: um estudo de gêneros na escola sob a ótica da Lingüística Sistêmico-Funcional**. 2009. 187 fls. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, 2009.
- BAWARSHI, A. S., REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução por Benedito Gomes Bezerra et al. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOTELHO, A.C. B. S. **Aspectos teóricos do conto**. In: Revista A Província, o universal pelo regional. Crato/Juazeiro-CE, URCA, 1999, p. 108-111.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular: proposta preliminar**. 2ª versão revista. Brasília: MEC - Ministério da Educação - 2016, Consulta pública - disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2016.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144 p.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106p.
- BUNZEN, C. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. **Letramento do professor**. Disponível em: <[http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/public\\_clecio/o\\_ensino\\_de\\_generos.html](http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/public_clecio/o_ensino_de_generos.html)>, v. 1, 2004. Acesso em: 23 nov. 2015.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CARNELÓS, C. **Estudo feito para o conto “A Moça Tecelã”**. Aquarela e colagem de fios de lã. 2009. Disponível em <<http://cristinacarnelos.blogspot.com.br/2009/09/estudo-feito-para-o-conto-moca-tecela.html>>.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COLASANTI, M. A moça tecelã. In: COLASANTI, M. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 12ª ed. São Paulo. Global, 2006.

- CORTÁZAR, J. **Valise de cronópio**. 2ª edição. 3ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. 1ª reimpressão. Tradução por Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e Seus Contextos de Uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- EGGINS, S. **An introduction to systemic functional grammar**. 1ª ed. Londres: Printer, 1994.
- FERREIRA, A.B.H. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa**. 5ª. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FUZER, C; CABRAL, S. R. S. **Introdução a gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2014.
- FUZER, C. **A função experiencial da linguagem no contexto jurídico**. Linguagens e Cidadania. Santa Maria, vol. 11, nº 1, p. 1-22, 2009. Disponível em <http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos09/cristiane.pdf.pdf>. Acesso em: Jun. 2016.
- GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- HANSEN, J A. **“O imortal” e a verossimilhança**. Teresa Revista de Literatura Brasileira. São Paulo, nº 6-7, p. 56-78, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116609/114197>. Acesso em: Jun. 2016.
- HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2ª ed. Londres: Arnold, 1994.
- HALIDAY, M.A.K.; MATHIESSEN, C.M. **An introduction to functional grammar**. 3ª ed. Londres: Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M.A.K. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th, Routledge, 2014.
- HEBERLE, V M. **An investigation of textual and contextual parameters in editorials of women's magazines**. 5 de setembro de 1997. 226 fls. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente. Florianópolis, 5 de setembro de 1997.

INFANTE, U; NETO, C. P.. **Gramática da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

JOLLES, A. **Formas simples**: Legenda, Saga, Mito, Adivinha, Ditado, Caso, Memorável, Conto, Chiste. São Paulo: Cultrix, 1930. Tradução por Álvaro Cabral.

KLEIMAN, Â. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KOCH, I. Villaça; ELIAS, V. M.. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2015.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: \_\_\_\_\_ *Language in the inner city*: studies in the black english vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 354-397.

LABOV, W; WALETZKY, J. **Narrative Analysis**: Oral Versions of Personal Experience. Journal of Narrative and Life History, Lawell, vol. 7, nº 1-4, p. 3-51, 1997.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, v. 1, 1996. (Série Ensaios)

LIMA, J. de S. **Fiandeiras e tecelãs: o cotidiano de operárias têxteis fabris em Minas gerais no final do século XIX – um estudo na cia. de fiação e tecidos cedro e cachoeira (1872-1930)**. XIV Seminário sobre a economia mineira. Diamantina: Cedeplar – UFMG, 2010. p. 1-24.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais e ensino**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Genre relations**: Mapping culture. Equinox, 2008.

MARTIN, J. Mentoring semogenesis: 'Genre based' literacy pedagogy. In: CHRISTIE, F. (Ed.). **Pedagogy and shaping of consciousness: linguistics and social processes**. London and New York: Continuum, 1999. p. 123-155.

MENDES, M. O. H.. **Abordagem de base genológica no ensino do português como língua não materna**. 2014. 109 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 2014

MOISÉS, M. **A Criação Literária**: Poesia e Prosa. 1ª ed. revista e atualizada São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

MUNIZ DA SILVA, E. C. **Ciclo de aprendizagem baseado em gêneros**. *Linguagens – Estudos e Pesquisas*. vol. 19, nº 2, p. 19-37. jul/dez. 2015.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed.- São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVAIS, F. A. A proibição das manufaturas no Brasil e a política econômica portuguesa do fim do século XVIII. **Revista de História**, n. 142-143, p. 213-237, 2000.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. 2012. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. Disponível em - <[http://www.educacao.pe.gov.br/porta1/upload/galeria/4171/lingua\\_portuguesa\\_ef\\_em.pdf](http://www.educacao.pe.gov.br/porta1/upload/galeria/4171/lingua_portuguesa_ef_em.pdf)> Acesso em: 08 jan. 2016.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. 4ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PINNA, D. M. de S. **Animadas personagens brasileiras: a linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro**. 31 de agosto de 2006. 452 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2006.

PORTO, L. T. **O conto na visão de Julio Cortázar: atenção à criação literária, lugar de destaque para o leitor**. *Estação Literária*, Londrina, v. 14, p. 111-120, 2015.

RIVERA, J. D. H. **Second language (L2) development as concept-mediated textual activity: exploring the role of functional language concepts in classroom L2 communication and learning**. 2014. 350 f. Tese (Doutorado em Filosofia). University of Pittsburgh. Pittsburgh. 2014.

ROCHA, R; DA SILVA PIRES, H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 13ª edição, 7ª impressão. São Paulo: Scipione, 2005.

ROTHERY, J; STENGLIN, M. **Exploring literacy in school English (Write it right resources for literacy and learning)**. Sydney: Metropolitan East Disadvantaged Schools Program, 1994.

ROTHERY, J. Making changes: developing an educational linguistics, 1996 In: BUNZEN, C. **O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna**. Universidade Federal de São Carlos (SP), 2003

ROSE, D. e MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School**. London: Equinox. 2012.

SANDRINI, E. **No (des) tecer do texto: a marca das relações de gênero no fio do destino feminino em A moça tecelã de Marina Colasanti**. *Littera on line*, v. 5, n. 8, 2014. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/2666/687>. Acesso em: 05 jan. 2016.

SARMENTO, L. L. **Gramática em Textos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21 ed. revisada e ampliada. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, A. C. R. da. **A importância da pesquisa científica no ensino da contabilidade: caminhos da investigação**. *Pensar Contábil*, v. 5, n. 17, 2002.

SILVA, M. A. F. da. **Gênero crônica produzido por finalistas da olimpíada de língua portuguesa: escolhas léxico-gramaticais de avaliatividade e ciclo de aprendizagem**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras). Universidade de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Letras – PROFLETRAS. Garanhuns, 2015.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, D. I. de. **Manual de orientações para projetos de pesquisa**/ Dalva Inês de Souza et al. – Novo Hamburgo: FESLSVC, 2013. Disponível em: [http://www.liberato.com.br/sites/default/files/manual\\_de\\_orientacoes\\_para\\_projetos\\_de\\_pesquisa.pdf](http://www.liberato.com.br/sites/default/files/manual_de_orientacoes_para_projetos_de_pesquisa.pdf). Acesso em: 28/10/2016

SOUZA, M. M. de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. 288p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife (PE), 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática ensino plural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VIAN JR, O; LIMA-LOPES, R. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) **Gêneros: Teorias, Métodos, Debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

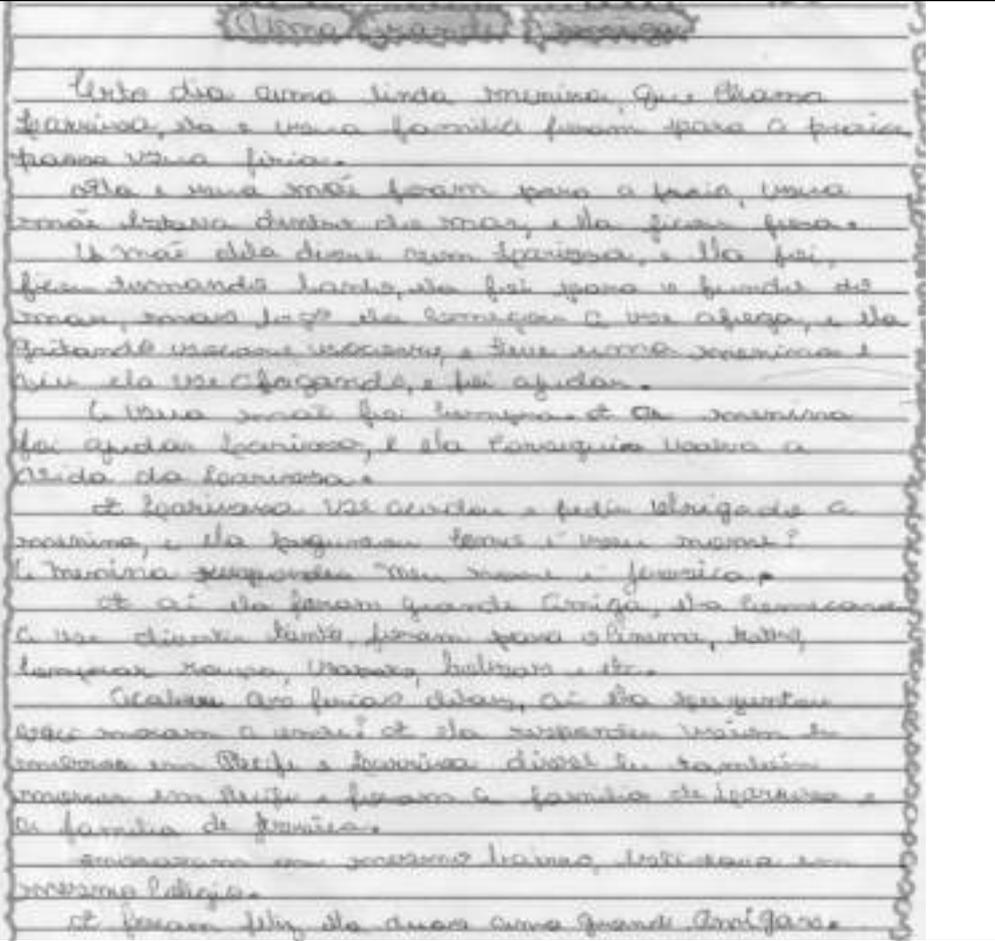
WEBSTER, J. (2009). “Introduction”. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. Nova York: Continuum International Publishing Group

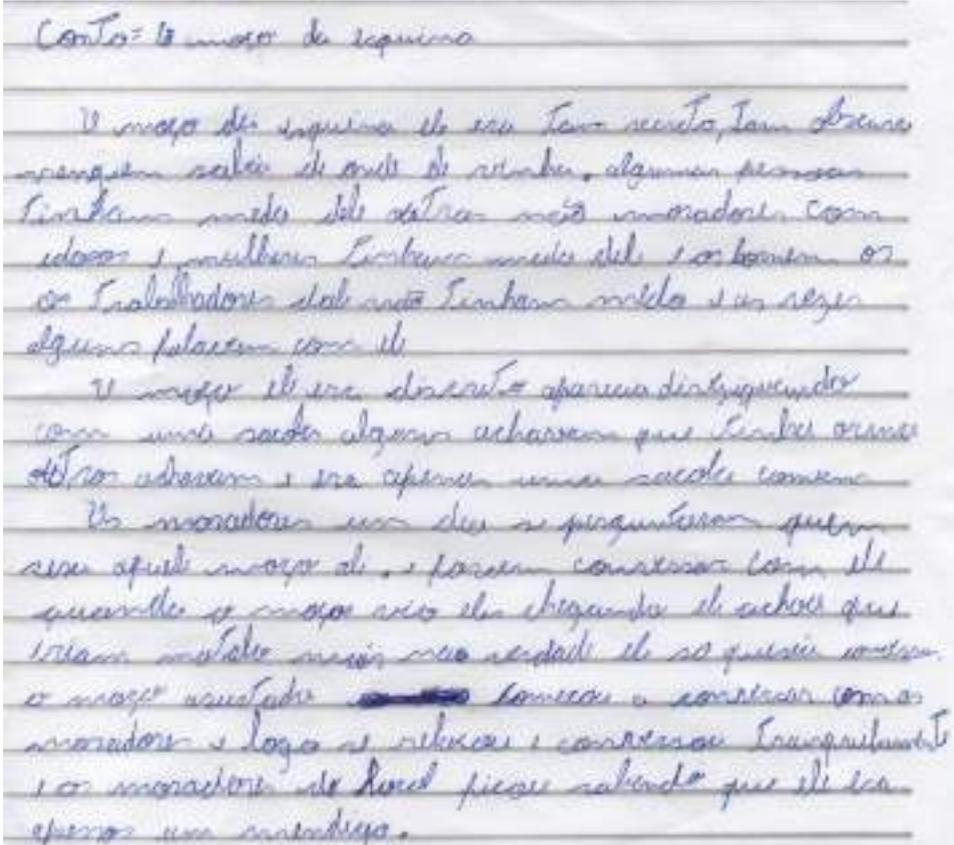
## ANEXOS

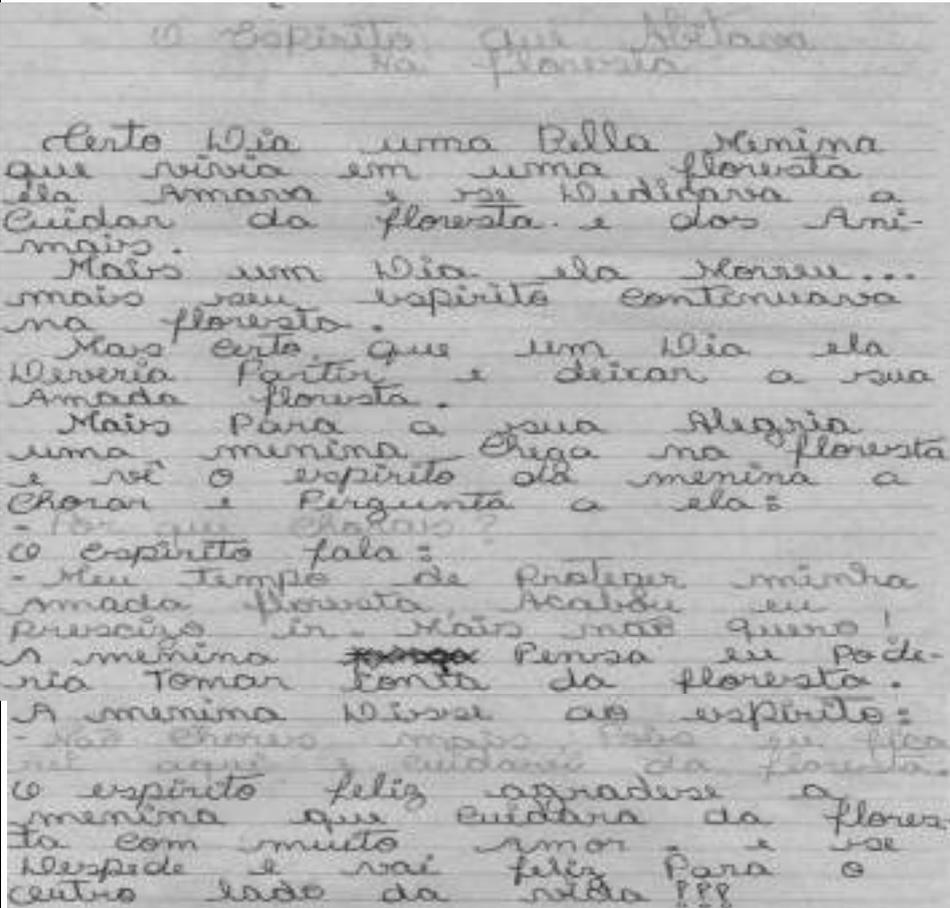
## Anexo (01): Conto “A moça tecelã”

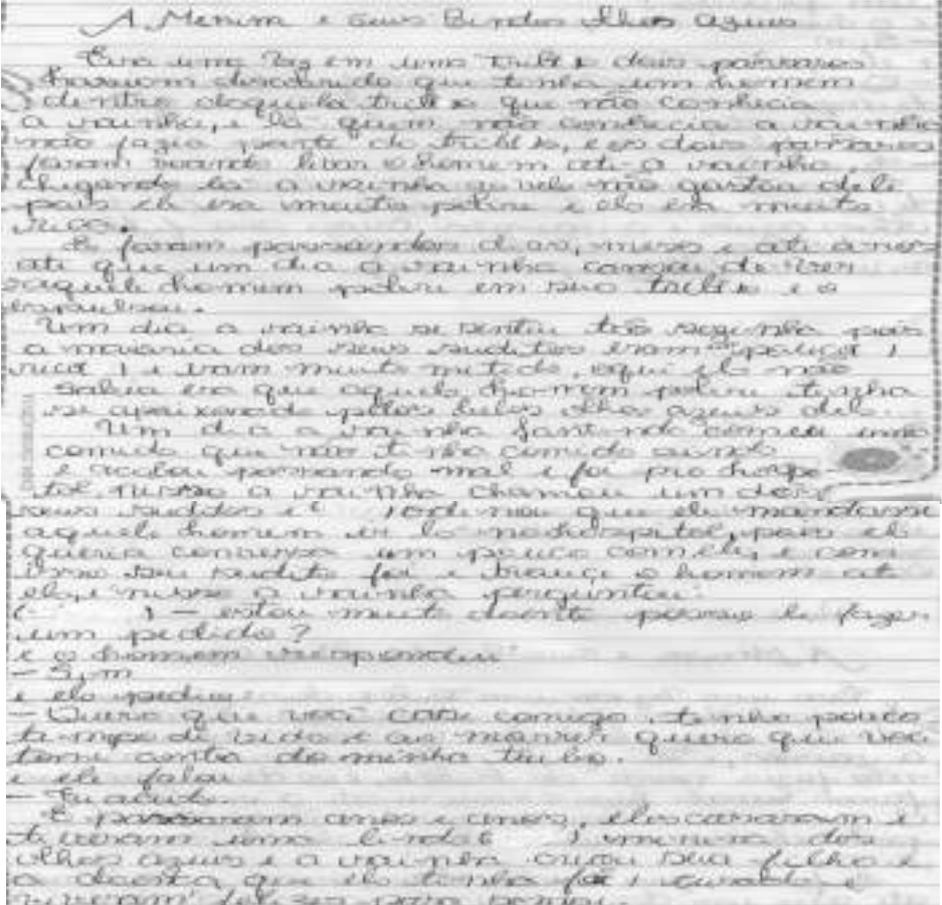
ORIENTAÇÃO
<p>Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.</p> <p>Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.</p> <p>Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.</p> <p>Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.</p> <p>Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.</p> <p>Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.</p> <p>Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.</p>
COMPLICAÇÃO
<p>Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.</p> <p>Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos pouco seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.</p> <p>Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.</p> <p>Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.</p> <p>E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.</p> <p>— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.</p> <p>Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.</p> <p>— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — Perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata. Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.</p> <p>Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.</p> <p>— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!</p> <p>Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.</p>
AVALIAÇÃO
<p>E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.</p>
RESOLUÇÃO
<p>Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.</p> <p>Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.</p> <p>A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.</p>
CODA
<p>Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.</p>

## Anexo (02): produções iniciais digitalizadas e digitadas

PI01 Título	Uma grande Amiga
	 <p><del>Uma grande Amiga</del></p> <p>Certo dia uma linda menina que chama Larissa, ela e sua família foram para a praia passar sua fêria.</p> <p>Ela e sua mãe foram para a praia, sua mãe estava dentro do mar, e ela ficou fora.</p> <p>A mãe dela disse vem Larissa, e ela foi ficando tomando banho, ela foi para o fundo do mar, mas logo ela começou a se afogar, e ela gritando socorro, socorro, e teve uma menina e viu ela se afogando, e foi ajudar.</p> <p>A sua mãe foi comprar.</p> <p>E a menina foi ajudar Larissa, e ela conseguiu salvar a vida da Larissa.</p> <p>E Larissa se acordou e pediu obrigado a menina, e ela perguntou como é seu nome? A menina respondeu Meu nome é Jessica.</p> <p>E aí elas foram grande Amiga, elas começaram a se divertir tanto, foram para o cinema, teatro, comprar roupa, sapato, bolsas e etc.</p> <p>Acabou as férias delas,</p> <p>ai ela perguntou você mora a onde? E ela respondeu sim eu moro em Recife e Larissa disse eu também moro em Recife e foram a família de Larissa e a família de Jessica.</p> <p>Moravam em mesmo bairro, estudava em mesmo colégio. E foram felizes elas duas uma grande amigas.</p> <p>et foram felizes elas duas uma grande amigas.</p>
<b>Orientação</b>	Certo dia uma linda menina, que chama Larissa, ela e sua família foram para a praia passar sua fêria.
<b>Complicação 1</b>	Ela e sua mãe foram para a praia, sua mãe estava dentro do mar, e ela ficou fora. A mãe dela disse vem Larissa, e ela foi ficando tomando banho, ela foi para o fundo do mar, mas logo ela começou a se afogar, e ela gritando socorro, socorro, e teve uma menina e viu ela se afogando, e foi ajudar. A sua mãe foi comprar.
<b>Resolução 1</b>	E a menina foi ajudar Larissa, e ela conseguiu salvar a vida da Larissa.
<b>Avaliação 1</b>	E Larissa se acordou e pediu obrigado a menina, e ela perguntou como é seu nome? A menina respondeu Meu nome é Jessica. E aí elas foram grande Amiga, elas começaram a se divertir tanto, foram para o cinema, teatro, comprar roupa, sapato, bolsas e etc.
<b>Complicação 2</b>	Acabou as férias delas,
<b>Avaliação 2</b>	ai ela perguntou você mora a onde? E ela respondeu sim eu moro em Recife e Larissa disse eu também moro em Recife e foram a família de Larissa e a família de Jessica.
<b>Resolução 2</b>	Moravam em mesmo bairro, estudava em mesmo colégio. E foram felizes elas duas uma grande amigas.
<b>Coda</b>	--

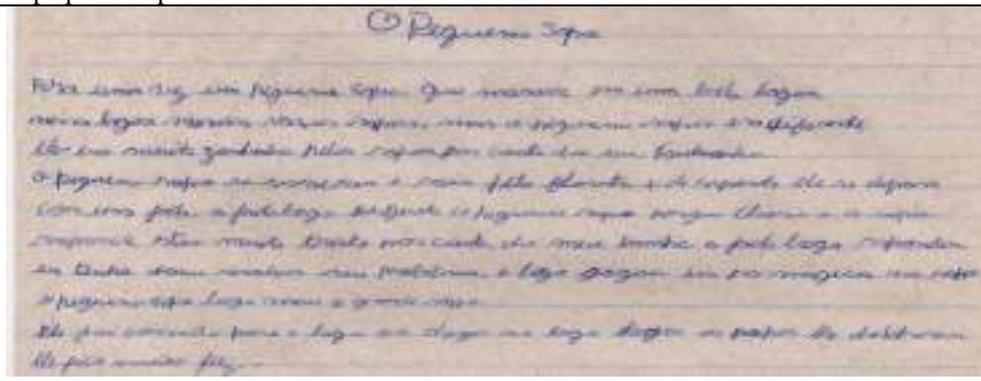
PI02 Título	O moço da esquina
	 <p>Conto = O moço da esquina</p> <p>O moço da esquina ele era tam secreto, tam obscuro nemguem sabia de onde ele vinha. algumas pessoas tinham medo dele outras não moradores com idosos e mulheres tinham medo dele e os homens os trabalhadores dali não tinham medo e as vezes alguns falavam com ele</p> <p>O moço ele era discreto aparecia divez iquando com uma sacola alguns achavam que tinha arma outros achavam e era apenas uma sacola comum</p> <p>Os moradores um dia se perguntaram quem sera aquele moço ali e foram conversar com ele quando o moço vio eles chegando ele achou que iriam mata-lo mais na verdade ele so queria conversar o moço asustado comecou a conversar com os moradores e logo se relaxou e conversou tranquilamente e os moradores do local ficou sabendo que ele era apenas um mendigo.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>O moço da esquina ele era tam secreto, tam obscuro nemguem sabia de onde ele vinha. algumas pessoas tinham medo dele outras não moradores com idosos e mulheres tinham medo dele e os homens os trabalhadores dali não tinham medo e as vezes alguns falavam com ele</p> <p>O moço ele era discreto aparecia divez iquando com uma sacola alguns achavam que tinha arma outros achavam e era apenas uma sacola comum</p>
<b>Complicação</b>	Os moradores um dia se perguntaram quem sera aquele moço ali e foram conversar com ele
<b>Avaliação</b>	quando o moço vio eles chegando ele achou que iriam mata-lo mais na verdade ele so queria conversar o moço asustado comecou a conversar com os moradores
<b>Resolução</b>	e logo se relaxou e conversou tranquilamente e os moradores do local ficou sabendo que ele era apenas um mendigo.
<b>Coda</b>	-

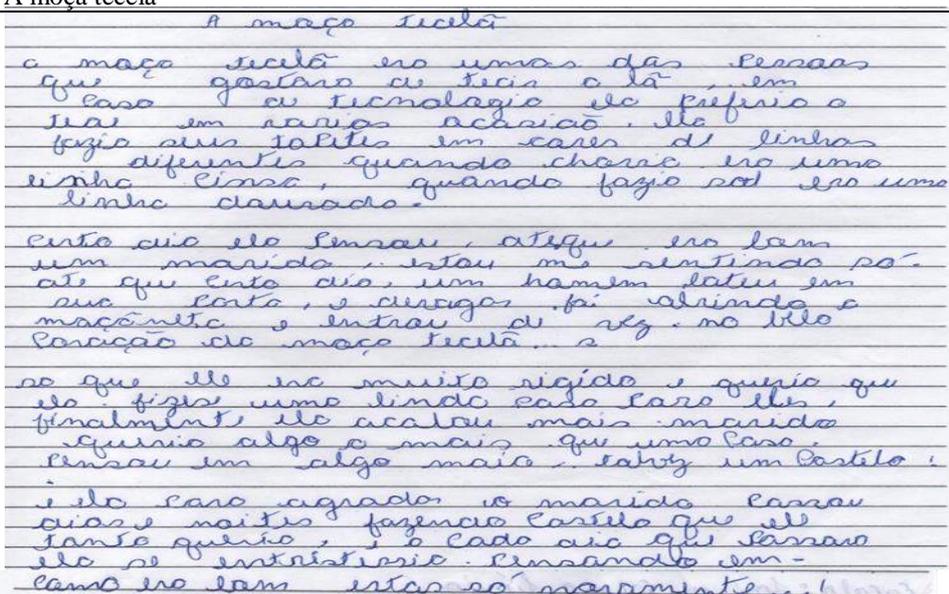
<b>PI03 Título</b>	O Espírito que abitava Na floresta
	 <p>O Espírito que Abitava Na floresta</p> <p>Certo Dia uma Bella menina que vivia em uma floresta ela Amava e se Dedicava a Cuidar da floresta e dos Animais.</p> <p>Mais um Dia ela morreu... mais seu espírito continuava na floresta.</p> <p>Mas certo, que um Dia ela Deveria Partir e deixar a sua Amada floresta.</p> <p>Mais Para a sua Alegria uma menina chega na floresta e vê o espírito da menina a chorar e pergunta a ela:</p> <p>- Por que choras?</p> <p>O espírito fala:</p> <p>- Meu tempo de proteger minha Amada floresta Acabou eu preciso ir. Mais não quero!</p> <p>A menina pensa eu poderia tomar conta da floresta.</p> <p>A menina disse ao espírito:</p> <p>- Não chores mais, pois eu ficarei aqui e cuidarei da floresta.</p> <p>O espírito feliz agradece a menina que cuidara da floresta com muito amor e se despede e vai feliz Para o outro lado da vida!!!</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Certo Dia uma Bella Menina que vivia em uma floresta ela Amava e se Dedicava a Cuidar da floresta e dos Animais.
<b>Complicação</b>	Mais um Dia ela morreu... mais seu espírito continuava na floresta.
<b>Avaliação</b>	Mas certo, que um Dia ela Deveria partir e deixar a sua Amada floresta.
<b>Resolução</b>	Mais para a sua Alegria uma menina chega na floresta e vê o espírito da menina a chorar e pergunta a ela: -Por que choras? O Espírito fala: -Meu tempo de proteger minha Amada floresta, Acabou eu preciso ir. Mais não quero! A menina Pensa eu poderia tomar conta da floresta. A menina disse ao espírito: -Não chores mais, pois eu ficarei aqui e cuidarei da floresta. O espírito feliz agradece a menina que cuidara da floresta com muito Amor. e se Despede e vai feliz Para o outro lado da vida!!!
<b>Coda</b>	-

<b>PI04 Título</b>	A Menina e Seus Lindos olhos azuis
	 <p>A Menina e Seus Lindos olhos azuis</p> <p>Era uma vez em uma tribo dois pássaros haviam descobrido que tinha um homem dentro daquela tribo que não conhecia a rainha, e lá quem não conhecia a rainha não fazia parte da tribo, e os dois pássaros foram voando levar o homem até a rainha, chegando lá a rainha ao velo não gostou dele pois ele era muito pobre e ela era muito rica.</p> <p>E foram passando dias, meses e até anos até que um dia a rainha cansou de ver aquele homem pobre em sua tribo e o expulsou.</p> <p>Um dia a rainha se sentiu tão sozinha pois a maioria de seus suditos eram um pouco rico e eram muito metido, oqui ela não Sabia era que aquele homem pobre tinha se apaixonado pelos belos olhos azuis dela.</p> <p>Um dia a rainha jantando comeu uma comida que não tinha comido ainda e acabou passando mal e foi pro hospital. Nisso a rainha chamou um dos seus suditos e ordenou que ele mandasse aquele homem ir lá no hospital, pois ela queria conversa um pouco com ele, e com isso seu sudito foi e trouxe o homem até ela, é nisso a rainha perguntou:</p> <p>- estou muito doente posso le fazer um pedido?</p> <p>- Sim</p> <p>e ela pedio :</p> <p>-Quero que você case comigo, tenho pouco tempo de vida e ao morrer quero que você tome conta do minha tribo. e ele falou:</p> <p>- Eu aceito.</p> <p>E passaram anos e anos, eles casaram e tiveram uma linda menina dos olhos azuis e a rainha criou sua filha</p> <p>e a doença que ela tinha foi curada e viveram felizes para sempe.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Era uma vez em uma tribo dois pássaros haviam descobrido que tinha um homem dentro daquela tribo que não conhecia a rainha, e lá quem não conhecia a rainha não fazia parte da tribo, e os dois pássaros foram voando levar o homem até a rainha, chegando lá a rainha ao velo não gostou dele pois ele era muito pobre e ela era muito rica.</p> <p>E foram passando dias, meses e até anos até que um dia a rainha cansou de ver aquele homem pobre em sua tribo e o expulsou</p>
<b>Complicação</b>	<p>Um dia a rainha se sentiu tão sozinha pois a maioria de seus suditos eram um pouco rico e eram muito metido, oqui ela não Sabia era que aquele homem pobre tinha se apaixonado pelos belos olhos azuis dela.</p> <p>Um dia a rainha jantando comeu uma comida que não tinha comido ainda e acabou passando mal e foi pro hospital. Nisso a rainha chamou um dos seus suditos e ordenou que ele mandasse aquele homem ir lá no hospital, pois ela queria conversa um pouco com ele, e com isso seu sudito foi e trouxe o homem até ela, é nisso a rainha perguntou:</p> <p>- estou muito doente posso le fazer um pedido?</p> <p>E o homem respondeu:</p> <p>-Sim</p> <p>e ela pedio :</p> <p>-Quero que você case comigo, tenho pouco tempo de vida e ao morrer quero que você tome conta do minha tribo. e ele falou:</p> <p>- Eu aceito.</p>
<b>Avaliação</b>	E passaram anos e anos, eles casaram e tiveram uma linda menina dos olhos azuis e a rainha criou sua filha
<b>Resolução</b>	e a doença que ela tinha foi curada e viveram felizes para sempe
<b>Coda</b>	--

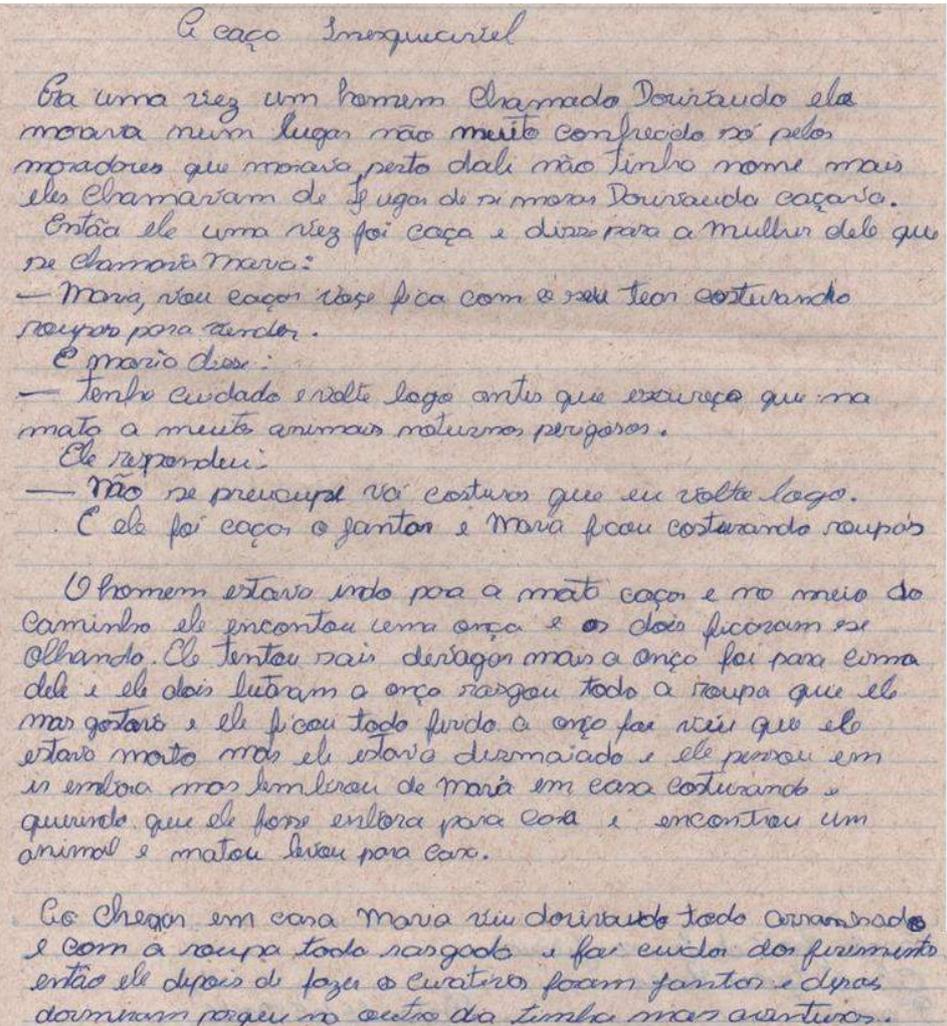
<b>PI05 Título</b>	O tapete
	<p style="text-align: center;">O tapete</p> <p>Certo dia um menino chamado Beto resolveu passear pelas ruas de sua cidade, e então passou pela frente de uma loja bem bonita.</p> <p>Então resolveu entrar nessa loja para poder ver o que tinha de bom.</p> <p>Logo que ele entrou ele se admirou por um lindo tapete, um tapete de cor vermelha, de uma estampa fina e bem decorado.</p> <p>Mas só que Beto não tinha o dinheiro suficiente para comprar o lindo tapete que ele queria.</p> <p>Então Beto ficou logo desesperado porque não tinha o dinheiro.</p> <p>Mas só que, ele inventou de pedir dinheiro à mãe dele.</p> <p>E então saiu correndo da loja para casa, para pedir dinheiro à mãe.</p> <p>Só que aí veio a resolução, Beto resolveu ir na loja comprar seu tapete que ele tanto queria.</p> <p>Beto então pediu para a vendedora tirar o lindo tapete da vitrine.</p> <p>O dia seguiu e lá vai Beto voltando para casa feliz da vida.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Certo dia um menino chamado Beto resolveu passear pelas ruas de sua cidade, e então passou pela frente de uma loja bem bonita.</p> <p>Então resolveu entrar nessa loja para poder ver o que tinha de bom.</p> <p>Logo que ele entrou ele se admirou por um lindo tapete, um tapete de cor vermelha, de uma estampa fina e bem decorado.</p>
<b>Complicação</b>	Mas só que Beto não tinha o dinheiro suficiente para comprar o lindo tapete que ele queria.
<b>Avaliação</b>	<p>Então Beto ficou logo desesperado porque não tinha o dinheiro.</p> <p>Mas só que, ele inventou de pedir dinheiro à mãe dele</p>
<b>Resolução</b>	<p>E então saiu correndo da loja para casa, para pedir dinheiro à mãe dele</p> <p>Só que aí veio a resolução, Beto resolveu ir na loja comprar seu tapete que ele tanto queria.</p> <p>Beto então pediu para a vendedora tirar o lindo tapete da vitrine.</p>
<b>Coda</b>	O dia seguiu e lá vai Beto voltando para casa feliz da vida

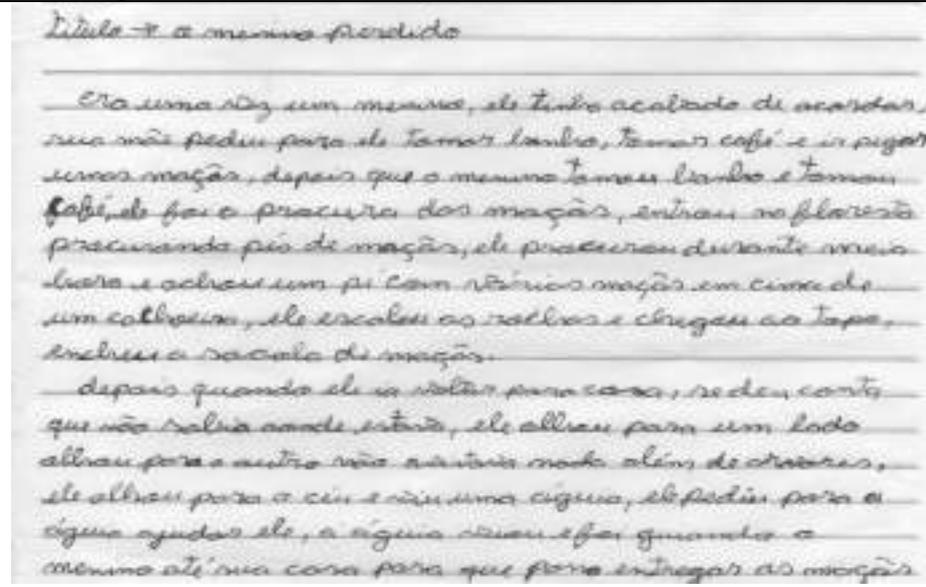
<b>PI06 Título</b>	Em Busca da felicidade
	<p style="text-align: center;">Em Busca da felicidade</p> <p>Numa manhã de terça-feira, o adolescente Jhou sai de casa em busca de seu novo emprego, pega seu carro e vai para a cidade grande.</p> <p>Mas Jhou estava com o carro atrelado estava com medo de encontrar alguma blitz, estava indo tranquilo quando avistou uma blitz, com medo ele para o carro no acostamento e começa a pensar...</p> <p><b>Jhou:</b> Se eles mem pararem não chegarei a cidade.</p> <p>Então Jhou decide arriscar e prosseguir em frente Jhou liaga o carro e começa a andar quando Jhou passo pela blitz os policiais estavam tomando café: então ele acelera o carro e vai embora.</p> <p>chegando à cidade Jhou consegue encontrar um ótimo emprego, que paga bem. Jhou fica bastante feliz pois pensava que não conseguiria.</p> <p>Feliz ele volta para casa e fala à sua mãe que conseguiu um novo emprego. Então sua mãe feliz da um grande abraço nele e fala...</p> <p><b>mãe:</b> tenho muito orgulho de você meu filho</p> <p>Depois de 3 meses Jhou é promovido a gerente e consegue realizar seus sonhos e de toda sua família.</p> <p><b>Jhou:</b> nunca desista dos seus sonhos pois os que desistem são os mais fracos</p> <p>Nunca esqueça de sempre agradecer a Deus, Por tudo de bom que acontece em sua vida!!!</p> <p style="text-align: center;"><b>FIM!!!</b></p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Numa manhã de terça-feira, o adolescente Jhou
<b>Complicação</b>	sai de casa em busca de seu novo ,emprego, pega seu carro e vai para a cidade grande. Mas Jhou estava com o carro atrelado estava com medo de encontrar alguma blitz, estava indo tranquilo quando avistou uma blitz, com medo ele para o carro no acostamento e começa a pensar... Jhou: Se eles mem pararem não chegarei a cidade.
<b>Avaliação</b>	Então Jhou decide arriscar e prosseguir em frente Jhou liaga o carro e começa a andar quando Jhou passo pela blitz os policiais estavam tomando café: então ele acelera o carro e vai embora.
<b>Resolução</b>	chegando à cidade Jhou consegue encontrar um ótimo emprego, que paga bem. Jhou fica bastante feliz pois pensava que não conseguiria. Feliz ele volta para casa e fala à sua mãe que conseguiu um novo emprego. Então sua mãe feliz da um grande abraço nele e fala... Mãe: tenho muito orgulho de você meu filho
<b>Coda</b>	Depois de 3 meses Jhou é promovido a gerente e consegue realizar seus sonhos e de toda sua família. Jhou: nunca desista dos seus sonhos pois os que desistem são os mais fracos Nunca esqueça de sempre agradecer a Deus, Por tudo de bom que acontece em sua vida!!!

<b>PI07 Título</b>	O pequeno Sapo
	
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez um pequeno Sapo, que morava em uma bela lagoa nessa lagoa morava varios sapos,
<b>Complicação</b>	mas o pequeno sapo era diferente ele era muito zombado pelos sapos por conta do seu tamanho.
<b>Avaliação</b>	o pequeno sapo se revoltou
<b>Resolução</b>	e saiu pela floresta e de repente ele se depara com uma fada, a fadologo pergunta o pequeno sapo porque chora e o sapo responde estou muito triste por conta do meu tamanho a fada logo respondeu eu tenho como resolver seu problema, e logo jogou um pó mágico no sapo o pequeno sapo logo virou o grande sapo. Ele foi correndo, para o lago ao chegar no lago todos os sapos dolatraram ele
<b>Coda</b>	fico muito feliz.

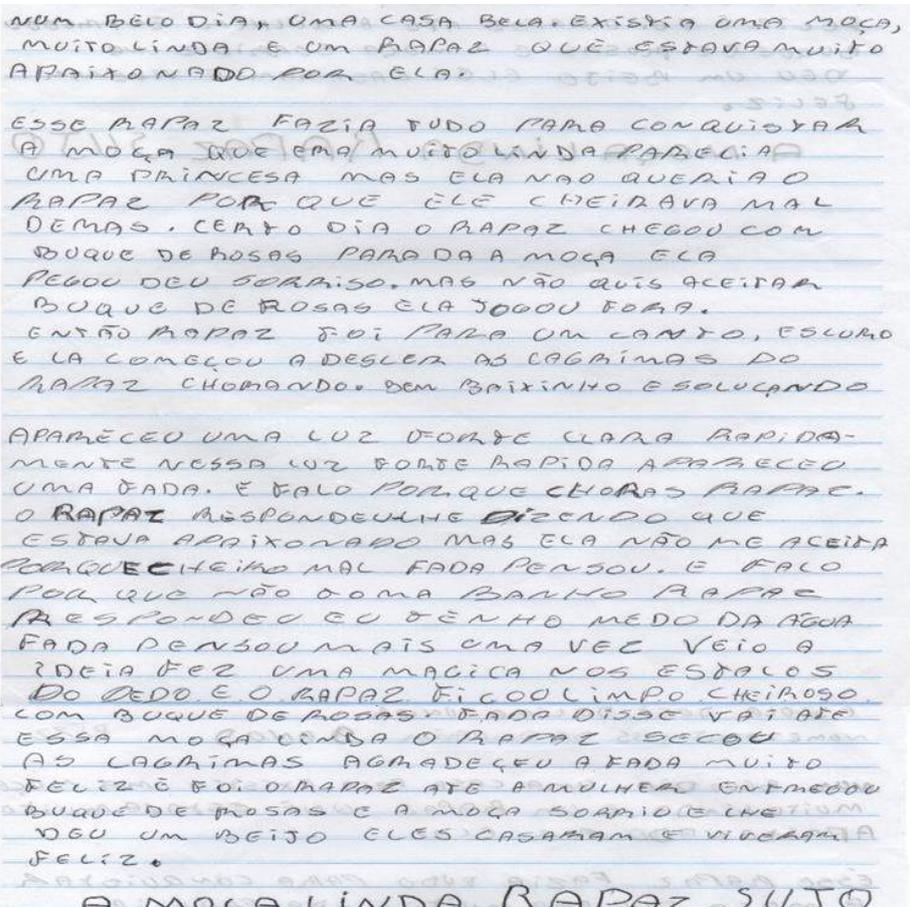
<b>PI08 Título</b>	A moça tecelã
	
<b>Orientação</b>	a moça tecelã era umas das Pessoas que gostava de tecer a lã, em casa de tecnologia ela preferia o teae em varias ocasião. ela fazia seus tapetes em cores de linhas diferentes quando chovia era uma linha cinsa, quando fazia sol era uma linha dourada.
<b>Evento</b>	Certo dia ela pensou, atequo era bom um marido, estou me sentindo só. ate que certo dia, um homem bateu em sua porta, e devagar foi abrindo a maçaneta e entrou de vez no coração da moça tecelã...
<b>Comentário</b>	so que ele era muito rígido e queria que ele fizesse uma linda casa para eles, finalmente ela acabou mais marido queria algo a mais que uma casa. Pensou em algo maio, talvez um castelo e ela para agradar o marido passou dias e noites fazendo castelo que ele tanto queira, e a cada dia que passava ela se entristessia pensando em como era bom estas só novamente...!

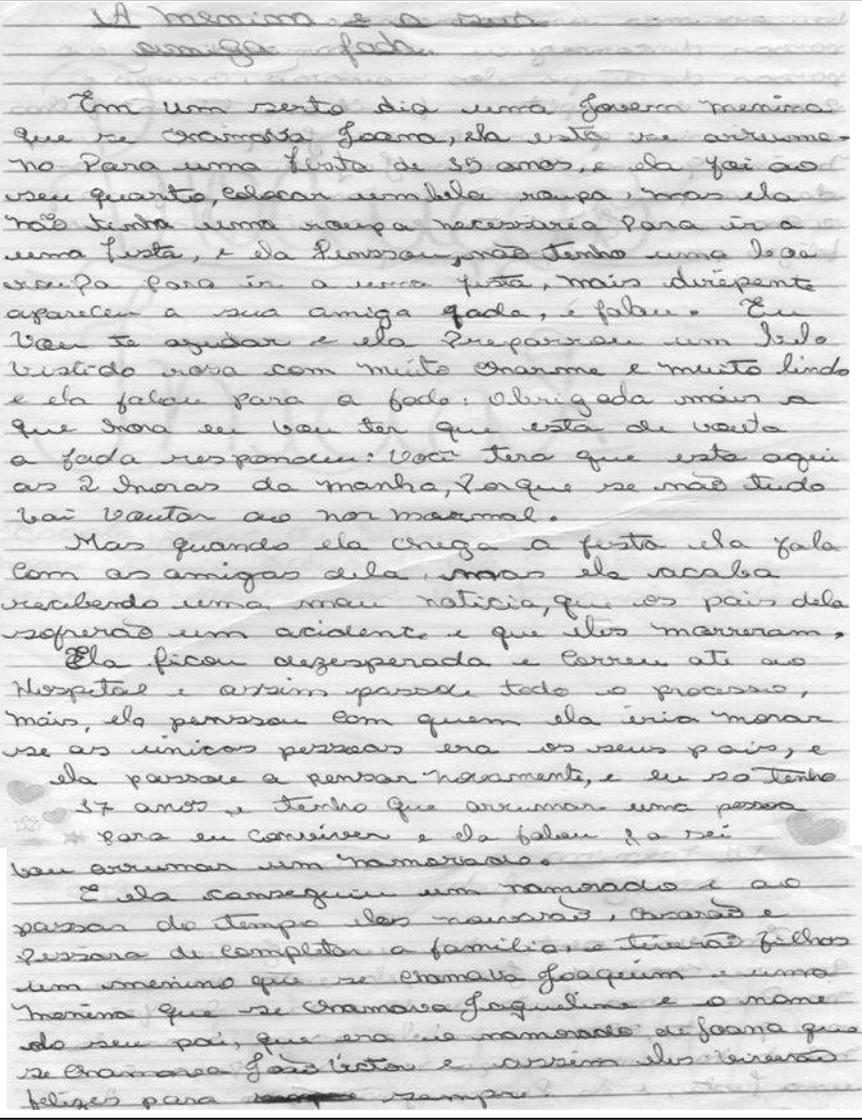
<b>PI09 Título</b>	O índio júnior
	<p style="text-align: center;"><i>O índio júnior</i></p> <p>Em uma bela tarde o índio júnior estava passando pela mata, tinha vários amigos animais, o Sr° arara, o Sr° javali, a dona aranha, o Sr° mico, o Sr° tamândua e varios outros animais pela floresta.</p> <p>Certo dia alguns caçadores aviam invadido a floresta, júnior logo avistou os caçadores e logo correu para avisar a tribo, mas quando júnior havia chegado na tribo já era tarde os caçadores já teriam feito a tribo inteira de refêns, júnior precisaria fazer algo logo, chamou seus amigos animais e eles logo prepararam o attack contra os caçadores, então passam o dia todo com os índios, após o cair do dia e o levantar da noite, júnior e seus amigos animais atacam os caçadores pra valer os caçadores para seus barcos e vão embora.</p> <p>Júnior liberta seus amigos e sua familia e assim a tribo voltou a ter paz e sucesso.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Em uma bela tarde o índio Júnior estava passando pela mata, tinha vários amigos animais, a Srª arara, o Sr° Javali, a dona aranha, o Sr° mico, o Sr° tamândua e varios outros animais pela floresta.
<b>Complicação</b>	Certo dia alguns caçadores aviam invadido a floresta, Júnior logo avistou os caçadores e logo correu para avisar a tribo, mas quando júnior havia chegado na tribo já era tarde os caçadores já teriam feito a tribo inteira de refêns,
<b>Avaliação</b>	Júnior precisaria fazer algo logo, chamou seus amigos animais e eles logo prepararam o attack contra os caçadores, então passam o dia todo com os índios,
<b>Resolução</b>	ápos o cair do dia e o levantar da noite, júnior e seus amigos animais atacam os caçadores pra valer os caçadores para seus barcos e vão embora. Júnior liberta seus amigos e sua familia
<b>Coda</b>	e assim a tribo voltou a ter paz e sucesso.

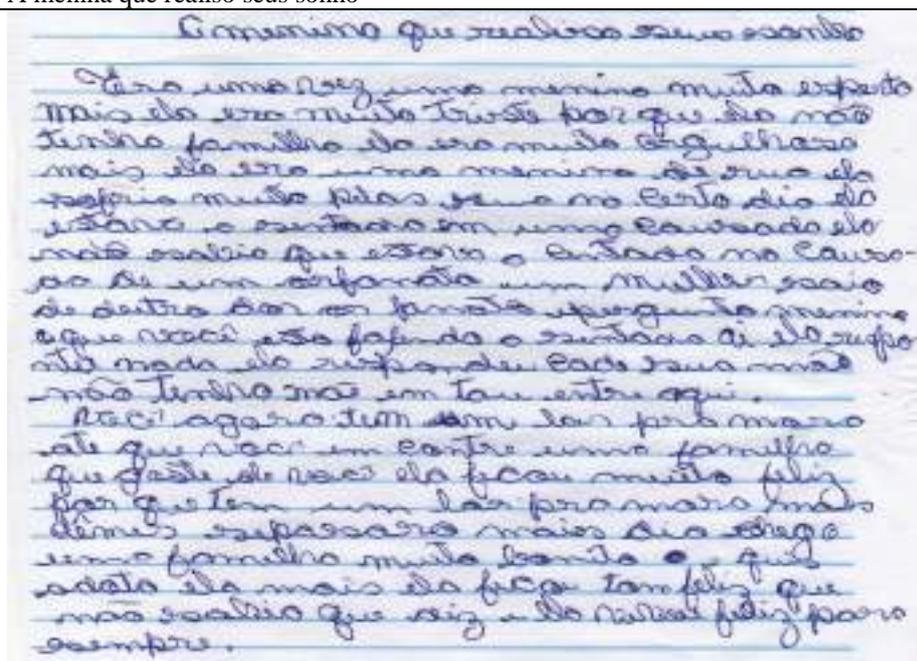
<b>PI10 Título</b>	A caça Inesquecível
	 <p style="text-align: center;"><i>A caça Inesquecível</i></p> <p>Era uma vez um homem chamado Dorivaudo ele morava num lugar não muito conhecido só pelos moradores que morava perto dali não tinha nome mais eles chamavam de Lugar de si morar Dorivaudo caçava.</p> <p>Então ele uma vez foi caça e disse para a mulher dele que se chamava Maria:</p> <p>— Maria, vou caçar hoje fica com o seu tear costurando roupas para vender.</p> <p>E maria disse:</p> <p>— tenha cuidado e volte logo antes que escureça que na mata a muitos animais noturnos perigosos.</p> <p>Ele respondeu:</p> <p>— Não se preocupe vá costurar que eu volto logo.</p> <p>E ele foi caçar o jantar e Maria ficou costurando roupas</p> <p>O homem estava indo para a mata caçar e no meio do caminho ele encontrou uma onça e os dois ficaram se olhando. Ele tentou sair devagar mais a onça foi para cima dele e ele dois lutaram a onça rasgou toda a roupa que ele mas gostava e ele ficou todo ferido a onça foi morto mas ele estava desmaiado e ele pensou em ir embora mas lembrou de Maria em casa costurando e querendo que ele fosse embora para casa e encontrou um animal e matou e levou para casa.</p> <p>Ao chegar em casa Maria viu dorivaudo todo arranhado e com a roupa toda rasgada e foi cuidar dos ferimentos então ele depois de fazer os curativos foram jantar e depois dormiram</p> <p>porque no outro dia tinha mais aventuras.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Era uma vez um homem chamado Dorivaudo ele morava num lugar não muito conhecido só pelos moradores que morava perto dali não tinha nome mais eles chamavam de Lugar de si morar Dorivaudo caçava.</p> <p>Então ele uma vez foi caça e disse para a mulher dele que se chamava Maria:</p> <p>— Maria, vou caçar hoje fica com o seu tear costurando roupas para vender.</p> <p>E maria disse:</p> <p>— tenha cuidado e volte logo antes que escureça que na mata a muitos animais noturnos perigosos.</p> <p>Ele respondeu:</p> <p>— Não se preocupe vá costurar que eu volto logo.</p> <p>E ele foi caçar o jantar e Maria ficou costurando roupas</p>
<b>Complicação</b>	<p>O homem estava indo para a mata caçar e no meio do caminho ele encontrou uma onça e os dois ficaram se olhando. Ele tentou sair devagar mais a onça foi para cima dele e ele dois lutaram a onça rasgou toda a roupa que ele mas gostava e ele ficou todo ferido a onça foi morto mas ele estava desmaiado</p>
<b>Avaliação</b>	<p>e ele pensou em ir embora mas lembrou de Maria em casa costurando e querendo que ele fosse embora para casa</p>
<b>Resolução</b>	<p>e encontrou um animal e matou e levou para casa. Ao chegar em casa maria viu dorivaudo todo arranhado e com a roupa toda rasgada e foi cuidar dos ferimentos então ele depois de fazer os curativos foram jantar e depois dormiram</p>
<b>Coda</b>	<p>porque no outro dia tinha mais aventuras.</p>

<b>PI11 Título</b>	o menino perdido
	 <p><i>Título - o menino perdido</i></p> <p>— Era uma vez um menino, ele tinha acabado de acordar, sua mãe pediu para ele tomar banho, tomar café e ir pegar umas maçãs, depois que o menino tomou banho e tomou café, ele foi a procura das maçãs, entrou na floresta procurando pés de maçãs, ele procurou durante meia hora e achou um pé com várias maçãs em cima de um cachoeira, ele escalou as rochas e chegou ao topo, encheu a sacola de maçãs.</p> <p>— depois quando ele ia voltar para casa, se deu conta que não sabia aonde estava, ele olhou para um lado olhou para o outro não avistava nada além de árvores, ele olhou para o céu e viu uma águia, ele pediu para a águia ajudar ele, a águia viu e foi quando o menino até sua casa para que possa entregar as maçãs.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez um menino, ele tinha acabado de acordar, sua mãe pediu para ele tomar banho, tomar café e ir pegar umas maçãs, depois que o menino tomou banho e tomou café, ele foi a procura das maçãs, entrou na floresta procurando pés de maçãs, ele procurou durante meia hora e achou um pé com várias maçãs em cima de um cachoeira, ele escalou as rochas e chegou ao topo, encheu a sacola de maçãs.
<b>Complicação</b>	depois quando ele ia voltar para casa, se deu conta que não sabia aonde estava,
<b>Avaliação</b>	ele olhou para um lado olhou para o outro não avistava nada além de árvores,
<b>Resolução</b>	ele olhou para o céu e viu uma águia, ele pediu para a águia ajudar ele, a águia viu e foi guiando o menino até sua casa para que possa entregar as maçãs.
<b>Coda</b>	--

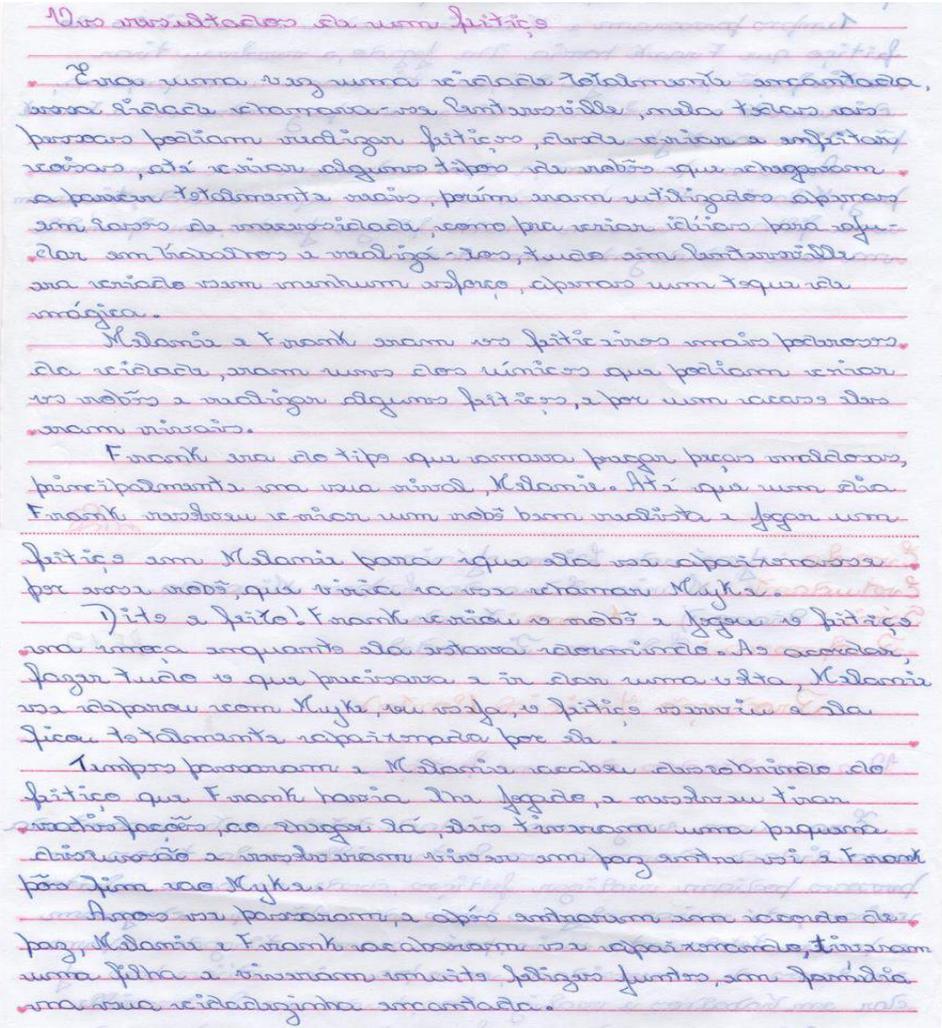
<b>PI12 Título</b>	A empregada e Sua Rainha
<b>Resumo</b>	<p style="text-align: center;"><i>A Empregada e Sua Rainha</i></p> <p>Era uma vez uma linda menina que morava no castelo mas ela não era nem uma Princesa, e nem Rainha, ela era uma simples empregada que tinha uma Patroua que era muinto mal mas sua filha era muinto bouazinha.</p> <p>Um certo dia a empregada que se Chamava Elena foi leva a Comida para sua Rainha que como sempre não estava no seu melhor dia, quando a empregada Chegou no quarto com O janta, e Colocou em cima da cama da Sua Rainha e falou.</p> <p><i>Empregada</i> – Pronto está aqui seu janta minha Rainha Pode Comer.</p> <p><i>Rainha</i> – Esta certo vou Prova a Sopa. Vou ver si esta domeu agrado.</p> <p><i>Empregada</i> – Esta certo vou esta esperando a Senhora termina seu janta que esta maravilhosa.</p> <p><i>Rainha</i> – Esta muinto ruim seu Sopa.</p> <p>Quando a empregada ouviu a quilo ela levantou a sua cabeça e a Rainha pegou o prato de Sopa e jogou em seu rosto e para sua sorte a sopa estava fria.</p> <p>Ai foi mesmo na hora que a princesa que é a sua filha e foi chegando e viu a quela sena oriveu. A princesa não gostou diso e Comesou a Reclama Com sua mãe e a empregada deseu corendo as escada do palacio e foi direto para seu quarto Chorando.</p> <p>Uma fada vio a empregada de brusada na janela do seu quarto Chorando e Chegou perto e liper guntou o que a conteceu sua linda moça e a empregada e li falou.</p> <p><i>Empregada</i> – foi a minha Rainha que jogou o prato de Sopa em meu Rosto. i a fada dise para empregada que ia joga um fetissio na Rainha por que ela era muinto ruim Com a empregada e a fada feis o que ela dise que ia faser e jogou seu fetisio Contra Rainha e a empregada ficou feliz e a Rainha ficou alegre e bouasinha para Sempre.</p>
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma linda menina que morava no castelo mas ela não era nem uma Princesa, e nem Rainha, ela era uma simples empregada que tinha uma Patroua que era muinto mal mas sua filha era muinto bouazinha.
<b>Complicação</b>	<p>Uma serto dia a empregada que se Chamava Elena foi leva a Comida para sua Rainha que como sempre não estava no seu melhor dia, quando a empregada Chegou no quarto com O janta, e Colocou em cima da cama da Sua Rainha e falou.</p> <p>empregada – Pronto está aqui seu janta minha Rainha Pode Comer.</p> <p>Rainha – Esta serto vou Prova a Sopa. Vou ver si esta domeu agrado.</p> <p>empregada – Esta serto vou esta esperando a Senhora termina seu janta que esta maravilhosa.</p> <p>Rainha – Esta muinto ruim seu Sopa.</p> <p>Quando a empregada ouviu a quilo ela levantou a sua cabeça e a Rainha pegou o prato de Sopa e jogou em seu rosto</p>
<b>Avaliação</b>	e para sua sorte a sopa estava fria. ai foi mesmo na hora que a princesa que é sua filha e foi chegando e viu a quela sena oriveu. A princesa não gostou diso e Comesou a Reclama Com sua mãe e a empregada deseu corendo as escada do palacio e foi direto para seu quarto Chorando.
<b>Resolução</b>	<p>Uma fada vio a empregada de brusada na janela do seu quarto Chorando e Chegou perto e liper guntou o que a conteceu sua linda moça e a empregada e li falou.</p> <p>empregada – foi a minha Rainha que jogou o prato de Sopa em meu Rosto. i a fada dise para empregada que ia joga um fetissio na Rainha por que ela era muinto ruim Com a empregada e a fada feis o que ela dise que ia faser e jogou seu fetisio Contra Rainha e a empregada ficou feliz e a Rainha ficou alegre e bouasinha para Sempre.</p>
<b>Coda</b>	

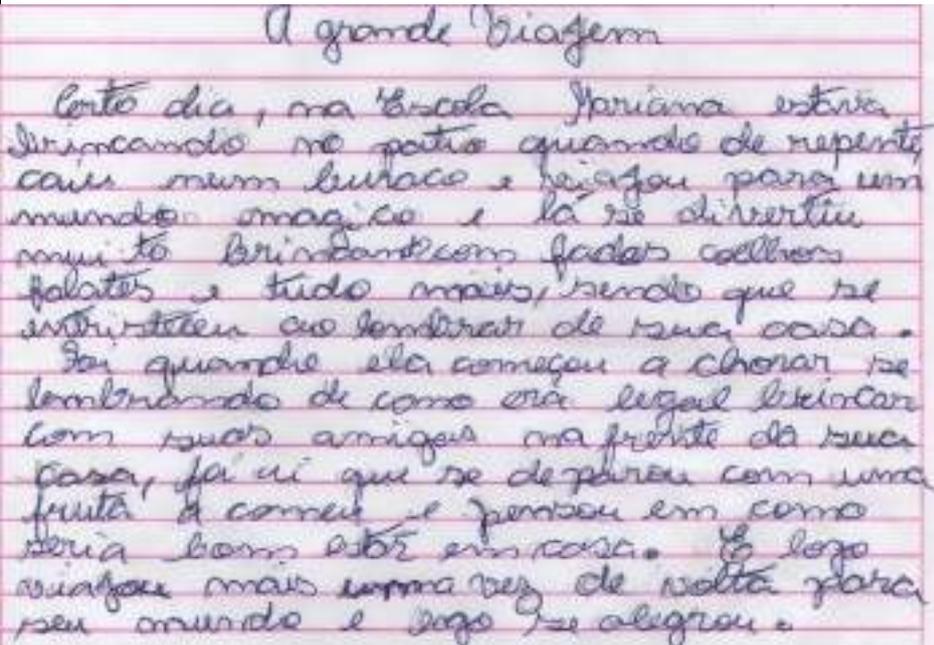
<b>PI13 Título</b>	A MOÇA LINDA RAPAZ SUJO
	 <p>NUM BELO DIA, UMA CASA BELA. EXISTIA UMA MOÇA, MUITO LINDA E UM RAPAZ QUE ESTAVA MUITO APAIXONADO POR ELA.</p> <p>ESSE RAPAZ FAZIA TUDO PARA CONQUISTAR A MOÇA QUE ERA MUITO LINDA PARECIA UMA PRINCESA MAS ELA NAO QUERIA O RAPAZ POR QUE ELE CHEIRAVA MAL DEMAS. CERTO DIA O RAPAZ CHEGOU COM BUQUE DE ROSAS PARA DA A MOÇA ELA PEGOU DEU SORRISO, MAS NAO QUIS ACEITAR BUQUE DE ROSAS ELA JOGOU FORA.</p> <p>ENTAO RAPAZ FOI PARA UM CANTO, ESCURO E LA COMEÇOU A DESCRER AS LAGRIMAS DO RAPAZ CHORANDO. BEM BAIXINHO E SOLUCANDO</p> <p>APARECEU UMA LUZ FORTE CLARA RAPIDAMENTE NESSA LUZ FORTE RAPIDA APARECEU UMA FADA. E FALO PORQUE CHORAS RAPAZ. O RAPAZ RESPONDEU-LHE DIZENDO QUE ESTAVA APAIXONADO MAS ELA NAO ME ACEITA PORQUE CHEIRO MAL FADA PENSOU. E FALO POR QUE NAO TOMA BANHO RAPAZ RESPONDEU EU TENHO MEDO DA AGUA FADA PENSOU MAIS UMA VEZ VEIO A IDEIA FEZ UMA MAGICA NOS ESTALOS DO DEDO E O RAPAZ FICOU LIMPO CHEIROSO COM BUQUE DE ROSAS. FADA DISSE VAI ATE ESSA MOÇA LINDA O RAPAZ SECOU AS LAGRIMAS AGRADEÇEU A FADA MUITO FELIZ E FOI O RAPAZ ATE A MULHER ENTREGOU BUQUE DE ROSAS E A MOÇA SORRIU E LHE DEU UM BEIJO ELES CASARAM E VIVERAM FELIZ.</p> <p>A MOÇA LINDA RAPAZ SUJO</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	NUM BELO DIA, UMA CASA BELA. EXISTIA UMA MOÇA, MUITO LINDA E UM RAPAZ QUE ESTAVA MUITO APAIXONADO POR ELA. ESSE RAPAZ FAZIA TUDO PARA CONQUISTAR A MOÇA QUE ERA MUITO LINDA PARECIA UMA PRINCESA
<b>Complicação</b>	MAS ELA NAO QUEIRA O RAPAZ POR QUE ELE CHEIRAVA MAL DEMAS. CERTO DIA O RAPAZ CHEGOU COM BUQUE DE ROSAS PARA DA A MOÇA ELA PEGOU DEU SORRISO, MAS NAO QUIS ACEITAR O BUQUE DE ROSAS ELA JOGOU FORA
<b>Avaliação</b>	ENTAO RAPAZ FOI PARA UM CANTO, ESCURO E LA COMEÇOU A DESCRER AS LAGRIMAS DO RAPAZ CHORANDO. BEM BAIXINHO E SOLUCANDO.
<b>Resolução</b>	APARECEU UMA LUZ FORTE CLARA RAPIDAMENTE NESSA LUZ FORTE RAPIDA APARECEU UMA FADA. E FALO PORQUE CHORAS RAPAZ. O RAPAZ RESPONDEU-LHE DIZENDO QUE ESTAVA APAIXONADO MAS ELA NAO ME ACEITA PORQUE CHEIRO MALFADA PENSOU. E FALO POR QUE NAO TOMA BANHO RAPAZ RESPONDEU EU TENHO MEDO DA AGUA FADA PENSOU MAIS UMA VEZ VEIO A IDEIA FEZ UMA MAGICA NOS ESTALOS DO DEDO E O RAPAZ FICOU LIMPO E CHEIROSO COM BUQUE DE ROSAS. FADA DISSE VAI ATE ESSA MOÇA LINDA O RAPAZ SECOU AS LAGRIMAS AGRADEÇEU A FADA MUITO FELIZ E FOI O RAPAZ ATE A MULHER ENTREGOU BUQUE DE ROSAS E A MOÇA SORRIU E LHE E LHE DEU UM BEIJO ELES CASARAM E VIVERAM FELIZ.
<b>Coda</b>	

<b>PI14 Título</b>	A menina e a sua amiga fada
	 <p><i>A menina e a sua amiga fada</i></p> <p>Em um certo dia uma jovem menina que se chamava Joana, ela está se arrumando Para uma festa de 15 anos, e ela foi ao seu quarto, colocar uma bela roupa, mas ela não tinha uma roupa necessária para ir a uma festa, e ela pensou, não tenho uma boa roupa para ir a uma festa, mais de repente apareceu a sua amiga fada, e falou. Eu Vou te ajudar e ela preparou um belo vestido rosa com muito charme e muito lindo e ela falou para a fada: Obrigada mais a que hora eu vou ter que esta de volta a fada respondeu: Você tera que esta aqui as 2 horas da manhã, porque se não tudo vai voltar ao normal.</p> <p>Mas quando ela chega a festa ela fala com as amigas dela, mas ela acaba recebendo uma mau noticia, que os pais dela sofreram um acidente e que eles morreram. Ela ficou desesperada e correu ate ao Hospital e assim passou todo o processo, mais, ela pensou com quem ela iria morar se as únicas pessoas era os seus pais, e ela passou a pensar novamente, e eu so tenho 17 anos e tenho que arrumar uma pessoa para eu conviver e ela falou ja sei Vou arrumar um namorado.</p> <p>E ela conseguiu um namorado e ao passar do tempo eles noivaram, casaram e passaram de completar a familia, e tiveram filhos um menino que se chamava Joaquim e uma menina que se chamava Jaqueline e o nome do seu pai, que era o namorado de Joana que se chamava João Victor e assim eles tiveram filhos para sempre.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Em um certo dia uma Jovem menina que se chamava Joana, ela esta se arrumando Para uma festa de 15 anos, e ela foi ao seu quarto, colocar uma bela roupa, mas ela não tinha uma roupa necessária para ir a uma festa, e ela pensou, não tenho uma boa roupa para ir a uma festa mais de repente apareceu a sua amiga fada, e falou Eu vou te ajudar e ela preparou um belo vestido rosa com muito charme e muito lindo e ela falou para a fada: Obrigada mais a que hora eu vou ter que esta de volta a fada respondeu: Você tera que esta aqui aqui as 2 horas da manhã, por que se não tudo vai voltar ao normal
<b>Complicação</b>	Mas quando ela chega a festa ela fala com as amigas dela, mas ela acaba recebendo uma mau noticia, que os pais dela sofrerão um acidente e que eles morreram.
<b>Avaliação</b>	Ela ficou desesperada e correu ate ao Hospital e assim passou todo o processo, mais, ela pensou com quem ela iria morar se as únicas pessoas era os seus pais, e ela passou a pensar novamente, e eu so tenho 17 anos e tenho que arrumar uma pessoa para eu conviver e ela falou ja sei vou arrumar um namorado
<b>Resolução</b>	E ela conseguiu um namorado e ao passar do tempo eles noivaram, casaram e passaram de completar a familia, e tiveram filhos um menino que se chamava Joaquim e uma menina que se chamava Jaqueline e o nome do seu pai, que era o namorado de Joana que se chamava João Victor
<b>Coda</b>	e assim eles viverão felizes para sempre

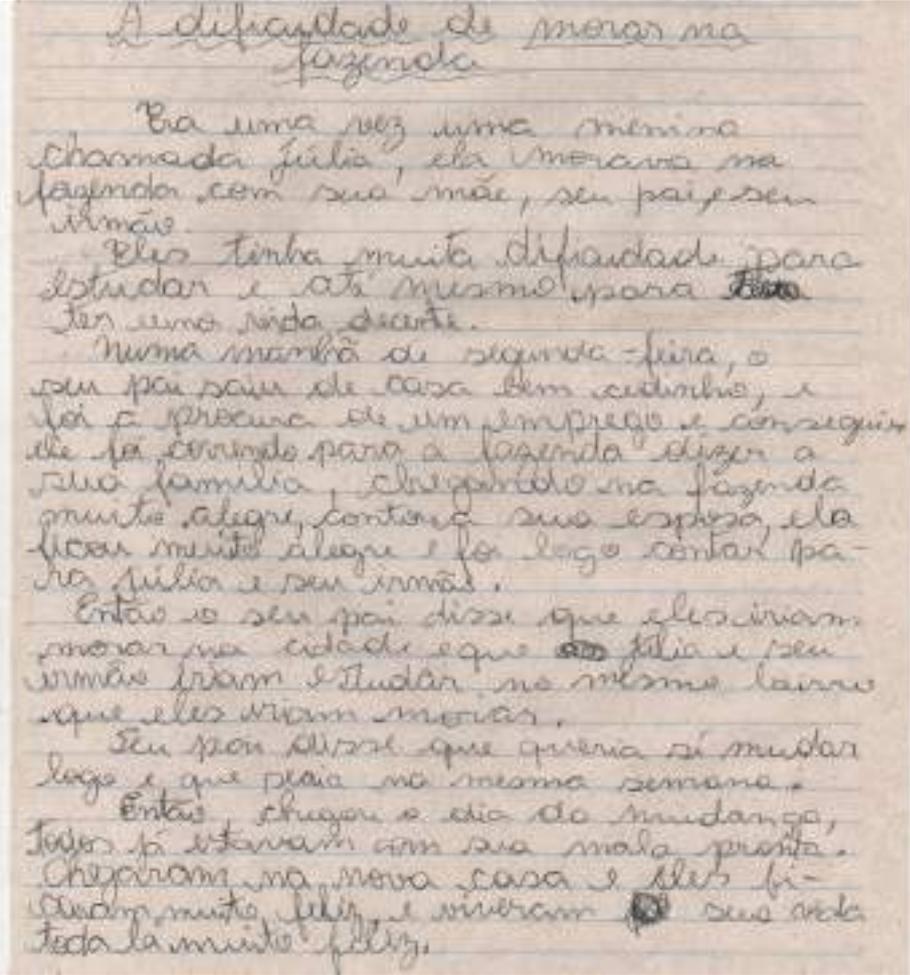
<b>PI15Título</b>	A menina que realiso seus sonho
	 <p>A menina que realiso seus sonho</p> <p>Era uma vez uma menina muito esperta mais ela era muito triste por que ela não tinha familia ela era muito orgulhosa mais ela era uma menina de rua ela sofria muito pelas rua no. Certo dia ela estava a sentada em uma causada ela não sabia que estava a centado na causada de um orfanato um mulher saio de dentro dos or fanato epergunto menina o que você esta fazendo a sentada ai ela respondeu nada ela respondeu cade sua mãe - não tenho mãe em tau entre aqui.</p> <p>Então agora tem um lar pra mora até que você em entre uma familia que goste de você ela ficou muito feliz por que tem um lar pra mora mas dêmes separamos mais dia chega uma familia muito bonita e quis adota ela mais ela ficou tam feliz que não sabia que diz</p> <p>e ela viveu feliz para sempre.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma menina muito esperta
<b>Complicação</b>	mais ela era muito triste por que ela não tinha familia ela era muito orgulhosa mais ela era uma menina de rua ela sofria muito pelas rua no. Certo dia ela estava a sentada em uma causada ela não sabia que estava a centado na causada de um orfanato um mulher saio de dentro dos or fanato epergunto menina o que você esta fazendo a sentada ai ela respondeu nada ela respondeu cade sua mãe - não tenho mãe em tau entre aqui.
<b>Avaliação</b>	você agora tem um lar pra mora até que você em entre uma familia que goste de você ela ficou muito feliz por que tem um lar pra mora mas dêmes separamos
<b>Resolução</b>	mais dia chega uma familia muito bonita e quis adota ela mais ela ficou tam feliz que não sabia que diz
<b>Coda</b>	e ela viveu feliz para sempre.

<b>PI16 Título</b>	"Eu e Ele"
	 <p><b>Título - "Eu e Ele"</b></p> <p>Em certo dia exatamente no dia 22 de julho de 2015 um menino Lindo, Elegante, Charmoso de um metro, e noventa de 16 anos, Envio uma solicitação no facebook de uma menina Linda, Chata, Ignorante kk... de 14 anos ele a acho uma menina muito Linda e interessante, dai ela foi ver as fotos dele e o acho muito Lindo e aceito a solicitação dele e na mesma hora que ela aceito a solicitação dele, ele foi lá e falou com ela foi o início de uma grande amizade.</p> <p>A partir desse dia 22 de julho começou uma grande amizade, ai ele falava todo dia, toda hora, ai uma certa hora eu disse a ele de 3 dias depois iria completa ano ele ficou querendo fazer uma surpresa pra ela, e foi nessa hora que ele teve a ideia de fazer um video com as fotos dela, ai chego o esperado dia 27 (o dia que ela completaria 14 anos) í, ele fez o video e postou na linha do tempo dela (no facebook) e assim foi.</p> <p>Ai a partir desse dia a amizade deles foi ficando mais forte eramos tão amigos que o povo diziam que formaria um casal muito lindo...</p> <p>Foi ai que ele começou a gostar dela só que ela não percebia, pra ela ele era um Irmão que ela nunca teve, ai com o passar do tempo ele gostando muito dela resolveu pedir pra fica com ela mais ai ela não aceito pois teve medo da amizade deles acabar e não aceito, mais como ele gostava muito dela ele teve medo de perde a amizade dela e resolveu deixa pra lá...</p> <p>mais ele passou 5 meses tentando conquista ela e um certo dia exatamente dia 30 de novembro ele resolveu abri seu coração pra ela e pediu pra namora com ela e ela aceito e eles estão juntos até hoje e muito Felizes e pretendem se casar!!</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Em certo dia exatamente no dia 22 de julho de 2015 um menino Lindo, Elegante, Charmoso de um metro, e noventa de 16 anos, Envio uma solicitação no facebook de uma menina Linda, Chata, Ignorante kk... de 14 anos ele a acho uma menina muito Linda e interessante, dai ela foi ver as fotos dele e o acho muito Lindo e aceito a solicitação dele e na mesma hora que ela aceito a solicitação dele, ele foi lá e falou com ela foi o início de uma grande amizade.</p> <p>A partir desse dia 22 de julho começou uma grande amizade, ai ele falava todo dia, toda hora, ai uma certa hora eu disse a ele de 3 dias depois iria completa ano ele ficou querendo fazer uma surpresa pra ela, e foi nessa hora que ele teve a ideia de fazer um video com as fotos dela, ai chego o esperado dia 27 (o dia que ela completaria 14 anos) í, ele fez o video e postou na linha do tempo dela( no facebook) e assim foi.</p> <p>Ai a partir desse dia a amizade deles foi ficando mais forte eramos tão amigos que o povo diziam que formaria um casal muito lindo...</p>
<b>Complicação</b>	<p>Foi ai que ele começou a gostar dela só que ela não percebia, pra ela ele era um Irmão que ela nunca teve, ai com o passar do tempo ele gostando muito dela resolveu pedir pra fica com ela mais ai ela não aceito pois teve medo da amizade deles acabar e não aceito</p>
<b>Avaliação</b>	<p>mais como ele gostava muito dela ele teve medo de perde a amizade dela e resolveu deixa pra lá...</p>
<b>Resolução</b>	<p>mais ela passou 5 meses tentando conquista ela e um certo dia exatamente dia 30 de novembro ele resolveu abri seu coração pra ela e pediu pra namora com ela e ela aceito e eles estão juntos até hoje e muito Felizes e pretendem se casar!!</p>
<b>Coda</b>	

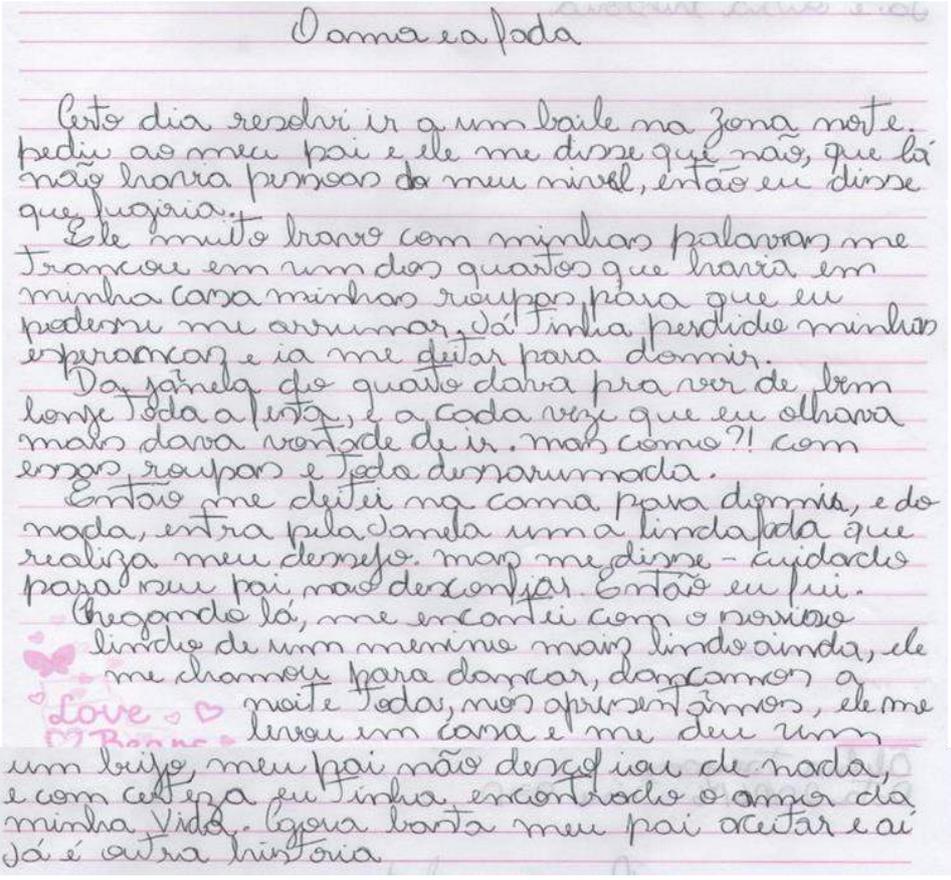
PI17 Título	Os resultados de um feitiço
	 <p><u>Os resultados de um feitiço</u></p> <p>Era uma vez uma cidade totalmente encantada, essa cidade chamava-se Centersville, nela todas as pessoas podiam realizar feitiços, desde criar e enfeitar coisas, até criar alguns tipos de robôs que chegavam a parecer totalmente reais, porém eram utilizados apenas em casos de necessidade, como pra criar idéias para ajudar em trabalhos e realizá-los, tudo em Centersville era criado sem nenhum esforço, apenas um toque de magia.</p> <p>Melanie e Frank eram os feiticeiros mais poderosos da cidade, eram uns dos únicos que podiam criar os robôs e realizar alguns feitiços, e por um acaso eles eram rivais.</p> <p>Frank era do tipo que amava pregar peças maldosas, principalmente na sua rival, Melanie. Até que um dia Frank resolveu criar um robô bem realista e jogar um feitiço em Melanie para que ele se apaixonasse por esse robô, que viria a se chamar Myke.</p> <p>Dito e feito! Frank criou o robô e jogou o feitiço na moça enquanto ela estava dormindo. Ao acordar, fazer tudo o que precisava e ir dar uma volta, Melanie se deparou com Myke, ou seja, o feitiço serviu e ela ficou totalmente apaixonada por ele.</p> <p>Tempos passaram e Melanie acabou descobrindo o feitiço que Frank havia lhe jogado, e resolveu tirar satisfações, ao chegar lá, eles tiveram uma pequena discussão e resolveram viver em paz entre si e Frank pôs fim ao Myke.</p> <p>Anos se passaram, e após entrarem em acordo de paz, Melanie e Frank acabaram se apaixonando, tiveram uma filha e viveram muito felizes juntos, em família na sua cidadezinha encantada.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Era uma vez uma cidade totalmente encantada, essa cidade chamava-se Centersville, nela todas as pessoas podiam realizar feitiços, desde criar e enfeitar coisas, até criar alguns tipos de robôs que chegavam a parecer totalmente reais, porém eram utilizados apenas em casos de necessidade, como pra criar idéias para ajudar em trabalhos e realizá-los, tudo em Centersville era criado sem nenhum esforço, apenas um toque de magia.</p> <p>Melanie e Frank eram os feiticeiros mais poderosos da cidade, eram uns dos únicos que podiam criar os robôs e realizar alguns feitiços, e por um acaso eles eram rivais.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Frank era do tipo que amava pregar peças maldosas, principalmente na sua rival, Melanie. Até que um dia Frank resolveu criar um robô bem realista e jogar um feitiço em Melanie para que ele se apaixonasse por esse robô, que viria a se chamar Myke.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Dito e feito! Frank criou o robô e jogou o feitiço na moça enquanto ela estava dormindo. Ao acordar, fazer tudo o que precisava e ir dar uma volta, Melanie se deparou com Myke, ou seja, o feitiço serviu e ela ficou totalmente apaixonada por ele.</p>
<b>Resolução</b>	<p>Tempos passaram e Melanie acabou descobrindo o feitiço que Frank havia lhe jogado, e resolveu tirar satisfações, ao chegar lá, eles tiveram uma pequena discussão e resolveram viver em paz entre si e Frank pôs fim ao Myke.</p>
<b>Coda</b>	<p>Anos se passaram, e após entrarem em acordo de paz, Melanie e Frank acabaram se apaixonando, tiveram uma filha e viveram muito felizes juntos, em família na sua cidadezinha encantada.</p>

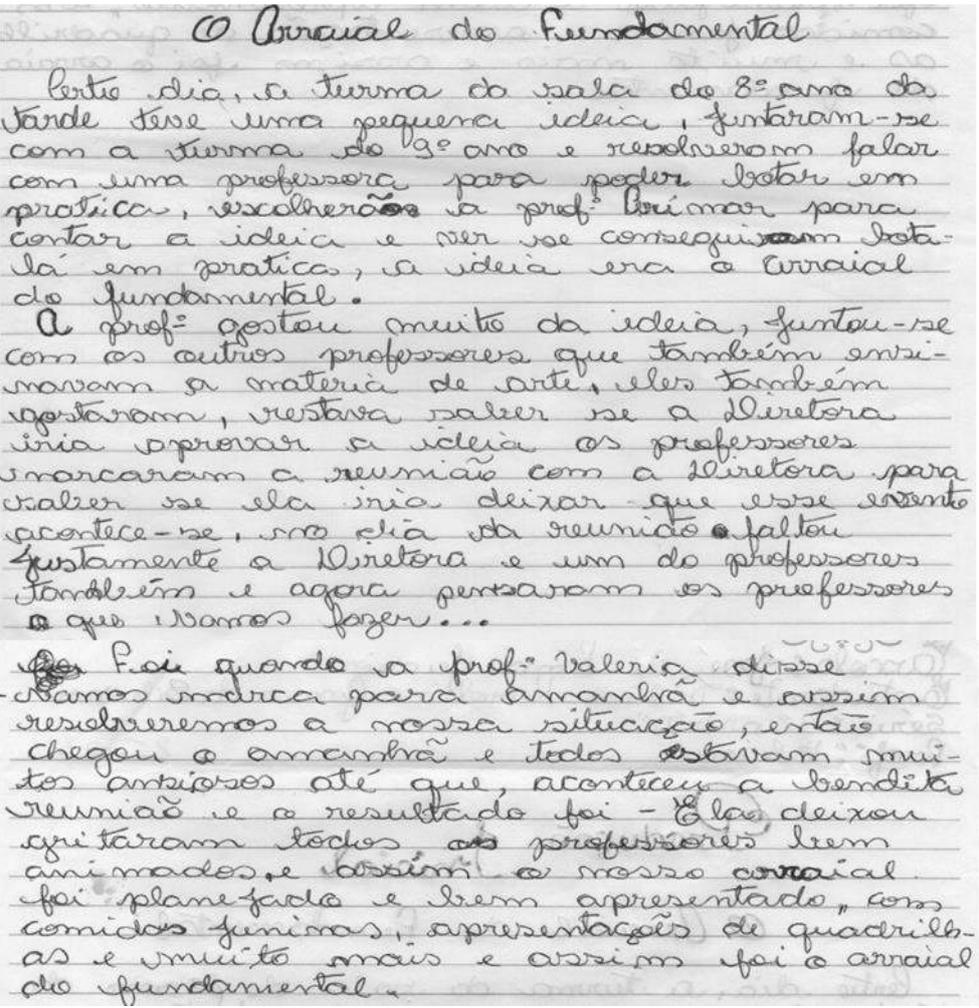
<b>PI 18 Título</b>	A grande Viagem
	 <p style="text-align: center;">A grande Viagem</p> <p>Certo dia, na Escola Mariana estava brincando no pátio quando de repente caiu num buraco e viajou para um mundo mágico e lá se divertiu muito brincando com fadas coelhos falates e tudo mais, sendo que se entristeceu ao lembrar de sua casa.</p> <p>Foi quando ela começou a chorar se lembrando de como era legal brincar com suas amigas na frente de sua casa, foi aí que se deparou com uma fruta a comeu e pensou em como seria bom está em casa. E logo viajou mais uma vez de volta para seu mundo e logo se alegrou.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Certo dia, na Escola Mariana estava brincando no patio
<b>Complicação</b>	quando de repente caiu num buraco e viajou para um mundo magico e lá se divertiu muito brincando com fadas coelhos falates e tudo mais, sendo que se entristeceu ao lembrar de sua casa.
<b>Avaliação</b>	Foi quando ela começou a chorar se lembrando de como era legal brincar com suas amigas na frente de sua casa,
<b>Resolução</b>	foi aí que se de parou com uma fruta a comeu e pensou em como seria bom está em casa. E logo viajou mais uma vez de volta para seu mundo e logo se alegrou.
<b>Coda</b>	

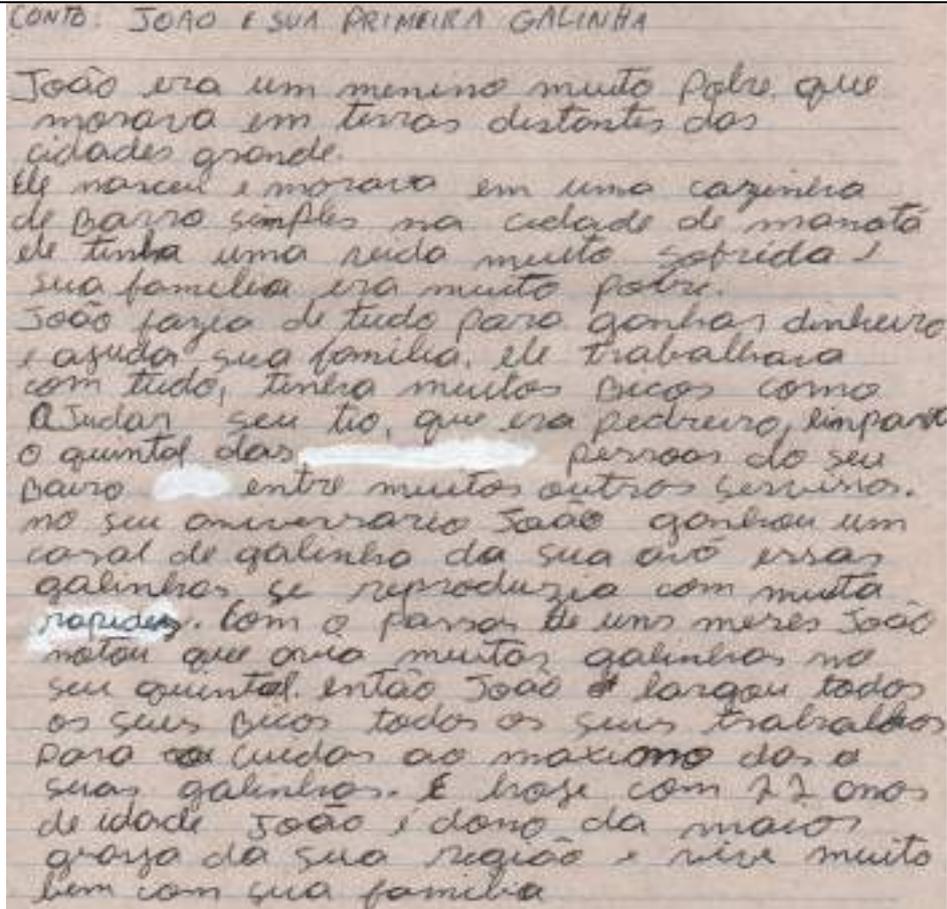
PI19 Título	Quem são eles Halyber?
	<p>Título → Quem são eles Halyber?</p> <p>Há muito tempo atrás em terras de cavaleiros e magos, existia um homem, ele tinha um coração puro e nobre e ele protegia um bebe metade humano metade dragão que se chamava Dragnew, o nome desse homem era Halyber.</p> <p>Com o tempo Dragnew cresceu e se tornou um adolescente, ele vivia na floresta dentro de uma caverna junto a Halyber o seu protetor, mas Dragnew sonhava em conhecer o mundo.</p> <p>Certo dia Dragnew estava voando a procura de uma caça quando ouviu um barulho estranho ele nunca ouvira um som como aquele e então olhou e viu uma area clara quase sem arvores e viu uma area com grandes paredes de madeira ele se aproximou e viu uns animais que nunca viu na floresta esses animais eram prateados e usavam objetos afiados nas mãos e andavam em pé como um urso querendo pegar algo numa arvore esses animais batiam uns nos outros e pareciam gostar quando um se machucava, logo Dragnew volta a caverna e perguntar a Halyber que acabou de ver, Halyber com um olhar raivoso e preocupado diz a Dragnew para não voltar mais naquele lugar.</p> <p>Mas Dragnew certo dia voltou aos muros de madeira e é acertado por uma pedra e cai no chão desacordado ao abrir os olhos se viu preso em uma coisa estranha prateada e quadrada ele tenta quebrar mas não consegue.</p> <p>Alguns dias se passam ele permanece preso e torturado pois esses animais diziam que ele era uma aberração mas de repente Halyber aparece e cuspe grandes rajadas de fogo nos muros e nas casas, ele encontra Dragnew e liberta ele e juntos volta para a caverna voando enquanto os estranhos animais correm na direção oposta.</p> <p>Depois desse dia Dragnew passou a obedecer a Halyber e suas vidas voltaram a ser o que era antes.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Há muito tempo atrás em terras de cavaleiros e magos, existia um homem, ele tinha um coração puro e nobre e ele protegia um bebe metade humano metade dragão que se chamava Dragnew, o nome desse homem era Halyber.</p> <p>Com o tempo Dragnew cresceu e se tornou um adolescente, ele vivia na floresta dentro de uma caverna junto com Halyber o seu protetor, mas Dragnew sonhava em conhecer o mundo.</p> <p>Certo dia Dragnew estava voando a procura de uma caça quando ouviu um barulho estranho ele nunca ouvira um som como aquele e então olhou e viu uma area clara quase sem arvores e viu uma area com grandes paredes de madeira ele se aproximou e viu uns animais que nunca viu na floresta esses animais eram prateados e usavam objetos afiados nas mãos e andavam em pé como um urso querendo pegar algo numa arvore esses animais batiam uns nos outros e pareciam gostar quando se machucava, logo Dragnew volta a caverna e perguntar a Halyber o que acabou de ver, Halyber com um olhar raivoso e preocupado diz a Dragnew para não voltar a mais naquele lugar.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Mas Dragnew certo dia voltou aos muros de madeira e é acertado por uma pedra e cai no chão desacordado ao abrir os olhos se viu preso em uma coisa estranha prateada e quadrada ele tenta quebrar mas não consegue.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Alguns dias se passam e ele permanece preso e torturado pois esses animais diziam que ele era uma aberração</p>
<b>Resolução</b>	<p>mas de repente Halyber aparece e cuspe grandes rajadas de fogo nos muros e nas casas, ele encontra Dragnew e liberta ele e juntos volta para a caverna voando enquanto os estranhos animais correm na direção oposta.</p>
<b>Coda</b>	<p>Depois desse dia Dragnew passou a obedecer a Halyber e suas vidas voltaram a ser o que era antes.</p>

PI20 Título	A dificuldade de morar na fazenda
	 <p><u>A dificuldade de morar na fazenda</u></p> <p>Era uma vez uma menina chamada Júlia, ela morava na fazenda com sua mãe, seu pai e seu irmão.</p> <p>Eles tinha muita dificuldade para estudar e até mesmo para ter uma vida decente.</p> <p>Numa manhã de segunda-feira, o seu pai saiu de casa bem cedinho, e foi a procura de um emprego e conseguiu ele foi correndo para a fazenda dizer a sua família, chegando na fazenda muito alegre, contou a sua esposa, ela ficou muito alegre e foi logo contar para Júlia e seu irmão.</p> <p>Então o seu pai disse que eles iriam morar na cidade e que Júlia e seu irmão iriam estudar no mesmo bairro que eles iriam morar.</p> <p>Seu pai disse que queria si mudar logo e que seria na mesma semana.</p> <p>Então chegou o dia da mudança, todos já estavam com sua mala pronta. Chegaram na nova casa e eles ficaram muito feliz e viveram sua vida toda lá muito feliz.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma menina chamada Júlia, ela morava na fazenda com sua mãe, seu pai e sua irmão.
<b>Complicação</b>	Eles tinha muita dificuldade para estudar e até mesmo pra ter uma vida decente.
<b>Avaliação</b>	Numa manhã de segunda-feira, o seu pai saiu de casa bem cedinho, e foi a procura de um emprego e conseguiu, ele foi correndo para a fazenda dizer a sua família, chegando na fazenda muito alegre, contou a sua esposa, ele ficou muito alegre e foi logo contar para Júlia e seu irmão.
<b>Resolução</b>	Então o seu pai disse que eles iriam morar na cidade e que Júlia e seu irmão iriam estudar no mesmo bairro que iriam morar. Seu pai disse que queria si mudar logo e que seria na mesma semana. Então chegou o dia da mudança, todos já estavam com sua mala pronta. Chegaram na nova casa e eles ficaram muito feliz e viveram sua vida toda lá muito feliz.
<b>Coda</b>	

<b>PI21 Título</b>	O pequeno Jogador
	<p style="text-align: center;"><u>Conto - O Pequeno Jogador</u></p> <p>Era uma vez um menino sonhador chamado Invo, Ele morava Perto de um campo de Futibol. E tinha o sonho de um dia ser jogador de Futibol e poder jogar no Time desse campo chamado Real Madri.</p> <p>O problema é que os teste para os jogadores titulares já tinha se encerrado, Assim ele Ficaria no Banco.</p> <p>O Treinador do seu time Também queria que ele joga-se como titular intão ele convidor Invo e o melhor jogador do Time Titular o Juninho para tomar um sovete com Invo pra ver se ele se sentia melhor. Juninho ficou duente e não pode ir Jogar Mas Invo já tinha resolvido Falta muito revoltado porque não ia ser Titular,</p> <p>Más Bem em cima da hora Invo resolvel ir para dar uma fossa pra seu time. Quando chegou lá se supredel por causa do fato, em fim pode jogar e mostra seu taletto, supredeu seu treinador fazendo 2 belos gols e assim comessou a ser titular</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez um menino sonhador chamado Invo. Ele morava Perto de um campo de Futibol. E tinha o sonho de um dia ser jogador de Futibol e poder jogar no time desse campo chamado Real Madri
<b>Complicação</b>	O problema é que os teste para os jogadores titulares já tinha se encerrado, Assim ele Ficaria no Banco. O treinador do seu time Também queria que ele joga-se como titular intão ele convidor Invo e o melhor jogador do Time Titular o Juninho para tomar um sovete com Invo pra ver se ele se sentia melhor. Juninho ficou duente e não pode ir Jogar
<b>Avaliação</b>	más Invo já tinha resolvido Falta muito revoltado porque não ia ser Titular,
<b>Resolução</b>	Más Bem em cima da hora Invo resolvel ir para dar uma fossa pra seu time. Quando chegou lá se supredel por causa do fato, em fim pode jogar e mostra seu taletto, supredeu seu treinador fazendo 2 belos gols e assim comessou a ser titular.
<b>Coda</b>	

<b>PI22 Título</b>	O amor e a fada
	 <p><u>O amor e a fada</u></p> <p>Certo dia resolvi ir a um baile na zona norte. pedi ao meu pai e ele me disse que não, que lá não havia pessoas do meu nível, então eu disse que fugiria.</p> <p>Ele muito bravo com minhas palavras me trancou em um dos quartos que havia em minha casa minhas roupas para que eu pudesse me arrumar, já tinha perdido minhas esperanças e ia me deitar para dormir.</p> <p>Da janela do quarto dava pra ver de bem longe toda a festa, e a cada vez que eu olhava mais dava vontade de ir. mas como?! com essas roupas e toda dessarumada.</p> <p>Então me deitei na cama para dormir, e do nada, entra pela janela uma linda fada que realiza meu desejo. mas me disse - cuidado para seu pai não desconfiar. Então eu fui.</p> <p>Chegando lá, me encantei com o sorriso lindo de um menino mais lindo ainda, ele me chamou para dançar, dançamos a noite toda, nos apresentamos, ele me levou em casa e me deu um beijo, meu pai não desconfiou de nada, e com certeza eu tinha encontrado o amor da minha vida. Agora basta meu pai aceitar e aí já é outra história.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Certo dia resolvi ir a um baile na zona norte.
<b>Complicação</b>	pedi ao meu pai e ele me disse que não, que lá não havia pessoas do meu nível, então eu disse que fugiria. Ele muito bravo com minhas palavras me trancou em um dos quartos que havia em minha casa minhas roupas para que eu pudesse me arrumar.
<b>Avaliação</b>	Já tinha perdido minhas esperanças e ia me deitar para dormir. Da janela do quarto dava pra ver de bem longe toda a festa, e a cada vez que eu olhava mais dava vontade de ir. mas como?! com essas roupas e toda dessarumada.
<b>Resolução</b>	Então me deitei na cama para dormir, e do nada, entra pela janela uma linda fada que realiza meu desejo. mas me disse – cuidado para seu pai não desconfiar. Então eu fui. Chegando lá, me encantei com o sorriso lindo de um menino mais lindo ainda, ele me chamou para dançar, dançamos a noite toda, nos apresentamos, ele me levou em casa e me deu um beijo, meu pai não desconfiou de nada, e com certeza eu tinha encontrado o amor da minha vida.
<b>Coda</b>	Agora basta meu pai aceitar e aí já é outra história.

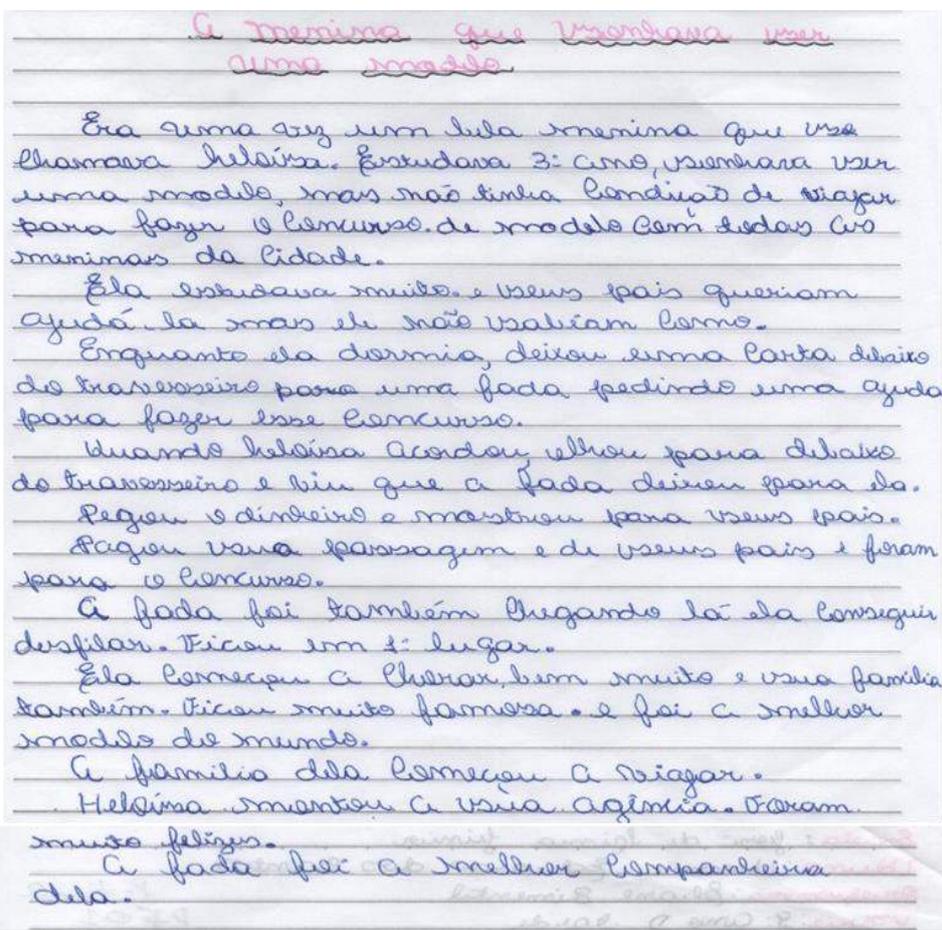
PI23 Título	O Arraial do Fundamental
	 <p><b>O Arraial do Fundamental</b></p> <p>Certo dia, a turma da sala do 8º ano da tarde teve uma pequena ideia, juntaram-se com a turma do 9º ano e resolveram falar com uma professora para poder botar em prática, escolherão a prof. Arimar para contar a ideia e ver se conseguiram bota-lá em prática, a ideia era o Arraial do fundamental.</p> <p>A prof. gostou muito da ideia, juntou-se com os outros professores que também ensinavam a matéria de arte, eles também gostaram, restava saber se a Diretora iria aprovar a ideia os professores marcaram a reunião com a Diretora para saber se ela iria deixar que esse evento acontecesse, no dia da reunião faltou justamente a Diretora e um dos professores também e agora pensaram os professores o que vamos fazer...</p> <p>Foi quando a prof. Valeria disse vamos marcar para amanhã e assim resolveremos a nossa situação, então chegou o amanhã e todos estavam muito ansiosos até que, aconteceu a bendita reunião e o resultado foi - Ela deixou gritaram todos os professores bem animados, e assim o nosso arraial foi planejado e bem apresentado, com comidas juninas, apresentações de quadrilhas e muito mais e assim foi o arraial do fundamental.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	<p>Certo dia, a turma da sala do 8º ano da tarde teve uma pequena ideia, juntaram-se com a turma do 9º ano e resolveram falar com uma professora para poder botar em prática, escolherão a profª Arimar para contar a ideia e ver se conseguiam bota-lá em prática, a ideia era o Arraial do fundamental.</p> <p>A profª gostou muito da ideia, juntou-se com outros professores que também ensinavam a matéria de arte, eles também gostaram, restava saber se a Diretora iria aprovar a ideia os professores marcaram a reunião com a Diretora para saber se ela iria deixar que esse evento acontecesse,</p>
<b>Complicação</b>	<p>no dia da reunião faltou justamente a Diretora e um dos professores também e agora pensaram os professores o que vamos fazer... Foi quando a profª Valeria disse - Vamos marcar para amanhã e assim resolveremos a nossa situação,</p>
<b>Avaliação</b>	então chegou o amanhã e todos estavam muito ansiosos
<b>Resolução</b>	até que, aconteceu a bendita reunião e o resultado foi - Ela deixou gritaram todos os professores bem animados, e assim o nosso arraial foi planejado e bem apresentado, com comidas juninas, apresentações de quadrilhas e muito mais
<b>Coda</b>	e assim foi o arraial do fundamental.

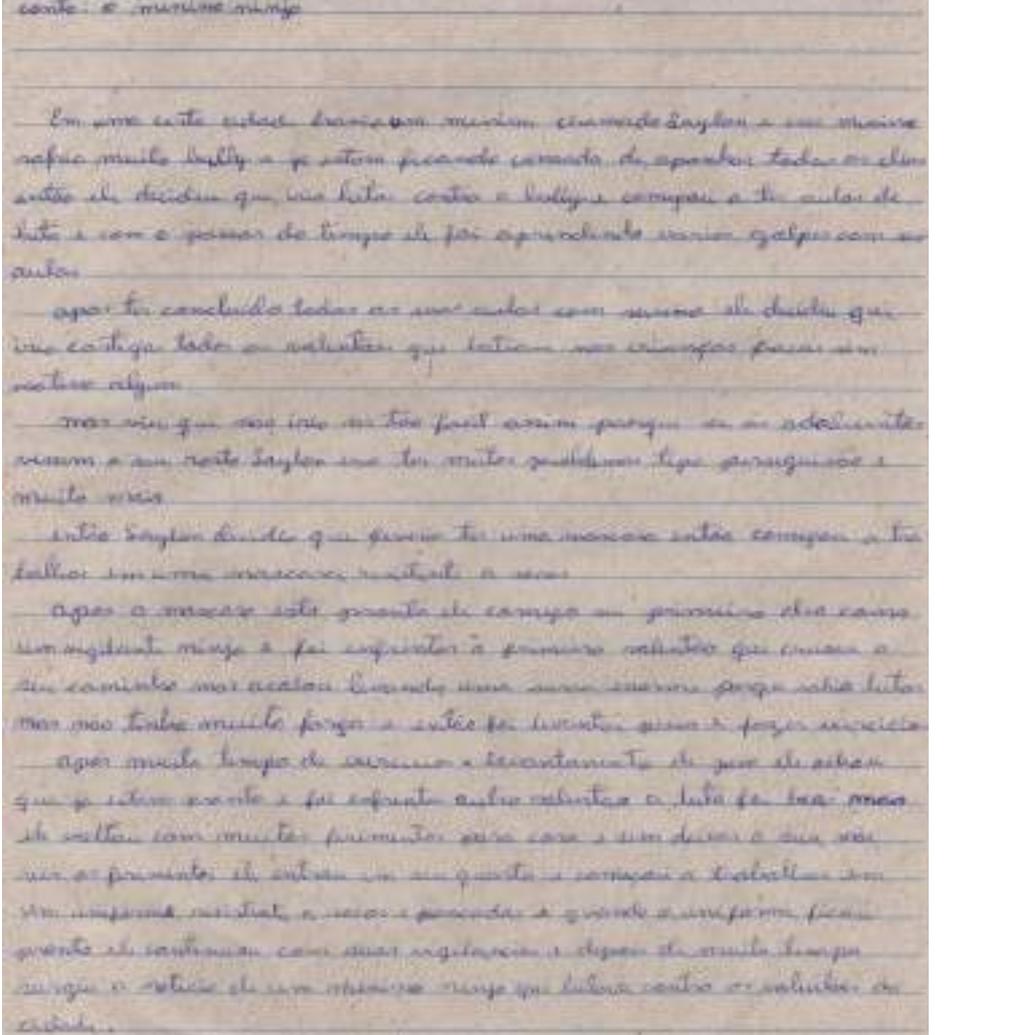
<b>PI24 Título</b>	JOÃO E SUA PRIMEIRA GALINHA
	<p>CONTO: JOAO E SUA PRIMEIRA GALINHA</p>  <p>João era um menino muito pobre, que morava em terras distantes das cidades grande. Ele nasceu e morava em uma cazinha de Barro simples na cidade de manatá ele tinha uma vida muito sofrida e sua família era muito pobre. João fazia de tudo para ganhar dinheiro e ajudar sua família, ele trabalhava com tudo, tinha muitos bicos como ajudar seu tio, que era pedreiro, limpava o quintal das pessoas do seu bairro entre muitos outros serviços. No seu aniversário João ganhou um casal de galinha da sua avó essas galinhas se reproduzia com muita rapidez. Com o passar de uns meses João notou que avia muitas galinhas no seu quintal. então João largou todos os seus bicos todos os seus trabalhos para cuidar ao maximo das suas galinhas. E hoje com 22 anos de idade João é dono da maior granja da sua região e vive muito bem com sua família</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	João era um menino muito pobre, que morava em terras distantes das cidades grande. Ele nasceu e morava em uma cazinha de Barro Simples na cidade de manatá ele tinha uma vida muito Sofrida e Sua família era muito pobre.
<b>Complicação</b>	João fazia de tudo para ganhar dinheiro e ajudar Sua família, ele trabalhava com tudo ,
<b>Avaliação</b>	tinha muitos Bicos como ajudar Seu tio, que era pedreiro, limpava o quintal das pessoas do Seu Bairro entre muitos outros Servissos.
<b>Resolução</b>	No Seu aniversario João ganhou um casal de galinha da Sua avó essas galinhas se reproduzia com muita rapides. Com o passar de uns meses João notou que avia muitas galinhas no Seu quintal. então João largou todos os Seus Bicos todos os Seus trabalhos para cuidar ao maximo das Suas galinhas.
<b>Coda</b>	E hoje com 22 anos de idade João é dono da maior granja da Sua região e vive muito bem com Sua família.

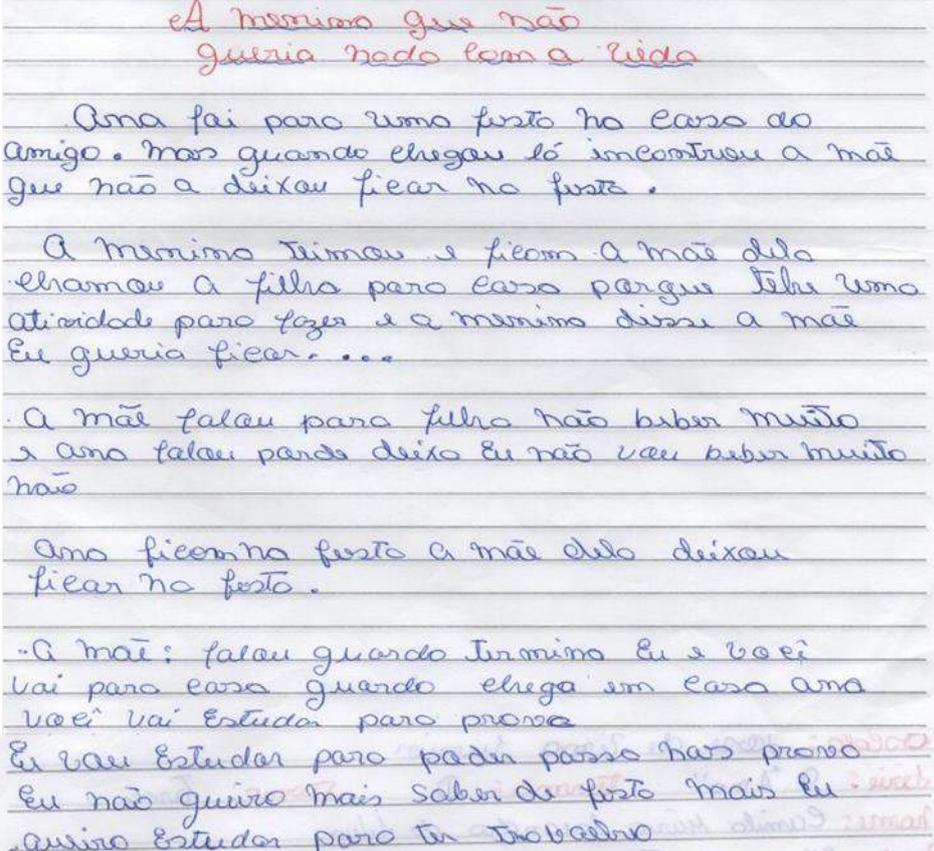
PI25 Título	Ler – melhor viagem
	<p>           Era uma vez uma garota chamada Marília, ela era extrovertida e popular onde vivia. Mas tinha certa dificuldade com as matérias na escola, tinha notas baixas e não gostava de ler.         </p> <p>           Certo dia, na escola quando estava durante uma aula, seu professor pediu que ela lesse um livro e que após lê-lo relatasse a história e o que entendeu da mesma oralmente para a turma.         </p> <p>           Como valia nota, decidiu fazê-lo. Pegou seu livro em casa mas não leu nem 1 parágrafo direito e já via aquilo como uma chatice. Chegou a ler uma página e já estava fechando os olhos.         </p> <p>           Suas pálpebras já iam fechar-se, quando de repente notou que através de sua janela um horizonte que logo tornava-se escuro e estrelado como a noite, por todos os lados que via ou ia.         </p> <p>           Chamou pelos seus familiares, porém ninguém respondeu; percebeu que estava sozinha, para ela aquilo tudo era surreal. De nada seu coração pesou e começou a chorar, o desespero havia tomado conta.         </p> <p>           Logo sentiu um tremor que abalou fortemente sua casa mais de uma vez. Desesperou-se mais ainda, por estar sozinha; não sabia o que fazer. Até que um meio aquela confusão veio uma lembrança em sua mente.         </p> <p>           "Nos piores momentos de nossas vidas, quando tudo parecer confuso, vazio e imprevisto, podemos ler um livro. Pois o mesmo pode ser um bom amigo nesses momentos" - palavras de seu professor.         </p> <p>           Então ela lembrou que havia na verdade um grande vazio em sua vida, mas não sabia como preenchê-lo. De imediato correu para o livro que mal lera quando outro tremor ocorreu.         </p> <p>           De que aquele abalava seriamente a estrutura de sua casa. Com medo agarrou o seu livro. Acordou assustada e chorando muito. Percebeu que havia sido um sonho.         </p> <p>           Pos-se a ler o livro.         </p> <p>           Quando acabou se sentiu mais preenchida e de certa forma feliz. Apresentou para classe e ganhou nota máxima. Aprendeu que o livro pode ser uma viagem tão incrível e surreal quanto o seu sonho e que podemos sempre levar um bom e rápido aprendizado com o mesmo.         </p> <p>           Ler – melhor viagem.         </p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma garota chamada Marília, ela era extrovertida e popular onde vivia. Mas tinha certa dificuldade com as matérias da escola, tinha notas baixas e não gostava de ler.
<b>Complicação</b>	Certo dia, na escola quando estava durante uma aula, seu professor pediu que ela lesse um livro e que após lê-lo relatasse a história e o que entendeu da mesma oralmente para a turma. Como valia nota, decidiu fazê-lo. Pegou seu livro em casa mas não leu nem 1 parágrafo direito e já via aquilo como uma chatice. Chegou a ler uma página e já estava fechando os olhos. Suas pálpebras já iam fechar-se, quando de repente notou que através de sua janela um

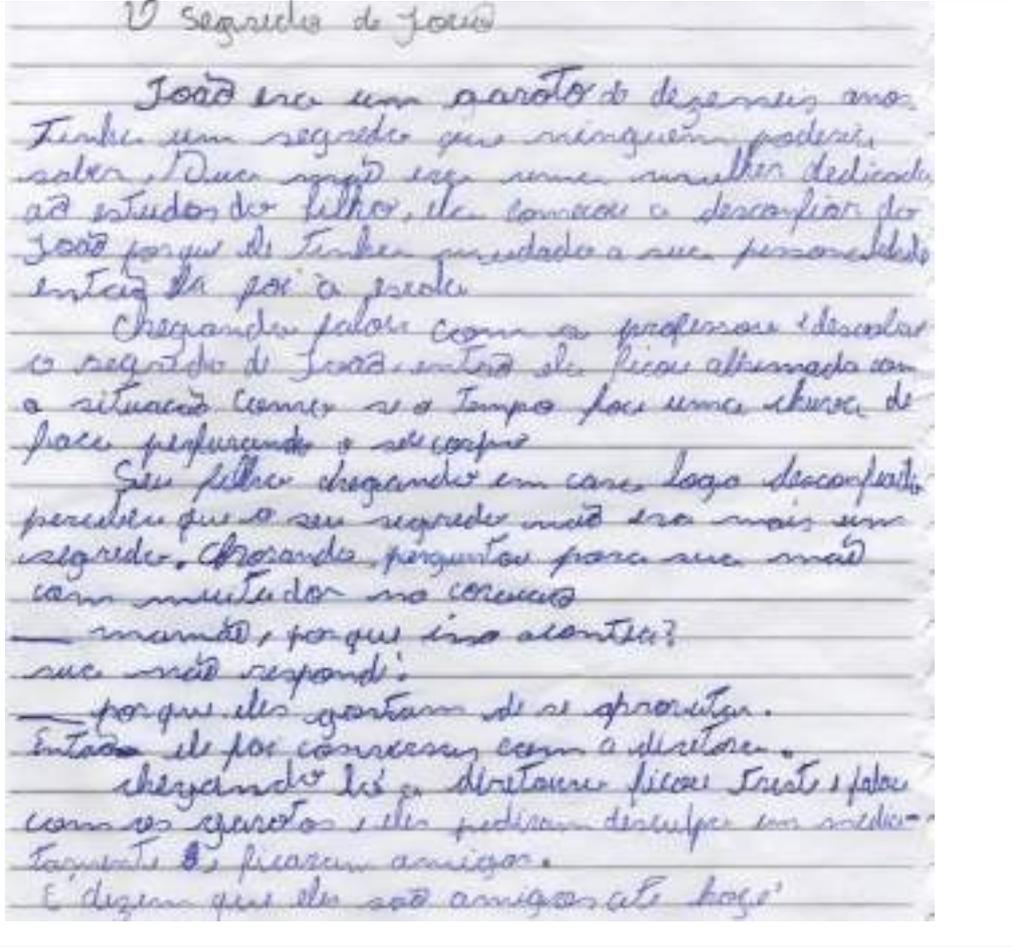
	<p>horizonte que logo tornou-se escuro e estrelado como a noite, por todos os lados que via ou ia chamou pelos seus familiares, porém ninguém respondeu; percebeu que estava sozinha,</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Para ela aquilo tudo era surreal. Do nada seu coração pesou e começou a chorar, o desespero havia tomado conta.</p> <p>Logo sentiu um tremor que abalou fortemente sua casa mais de uma vez. Desesperou-se mais ainda, por estar sozinha; não sabia o que fazer. Até que em meio aquela confusão veio uma lembrança em sua mente.</p> <p>“Nos piores momentos de nossas vidas, quando tudo parecer confuso, vazio e inesperado, possamos ler um livro, pois o mesmo pode ser um bom amigo nesses momentos” – palavras de seu professor.</p> <p>Então ela lembrou que havia na verdade um grande vazio em sua vida, mas não sabia como preenche-lo. De imediato correu para o livro que mal lera quando outro tremor ocorreu.</p>
<b>Resolução</b>	<p>Só que aquele abalara seriamente a estrutura de sua casa. Com medo agarrou o seu livro. Acordou assustada e chorando muito. Percebeu que havia sido um sonho. Pôs-se a ler o livro.</p> <p>Quando acabou se sentiu mais preenchida e de certa forma feliz. Apresentou para classe e ganhou nota máxima.</p>
<b>Coda</b>	<p>Aprendeu que o livro pode ser uma viagem tão incrível e surreal quanto o seu sonho e que podemos sempre levar um bom e sábio aprendizado com o mesmo.</p>

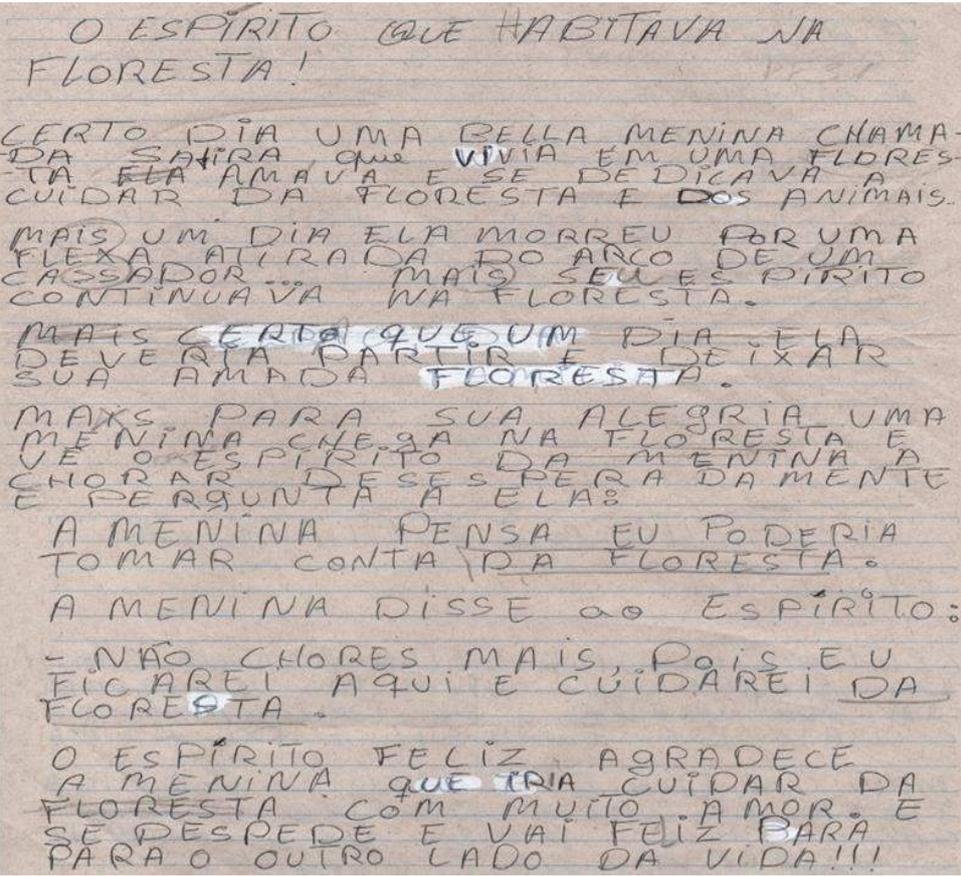
## Anexo (03): produções finais digitalizadas e digitadas

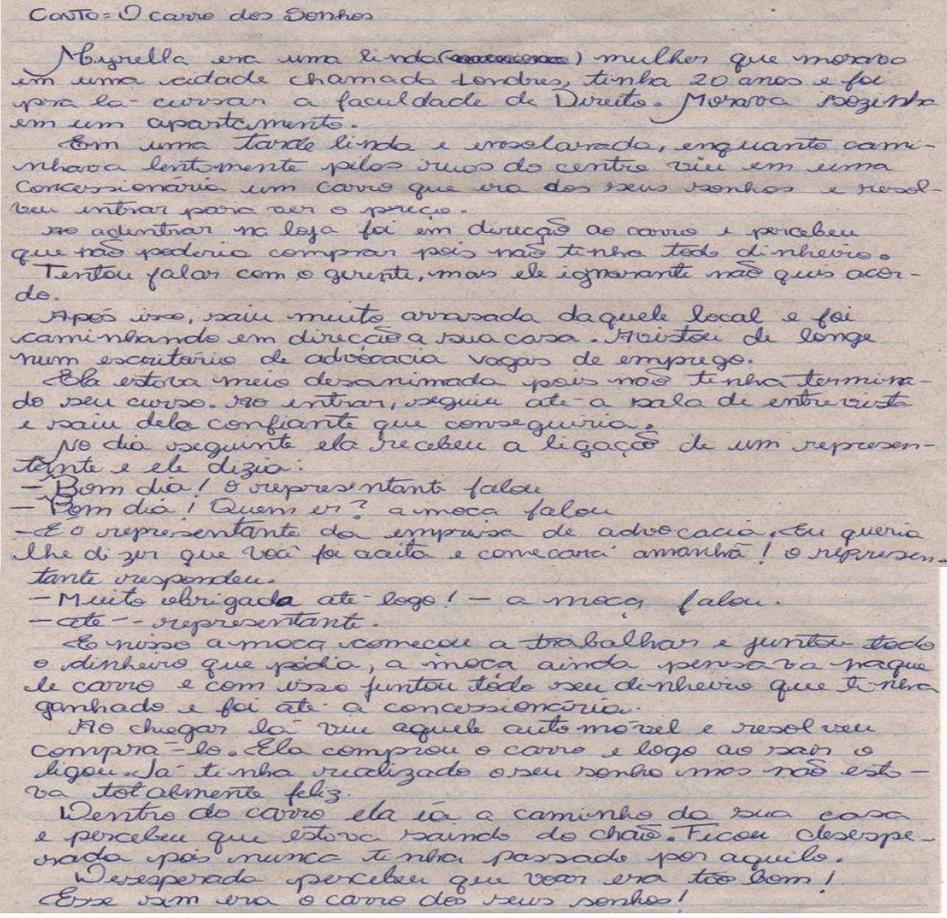
<b>PF01 Título</b>	Título: A menina que sonhava em ser uma modelo
	 <p>A menina que sonhava ser uma modelo.</p> <p>Era uma vez um bela menina que se chamava Heloisa. Estudava 3º ano, sonhava ser uma modelo, mas não tinha condição de viajar para fazer o concurso de modelo com todas as meninas da cidade.</p> <p>Ela estudava muito, e seus pais queriam ajuda-la mas ele não sabiam como.</p> <p>Enquanto ela dormia, deixou uma carta debaixo do travesseiro para uma fada pedindo uma ajuda para fazer esse concurso.</p> <p>Quando Heloisa acordou, olhou para debaixo do travesseiro e viu que a fada deixou para ela. Pegou o dinheiro e mostrou para seus pais.</p> <p>Pagou sua passagem e de seus pais e foram para o concurso.</p> <p>A fada foi também chegando lá ela conseguiu desfilar. Ficou em 1º lugar.</p> <p>Ela começou a chorar, bem muito e sua família também. Ficou muito famosa, e foi a melhor modelo de mundo.</p> <p>A família dela começou a viajar.</p> <p>Heloisa montou a sua agência. Foram muito felizes.</p> <p>A fada foi a melhor companheira dela.</p>
<b>Resumo</b>	--
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma bela menina que se chamava heloísa. Estudava 3º ano, sonhava ser uma modelo,
<b>Complicação</b>	mas não tinha condição de viajar para fazer o concurso. de modelo com todas as meninas da cidade. Ela estudava muito, e seus pais queriam ajuda-la mas ele não sabiam como.
<b>Avaliação</b>	Enquanto ela dormia, deixou uma carta debaixo do travesseiro para uma fada pedindo uma ajuda para fazer esse concurso. Quando heloísa acordou, olhou para debaixo do travesseiro e viu que a fada deixou para ela. Pegou o dinheiro e mostrou para seus pais.
<b>Resolução</b>	Pagou sua passagem e de seus pais e foram para o concurso. A fada foi também chegando lá ela conseguir desfilar. Ficou em 1º lugar. Ela começou a chorar, bem muito e sua família também. Ficou muito famosa, e foi a melhor modelo do mundo. A família dela começou a viajar. Heloísa montou a sua agência. Foram muito felizes.
<b>Coda</b>	A fada foi a melhor companheira dela.

<b>PF02 Título</b>	Conto: o menino ninja
	 <p>Conto: o menino ninja</p> <p>Em uma certa cidade havia um menino chamado Laylon e esse menino sofria muito bully e se estava ficando cansado de apanhar todos os dias então ele decidiu que iria lutar contra o bully e começou a ter aulas de luta e com o passar do tempo ele foi aprendendo varios golpes com as aulas</p> <p>apos ter concluido todas as suas aulas com sucesso ele decidiu que iria castigar todos os valentões que batiam nas crianças fracas sem motivo algum</p> <p>mas viu que não iria ser tão facil assim porque se os adolescentes vissem o seu rosto Laylon iria ter muitos problemas tipo perseguição e muito mais</p> <p>então Laylon decidiu que deveria ter uma máscara então começou a trabalhar em uma máscara resistente a socos</p> <p>apos a máscara esta pronta ele começa seu primeiro dia como um vigilante ninja e foi enfrentar o primeiro valentão que cruzou o seu caminho mas acabou levando uma surra enorme porque sabia lutar mas não tinha muita força e então foi levantar pesos e fazer exercicios</p> <p>apos muito tempo de exercicios e levantamento de peso ele achou que ja estava pronto e foi enfrentar outro valentão a luta foi boa mas ele voltou com muitos ferimentos para casa e sem deixar a sua mãe ver os ferimentos ele entrou em seu quarto e começou a trabalhar em um uniforme resistente a socos e pancadas e quando o uniforme ficou pronto ele continuou com suas vigilancias e depois de muito tempo surgiu a noticia de um menino ninja que lutava contra os valentões da cidade.</p>
<b>Resumo</b>	- -
<b>Orientação</b>	Em uma certa cidade havia um menino chamado Laylon e esse menino sofria muito bully e estava ficando cansado de apanhar todos os dias então ele decidiu que iria lutar contra o bully e começou a ter aulas de luta e com o passar do tempo ele foi aprendendo varios golpes com suas aulas apos ter concluido todas as suas aulas com sucesso ele decidiu que iria castigar todos os valentões que batiam nas crianças fracas sem motivo algum
<b>Complicação</b>	Mas viu que não iria ser tão facil assim porque se os adolescentes vissem o seu rosto Laylon iria ter muitos problemas tipo perseguição e muito mais então Laylon decidiu que deveria ter uma mascara
<b>Avaliação</b>	então começou a trabalhar em uma mascara resistente a socos
<b>Resolução</b>	após a mascara esta pronta ele começa seu primeiro dia como um vigilante ninja e foi enfrentar o primeiro valentão que cruzou o seu caminho mas acabou levando uma surra enorme porque sabia lutar mas não tinha muita força e então foi levantar pesos e fazer exercicios. após muito tempo de exercicios e levantamento de peso ele achou que ja estava pronto e foi enfrentar outro valentão a luta foi boa mas ele voltou com muitos ferimentos para casa e sem deixar a sua mãe ver os ferimentos ele entrou em seu quarto e começou a trabalhar em uniforme resistente a socos e pancadas e quando o uniforme ficou pronto ele continuou com suas vigilancias e depois de muito tempo surgiu a noticia de um menino ninja que lutava contra os valentões da cidade.
<b>Coda</b>	- -

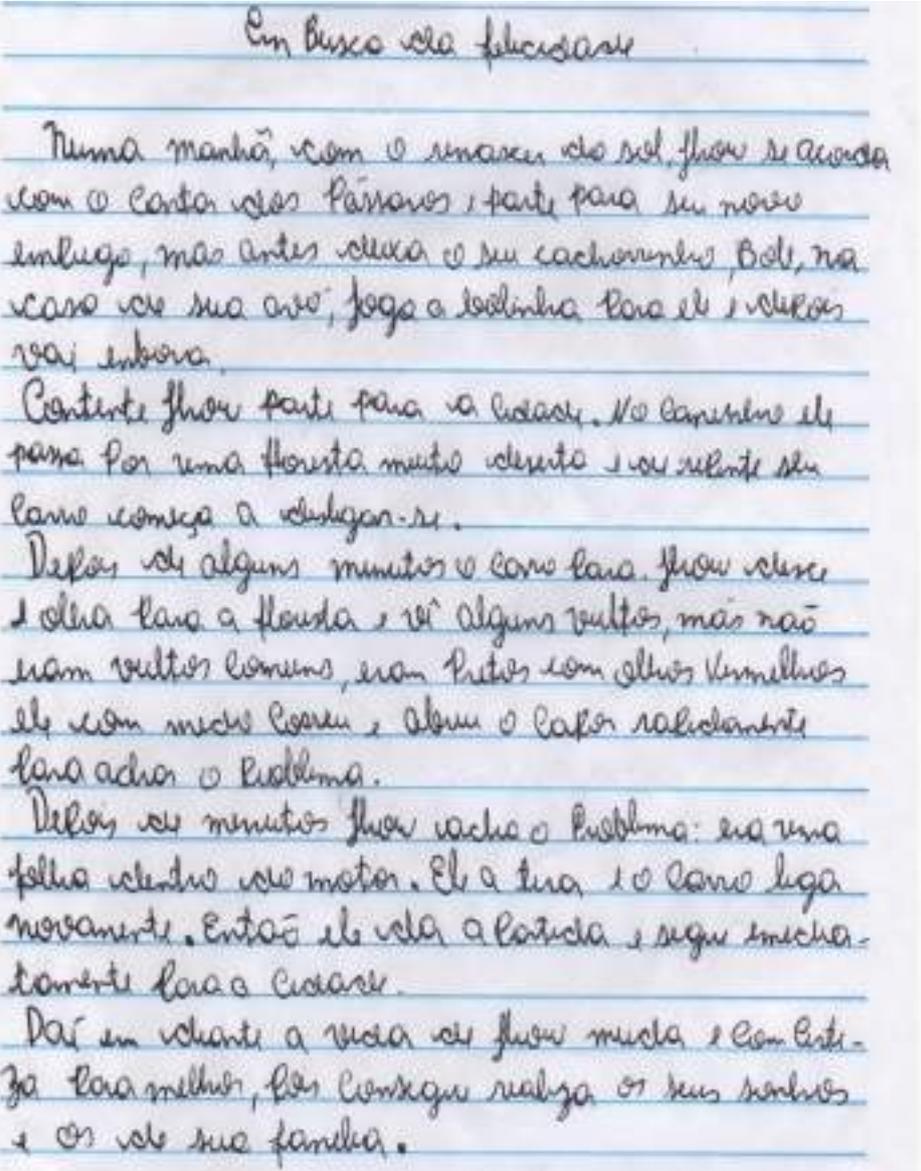
<b>PF03 Título</b>	A menina que não queria nada com a vida
	 <p>A menina que não queria nada com a vida</p> <p>Ana foi para uma festa na casa do amigo. Mas quando chegou lá encontrou a mãe que não a deixou ficar na festa.</p> <p>A menina teimou e ficou. A mãe dela chamou a filha para casa porque tem uma atividade para fazer e a menina disse a mãe Eu queria ficar...</p> <p>A mãe falou para filha não beber muito e ana falou porde deixa Eu não vou beber muito não</p> <p>Ana ficou na festa a mãe dela deixou ficar na festa.</p> <p>-A mãe: falou quando termina Eu e você vai para casa quando chega em casa ana você vai estudar para prova</p> <p>Eu vou estudar para poder passa nas prova</p> <p>Eu não quero mais saber de festa mais Eu quero estudar para ter trabalho</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Ana foi para uma festa na casa do amigo.
<b>Complicação</b>	Mas quando chegou lá encontrou a mãe que não a deixou ficar na festa. A Menina teimou e ficou. A mãe dela chamou a filha para casa porque tehe uma atividade para fazer e a menina disse a mãe Eu queria ficar...
<b>Avaliação</b>	A mãe falou para filha não beber muito e ana falou porde deixa Eu não vou beber muito não
<b>Resolução</b>	Ana ficou na festa a mãe dela deixou ficar na festa.
<b>Coda</b>	- A mãe: falou quando termina Eu e você vai para casa quando chega em casa ana você vai estudar para prova Eu vou estudar para poder passa nas prova Eu não quero mais saber de festa mais Eu quero estudar para ter trabalho

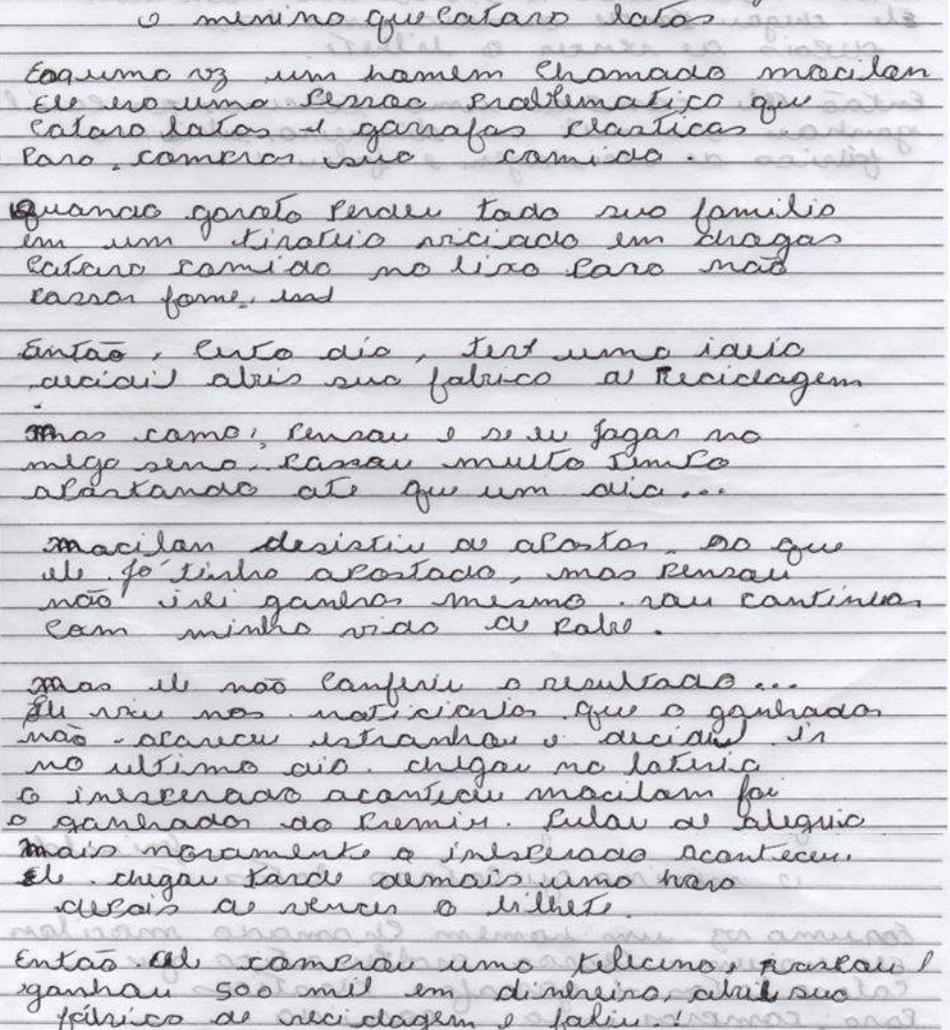
<b>PF04 Título</b>	O Segredo de João
	 <p>O Segredo de João</p> <p>João era um garoto de dezesseis anos. Tinha um segredo que ninguém poderia saber. Sua mãe era uma mulher dedicada ao estudos do filho, ela começou a desconfiar do João porque ele tinha mudado a sua personalidade então ela foi à escola.</p> <p>Chegando falou com o professor e descobriu o segredo de João, então ela ficou abismada com a situação como se o Tempo fosse uma chuva de faca perfurando o seu corpo.</p> <p>Seu filho chegando em casa logo desconfiado percebeu que o seu segredo não era mais um segredo. Chorando perguntou para sua mãe com muita dor no coração</p> <p>— mamãe, por que isso acontece? sua mãe respondeu:</p> <p>— por que eles gostam de se aproveitar.</p> <p>Então ele foi conversar com a diretora, chegando lá a diretora ficou triste e falou com os garotos e eles pediram desculpa emmediately e ficaram amigos.</p> <p>E dizem que eles são amigos até hoje.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	João era um garoto de dezesseis anos. Tinha um segredo que ninguém poderia saber. Sua mãe era uma mulher dedicada ao estudos do filho, ela começou a desconfiar do João por que ele tinha mudado a sua personalidade então ela foi à escola.
<b>Complicação</b>	Chegando falou com o professor e descobriu o segredo de João, então ela ficou abismada com a situação como se o Tempo fosse uma chuva de faca perfurando o seu corpo.
<b>Avaliação</b>	Seu filho chegando em casa logo desconfiado percebeu que o seu segredo não era mais um segredo. Chorando perguntou para sua mãe com muita dor no coração — mamãe, por que isso acontece? sua mãe responde: — por que. eles gostam de se aproveitar.
<b>Resolução</b>	Então ele foi conversar com a diretora, chegando lá a diretora ficou triste e falou com os garotos e eles pediram desculpa emmediately e ficaram amigos.
<b>Coda</b>	E dizem que eles são amigos até hoje.

<b>PF05 Título</b>	O ESPIRITO QUE ABITAVA NA FLORESTA !
	 <p>O ESPIRITO QUE HABITAVA NA FLORESTA!</p> <p>CERTO DIA UMA BELLA MENINA CHAMADA SAFIRA que VIVIA EM UMA FLORESTA ELA AMAVA E SE DEDICAVA A CUIDAR DA FLORESTA E DOS ANIMAIS.</p> <p>MAIS UM DIA ELA MORREU POR UMA FLECHA ATIRADA DO ARCO DE UM CASSADOR... MAIS SE ESPIRITO CONTINUAVA NA FLORESTA.</p> <p>MAIS CERTO QUE UM DIA ELA DEVERIA PARTIR E DEIXAR SUA AMADA FLORESTA.</p> <p>MAIS PARA SUA ALEGRIA UMA MENINA CHEGA NA FLORESTA E VÊ O ESPIRITO DA MENINA A CHORAR DESEPERADAMENTE E PERGUNTA A ELA:</p> <p>A MENINA PENSA EU PODERIA TOMAR CONTA DA FLORESTA.</p> <p>A MENINA DISSE ao ESPIRITO:</p> <p>- NÃO CHORES MAIS, POIS EU FICAREI AQUI E CUIDAREI DA FLORESTA.</p> <p>O ESPIRITO FELIZ AGRADECE A MENINA QUE IRA CUIDAR DA FLORESTA COM MUITO AMOR. E SE DESPEDE E VAI FELIZ PARA O OUTRO LADO DA VIDA!!!</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	CERTO DIA UMA BELLA MENINA CHAMADA SAFIRA que VIVIA EM UMA FLORESTA ELA AMAVA E SE DEDICAVA A CUIDAR DA FLORESTA E DOS ANIMAIS.
<b>Complicação</b>	MAIS UM DIA ELA MORREU POR UMA FLECHA ATIRADA DO ARCO DE UM CASSADOR... MAIS SE ESPIRITO CONTINUAVA NA FLORESTA.
<b>Avaliação</b>	MAIS CERTO QUE UM DIA ELA DEVERIA PARTIR E DEIXAR SUA AMADA FLORESTA.
<b>Resolução</b>	<p>MAIS PARA SUA ALEGRIA UMA MENINA CHEGA NA FLORESTA E VÊ O ESPIRITO DA MENINA A CHORAR DESEPERADAMENTE E PERGUNTA A ELA:</p> <p>- PORQUE CHORAS?</p> <p>O ESPIRITO RESPONDE:</p> <p>- ME TEMPO DE PROTEGER MINHA AMADA FLORESTA, ACABOU E EU PRESCIZO IR. MAIS NÃO qÜERO!</p> <p>A MENINA PENSA EU PODERIA TOMAR CONTA DA FLORESTA.</p> <p>A MENINA DISSE ao ESPIRITO:</p> <p>- NÃO CHORES MAIS, POIS EU FICAREI AQUI E CUIDAREI DA FLORESTA.</p> <p>O ESPIRITO FELIZ AGRADECE A MENINA QUE IRA CUIDAR DA FLORESTA COM MUITO AMOR. E SE DESPEDE E VAI FELIZ PARA O OUTRO LADO DA VIDA!!!</p>
<b>Coda</b>	

<b>PF06 Título</b>	O carro dos Sonhos
	 <p><i>Conto = O carro dos Sonhos</i></p> <p>Myrella era uma linda <del>mulher</del> mulher que morava em uma cidade chamada Londres, tinha 20 anos e foi pra lá cursar a faculdade de Direito. Morava sozinha em um apartamento.</p> <p>Em uma tarde linda e ensolarada, enquanto caminhava lentamente pelas ruas do centro viu em uma concessionária um carro que era dos seus sonhos e resolveu entrar para ver o preço.</p> <p>Ao adentrar na loja foi em direção ao carro e percebeu que não poderia comprar pois não tinha todo o dinheiro. Tentou falar com o gerente, mas ele ignorante não quis acordo.</p> <p>Após isso, saiu muito arrasada daquele local e foi caminhando em direção a sua casa. Avistou de longe num escritório de advocacia vagas de emprego.</p> <p>Ela estava meio desanimada pois não tinha terminado o seu curso. Ao entrar, seguiu até a sala de entrevista e saiu dela confiante que conseguiria.</p> <p>No dia seguinte ela recebeu a ligação de um representante e ele dizia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Bom dia! O representante falou</li> <li>- Bom dia! Quem é? a moça falou</li> <li>- É o representante da empresa de advocacia. Eu queria lhe dizer que você foi aceita e começará amanhã! o representante respondeu.</li> <li>- Muito obrigada até logo! - a moça falou.</li> <li>- até - representante.</li> </ul> <p>E nisso a moça começou a trabalhar e juntou todo o dinheiro que podia, a moça ainda pensava naquele carro e com isso juntou todo seu dinheiro que tinha ganhado e foi até a concessionária.</p> <p>Ao chegar lá viu aquele automóvel e resolveu comprá-lo. Ela comprou o carro e logo ao sair o ligou. Já tinha realizado o seu sonho mas não estava totalmente feliz.</p> <p>Dentro do carro ela ia a caminho da sua casa e percebeu que estava saindo do chão. Ficou desesperada pois nunca tinha passado por aquilo.</p> <p>Desesperada percebeu que voar era tão bom! Esse sim era o carro dos seus sonhos!</p>
<b>Orientação</b>	Myrella era uma linda mulher que morava em uma cidade chamada Londres, tinha 20 anos e foi pra lá cursar a faculdade de Direito. Morava sozinha em um apartamento. Em uma tarde linda e ensolarada, enquanto caminhava lentamente pelas ruas do centro viu em uma concessionária um carro que era dos seus sonhos e resolveu entrar para ver o preço.
<b>Complicação</b>	Ao adentrar na loja foi em direção ao carro e percebeu que não poderia comprar pois não tinha todo o dinheiro. Tentou falar com o gerente, mas ele ignorante não quis acordo.
<b>Avaliação</b>	Após isso, saiu muito arrasada daquele local e foi caminhando em direção a sua casa. Avistou de longe num escritório de advocacia vagas de emprego. Ela estava meio desanimada pois não tinha terminado o seu curso. Ao entrar, seguiu até a sala de entrevista e saiu dela confiante que conseguiria. No dia seguinte ela recebeu a ligação de um representante e ele dizia: - Bom dia! o representante falou - Bom dia! Quem é? a moça falou - É o representante da empresa de advocacia. Eu queria lhe dizer que você foi aceita e começará amanhã! o representante respondeu. - Muito obrigada até logo! - a moça falou. - até - representante.
<b>Resolução</b>	E nisso a moça começou a trabalhar e juntou todo o dinheiro que podia, a moça ainda pensava naquele carro e com isso juntou todo seu dinheiro que tinha ganhado e foi até a concessionária. Ao chegar lá viu aquele automóvel e resolveu comprá-lo. Ela comprou o carro e logo ao sair o ligou. Já tinha realizado o seu sonho mas não estava totalmente feliz. Dentro do carro ela ia a caminho da sua casa e percebeu que estava saindo do chão. Ficou desesperada pois nunca tinha passado por aquilo. Desesperada percebeu que voar era tão bom!
<b>Coda</b>	Esse sim era o carro dos seus sonhos!

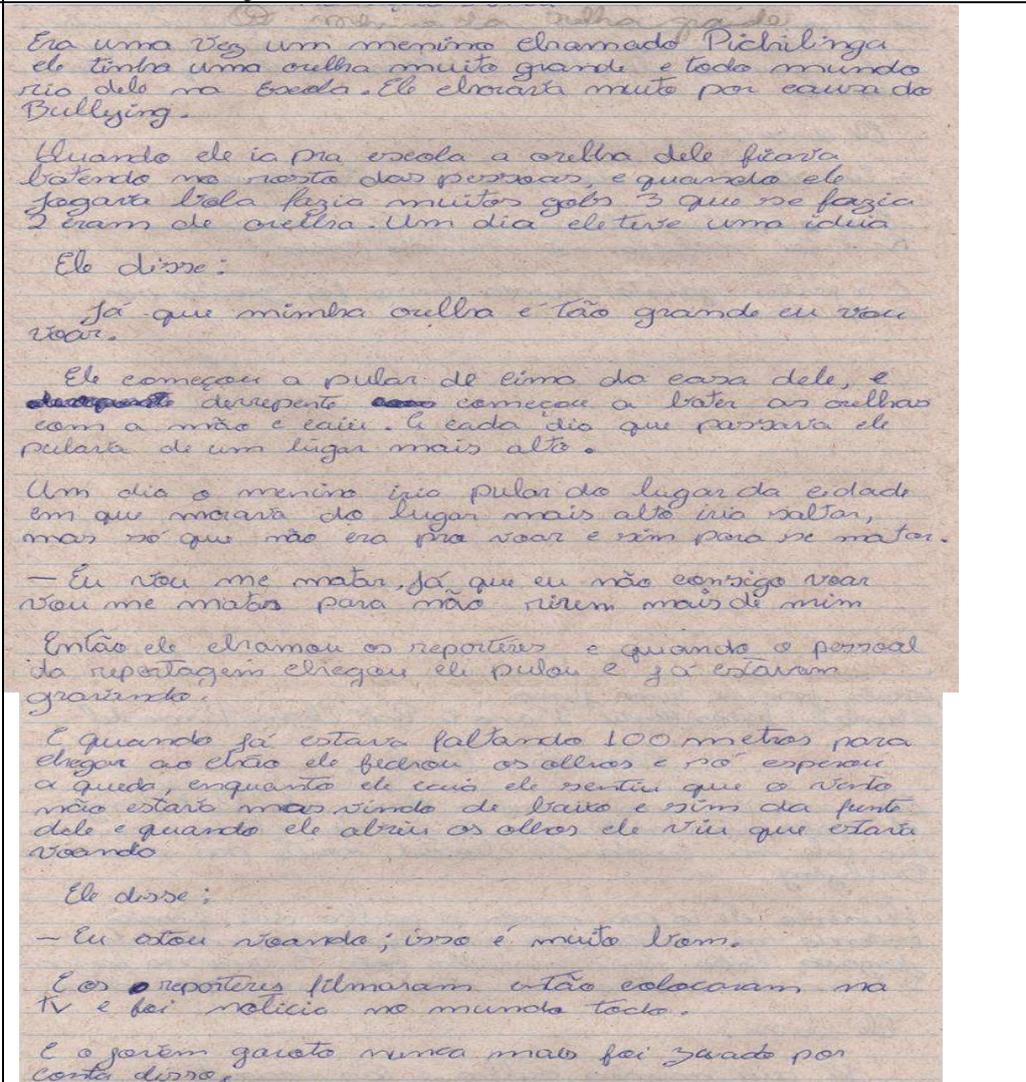
<b>PF07 Título</b>	O pequeno sonhador
	<p style="text-align: center;"><u>O pequeno sonhador</u></p> <p>Sonhava um vez um menino chamado Ruan, ele tinha um grande dom, pois ele sonhava e seus sonhos se tornavam realidade. Certa vez Ruan sonhou que era piloto de fórmula 1 e que muitas pessoas iam lá torcer por ele e lhe prestigiar.</p> <p>Com certeza o seu maior sonho era ganhar a corrida. No meio do evento foi se dando conta que o seu carro estava ficando para trás. Logo resolveu parar nos boxes, e rapidamente percebeu que o motor de seu carro estava desgastado.</p> <p>A corrida foi passando e tiago, um amigo de Ruan que estava naquela corrida forçado, viu o desespero do seu melhor amigo e resolveu ajudar.</p> <p>Tiago pediu para que Ruan pegasse o seu carro emprestado e vencesse a corrida.</p> <p>Ruan desesperado pegou, rapidamente, o carro de tiago, tomou de início o segundo lugar e levou o troféu para casa.</p> <p>Sem duvidas não sabia como agradecer ao seu melhor amigo. Então dedicou a vitória á ele.</p>
<b>Orientação</b>	<p>Sonhava um vez um menino chamado Ruan, ele tinha um grande dom, pois ele sonhava e seus sonhos se tornavam realidade. Certa vez Ruan sonhou que era piloto de fórmula 1 e que muitas pessoas iam lá torcer por ele e lhe prestigiar.</p> <p>Com certeza o seu maior sonho era ganhar a corrida.</p>
<b>Complicação</b>	<p>No meio do evento foi se dando conta que o seu carro estava ficando para trás. Logo resolveu parar nos boxes, e rapidamente percebeu que o motor de seu carro estava desgastado.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>A corrida foi passando e tiago, um amigo de Ruan que estava naquela corrida forçado, viu o desespero do seu melhor amigo e resolveu ajudar.</p> <p>Tiago pediu para que Ruan pegasse o seu carro emprestado e vencesse a corrida.</p>
<b>Resolução</b>	<p>Ruan desesperado pegou, rapidamente, o carro de tiago, tomou de início o segundo lugar e levou o troféu para casa.</p> <p>Sem duvidas não sabia como agradecer ao seu melhor amigo. Então dedicou a vitória á ele.</p>
<b>Coda</b>	

<b>PF08 Título</b>	Em Busca da felicidade
	 <p style="text-align: center;"><u>Em Busca da felicidade</u></p> <p>Numa manhã, com o renascer do sol, Jhou se acorda com o cantar dos Pássaros, parte para seu novo emprego, mas antes deixa o seu cachorrinho, Bole, na casa de sua avó, joga a bolinha Para ele e depois vai embora. Contente Jhou parte para a cidade. No caminho ele passa Por uma floresta muito deserta e de repente seu carro começa a desligar-se. Depois de alguns minutos o carro Para. Jhou desce e olha Para a floresta e vê alguns vultos, mas não eram vultos comuns, eram Pretos com olhos vermelhos ele com medo correu e abriu o capô rapidamente Para achar o Problema. Depois de minutos Jhou acha o Problema: era uma folha dentro do motor. Ele a tira e o carro liga novamente. Então ele da a Partida e segue imediatamente Para a cidade. Daí em diante a vida de Jhou muda e com certeza Para melhor, Pois consegue realiza os seus sonhos e os de sua família.</p>
<b>Orientação</b>	Numa manhã, com o renascer do sol, Jhou se acorda com o cantar dos Pássaros e parte para seu novo emprego, mas antes deixa o seu cachorrinho, Bole, na casa de sua avó, joga a bolinha Para ele e depois vai embora. Contente Jhou parte para a cidade.
<b>Complicação</b>	No caminho ele passa Por uma floresta muito deserta e de repente seu carro começa a desligar-se. Depois de alguns minutos o carro Para. Jhou desce e olha Para a floresta e vê alguns vultos, mas não eram vultos comuns, eram Pretos com olhos vermelhos
<b>Avaliação</b>	ele com medo correu e abriu o capô rapidamente Para achar o Problema.
<b>Resolução</b>	Depois de minutos Jhou acha o Problema: era uma folha dentro do motor. Ele a tira e o carro liga novamente. Então ele da a Partida e segue imediatamente Para a cidade. Daí em diante a vida de Jhou muda e com certeza Para melhor, Pois consegue realiza os seus sonhos e os de sua família.
<b>Coda</b>	

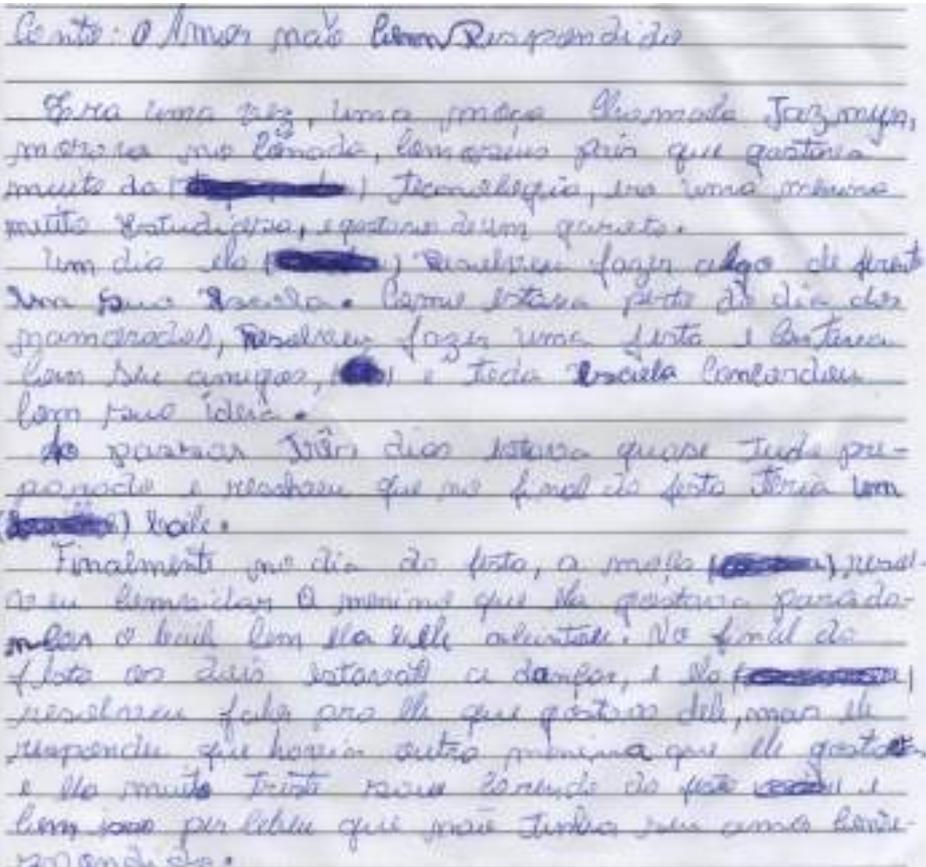
<b>PF09 Título</b>	O menino que catava latas
	 <p>O menino que catava latas</p> <p>Uma vez um homem chamado mocilon ele era uma pessoa problemática que catava latas e garrafas plásticas para comprar sua comida.</p> <p>Quando garoto perdeu toda sua família em um tiroteio viciado em drogas catava comida no lixo para não passar fome.</p> <p>Então, certo dia, teve uma ideia decidiu abrir sua fábrica de reciclagem.</p> <p>Mas como? Pensou e se eu jogar na mega sena, passou muito tempo apostando até que um dia...</p> <p>Mocilon desistiu de apostar, só que ele já tinha apostado, mas pensou não irei ganhar mesmo, vou continuar com minha vida de pobre.</p> <p>Mas ele não conferiu o resultado... Ele viu nos noticiários que o ganhador não apareceu estranhou e decidiu ir no último dia chegou na loteria o inesperado aconteceu mocilon foi o ganhador do prêmio. Pulou de alegria mais novamente o inesperado aconteceu. Ele chegou tarde demais uma hora depois de vencer o bilhete.</p> <p>Então ele comprou uma telecena, raspou e ganhou 500 mil em dinheiro, abriu sua fábrica de reciclagem e faliu!</p>
<b>Orientação</b>	Era uma vez um homem chamado mocilon Ele era uma pessoa problemática que catava latas e garrafas plásticas para comprar sua comida. Quando garoto perdeu toda a sua família em um tiroteio viciado em drogas catava comida no lixo para não passar fome,
<b>Complicação</b>	Então, certo dia, teve uma ideia decidiu abrir sua fábrica de reciclagem. Mas como? Pensou e se eu jogar na mega sena, passou muito tempo apostando até que um dia... Mocilon desistiu de apostar, só que ele já tinha apostado, mas pensou não irei ganhar mesmo, vou continuar com minha vida de pobre. Mas ele não conferiu o resultado... Ele viu nos noticiários que o ganhador não apareceu estranhou e decidiu ir no último dia chegou na loteria o inesperado aconteceu mocilon foi o ganhador do prêmio.
<b>Avaliação</b>	Pulou de alegria mais novamente o inesperado aconteceu.
<b>Resolução</b>	Ele chegou tarde demais uma hora depois de vencer o bilhete. Então. Ele comprou uma telecena, raspou e ganhou 500 mil em dinheiro, abriu sua fábrica de reciclagem e faliu.!
<b>Coda</b>	

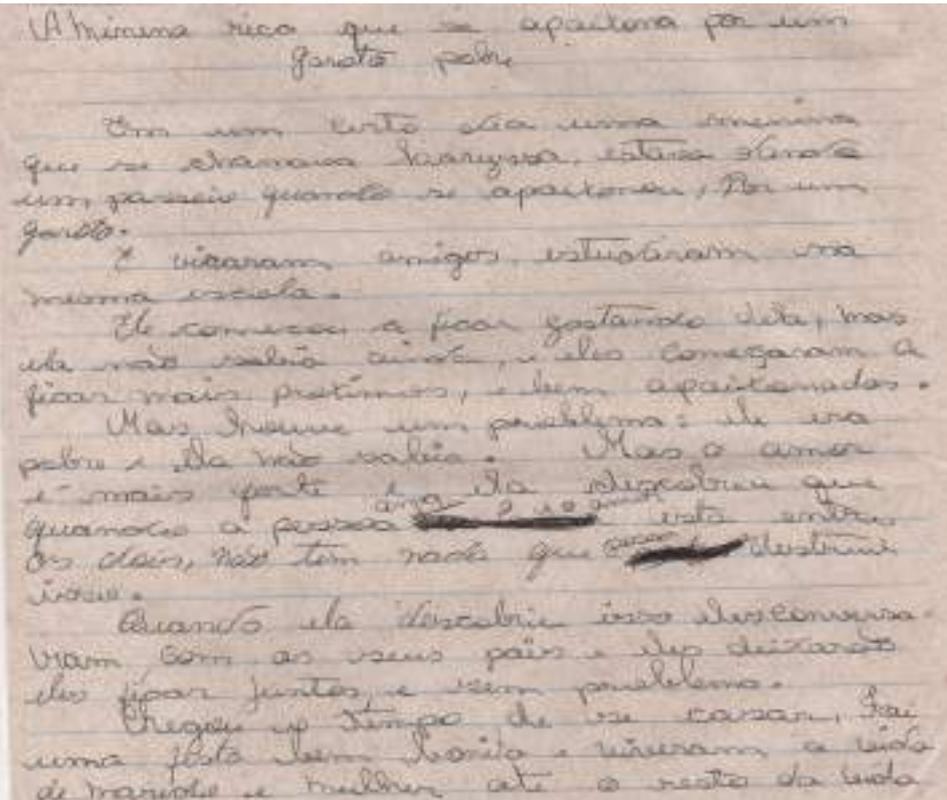
PF10 Título	O bobo da corte
	<p style="text-align: center;"><u>O bobo da corte</u> </p> <p>Era uma vez um jovem rapaz, esse rapaz sempre viu o rei Leo, esse rei sempre foi muito gentil e leal, mais sim como seu braço direito. Certo dia o rei Leo estava andando pelo jardim eles dois passearam o dia todo conversando até aquele momento estavam junto, Erick bem, então o seu braço direito fez uma pergunta. Alteza o que o senhor acharia se eu me alistasse no seu exército? Então o rei falou: mas é claro que eu não aprovaria!</p> <p>Erick: abaixou a cabeça.</p> <p>Então o rei abraçou-lhe e disse: não posso perder alguém tão especial, como você.</p> <p>Erick: começa a chorar e abraça, ele pede desculpas.</p> <p>O rei: está tudo bem, agora vamos entrar porque está ficando tarde.</p> <p>Alguns meses depois, Erick amadurecido no campo de batalha, mas após terminar o treino, ele recebe uma grave notícia.</p> <p>A cavalaria: Sr. Erick!</p> <p>Erick: Sim o que houve?</p> <p>A cavalaria: é o rei, então Erick logo corre para seu quarto, mas ao chegar no quarto do rei, ele o vê quase idêntico e imaculado.</p> <p>Então ele fala: magistade, muito nervoso ele se ajoelha diante da cama.</p> <p>O rei: fala, Erick e não?</p> <p>Erick: Sim magistade, de repente começa a chorar.</p> <p>O rei: Sei que não vou conseguir dizer muitas coisas, mas passei o tempo todo ao seu lado, você fez a pessoa, que sempre confiei pra tudo.</p> <p>O rei: Eu deixei uma coisa pra você logo ali!</p> <p>Erick: mas que é isso?</p> <p>Então, Erick começou a ler o testamento, depois terminou de ler todo o testamento, ele pergunta por que eu? Você pra mim é mais que tudo nessa vida, nunca conseguir falar pra você, que você era meu filho tivemos bons momentos junto.</p> <p>O rei me desculpe por tudo... filho!</p> <p>Erick: Pai não!, chorando muito, estava Erick.</p> <p>Então passam dias, passam meses e anos, e Erick morre de velho, fez esse reino muito feliz, como seu pai queria.</p> <p>Ele se preparava, pra uma guerra contra o reino do norte.</p> <p>Comegava uma grande guerra, mas o que ele não esperava é que eles trouxeram catapultas, então o rei fala: joguem as catapultas, vacante um e depois o outro, aí o reino do norte se rende e podem paz.</p> <p>Eles voltam para seus reinos.</p> <p>O novo reino vivem em paz e harmonia.</p>
<b>Orientação</b>	<p>Era uma vez um jovem rapaz, esse rapaz sempre viu o rei Leo, esse rei sempre foi muito gentil e leal, mais sim como seu braço direito.</p> <p>Certo dia o rei Leo estava andando pelo jardim eles dois passearam o dia todo conversando até aquele momento estavam junto, Erick bem, então o seu braço direito fez uma pergunta. Alteza o que o senhor acharia se eu me alistasse no seu exército?</p> <p>Então o rei falou: mas é claro que eu não aprovaria!</p> <p>– Erick: abaixou a cabeça.</p> <p>Então o rei abraçou-lhe e disse: não posso perder alguém tão especial, como você.</p> <p>– Erick: começa a chorar e abraça, ele pede desculpas.</p> <p>O rei Leo: está tudo bem, agora vamos entrar porque está ficando tarde.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Alguns meses depois, Erick amadurecido no campo de batalha, mas após terminar o treino, ele recebe uma grave notícia.</p>

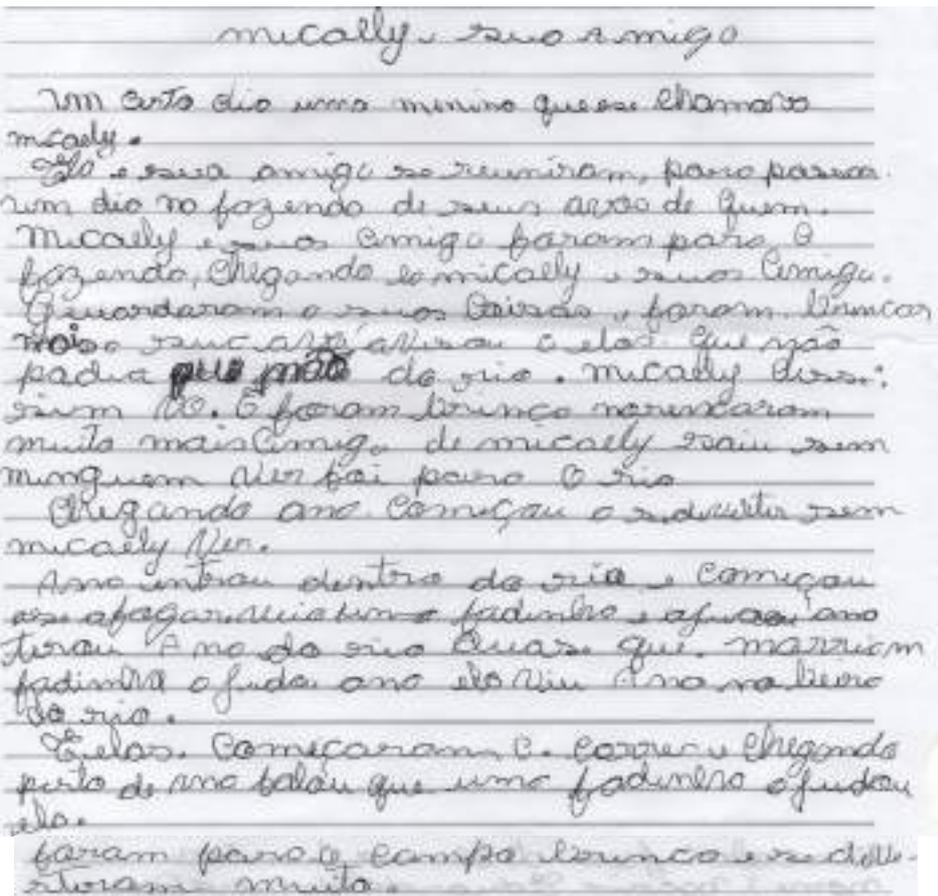
	<p>A cavalaria: Sr. Erick!  Erick: Sim o que houve?  A cavalaria: É o rei, então Erick logo corre para seu cavalo, mas ao chegar no quarto do rei, ele o vê quase desacordado e inconciente.  Então ele fala: magestade, muito nervoso ele se ajoelha diante da cama.  O rei: fala, Erick é você?  – Erick: Sim majestade, derrepente começa a chorar.  O rei: Sei que não vou conseguir dizer muitas coisas, mas passei otimo momento ao seu lado, você foi a pessoa, que sempre confiei pra tudo.  O rei: Eu deixei uma coisa pra você logo ali!  – Erick: Mas o que é isso?  Então, Erick começou a ler o testamento, apois terminar de ler todo o testamenro, ele pergunta porque eu?  O rei : você pra mim é mais que tudo nessa vida, nunca consegui falar pra voce, que você era meu filho tivemos bons momentos junto.  O rei: me desculpe por tudo, filho  – Erick : Pai não!, chorando muito, estava Erick .  Então passam dias, passam meses e ano, e Erick nomeado rei, fez esse reino muito feliz como seu pai queria. Ele se prepararia, pra uma guerra contra o reino do Norte.</p>
<b>Avaliação</b>	Começaria uma grande guerra, mas o que ele não esperaria é que eles trouxe- sen dragões, então o rei fala. Joguem as catapultas, acerta um e depois o outro,
<b>Resolução</b>	ai o reino do norte se rendem e pedem paz. Eles voltam para seus reino.
<b>Coda</b>	Os dois reino vivem em paz e harmonia

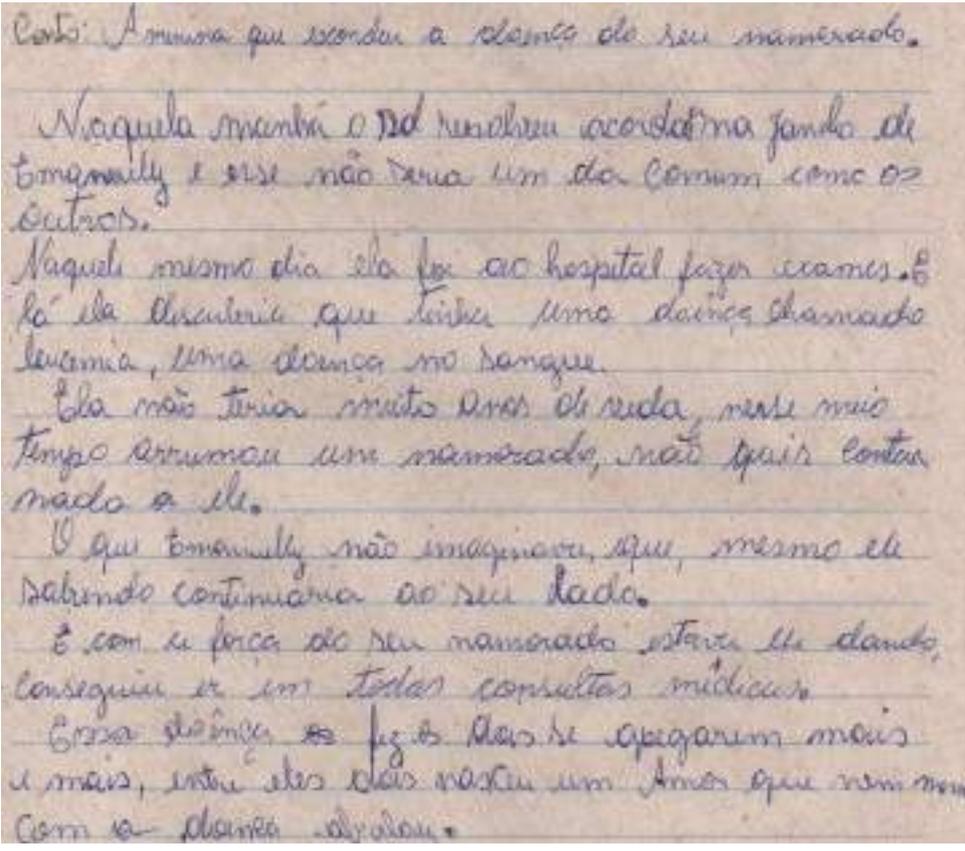
<b>PF11 Título</b>	O menino da orelha grande
	 <p><i>O menino da orelha grande</i></p> <p>Era uma vez um menino chamado Pichilinga ele tinha uma orelha muito grande e todo mundo ria dele na Escola. Ele chorava muito por causa do Bullying.</p> <p>Quando ele ia pra escola a orelha dele ficava batendo no rosto das pessoas, e quando ele jogava bola fazia muitos gols 3 que se fazia 2 eram de orelha. Um dia ele teve uma ideia</p> <p>Ele disse:</p> <p>Já que minha orelha é tão grande eu vou voar.</p> <p>Ele começou a pular de cima da casa dele, e <del>de repente</del> <del>de repente</del> começou a bater as orelhas com a mão e caiu. A cada dia que passava ele pulava de um lugar mais alto.</p> <p>Um dia o menino iria pular do lugar da cidade em que morava do lugar mais alto iria saltar, mas só que não era pra voar e sim para se matar.</p> <p>- Eu vou me matar, já que eu não consigo voar vou me matar para não rirem mais de mim</p> <p>Então ele chamou os reporteres e quando o pessoal da reportagem chegou ele pulou e já estavam gravando.</p> <p>E quando já estava faltando 100 metros para chegar ao chão ele fechou os olhos e só esperou a queda, enquanto ele caía ele sentiu que o vento não estava mas vindo de baixo e sim da frente dele e quando ele abriu os olhos ele viu que estava voando</p> <p>Ele disse:</p> <p>- Eu estou voando; isso é muito bom.</p> <p>E os reporteres filmaram então colocaram na TV e foi notícia no mundo todo.</p> <p>E o jovem garoto nunca mais foi zulado por conta disso.</p>
<b>Orientação</b>	Era uma vez um menino chamado Pichilinga ele tinha uma orelha muito grande e todo mundo ria dele na Escola. Ele chorava muito por causa do Bullying. Quando ele ia pra escola a orelha dele ficava batendo no rosto das pessoas, e quando ele jogava bola fazia muitos gols 3 que se fazia 2 eram de orelha.
<b>Complicação</b>	Um dia ele teve uma ideia Ele disse: Já que minha orelha é tão grande eu vou voar. Ele começou a pular de cima da casa dele, e de repente começou a bater as orelhas com a mão e caiu. A cada dia que passava ele pulava de um lugar mais alto. Um dia o menino iria pular do lugar da cidade em que morava do lugar mais alto iria saltar, mas só que não era pra voar e sim para se matar. - Eu vou me matar, já que eu não consigo voar vou me matar para não rirem mais de mim
<b>Avaliação</b>	Então ele chamou os reporteres e quando o pessoal da reportagem chegou ele pulou e já estavam gravando. E quando já estava faltando 100 metros para chegar ao chão ele fechou os olhos e só esperou a queda,
<b>Resolução</b>	enquanto ele caía ele sentiu que o vento não estava mas vindo de baixo e sim da frente dele e quando ele abriu os olhos ele viu que estava voando Ele disse: - Eu estou voando; isso é muito bom. E os reporteres filmaram então colocaram na TV e foi notícia no mundo todo.
<b>Coda</b>	E o jovem garoto nunca mais foi zulado por conta disso.

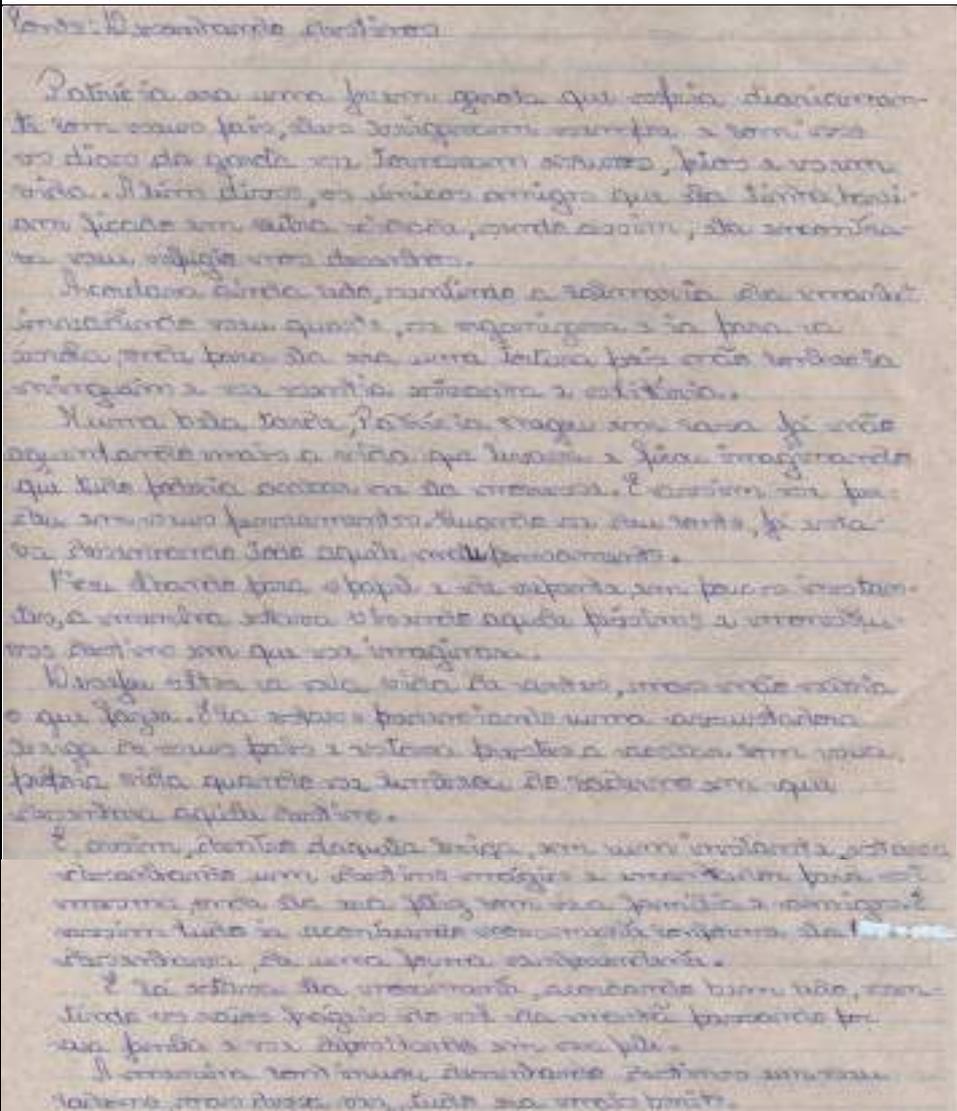
<b>PF12 Título</b>	O menino perdido
	<p><u>Canto: O menino perdido</u></p> <p>Era uma vez um menino, que tinha acabado de acordar. Sua mãe pediu para ele tomar banho, tomar café e ir pegar umas maçãs. Depois que o menino tomou banho e tomou café, ele foi a procura das maçãs, entrou na floresta procurando pés de maçãs. Procurou durante meia hora e achou um pé com várias frutas em cima de uma cachoeira. Ele escalou as rochas e chegou ao topo, encheu a sacola.</p> <p>Depois quando ele ia voltar para casa, se deu conta que não sabia onde estava. Ele olhou para um lado olhou para o outro não avistava nada além de árvores. Ele olhou para o céu e viu uma águia, pediu para a águia ajudá-lo. A águia voou e foi guiando o menino até sua casa para que pudesse entregar as maçãs.</p> <p>Enquanto a águia o guiava de volta para sua casa, o menino ia observando as paisagens da floresta, a barriga dele roncou de fome, não tinha nada para comer a não ser as maçãs.</p> <p>Ele abriu a sacola de maçãs e comeu uma, a águia já estava cansada de voar, estava faminta também, o menino lhe deu uma maçã, logo continuaram o caminho, eles encontraram um rio, o menino não sabia nadar, ele teve um ideia! Ele pegou um tronco e jogou no rio e subiu nele, atravessaram e acharam uma estrada. Eles seguiram pela estrada que levaria até a casa do menino.</p>
<b>Resumo</b>	
<b>Orientação</b>	Era uma vez um menino, que tinha acabado de acordar. Sua mãe pediu para ele tomar banho, tomar café e ir pegar umas maçãs.
<b>Complicação</b>	Depois que o menino tomou banho e tomou café, ele foi a procura das maçãs, entrou na floresta procurando pés de maçãs. Procurou durante meia hora e achou um pé com várias frutas em cima de uma cachoeira. Ele escalou as rochas e chegou ao topo, encheu a sacola. Depois quando ele ia voltar para casa, se deu conta que não sabia onde estava. Ele olhou para um lado olhou para o outro não avistava nada além de árvores. Ele olhou para o céu e viu uma águia, pediu para a águia ajuda-lo. A águia voou e foi guiando o menino até sua casa para que pudesse entregar as maçãs. Enquanto a águia o guiava de volta para sua casa, o menino ia observando as paisagens da floresta, a barriga dele roncou de fome, não tinha nada para comer a não ser as maçãs.
<b>Avaliação</b>	Ele abriu a sacola de maçãs e comeu uma, a águia já estava cansada de voar, estava faminta também, o menino lhe deu uma maçã, logo continuaram o caminho, eles encontraram um rio, o menino não sabia nadar,
<b>Resolução</b>	ele teve um ideia! Ele pegou um tronco e jogou no rio e subiu nele, atravessaram e acharam uma estrada. Eles seguiram pela estrada que levaria até a casa do menino.
<b>Coda</b>	

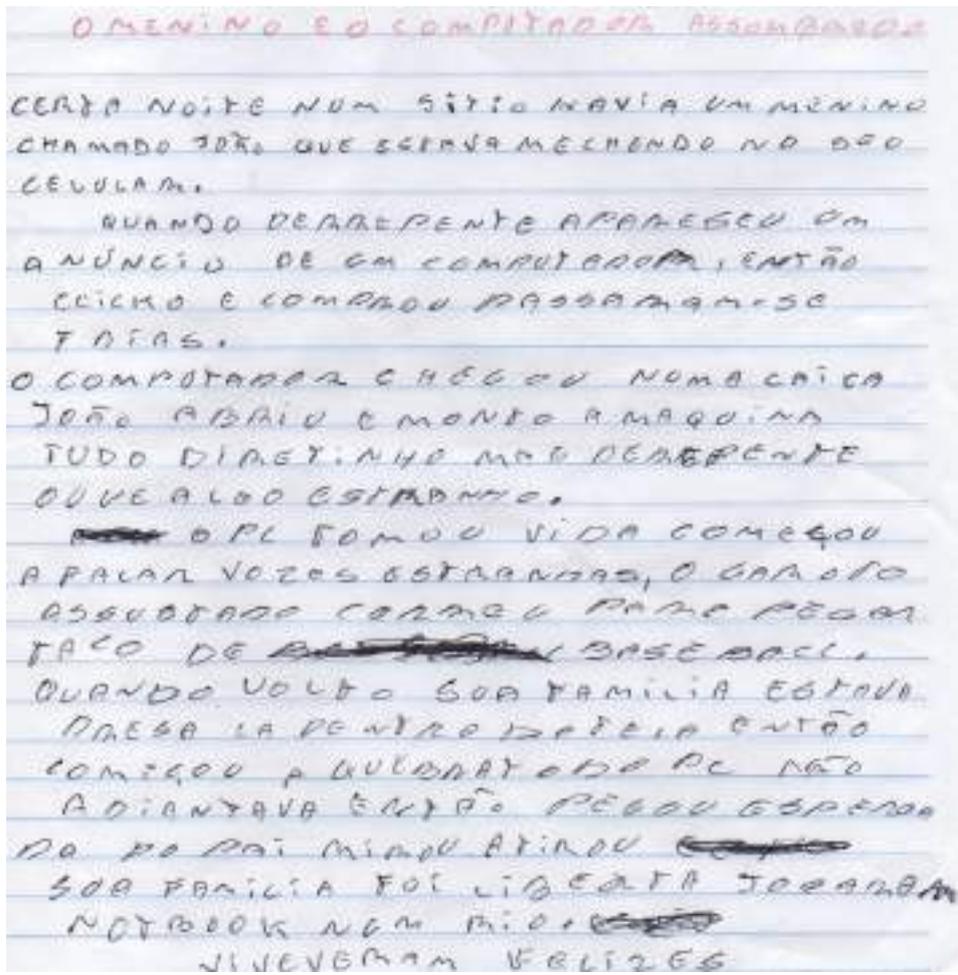
<b>PF13 Título</b>	O Amor não Correspondido
	 <p>Conto: O Amor não Correspondido</p> <p>Era uma vez, uma moça chamada Jasmyn, morava no Canadá, com seus pais que gostava muito da tecnologia, era uma menina muito estudiosa, e gostava de um garoto.</p> <p>Um dia ela resolveu fazer algo de diferente em sua escola. Como estava perto do dia dos namorados, resolveu fazer uma festa e contou com seus amigos, e toda escola concordou com sua ideia.</p> <p>Ao passar três dias estava quase tudo preparado e resolveu que no final da festa teria um baile.</p> <p>Finalmente no dia da festa, a moça resolveu convidar o menino que ela gostava para dançar o baile com ela e ele aceitou. No final da festa os dois estavam a dançar, e ela resolveu falar pra ele que gostava dele, mas ele respondeu que havia outra menina que ele gostava e ela muito triste saiu correndo da festa e ficou muito triste porque não tinha seu amor correspondido.</p>
<b>Orientação</b>	<p>Era uma vez, uma moça chamada Jasmyn, morava no Canadá, com seus pais que gostava muito da tecnologia, era uma menina muito estudiosa, e gostava de um garoto.</p> <p>Um dia ela resolveu fazer algo de diferente em sua escola. Como estava perto do dia dos namorados, resolveu fazer uma festa e contou com seus amigos, e toda escola concordou com sua ideia.</p> <p>Ao passar três dias estava quase tudo preparado e resolveu que no final da festa teria um baile.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Finalmente no dia da festa, a moça resolveu convidar o menino que ela gostava para dançar o baile com ela e ele aceitou. No final da festa os dois estavam a dançar, e ela resolveu falar pra ele que gostava dele, mas ele respondeu que havia outra menina que ele gostava</p>
<b>Avaliação</b>	e ela muito triste saiu correndo da festa
<b>Resolução</b>	com isso percebeu que não tinha seu amor correspondido.
<b>Coda</b>	

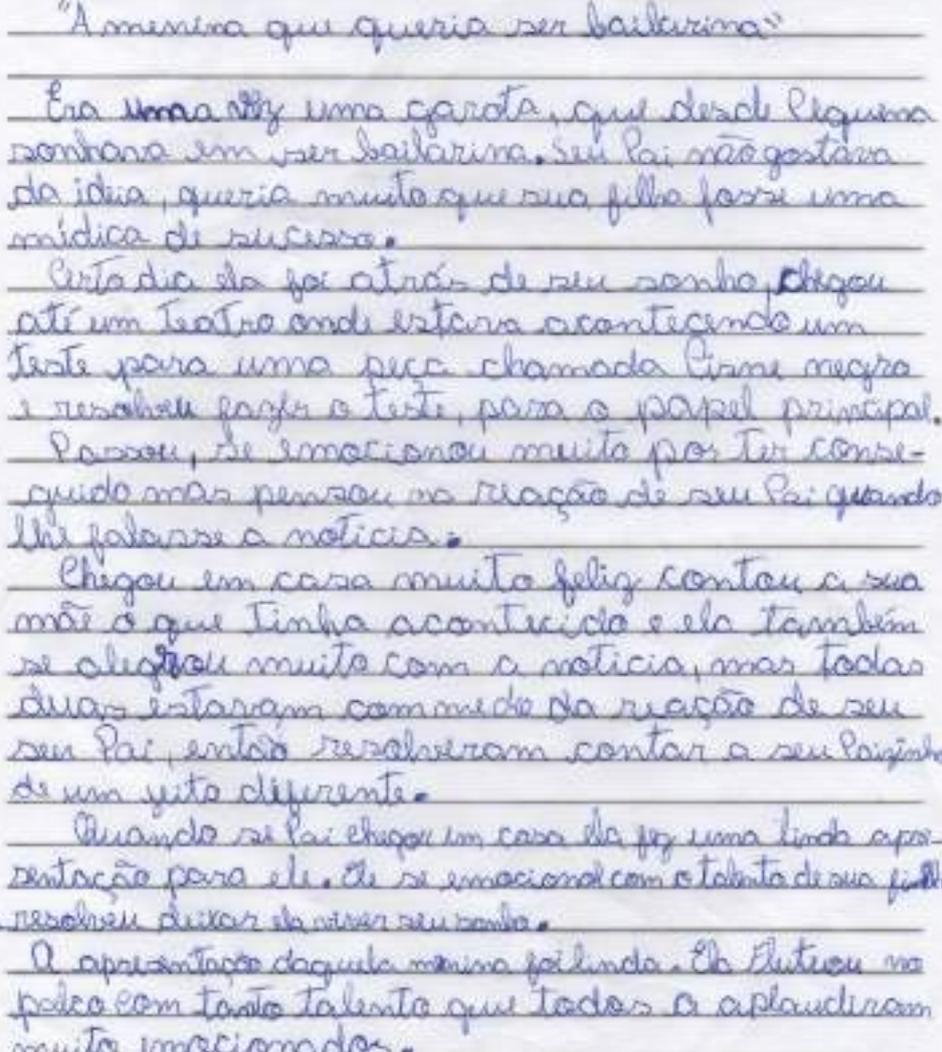
<b>PF14 Título</b>	A menina rica que se apaixonou por um garoto pobre
	 <p>A menina rica que se apaixonou por um garoto pobre</p> <p>Em um certo dia uma menina que se chamava Laryssa, estava dando um passeio quando se apaixonou, por um garoto.</p> <p>E viraram amigos, estudaram na mesma escola.</p> <p>Ele começou a ficar gostando dela, mas ela não sabia ainda, e eles começaram a ficar mais próximos, e bem apaixonados.</p> <p>Mas houve um problema: ele era pobre e ela não sabia. Mas o amor é mais forte e ela descobriu que quando a pessoa ama e o amor esta entre os dois, não tem nada que possa destruir isso.</p> <p>Quando ela descobriu isso eles conversaram com os seus pais e eles deixaram eles ficar juntos, e sem problema.</p> <p>Chegou o tempo de se casar, Foi uma festa bem bonita e viveram a vida de marido e mulher ate o resto da vida.</p>
<b>Orientação</b>	Em um certo dia uma menina que se chamava Laryssa, ela estava dando um passeio quando ela se apaixonou, por um garoto. E viraram amigos, estudaram na mesma escola. Ele começou a ficar gostando dela, mas ela não sabia ainda, e eles começaram a ficar mais próximos, e bem apaixonados.
<b>Complicação</b>	Mas houve um problema: ele era pobre e ela não sabia.
<b>Avaliação</b>	Mas o amor é mais forte e ela descobriu que quando a pessoa ama e o amor esta, entre os dois, não tem nada que possa destruir isso.
<b>Resolução</b>	Quando ela descobriu isso eles conversaram, com os seus pais e eles deixarão eles ficar juntos, e sem problema.
<b>Coda</b>	Chegou o tempo de se casar, Foi uma festa bem bonita e viveram a vida de marido e mulher ate o resto da vida

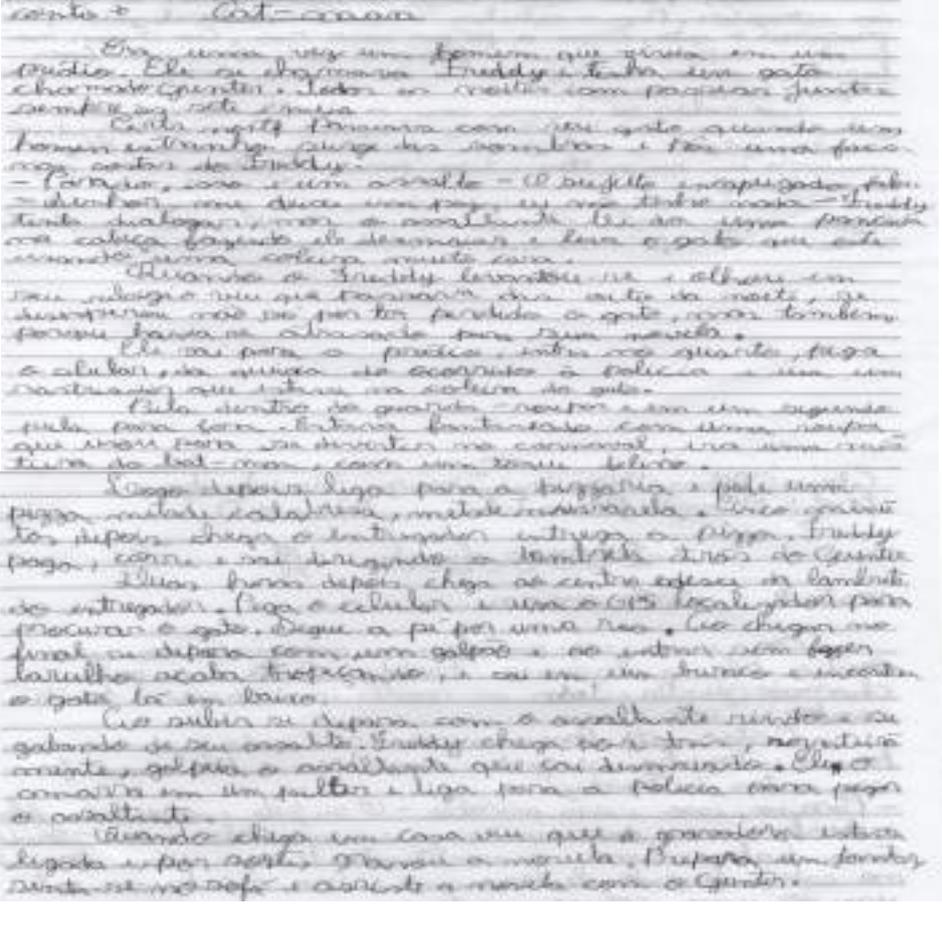
<b>PF15 Título</b>	micaely, sua Amiga.
	 <p style="text-align: center;">micaely, sua amiga</p> <p>Um certo dia uma menina que se chamava micaely e sua amiga se reuniram, para passar um dia na fazenda de seus avós de quem. micaely e suas amigas foram para a fazenda, chegando lá micaely e suas amigas. Guardaram as suas coisas, foram brincar no rio. A avó avisou a elas que não podia que não do rio. Micaely disse: sim vo. E foram brincar no rio. Chegando Ana começou a se divertir sem micaely ver. Ana entrou dentro do rio e começou a se afogar. Uma fadinha veio e ajudou Ana tirou Ana do rio. Quase que morriam. A fadinha ajudou Ana ela viu Ana na beira do rio. E elas começaram a correr e chegando perto de Ana falou que uma fadinha a ajudou ela foram para o campo brincar e se divertiram muito.</p>
<b>Orientação</b>	Um certo dia uma menina que se chamava micaely. Ela e sua amiga se reuniram, para passar um dia na fazenda de seus avós de quem. micaely e suas amigas foram para a fazenda, chegando lá micaely e suas amigas. Guardaram as suas coisas e foram brincar mais a sua avó avisou a elas que não podia que não do rio. Micaely disse: sim vo. E foram brincar no rio e se divertiram muito mais
<b>Complicação</b>	Amiga de micaely saiu sem ninguém ver foi para o rio. Chegando Ana. Começou a se divertir sem micaely ver. Ana entrou dentro do rio e começou a se afogar.
<b>Avaliação</b>	veio uma fadinha e ajudou Ana tirou Ana do rio. Quase que morriam
<b>Resolução</b>	fadinha a ajudou Ana ela viu Ana na beira do rio. E elas começaram a correr e chegando perto de Ana falou que uma fadinha a ajudou ela foram para o campo brincar e se divertiram muito.
<b>Coda</b>	

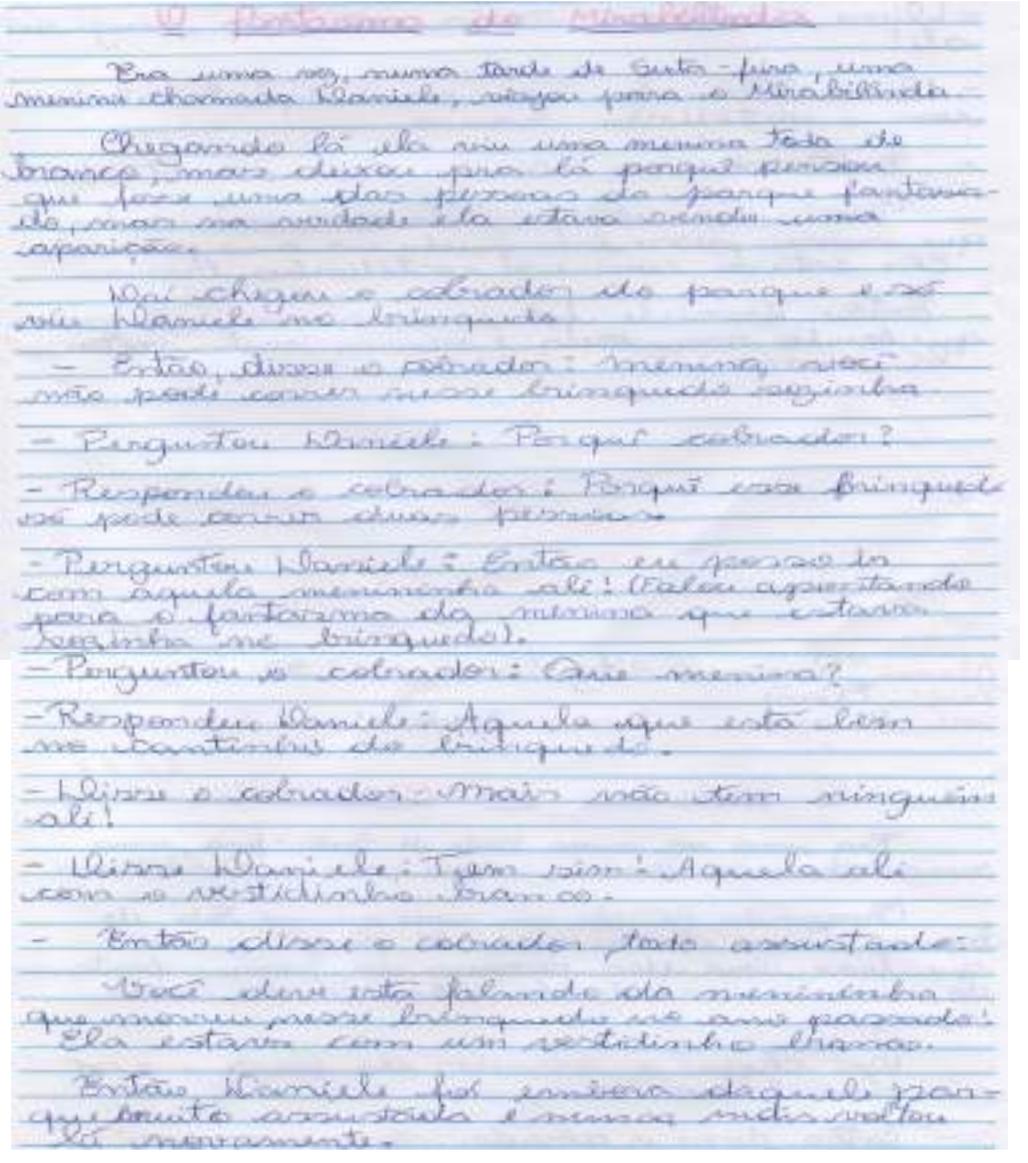
<b>PF16 Título</b>	A menina que escondeu a doença do seu namorado.
	 <p>Conto: A menina que escondeu a doença do seu namorado.</p> <p>Naquela manhã o sol resolveu acordar na janela de Emanuelly e esse não seria um dia comum como os outros.</p> <p>Naquele mesmo dia ela foi ao hospital fazer exames. E lá ela descobriu que tinha uma doença chamada leucemia, uma doença no sangue.</p> <p>Ela não teria muito anos de vida, nesse meio tempo arrumou um namorado, não quis contar nada a ele.</p> <p>O que Emanuelly não imaginava, que, mesmo ele sabendo continuaria ao seu lado.</p> <p>E com a força do seu namorado estava lhe dando, conseguiu ir em todas consultas médicas.</p> <p>Essa doença fez os dois se apegarem mais e mais, entre eles dois nasceu um Amor que nem mesmo com a doença abalou.</p>
<b>Orientação</b>	Naquela manhã o sol resolveu acordar na janela de Emanuelly e esse não seria um dia comum como os outros.
<b>Complicação</b>	Naquele mesmo dia ela foi ao hospital fazer exames. E lá ela descobriu que tinha uma doença chamada leucemia, uma doença no sangue. Ela não teria muito anos de vida nesse meio tempo arrumou um namorado, não quis contar nada a ele.
<b>Avaliação</b>	O que Emanuelly não imaginava, que, mesmo ele sabendo continuaria ao seu lado.
<b>Resolução</b>	E com a força do seu namorado estava lhe dando, conseguiu ir em todas consultas médicas. Essa doença fez os dois se apegarem mais e mais, entre eles dois nasceu um Amor que nem mesmo com a doença abalou.
<b>Coda</b>	

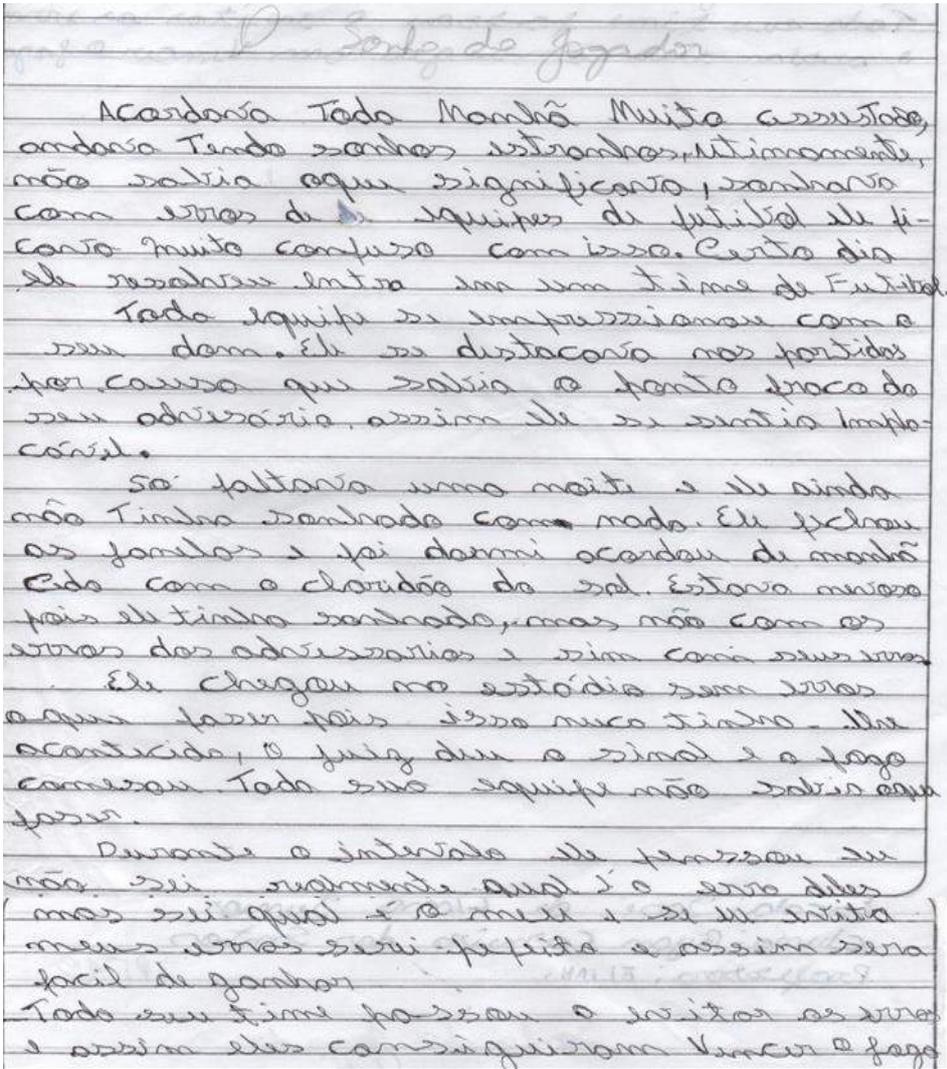
PF17 Título	Desenhando destinos
	 <p>     Patrícia era uma jovem garota que sofria diariamente com seus pais, eles brigavam sempre e com isso os dias da garota se tornavam escuros, frios e sem vida. Além disso, os únicos amigos que ela tinha, haviam ficado em outra cidade, sendo assim, ela encontrava seu refúgio nos desenhos.   </p> <p>     Acordava ainda cedo, sentindo a calmaria da manhã invadindo seu quarto, se organizava e ia para a escola, onde para ela era uma tortura pois não conhecia ninguém e se sentia estranha e solitária.   </p> <p>     Numa bela tarde, Patrícia chegou em casa já não aguentando mais a vida que levava e ficou imaginando que tudo poderia acabar se ela morresse. E assim se perdeu em seus pensamentos. Quando se deu conta, já estava desenhando todo aquele mau pensamento. Ficou olhando para o papel e de repente, em poucos instantes, a menina estava vivendo aquele péssimo e monstruoso destino em que se imaginara.   </p> <p>     E assim, dentro daquela briga, em um instante, estava desenhando um destino mágico e encantador para si mesma, onde ela era feliz com sua família e amigos. E assim tudo ia acontecendo novamente conforme ela desenhava, de uma forma surpreendente.   </p> <p>     E lá estava ela novamente, acordando bem cedo, sentindo os raios frágeis do sol da manhã passando por sua janela e se depositando em sua pele.   </p> <p>     A menina continuou desenhando destinos em seu caderno, mas dessa vez, tudo era mais bonito.   </p>
<b>Orientação</b>	<p>Patrícia era uma jovem garota que sofria diariamente com seus pais, eles brigavam sempre e com isso os dias da garota se tornavam escuros, frios e sem vida. Além disso, os únicos amigos que ela tinha, haviam ficado em outra cidade, sendo assim, ela encontrava seu refúgio nos desenhos.</p> <p>Acordava ainda cedo, sentindo a calmaria da manhã invadindo seu quarto, se organizava e ia para a escola, onde para ela era uma tortura pois não conhecia ninguém e se sentia estranha e solitária.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Numa bela tarde, Patrícia chegou em casa já não aguentando mais a vida que levava e ficou imaginando que tudo poderia acabar se ela morresse. E assim se perdeu em seus pensamentos. Quando se deu conta, já estava desenhando todo aquele mau pensamento. Ficou olhando para o papel e de repente, em poucos instantes, a menina estava vivendo aquele péssimo e monstruoso destino em que se imaginara.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Desejou voltar a sua vida de antes, mas não sabia o que fazer. Ela estava presenciando uma assustadora briga de seus pais e estava prestes a acabar com sua própria vida quando se lembrou do caderno em que desenhara aquele destino.</p>
<b>Resolução</b>	<p>E, assim, dentro daquela briga, em um instante, estava desenhando um destino mágico e encantador para si mesma, onde ela era feliz com sua família e amigos. E assim tudo ia acontecendo novamente conforme ela desenhava, de uma forma surpreendente.</p> <p>E lá estava ela novamente, acordando bem cedo, sentindo os raios frágeis do sol da manhã passando por sua janela e se depositando em sua pele.</p>
<b>Coda</b>	<p>A menina continuou desenhando destinos em seu caderno, mas dessa vez, tudo era mais bonito.</p>

<b>PF18 Título</b>	O MENINO E O COMPUTADOR ASSOMBRADO
	 <p>O MENINO E O COMPUTADOR ASSOMBRADO</p> <p>CERTA NOITE NUM SÍTIO HAVIA UM MENINO CHAMADO JOÃO QUE ESTAVA MECHENDO NO SEU CELULAR.</p> <p>QUANDO DERREPENTE APARECEU UM ANÚNCIO DE UM COMPUTADOR, ENTÃO CLICOU E COMPROU PASSARAM-SE 7 DIAS.</p> <p>O COMPUTADOR CHEGOU NUMA CAIXA JOÃO ABRIU E MONTOU A MÁQUINA TUDO DIRETINHO MAS DEREPENTE OUVIU ALGO ESTRANHO.</p> <p>O PC TOMOU VIDA COMEÇOU A FALAR VOZES ESTRANHAS, O GAROTO ASSUSTADO CORREU PARA PEGAR TACO DE BASEBALL.</p> <p>QUANDO VOLTO SUA FAMÍLIA ESTAVA PRESA LA DENTRO DA TELA ENTÃO COMEÇOU A QUEBRAR TODO O PC NÃO ADIANTAVA ENTÃO PEGOU ESPERGADA DO PAI MIROU ATIROU SUA FAMÍLIA FOI LIBERTA JOGARAM NOTBOOK NUM RIO.</p> <p>VIVERAM FELIZES</p>
<b>Orientação</b>	CERTA NOITE NUM SÍTIO HAVIA UM MENINO CHAMADO JOÃO QUE ESTAVA MECHENDO NO SEU CELULAR. QUANDO DERREPENTE APARECEU UM ANÚNCIO DE UM COMPUTADOR, ENTÃO CLICOU E COMPROU PASSARAM-SE 7 DIAS.
<b>Complicação</b>	O COMPUTADOR CHEGOU NUMA CAIXA JOÃO ABRIU E MONTOU A MÁQUINA TUDO DIRETINHO MAS DEREPENTE OUVIU ALGO ESTRANHO. O PC TOMOU VIDA COMEÇOU A FALAR VOZES ESTRANHAS, O GAROTO ASSUSTADO CORREU PARA PEGAR TACO DE BASEBALL
<b>Avaliação</b>	QUANDO VOLTO SUA FAMÍLIA ESTAVA PRESA LA DENTRO DA TELA
<b>Resolução</b>	ENTÃO COMEÇOU A QUEBRAR TODO O PC NÃO ADIANTAVA ENTÃO PEGOU ESPERGADA DO PAI MIROU ATIROU SUA FAMÍLIA FOI LIBERTA JOGARAM NOTBOOK NUM RIO.
<b>Coda</b>	VIVERAM FELIZES

<b>PF19 Título</b>	"A menina que queria ser bailarina"
	 <p>"A menina que queria ser bailarina"</p> <p>Era uma vez uma garota, que desde Pequena sonhava em ser bailarina. Seu Pai não gostava da ideia, queria muito que sua filha fosse uma médica de sucesso.</p> <p>Certo dia ela foi atrás de seu sonho, chegou até um teatro onde estava acontecendo um teste para uma peça chamada Cisne negro e resolveu fazer o teste, para o papel principal. Passou, se emocionou muito por ter conseguido mas pensou na reação de seu Pai quando lhe falasse a notícia.</p> <p>Chegou em casa muito feliz contou a sua mãe o que tinha acontecido e ela também se alegrou muito com a notícia, mas todas duas estavam com medo da reação de seu Pai, então resolveram contar a seu Paizinho de um jeito diferente.</p> <p>Quando seu Pai chegou em casa ela fez uma linda apresentação para ele. Ele se emocionou com o talento de sua filha e resolveu deixar ela viver seu sonho.</p> <p>A apresentação daquela menina foi linda. Ela Flutuou no palco com tanto talento que todos a aplaudiram muito emocionados.</p>
<b>Orientação</b>	Era uma vez uma garota, que desde Pequena sonhava em ser bailarina. Seu Pai não gostava da ideia, queria muito que sua filha fosse uma médica de sucesso.
<b>Complicação</b>	Certo dia ela foi atrás de seu sonho, chegou até um teatro onde estava acontecendo um teste para uma peça chamada Cisne negro e resolveu fazer o teste, para o papel principal. Passou, se emocionou muito por ter conseguido mas pensou na reação de seu Pai quando lhe falasse a notícia.
<b>Avaliação</b>	Chegou em casa muito feliz contou a sua mãe o que tinha acontecido e ela também se alegrou muito com a notícia, mas todas duas estavam com medo da reação de seu Pai, então resolveram contar a seu Paizinho de um jeito diferente.
<b>Resolução</b>	Quando seu Pai chegou em casa ela fez uma linda apresentação para ele. Ele se emocionou com o talento de sua filha e resolveu deixar ela viver seu sonho. A apresentação daquela menina foi linda. Ela Flutuou no palco com tanto talento que todos a aplaudiram muito emocionados.
<b>Coda</b>	

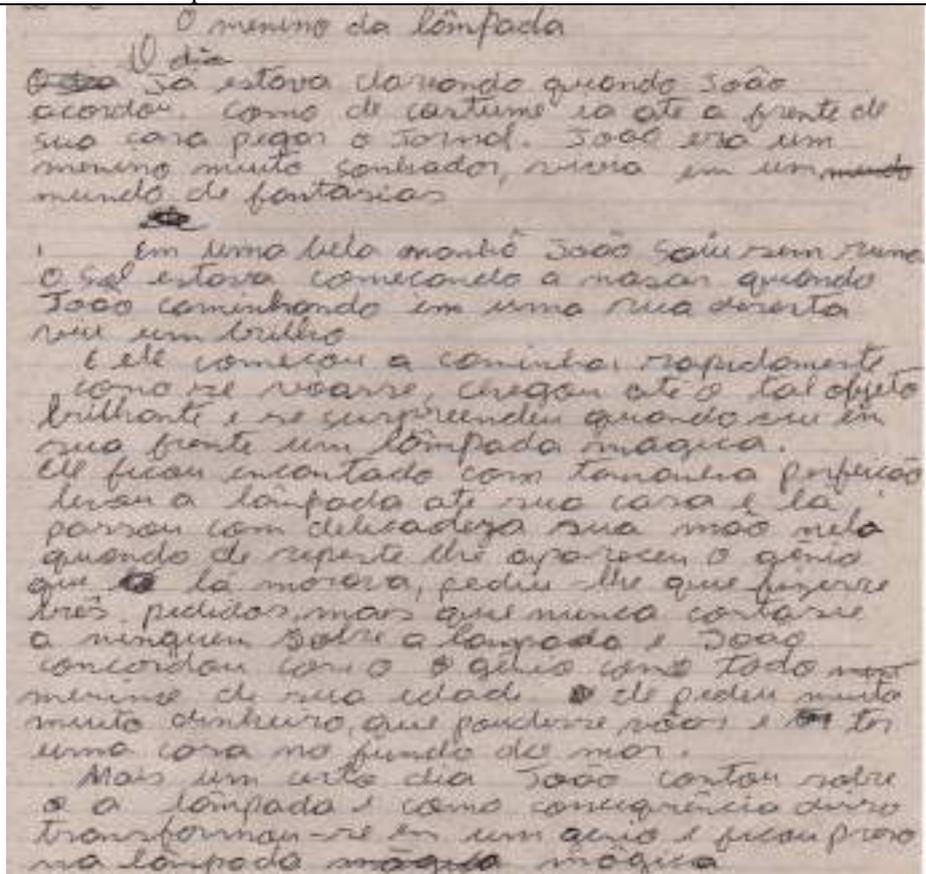
<b>PF20 Título</b>	Cat-man
	
<b>Orientação</b>	Era uma vez um homem que vivia em um prédio. Ele se chamava Freddy e tinha um gato chamado Gunter. Todos as noites iam passear juntos sempre às sete e meia.
<b>Complicação</b>	<p>Certa noite passeava com seu gato quando um homem estranho surge das sombras e pôs uma faca nas costas do Freddy.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Parado, isso é um assalto - O sujeito encapuzado falou</li> <li>- Senhor, me deixe em paz, eu não tenho nada - Freddy tenta dialogar, mas o assaltante lhe dá uma pancada na cabeça fazendo ele desmaiar e leva o gato que esta usando uma coleira muito cara.</li> </ul> <p>Quando o Freddy levantou-se e olhou em seu relógio viu que passava das oito da noite, se desesperou não só por ter perdido o gato, mas também, porque havia se atrasado para sua novela. Ele vai para o prédio, entra no quarto, pega o celular, da queixa do ocorrido à policia e usa um rastreador que estava na coleira do gato.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Pula dentro do guarda-roupas e em um segundo pula para fora. Estava fantasiado com uma roupa que usou para se divertir no carnaval, era uma mistura do bat-man, com um toque felino.</p> <p>Logo depois liga para a pizzaria e pede uma pizza metade calabresa, metade mussarela. Cinco minutos depois chega o entregador entrega a pizza. Freddy paga, corre e sai dirigindo a lambreta atrás do Gunter.</p> <p>Duas horas depois chega ao centro e desce da lambreta. Do entregador.</p>
<b>Resolução</b>	<p>Pega o celular e usa o GPS localizador para procurar o gato. Segue a pé por uma rua. Ao chegar no final se depara com um galpão e ao entrar sem fazer barulho acaba tropeçando, e cai em um buraco e encontra o gato lá em baixo. Ao subir se depara com o assaltante rindo e se gabando de seu assalto. Freddy chega por trás, sorrateiramente, golpeia o assaltante que cai desmaiado. Ele o amarra em um pilar e liga para policia para pegar o assaltante.</p> <p>Quando chega em casa viu que a gravadora estava ligada e, por sorte, gravou a novela. Prepara um jantar, senta-se no sofá e assiste a novela com o Gunter.</p>
<b>Coda</b>	

<b>PF21 Título</b>	O fantasma do Mirabilândia (Gênero observação)
	 <p><u>O fantasma do Mirabilândia</u></p> <p>Era uma vez, numa tarde de sexta-feira, uma menina chamada Daniele, viajou para o Mirabilândia.</p> <p>Chegando lá ela viu uma menina toda de branco, mas deixou pra lá porquê pensou que fosse uma das pessoas do parque fantasiado, mas na verdade ela estava vendo uma aparição.</p> <p>Daí chegou o cobrador do parque e só viu Daniele no brinquedo.</p> <p>- Então, disse o cobrador: menina, você não pode correr nesse brinquedo sozinha.</p> <p>- Perguntou Daniele: Por quê cobrador?</p> <p>- Respondeu o cobrador: Porquê esse brinquedo só pode correr duas pessoas.</p> <p>- Perguntou Daniele: Então eu posso ir com aquela menininha ali! (Falou apontando para o fantasma da menina que estava sozinha no brinquedo).</p> <p>- Perguntou o cobrador: Que menina?</p> <p>- Respondeu Daniele: Aquela que está bem no cantinho do brinquedo.</p> <p>- Disse o cobrador: Mais não tem ninguém ali!</p> <p>- Disse Daniele: Tem sim! Aquela ali com o vestidinho branco.</p> <p>- Então disse o cobrador, todo assustado:</p> <p>Você deve está falando da menininha que morreu nesse brinquedo no ano passado! Ela estava com um vestidinho branco.</p> <p>Então Daniele foi embora daquele parque muito assustada e nunca mais voltou lá novamente.</p>
<b>Orientação</b>	Era uma vez, numa tarde de Sexta-feira, uma menina chamada Daniele, viajou para o Mirabilândia.
<b>Evento</b>	<p>Chegando lá ela viu uma menina toda de branco, mas deixou pra lá porquê pensou que fosse uma das pessoas do parque fantasiado, mas na verdade ela estava vendo uma aparição.</p> <p>Daí chegou o cobrador do parque e só viu Daniele no brinquedo.</p> <p>- Então, disse o cobrador: menina, você não pode correr nesse brinquedo sozinha.</p> <p>- Perguntou Daniele: Por quê cobrador?</p> <p>- Respondeu o cobrador: Porquê esse brinquedo só pode correr duas pessoas.</p> <p>- Perguntou Daniele: Então eu posso ir com aquela menininha ali! (Falou apontado para o fantasma da menina que estava sozinha no brinquedo).</p> <p>- Perguntou o cobrador: Que menina?</p> <p>- Respondeu Daniele: Aquela que está bem no cantinho do brinquedo.</p> <p>- Disse o cobrador: mais não tem ninguém ali!</p> <p>- Disse Daniele: Tem sim! Aquela ali com o vestidinho branco.</p> <p>- Então disse o cobrador, todo assustado:</p> <p>Você deve está falando da menininha que morreu nesse brinquedo no ano passado! Ela estava com um vestidinho branco.</p>
<b>Comentário</b>	Então Daniele foi embora daquele parque muito assustada e nunca mais voltou novamente.

<b>PF22 Título</b>	O Sonho do Jogador
	 <p>O Sonho do Jogador</p> <p>Acordava Toda Manhã Muito assustado, andava tendo sonhos estranhos, utimamente, não sabia oque significava, sonhava com erros de equipes de futebol ele ficava muito confuso com isso. Certo dia ele resolveu entra em um time de Futebol.</p> <p>Toda equipe se impressionou com o seu dom. Ele se destacava nas partidas por causa que sabia o ponto fraco do seu adversário, assim ele se sentia implacável.</p> <p>Só faltava uma noite e ele ainda não tinha sonhado com nada. Ele fechou as janelas e foi dormi acordou de manhã cedo com o claridão do sol. Estava nevooso pois ele tinha sonhado, mas não com os erros dos adversários e sim com seus erros.</p> <p>Ele chegou no estádio sem saber oque fazer pois isso nunca tinha acontecido, o juiz deu o sinal e o jogo comecou. Toda sua equipe não sabia oque fazer.</p> <p>Durante o intervalo ele pensou eu não sei realmente qual é o erro deles mas sei qual é o meu e se eu evita meus erros serei pefeito e assim sera facil de ganhar.</p> <p>Todo seu time passou a evitar os erros e assim eles conseguiram Vencer o jogo.</p>
<b>Orientação</b>	<p>Acordava toda Manhã Muito assustado, andava tendo sonhos estranhos, utimamente, não sabia oque significava, sonhava com erros de equipes de futebol ele ficava muito confuso com isso. Certo dia ele resolveu entra em um time de Futebol.</p> <p>Toda equipe se impressionou com o seu dom. Ele se destacava nas partidas por causa que sabia o ponto fraco do seu adversário, assim ele se sentia implacável.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Só faltava uma noite e ele ainda não tinha sonhado com nada. Ele fechou as janelas e foi dormi acordou de manhã cedo com o claridão do sol. Estava nevooso pois ele tinha sonhado, mas não com os erros dos adversários e sim com seus erros. Ele chegou no estádio sem erros oque faser pois isso nunca tinha acontecido, o juiz deu o sinal e o jogo comecou.</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Toda sua equipe não sabia oque faser.</p>
<b>Resolução</b>	<p>Durante o o intervalo ele pensou eu não sei realmente qual é o erro deles mas sei qual é o meu e se eu evita meus erros serei pefeito e assim sera facil de ganhar.</p> <p>Todo seu time passou a evitar os erros e assim eles conseguiram Vencer o jogo.</p>
<b>Coda</b>	

<b>PF23 Título</b>	O amor e a fada
	<p style="text-align: center;">O amor e a fada</p> <p>Certo dia resolvi ir a um baile na Zona norte. Pedi ao meu pai e ele me disse que não, que lá não havia pessoas do meu nível, então eu disse que fugiria. Ele muito bravo com minhas palavras me trancou em um dos quartos que tinha em minha casa, nesse quarto não tinha roupas e nem maquiagens para que pudesse me arrumar.</p> <p>Eu tinha perdido minhas esperanças e já ia me deitar para dormir. Da janela do quarto dava para ver toda a festa, e cada vez que eu olhava mais me dava vontade de ir. Mas como?! com essas roupas que estou e toda dessarrumada.</p> <p>Então me deitei na cama para dormir, e de nada, entra uma linda fada pela janela e realiza meu desejo. Mas me disse: - Cuidado para seu pai não descobrir de nada. Então eu fui.</p> <p>Chegando lá eu me encantei com um sorriso de um menino mais lindo ainda. Ele me chamou para dançar, dançamos a noite toda, nos apresentamos, no final do baile ele me levou em casa, e me deu um beijo e o número do celular dele.</p> <p>Pulei a janela do meu quarto e me deitei na cama com o sorriso no rosto, meu pai não descobriu de nada e sem duvidas eu tinha encontrado o amor da minha vida.</p> <p>Agora basta meu pai aceitar né? E aí já é outra história...</p>
<b>Orientação</b>	Certo dia resolvi ir a um baile na Zona norte. Pedi ao meu pai e ele me disse que não, que lá não havia pessoas do meu nível, então eu disse que fugiria.
<b>Complicação</b>	Ele muito bravo com minhas palavras me trancou em um dos quartos que tinha em minha casa, nesse quarto não tinha roupas e nem maquiagens para que pudesse me arrumar. Eu tinha perdido minhas esperanças e já ia me deitar para dormir. Da janela do quarto dava para ver toda a festa, e cada vez que eu olhava mais me dava vontade de ir. Mas como?! com essas roupas que estou e toda dessarrumada.
<b>Avaliação</b>	Então me deitei na Cama para dormir,
<b>Resolução</b>	e do nada, entra uma linda fada pela janela e realiza meu desejo. Mas me disse: - Cuidado para seu pai não descobrir de nada. Então eu fui. Chegando lá eu me encantei com um sorriso de um menino mais lindo ainda. Ele me chamou para dançar, dançamos a noite toda, nos apresentamos, no final do baile ele me levou em casa, e me deu um beijo e o número do celular dele. Pulei a janela do meu quarto e me deitei na cama com o sorriso no rosto, meu pai não descobriu de nada e sem duvidas eu tinha encontrado o amor da minha vida.
<b>Coda</b>	Agora basta meu pai aceitar né? E aí já é outra história ...

PF24 Título	Um casal Apaixonado
	<p style="text-align: center;"><u>Um Casal Apaixonado</u></p> <p>Certo dia uma jovem chamada Melyssa estava passeando por uma floresta encantada, a famosa floresta de todos os contos de fadas, quando, de repente, apareceu o papai urso da história cachinhos dourados e viu que a jovem Melyssa estava colhendo flores encantadas.</p> <p>O urso ficou muito bravo com ela porque ela estava colhendo as flores de seu jardim e a trancou dentro de sua casa na intenção de jantá-la. Então, ela, amedrontada, começou a gritar por "socorro".</p> <p>Foi aí que apareceu um lindo príncipe chamado Everson, que escutou os gritos e saiu correndo para saber quem estava pedindo "socorro".</p> <p>Chegando lá, viu pela janela a linda jovem e se apaixonou por ela. Foi então que ele resolveu salvá-la, mas não viu que o urso estava dentro <del>dentro</del> da casa...</p> <p>De repente, viu o bicho, <del>espantou-se</del>, mas não teve medo, desembainhou sua espada, lutou com o animal e conseguiu <del>vencer</del> a luta.</p> <p>Libertou a linda jovem e ela, com o ato de bravura do príncipe, se apaixonou por ele.</p> <p>Eles tiveram uma linda filha chamada princesinha Sofia e viveram felizes para sempre.</p> 
<b>Orientação</b>	Certo dia uma jovem chamada Melyssa estava passeando por uma floresta encantada, a famosa floresta de todos os contos de fadas, quando, de repente, apareceu o papai urso da história cachinhos dourados e viu que a jovem Melyssa estava colhendo flores encantadas.
<b>Complicação</b>	O urso ficou muito bravo com ela porque ela estava colhendo as flores de seu jardim e a trancou dentro de sua casa na intenção de jantá-la. Então, ela, amedrontada, começou a gritar por "socorro". Foi aí que apareceu um lindo príncipe chamado Everson, que escutou os gritos e saiu correndo para saber quem estava pedindo "socorro".
<b>Avaliação</b>	Chegando lá, viu pela janela a linda jovem e se apaixonou por ela.
<b>Resolução</b>	Foi então que ele resolveu salvá-la, mas não viu que o urso estava dentro da casa... De repente, viu o bicho. Espantou-se, mas não teve medo, desembainhou sua espada, lutou com o animal e conseguiu vencer a luta. Libertou a linda jovem e ela, com o ato de bravura do príncipe, se apaixonou por ele.
<b>Coda</b>	Eles tiveram uma linda filha chamada princesinha Sofia e viveram felizes para sempre.

<b>PF25 Título</b>	O menino da lâmpada
	 <p>O menino da lâmpada</p> <p>O dia já estava clareando quando João acordou. Como de costume ia até a frente de sua casa pegar o Jornal. João era um menino muito sonhador, vivia em um mundo de fantasias.</p> <p>Em uma bela manhã João Saiu sem rumo. O Sol estava começando a nascer quando João caminhando em uma rua deserta viu um brilho.</p> <p>E ele começou a caminha, rapidamente como se voasse, chegou até o tal objeto brilhante e se surpreendeu quando viu em sua frente um lâmpada mágica.</p> <p>Ele ficou encantado com tamanha perfeição levou a lâmpada até sua casa e lá passou com delicadeza sua mão nela quando de repente lhe apareceu o gênio que lá morava, pediu-lhe que fizesse três pedidos, mais que nunca contasse a ninguém sobre a lâmpada e João concordou com o gênio como todo menino de sua idade. Ele pediu muito dinheiro, que pudesse voar e ter uma casa no fundo do mar.</p> <p>Mais um certo dia João contou sobre a lâmpada e como conseqüência disso transformou-se em um gênio e ficou preso na lâmpada mágica mágica.</p>
<b>Orientação</b>	<p>O dia já estava clareando quando João acordou. Como de costume ia até a frente de sua casa pegar o Jornal. João era um menino muito sonhador, vivia em um mundo de fantasias.</p> <p>Em uma bela manhã João Saiu sem rumo. O Sol estava começando a nascer quando João caminhando em uma rua deserta viu um brilho.</p> <p>E ele começou a caminha, rapidamente como se voasse, chegou até o tal objeto brilhante e se surpreendeu quando viu em sua frente um lâmpada mágica.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Ele ficou encantado com tamanha perfeição levou a lâmpada até sua casa e lá passou com delicadeza sua mão nela quando de repente lhe apareceu o gênio que lá morava, pediu-lhe que fizesse três pedidos, mais que nunca contasse a ninguém sobre a lampada e João concordou com o gênio como todo menino de sua idade. Ele pediu muito muito dinheiro, que pudesse voar e ter uma casa no fundo do mar.</p> <p>Mais um certo dia João contou sobre a lâmpada</p>
<b>Avaliação</b>	e como conseqüência disso transformou-se em um gênio
<b>Resolução</b>	e ficou preso na lâmpada mágica.
<b>Coda</b>	

<b>PF26 Título</b>	Pérolas de um colar
	<p style="text-align: center;">Pérolas de um colar</p> <p>E como mais um de seus repetitivos e intermináveis dias, Ane acordava novamente. A luz da manhã entrava em seu pequeno, porém, aconchegante quarto para avisar-lhe o novo dia que chegara.</p> <p>Pequena, de longos cabelos negros e belos olhos azuis, trabalhava em uma casa com porte de palacete desde que se entendera por gente. Não sabia ler, ao passo que também não sabia escrever; tinha sua essência, mas nunca foi realmente amada, e almejava tal coisa.</p> <p>— Ora! Onde pôs meu scarpam Ane?! E lá ia a moça procurar algo que estava bem abaixo de seu nariz; era assim todos os dias.</p> <p>Certa vez, como de costume, foi fazer compras para seus patrões, no supermercado. Viu uma senhora já muito velha e cansada carregando suas compras, que eram bem pesadas, e resolveu ajudá-la. Então, aquela senhora, como agradecimento deu um colar com três pérolas à Ane.</p> <p>Ao terminar de mais um dia, já tarde da noite, desabou em sua cama e respirou profundamente. Olhou para um livro em sua estante e falou:</p> <p>— Como eu queria saber ler...</p> <p>Olhou-se no espelho, notou que uma das pérolas de seu colar havia sumido. Sentiu uma súbita vontade de pegar o livro e reaproximou-se ao entender cada palavra.</p> <p>Então, desejou ser rica e dona de tudo aquilo, fazendo assim, seus patrões sumirem, assim como muitos dos que conhecera, inclusive a filha mais velha de seus patrões, que se chamava Lady.</p> <p>No único sonho-se realizada e feliz, mas com o passar do tempo percebeu que estava vazia, que a pouca de valor que tinha havia sumido.</p> <p>Ficou muito angustiada. Sentia falta de sua antiga vida.</p> <p>Viu o colar que, agora, estava em sua gaveta. Podia desfazer o que quisese. Depois de muito refletir, decidiu ter aquela vida de volta.</p> <p>Ao acordar, olhou em sua volta e viu seu quarto de antes iluminado à luz da luz. Estava feliz. Era feliz e grata.</p> <p>Um dia, encontraria o amor; apressar de tê-la dentro de si.</p>
<b>Orientação</b>	<p>E como mais um de seus repetitivos e intermináveis dias, Ane acordava novamente. A luz da manhã entrava em seu pequeno, porém, aconchegante quarto para avisar-lhe o novo dia que chegara.</p> <p>Pequena, de longos cabelos negros e belos olhos azuis, trabalhava em uma casa com porte de palacete desde que se entendera por gente. Não sabia ler, ao passo que também não sabia escrever; tinha sua essência, mas nunca foi realmente amada, e almejava tal coisa.</p> <p>— Ora! Onde pôs meu scarpam Ane?! E lá ia a moça procurar algo que estava bem abaixo de seu nariz; era assim todos os dias.</p> <p>Certa vez, como de costume, foi fazer compras para seus patrões, no supermercado. Viu uma senhora já muito velha e cansada carregando suas compras, que eram bem pesadas, e resolveu ajudá-la. Então, aquela senhora, como agradecimento deu um colar com três pérolas à Ane.</p>
<b>Complicação</b>	Ao terminar de mais um dia, já tarde da noite, desabou em sua cama e respirou profundamente. Olhou para um livro em sua estante e falou:

	<p>– Como eu queria saber ler...</p> <p>Olhou-se no espelho, notou que uma das pérolas de seu colar havia sumido. Sentiu uma súbita vontade de pegar o livro e apavorou-se ao entender cada palavra.</p> <p>Então, desejou ser rica e dona de tudo aquilo, fazendo assim, seus patrões sumirem; assim como muitos dos que conhecia, inclusive a filha mais velha de seus patrões, que se chamava Candy.</p> <p>No início sentia-se realizada e feliz; mas com o passar do tempo percebeu que estava sozinha, que o pouco de amor que tinha havia sumido.</p>
<b>Avaliação</b>	Ficou muito angustiada. Sentia falta de sua antiga vida.
<b>Resolução</b>	<p>Viu o colar que, agora, estava em sua gaveta. Podia desejar o que quisesse: Depois de muito refletir, desejou ter aquela vida de volta.</p> <p>Ao acordar, olhou em sua volta e viu seu quarto de antes iluminado à luz do dia. Estava feliz. Era feliz e grata.</p>
<b>Coda</b>	Um dia encontraria o amor; apesar de tê-lo dentro de si.

#### Anexo (04): construção conjunta

<b>Produção Coletiva</b>	
<b>Título</b>	O Saqueador de Sonhos
<b>Resumo</b>	—
<b>Orientação</b>	<p>Do quarto onde se isolava não ouvia a chegada do dia, não sentia a brisa da manhã, nem, ao menos via as pessoas em movimento.</p> <p>E assim, aquele homem, por dias e noites, tornava-se uma pessoa sem sonhos.</p>
<b>Complicação</b>	<p>Certo dia, um amigo, bate em sua porta cheio de esperanças, pois estava prestes a realizar uma viagem para o país que tanto sonhou.</p> <p>— Acho melhor você não ir! — Disse — Pressinto que algo de ruim pode lhe acontecer!</p> <p>Naquele mesmo instante, o amigo sentiu-se entristecido e sem muita demora foi embora daquela casa.</p>
<b>Avaliação</b>	O saqueador havia, como de costume, deixado o jovem confuso e desiludido.
<b>Resolução</b>	Ao anoitecer, repentinamente, sentiu-se culpado. Correu até o amigo e incentivou-lhe a viajar.
<b>Coda</b>	Lá fora, a partir daquele dia a vida passou-lhe a sorrir novamente.